

André Caetano Thibes

**O freelancer como estratégia de precarização do trabalho
jornalístico: um estudo sobre profissionais de grandes redações de
São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre Linha de Pesquisa Jornalismo Cultura e Sociedade, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Eduardo Barreto
Vianna Meditsch

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Thibes, Andre Caetano
O FREELANCER COMO ESTRATÉGIA DE PRECARIZAÇÃO DO
TRABALHO JORNALÍSTICO : UM ESTUDO SOBRE
PROFISSIONAIS DE GRANDES REDAÇÕES DE SÃO PAULO /
Andre Caetano Thibes ; orientador, Eduardo Barreto
Vianna Meditsch, 2017.
210 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Freelancer. 3. Trabalho
Jornalístico. 4. Precarização. 5. Jornalismo e
Sociedade. I. Meditsch, Eduardo Barreto Vianna. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.

André Caetano Thibes

**O FREELANCER COMO ESTRATÉGIA DE PRECARIZAÇÃO
DO TRABALHO JORNALÍSTICO: UM ESTUDO SOBRE
PROFISSIONAIS DE GRANDES REDAÇÕES DE SÃO PAULO**

Esta Dissertação/Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de
“Mestre” e aprovada em sua forma final pelo de Pós-graduação em
Jornalismo

Florianópolis, 27 de novembro de 2017.

Prof^a. Dr^a. Raquel Ritter Longhi
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Rafael Grohmann
Universidade de São Paulo (USP)
FIAM – FAAM Centro Universitário

Prof^a. Dr^a. Valci Zuculoto
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, a minha companheira e aos amigos pelo apoio, suporte e cumplicidade, aos professores do Posjor, pelas discussões esclarecedoras, ao meu orientador, Eduardo Medistch pelas contribuições e incentivo, ao professor Samuel Pantoja Lima pelo auxílio no decorrer da elaboração da pesquisa, e aos entrevistados, pela atenção e dedicação à pesquisa. Sem estes, o presente trabalho não seria possível.

RESUMO

Esta pesquisa investigou as características do trabalho *freelancer* num contexto de mudanças estruturais no modelo de redação tradicional a partir de dois aspectos: 1) mudanças no mundo do trabalho pós-crise do modelo fordista de produção; e 2) inserção de novas tecnologias nas redações e consequentes impactos nas suas rotinas. A partir de tais pressupostos, o *freelancer* é analisado enquanto estratégia cada vez mais recorrente de precarização do trabalho no modelo de negócio tradicional de redação. Em tais condições, essa estratégia tem impactos na autonomia profissional e consequentemente na autonomia do campo jornalístico. A dissertação conclui que, na medida em que possui menos autonomia em relação a pressões externas (em específico do campo econômico), o campo jornalístico reforça a ideologia dominante e não atinge todas as suas potencialidades como forma social de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Freelancer*; Trabalho Jornalístico; Precarização; Autonomia; Jornalismo e Sociedade.

ABSTRACT

This research investigated the characteristics of *freelancer* work in a context of structural changes in the traditional writing model from two aspects: 1) changes in the post-crisis world of the fordist model of production; and 2) insertion of new technologies in the essays and consequent impacts on their routines. From such assumptions, the *freelancer* is analyzed as an increasingly recurrent strategy of precariousness of work in the traditional writing business model. In such conditions, this strategy has impacts on professional autonomy and consequently on the autonomy of the journalistic field. The dissertation concludes that, insofar as it has less autonomy in relation to external pressures (specifically in the economic field), the journalistic field reinforces the dominant ideology and does not reach all its potentialities as a social form of knowledge.

KEYWORDS: *Freelancer*; Journalistic work; Precariousness; Autonomy; Journalism and Society.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relatório GFK: Confiança nos grupos profissionais..... 47

SUMÁRIO

Introdução.....	15
1. A lógica empresarial no jornalismo e as alterações no mundo do trabalho dos jornalistas do século XXI	20
1.1. A industrialização e a profissionalização da imprensa	20
1.2. Crise do jornalismo ou crise no jornalismo?	24
1.3. O <i>freelancer</i> enquanto estratégia de precarização	30
1.4. Jornalismo e subjetividade: variações no campo profissional	36
1.5. O modelo empresarial e os valores do jornalismo.....	45
2. Jornalismo emancipatório x precarização do trabalho.....	48
2.1. Trabalho, práxis e liberdade em Lukacs e Genro Filho	49
2.2. Jornalismo e autonomia em condições precárias.....	56
3. O trabalho <i>freelancer</i> no jornalismo como estratégia de precarização	69
3.1. Procedimentos metodológicos.....	69
3.2. As missões editoriais da Folha de São Paulo, Estadão e Abril	71
3.3. Análise das Entrevistas.....	72
3.3.1. Primeiro Eixo: Perfil e condições de trabalho dos entrevistados	72
3.3.2. Análise do Primeiro Eixo.....	86
3.3.3. Segundo Eixo: Relações com o campo	92
3.3.4. Análise do Segundo Eixo.....	94
3.3.5. Terceiro Eixo: Autonomia.....	104
3.3.6. Análise do Terceiro Eixo.....	113
Considerações Finais.....	116
Referências.....	122
Apêndice 1 – Roteiro de Entrevistas em Profundidade	126
Apêndice 2 – Transcrições das entrevistas	128

Introdução

O jornalismo tem sofrido mudanças cada vez mais drásticas em sua forma de produção. As transformações no jornalismo do século XXI têm afetado o corpo profissional resultando em demissões em massa de grandes veículos e na intensificação da precarização do trabalho daqueles que ainda continuam empregados. Há incertezas com relação ao destino do modelo tradicional de jornalismo.

O jornalismo possui um potencial transformador raro e altamente necessário na sociedade atual. Segundo Genro Filho (2012), o jornalismo, da forma como o conhecemos hoje, carrega consigo a ambiguidade de ter se desenvolvido no modelo de sociedade capitalista, mas ter a potencialidade de transcender esse modelo de sociedade. A presente pesquisa poderia estar voltada para os novos exemplos cada vez mais desafiadores de produção jornalística fora da lógica empresarial, entretanto, há ainda a lacuna e a necessidade de compreender de que forma o modelo de negócios das redações tradicionais está afetando o campo jornalístico. Num contexto de novas formas de trabalho e novas tecnologias, uma forma de contratação surge como a nova solução para o mercado. O jornalista *freelancer* não precisaria de convivência diária com o ambiente de trabalho, é possível exercer jornalismo de casa, em seu próprio tempo. Esse discurso, apregoado por empresas e por jovens profissionais, tende a resultar em um jornalista atomizado e precarizado.

A profissionalização da imprensa no Brasil, que pode ter como um marco a regulamentação do diploma em 1967, foi sempre acompanhada de objetivos empresariais de intensificação de produção e redução de custos com mão de obra. Com as mudanças recentes no mundo do trabalho e a tendência à flexibilização e desregulamentação de mão de obra, o jornalista *freelancer* surge cada vez com mais frequência nas redações brasileiras.

Nesta pesquisa demonstramos algumas peculiaridades da crise pela qual o jornalismo passa atualmente. Estaríamos falando de uma crise de valores no jornalismo? Ou seria uma crise estrutural do capitalismo que atropela todos os setores do mercado e recobra à categoria de jornalistas a sua condição de trabalhador? Para entender esse contexto, será preciso buscar o que há de específico no jornalismo e o que o correlaciona com o modelo de sociedade capitalista. Trataremos, na pesquisa, da teoria desenvolvida por Genro Filho (2012) sobre o jornalismo, caracterizando-o como uma forma social de conhecimento cristalizada no singular, ou seja, o que há de mais específico nos fatos. É

nessa singularidade que reside o poder transformador do jornalismo. Aquilo que há de mais específico nos fenômenos e que se torna pauta para o jornalista é aquilo que foge à regra do cotidiano e o que é regra no tempo presente é o sistema capitalista. Ao enxergar essa potencialidade no jornalismo, Genro Filho (2012) abriu caminho para que fossem realizadas pesquisas que ao mesmo tempo verificam as deficiências do campo jornalístico, mas que reconhecem sem pessimismos as potencialidades e as possibilidades de superação dessas deficiências.

A presente pesquisa parte do pressuposto de que o jornalismo para ser exercido em sua plena potencialidade precisa de autonomia. Portanto, verificaremos de que forma o capitalismo influencia a autonomia do jornalismo através da teoria de campos de Pierre Bourdieu. Segundo Bourdieu (2005), o campo jornalístico sofre influência, sobretudo dos campos econômico e político. Essa influência se manifesta, dentre diversas frentes, através da precarização do trabalho e consequente redução de autonomia do jornalista. No caso dos profissionais *freelancers*, a redução de autonomia profissional se torna uma questão ainda mais grave ao considerarmos que este tipo de profissional, dentro da lógica da flexibilidade, não possui estabilidade de emprego, podendo um dia estar produzindo para determinado veículo e em outro não estar mais, isso sem nenhum empecilho do ponto de vista das leis trabalhistas.

Somado a isso, o Brasil viveu nos anos de 2016 e 2017 uma série de mudanças nas leis trabalhistas que afetam direitos garantidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas. Talvez o principal impacto sofrido pela classe trabalhadora tenha sido as mudanças na lei da terceirização. No final de março desse ano, o presidente em exercício, Michel Temer, sancionou a lei que libera a terceirização irrestrita, levando para a legalidade uma prática que já vinha sendo denunciada por movimentos sociais e sindicais. Até então, a terceirização do trabalho – numa explicação breve, seria o uso de funcionários (externos ao quadro da instituição contratante) para fins de uma atividade específica sob um regime que aparenta haver uma relação entre duas empresas jurídicas ao invés de uma relação de trabalho entre empresa e trabalhador – era permitida, mas nunca para atividades fins, ou seja, atividades primordiais ligadas ao principal objetivo da instituição ou empresa. Sendo assim, o que ocorria era que empresas terceirizavam serviços como os de limpeza e serviços gerais. Com a aprovação da lei, essa prática que já gerava bastante controvérsia foi aprovada para atividades fins.¹ Esse é apenas

¹ Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2017-03/entenda->

mais um dos impactos que a classe trabalhadora vem sofrendo nos últimos anos. Antunes (2012) fala da ampliação da terceirização e do trabalho informal como tendência da nova lógica de precarização do trabalho.

Dessa forma, o presente trabalho partiu da revisão das principais pesquisas que se debruçaram sobre o tema do *freelancer* e demais formas de trabalho informal no jornalismo, chegando a três autores: Burkhardt (2006), Grohmann (2012) e Silva (2014). Burkhardt (2006) constata que o jornalismo *freelancer* na atualidade é uma estratégia de precarização do trabalho que convive com formas mais estruturadas de trabalho formal, por exemplo. Grohmann (2012), por sua vez, observa que a grande maioria dos *freelancers* não está nas redações. Somente cerca de 22,2% dos *freelancers* trabalha em redação, estando a grande maioria trabalhando em casa (65,5%) em escritórios próprios (5,6%) ou em escritórios coletivos (4,4%). Ao analisar os profissionais que atuam sob contrato de trabalho de Pessoa Jurídica, Silva (2014) afirma que estes também são uma estratégia de precarização do trabalho pois não tem direitos e em muitos casos precisam negociar benefícios como férias e décimo terceiro. O autor constata que os “pejotas” se dividem entre aqueles em condição de precarização e aqueles que tem alto prestígio dentro do campo jornalístico e estão na condição de “pejota” numa relação de benefício mútuo entre profissional e empresa. Entretanto este segundo tipo é raro comparado ao grande número de profissionais contratados como pessoa jurídicas na imprensa tradicional atualmente. Observa-se um grande aumento de mão de obra em conjunto com redução de postos de trabalho. Esta situação não pode resultar senão em maior precarização do trabalho incidindo mais pesadamente nos mais vulneráveis, os *freelancers*.

A pesquisa se dividiu em dois momentos. A primeira etapa é um apanhado teórico sobre o tema, trazendo os principais autores da precarização do trabalho para dialogar com os autores que debatem as condições de trabalho no jornalismo em específico. Dedicamos os dois primeiros capítulos para vencer esses temas. No Capítulo 1, tratamos do que é precarização do trabalho, como ela se intensifica no período atual e como se manifesta na classe trabalhadora, referenciando-se principalmente nas ideias de Harvey (2014) e Antunes (2012). Em

[o-projeto-de-lei-da-terceirizacao-aprovado-pela-camara](#) Acesso em: 31 de dezembro de 2017; e [https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/31/sancionada-lei-da-terceirizacao-mas-senado-deve-votar-projeto-alternativo](#) Acesso em: 31 de dezembro de 2017.

seguida, destacamos como essa precarização se manifesta no jornalismo, dialogando sobretudo com Mick (2012), Mick e Lima (2013) e Garcia (2009). Ao falarmos sobre o jornalismo *freelancer*, debatemos as principais ideias presentes nos trabalhos dos já citados Burkhardt (2006), Grohmann (2012) e Silva (2014). Encerramos o capítulo trazendo algumas noções sobre campo jornalístico e a sua relação com o campo econômico. Neste ponto da pesquisa, tratamos da importância da compreensão do caráter subjetivo do jornalismo nos apoiando na teoria de Genro Filho (2012).

No Capítulo 2, tratamos de forma mais direta da autonomia do jornalista e da autonomia do campo jornalístico. Em primeiro lugar, tentamos compreender o caráter de práxis do jornalismo utilizando as ideias de práxis de Lukács (2017) e de Genro Filho (2012). Em seguida retornamos à discussão sobre campo e a encerramos explicando como a precarização do trabalho é uma das formas de redução da autonomia do campo jornalístico através da redução da autonomia profissional. Neste capítulo, também discutimos a provocação de Schudson em *Autonomy From What?* (2005). Afinal, o jornalismo precisa mesmo de autonomia? Seria o campo jornalístico menos saudável para a sociedade democrática se obtivesse mais autonomia? Buscamos a resposta para esse questionamento em Genro Filho (2012).

A segunda etapa da pesquisa tratou de uma análise de um conjunto de jornalistas *freelancers* que produzem ou produziram recentemente para os veículos Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e/ou para o conjunto de revistas do grupo Abril. As entrevistas buscaram entender, neste corpus específico, as formas de precarização do trabalho dos jornalistas *freelancers* que produzem para estas redações e os níveis de autonomia presentes em seus cotidianos de trabalho. Sendo assim, utilizamos o método da pesquisa em profundidade, onde pré-determinamos 3 eixos temáticos com perguntas subsequentes. O objetivo foi o de apreender o máximo de informações possível que pudesse ajudar a compreender os eixos. Sendo eles, o primeiro eixo: perfil e condições de trabalho dos entrevistados; o segundo eixo: relações com o campo; e terceiro eixo: autonomia.

As entrevistas duraram cerca de 30 a 40 minutos e foram todas realizadas à distância, através do software de ligação online Skype. Esta opção se deu devido ao tempo corrido dos entrevistados que, nas tentativas de agendamento de entrevistas presenciais não puderam comparecer. Os entrevistados foram encontrados em duas frentes: a partir da rede de contatos do pesquisador e de convites enviados à base de dados

do portal Comunique-se. Após primeiras respostas, solicitamos aos potenciais entrevistados que nos indicassem outros *freelancers* interessados em contribuir com a pesquisa. Dentre as diversas constatações que encontramos, uma é a de que os *freelancers*, sobretudo aqueles que trabalham de casa e que no caso eram a maioria de nossos entrevistados, não possuem muitas relações com outros profissionais do campo jornalístico, o que dificultou a formação do corpus empírico. Todas as entrevistas foram realizadas no período de 16 de Abril e 15 de maio de 2017. Boa parte dos entrevistados residem em São Paulo com exceção de três que moram respectivamente em Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Pará. Mesmo os profissionais que não residem em São Paulo, produzem para veículos da capital paulista. A escolha por São Paulo se deu pelo fato de ser a capital brasileira que mais concentra jornalistas. A Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o grupo Abril são os maiores representantes do modelo de negócios empresarial de jornalismo no estado.

Nas Considerações Finais, retomamos o debate que fizemos durante toda a etapa teórica sobre jornalismo, precarização e autonomia, cruzando os conceitos com a análise feita no segundo momento. Depois de levantar as principais questões teóricas da pesquisa e partir para a parte empírica, retornamos com as respostas encontradas que atestaram ou contestaram os referenciais apresentados. Vimos as mudanças do novo mundo do trabalho sendo efetivadas no contexto material dos jornalistas *freelancers* dos principais veículos de São Paulo e vimos, também, o referencial sobre autonomia se concretizar nas questões cotidianas dos profissionais entrevistados.

1. A lógica empresarial no jornalismo e as alterações no mundo do trabalho dos jornalistas do século XXI

A forma como o jornalismo se constituiu no Brasil, no decurso do século XX, e as recentes mudanças na forma de produção têm sintonia com um mundo do trabalho em transformações estruturais. As crises no modelo de imprensa têm a ver com a própria lógica deste modelo. Em período de crise no capitalismo, as contradições do sistema tendem a se acirrar e pesar nas costas daquele que vende sua força de trabalho. No jornalismo não foi diferente, essa situação não foi diferente.

Entretanto, é na agudização dessas contradições que as diferenças entre a lógica capitalista e os interesses da sociedade se evidenciam e geram novos arranjos. No caso do jornalismo, a precarização do trabalho toma uma proporção um tanto mais preocupante por se tratar de trabalho onde a subjetividade tem maior peso no resultado. O campo do jornalismo perde cada vez mais autonomia frente a pressões econômicas. Isto se dá na ordem de interesses econômicos sobrepondo interesses do jornalismo e na ordem da precarização do trabalho que dificulta a execução dos preceitos básicos da profissão (GARCIA, 2009). Neste capítulo, nos dedicamos a entender como se dá o processo de precarização do trabalho no jornalismo a partir das mudanças pós década de 1970 com ênfase no modelo de trabalho *freelancer*.

1.1. A industrialização e a profissionalização da imprensa

A profissionalização da imprensa no Brasil teve um marco no ano de 1967, com a lei que regulamentou o diploma². Este é um período de importantes mudanças pois coincide com o momento que alguns autores indicam como reestruturação do mundo do trabalho pós-crise de 1970. Vejamos como se deu essa reestruturação.

No início do século XX se intensificou o processo de urbanização das sociedades com desenvolvimento e industrialização da economia. Foi em 1914, que Henry Ford prescreveu em suas fábricas de automóveis

² Em 1967 foi promulgada a lei que regulamentou a profissão de jornalista exigindo diploma e formação superior para seu exercício. A exigência do diploma vigorou até 2009. Apesar de não haver mais esta exigência, a grande maioria dos jornalistas brasileiros continua tendo formação superior específica na área. Segundo Mick e Lima (2013), em pesquisa realizada com jornalistas brasileiros em 2012: nove em cada dez eram diplomados em Jornalismo, majoritariamente em instituições de ensino privadas, e quatro em cada dez já tinham cursos de pós-graduação (pag. 83).

algumas regras visando a produção em massa. Foi o período das linhas de montagem, cada trabalhador executava uma tarefa específica sem necessariamente ter compreensão do processo inteiro empregado para a elaboração das mercadorias. O tempo foi cronometrado e as tarefas padronizadas de tal forma a não haver tempo ocioso na jornada de trabalho. Apesar de terem sua origem em fábricas de automóveis, estas características foram aplicadas a todo o setor produtivo possibilitando uma sociedade de produção e consumo de massa.

Com fim da Segunda Guerra Mundial, as principais potências europeias se viram desestruturadas e os Estados Unidos dominaram os mercados de consumo e os parques industriais internacionalmente:

O longo período de expansão do pós-guerra dependia de modo crucial de uma maciça ampliação dos fluxos de comércio mundial e de investimento internacional. De desenvolvimento lento fora dos Estados Unidos antes de 1939, o fordismo se implantou com mais firmeza na Europa e no Japão depois de 1940 como parte do esforço de guerra. Foi consolidado e expandido no período de pós-guerra, seja diretamente, através de políticas impostas na ocupação (ou mais paradoxalmente no caso francês, porque os sindicatos liderados pelos comunistas viam o fordismo como a única maneira de garantir a autonomia econômica nacional diante do desafio americano), ou indiretamente, por meio do Plano Marshall e do investimento direto americano subsequente (HARVEY, 2014, pag. 131).

Neste período é possível falar em um modelo fordista/taylorista³ de produção. Nos países subdesenvolvidos, entretanto, os parques industriais chegaram com o objetivo de buscar mão de obra barata possibilitando maiores lucros, o que não acarretou, necessariamente, em boas condições de trabalho. Os mercados de consumo se espalharam nestes países, mas sem garantir ganhos reais em direitos sociais (ANTUNES, 2015). Segundo Harvey (2014), em 1974, graças a crise internacional do petróleo, houve uma aguda recessão nas economias dos países desenvolvidos, desencadeando uma rápida reestruturação produtiva e o fim desse modelo de acumulação. A forma como o fordismo

³ O engenheiro Frederick Taylor aprimorou algumas das características do modelo fordista de produção com destaque para o controle do tempo de execução das tarefas (HARVEY, 2014).

e a ideia de modernização chegaram aos países subdesenvolvidos geraram mais uma das condições para a superação desse modelo. Segundo Harvey (2014, pag. 133):

Deve-se acrescentar a isso [ao período de recessão] todos os insatisfeitos do Terceiro Mundo com um processo de modernização que prometia desenvolvimento, emancipação das necessidades e plena integração ao fordismo, mas que, na prática, promovia a destruição de culturas locais, muita opressão e numerosas formas de domínio capitalista em troca de ganhos bastante pífos em termos de padrão de vida e de serviços públicos (por exemplo, no campo da saúde), a não ser para uma elite nacional muito afluyente que decidira colaborar ativamente com o capital internacional.

Os principais obstáculos do modelo fordista de produção são rigidez do processo produtivo e resistência coletiva da classe trabalhadora. Para a racionalização do tempo de execução do trabalho, era necessária a criação de hierarquias rígidas e excessiva burocratização. Aliado a isso, os trabalhadores se agrupavam em locais de trabalho comuns entre si, abrindo margem para a organização coletiva. Uma alta no preço do petróleo na década de 1970, matéria prima chave na economia internacional, foi a gota d'água para uma crise estrutural e novas formas de acumulação mais flexíveis se desenvolveram. Segundo Harvey (2014), a acumulação flexível:

(...) é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. [...]. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado 'setor de serviços', bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. (HARVEY, p. 140).

A flexibilização dos processos de trabalho cria um duplo movimento, há um trabalho altamente especializado e central, enquanto que a grande maioria da mão de obra vai se enquadrando numa lógica de trabalho precário e instável nas zonas periféricas do mercado (HARVEY, 2014). A instabilidade de emprego passa a ser a palavra de ordem década após década a partir de 1970. Ricardo Antunes (2015) combate a ideia de

que o avanço das tecnologias acarretaria na redução do trabalho humano demonstrando o quanto o atual período da acumulação capitalista é o mais devastador para a classe trabalhadora. Segundo o autor, as relações flexíveis também dizem respeito a contratos temporais, terceirização, trabalho informal e demais formas de contratação que antes eram incomuns e passam a ter mais presença no mundo do trabalho. Ao solucionar os problemas relacionados à rigidez do processo produtivo, o novo padrão de acumulação trata do segundo problema do fordismo, a resistência coletiva. Para Harvey (2014):

Esses arranjos de emprego flexíveis não criam por si mesmos uma insatisfação trabalhista forte, visto que a flexibilidade pode às vezes ser mutuamente benéfica. Mas os efeitos agregados, quando se consideram a cobertura de seguro, os direitos de pensão, os níveis salariais e a segurança de emprego, de modo algum parecem positivos do ponto de vista da população trabalhadora como um todo (HARVEY, pag. 144).

As relações flexíveis, vistas por uma concepção imediatista geram uma sensação de que ambos os lados estão ganhando, o trabalhador e o patrão. Mas no final das contas a balança pesa sobre os direitos sociais. As perspectivas de longo prazo são abandonadas e a classe trabalhadora se vê num ciclo de renovação de mão de obra constante associado à instabilidade de emprego. De forma sintética, porém estrutural, as organizações de resistência coletivas clássicas, como os sindicatos, perdem força. Diversos segmentos da classe trabalhadora não se sentem representados e as pautas gerais vão se tornando alheias ao cotidiano profissional de indivíduos atomizados. Além disso, os trabalhadores não conseguem identificar companheiros em condições semelhantes, portanto ainda não surgiram soluções coletivas que possam substituir o sindicato em toda a força que já possuiu na organização das lutas da classe trabalhadora.

Ricardo Antunes (2015) fala de uma complexificação da classe trabalhadora ou classe-que-vive-do-trabalho, como prefere chamar, onde o mais brutal resultado da reestruturação produtiva é o desemprego estrutural onde há redução do operariado fabril e aumento do subproletariado e do trabalhador precário no setor de serviços. É neste segundo movimento que se manifesta a crise de modelo de negócios do jornalismo.

Tais mudanças tiveram impactos nas diversas camadas da classe trabalhadora. Os jornalistas, vistos enquanto tal, não fugiram à regra. Há,

hoje, como verificaremos adiante, precarização no trabalho dos jornalistas utilizando-se da intensificação da produtividade às custas de redução de mão de obra e migração para a informalidade. É nesse contexto que o modelo de trabalho *freelancer* ressurgiu como não mais um *outsider* e se torna uma peça chave para compreender as formas de precarização utilizadas pelas grandes empresas de jornalismo no Brasil, pois suas características são bem próximas da ideia de flexibilidade de mão de obra. A seguir trataremos da crise do jornalismo enquanto manifestação da crise estrutural do capitalismo tentando relacionar com as ideias até aqui brevemente apresentadas com o mundo do trabalho do jornalismo no século XXI.

1.2. Crise do jornalismo ou crise no jornalismo?

Quando falamos de crise no jornalismo, uma questão se apresenta: a crise pela qual o jornalismo passa é uma crise **do** jornalismo ou uma crise **no** jornalismo? Muitos autores se dedicaram a compreender quando se iniciou o processo de informatização das redações no Brasil. Em estudo recente, Muller aponta o processo de informatização na década de 1980 aliando este momento ao processo de trabalho:

A informatização dos jornais, que começou pelas áreas administrativa e comercial, nas maiores empresas nos anos 1960, e chegou às redações nas duas décadas seguintes, no plano econômico significou, como já indicado, ganhos de produtividade e de redução de custos importantes o suficiente para assegurar a lucratividade das empresas, embora tenha exigido a mobilização de recursos vultosos, o que muitos casos levou as companhias jornalísticas a penosos processos de endividamento.

[...] Do ponto de vista do processo de trabalho, a informatização significou uma reaglutinação de processos comparável ao registrado por ocasião da mecanização da imprensa no século XIX, inclusive a extinção de funções. Significou, portanto, certa reversão do fordismo que havia sido implementado ao longo do século XX. Essa reaglutinação fez desaparecer funções, inicialmente na impressão, posteriormente na pré-impressão (composição) e finalmente na redação, nas quais a informatização eliminou, reduziu ou tornou mais eficientes e

rápidas atividades como as de revisão, redação e diagramação. Paralelamente, estabeleceu-se uma tendência de que um mesmo profissional assumisse a responsabilidade por várias funções, em particular nas empresas que operavam várias mídias, fenômeno que se acentuou durante a década de 1990 na medida em que se acentuou o que se convencionou chamar de convergência de mídias (MULLER, 2012, p 153).

Sendo assim, é de se compreender como o processo de informatização e a reestruturação no mundo do trabalho caminham lado a lado para a compreensão da crise do modelo de negócios do jornalismo. A redação que se consolidou no decorrer do século passado carrega em si os valores da sociedade capitalista à qual esteve intrinsecamente ligada, em um modelo que se constituiu com os aspectos do fordismo.

As principais redações começaram a se organizar através de hierarquias rígidas de chefes, subchefes, editores e subeditores. Além disso, na base da produção jornalística havia a divisão entre as diversas editorias e funções como repórter, fotógrafo, revisor e pauteiro. Da concepção da notícia até a sua realização, havia todo um processo produtivo que em tese não se perdeu como um todo nas principais redações, mas que pode ser identificado como principal característica da profissionalização da imprensa fordista/taylorista. Como aponta Camila Rodrigues da Silva (2011), o fordismo nos jornais se apresenta na divisão de funções dentro da redação, trabalhadores especializados, introdução de máquinas especializadas e padronização das rotinas de trabalho. A autora também associa os mecanismos de massificação da produção à estruturação da notícia segundo a ideia de pirâmide invertida, ou seja, da informação mais importante para a menos importante na notícia, abrindo o texto com um lead.

O jornalismo passa a se enquadrar num contexto de novas profissões, mais voltadas para a esfera da sociabilidade, com um público cada vez mais massificado. Neste período, o processo de ir às ruas, observar o fluxo objetivo da realidade e significá-lo se tornava o carro chefe do jornalismo através da figura do repórter. No Brasil, a profissionalização da imprensa separou o caráter expressamente burguês do jornalismo – relacionado às artes, literatura e opinião focadas num público restrito e elitista – de um caráter mais universalizante de imprensa, preocupado com as questões da totalidade e autoprodução humana. Vejamos a perspectiva de Genro Filho:

Nossa abordagem postula a aplicação do método dialético-materialista, tomada esta expressão não no sentido do "reducionismo economicista" ou do "naturalismo dialético" – o que conduz a um enfoque de matiz positivista – mas numa perspectiva marxista que toma as *relações práticas* de produção e reprodução da vida social como ponto nodal da autoprodução humana na história. Ou seja, trata-se de uma maneira de considerar a realidade histórico-social que compreende as determinações subjetivas como algo real e ativo, uma dimensão constituinte da sociedade, mas que só pode ser apanhada logicamente em sua dinâmica como momentos de uma totalidade que tem na objetivação seu eixo central. Em síntese, um enfoque que toma a *práxis* como categoria fundamental (GENRO FILHO, 2012, 20, *grifo do autor*).

As transformações no mundo do trabalho do jornalismo no Brasil caminham em paralelo a evoluções tecnológicas e reestruturação econômica. Segundo Dines (1986), a crise do petróleo que ocorreu na década de 1970 e abalou o sistema econômico internacional teve impactos num dos insumos do jornalismo, o papel⁴. Com o aumento dos impostos, a importação do papel de jornal se tornou um grande problema para a imprensa brasileira. Algumas décadas após, a informatização das redações veio com a promessa de melhorias nas rotinas produtivas, porém teve impactos nas condições de trabalho, os jornalistas trabalhavam mais, num tempo ainda mais acelerado (BALDESSAR, 2003; MULLER, 2012).

Ao analisar o projeto de reestruturação do trabalho jornalístico na Folha de São Paulo em 1980, Roxo (2007) destaca como os empresários no comando da redação estavam conscientemente adotando práticas da lógica industrial taylorista no processo produtivo do jornal. Campanhas tais como a de “prevenção do erro jornalístico” lembram imediatamente as campanhas de “fazer certo da primeira vez” ou de “zero defeito”, tipos de campanhas que tinham como objetivo incentivar a produtividade dentro do ambiente de trabalho das fábricas. A preocupação

⁴ Em O Papel do Jornal, originalmente publicado em 1974, Dines previa: “No Brasil, o problema tem cores mais graves: importamos 60% das nossas necessidades (250.000 toneladas/ano em 1972). Mas a nossa demanda, que em 1973 foi de 270 mil toneladas para uma produção de 117 mil toneladas, em 1974 será de 313 mil toneladas para a mesma produção de 117 mil” (DINES, 1986, pag. 34).

com a qualidade equipara o “produto” notícia a qualquer bem material obtido através do processo de produção fabril, como se a forma de mobilização da força de trabalho se comportasse de maneira semelhante nos dois contextos (ROXO, 2007, pag. 167).

A qualificação exigida na Folha de São Paulo coexistiu com um intenso processo de precarização das relações de trabalho resultando em uma desapropriação do know-how que o trabalhador adquiriu com sua experiência. À medida que o mundo do trabalho exprimia as insuficiências do modelo fordista/taylorista de produção, no Brasil o jornal que se destacaria como maior redação do país se modernizava por tais valores já os associando à precarização do trabalho.

Nas últimas duas décadas, se tornou cada vez mais evidente que o processo de trabalho das empresas jornalísticas precisava se reinventar. A reestruturação do mundo do trabalho começou a surtir efeito no Brasil a partir dos anos 1990 e com o surgimento da internet, o ecossistema do jornalismo se transformou. Os anunciantes dos jornais viram na abertura da internet um espaço para diálogo com seu público sem a intermediação de espaço publicitário em folhas impressas (ou mesmo digitais). As características do modelo flexível começaram então a ter mais impactos no jornalismo e é possível ver uma reestruturação do trabalho no mundo do jornalismo.

Como as principais características do novo mundo do trabalho foram equacionadas em maior exigência de produtividade e precarização, os efeitos no jornalismo foram semelhantes. Segundo Antunes (2015, p. 38), é um período em que há “a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda era moderna, da força humana que trabalha”. O autor define os níveis de precarização como: intensos processos de terceirização, trabalho informal, exigência de contratos em modelo de pessoa jurídica por imposição do capital e trabalho voluntário (ANTUNES, 2015). Mick (2013) aplica esta realidade ao jornalismo e diagnostica os seguintes níveis: jornada excessiva, multifuncionalidade, aumento de produtividade, diversificação das formas de exploração do trabalho, baixa remuneração e eliminação de benefícios não salariais. Somado à isso, vemos nos dias atuais, e sobretudo no cotidiano dos jornalistas freelancers, o uso de mobiles no intuito de intensificação de velocidade de produção. Segundo Moretzsohn (2002), esse fetiche pela velocidade nem sempre está associado à qualidade da informação.

Dois modelos profissionais de jornalistas passam a ser chave para compreender o novo ecossistema de trabalho: o jornalista multifuncional e os jornalistas de fora das redações, incluindo-se pejetas, trabalhadores

informais e *freelancers*. Segundo Mick (2013), analisando uma pesquisa sobre o perfil dos jornalistas brasileiros em 2012, excluindo-se que trabalham como professores e os que trabalham em empresas fora da mídia, como assessorias, 26,8% dos profissionais são *freelancers*, prestadores de serviço ou pessoas jurídicas, enquanto que 66,2% dos profissionais trabalham com carteira assinada em condições de trabalho tradicionais. Essa divisão se acentua quando vemos o acúmulo de trabalho que está sendo exigido por estes profissionais:

A categoria se divide em dois blocos. O maior deles é o de trabalhadores em empregos ainda protegidos por direitos sociais e trabalhistas; nesses casos, a precarização se traduz sobretudo por uma combinação perversa entre salários e jornada, em que a ascensão a todas as faixas de remuneração superiores a 4 mínimos é majoritariamente assegurada àqueles que trabalham mais de 8 horas diárias. O bloco menor é o dos trabalhadores informais ou com contratos desprotegidos por direitos sociais e trabalhistas. É um grupo heterogêneo, integrado tanto por *freelancers* mal remunerados quanto por pejetos no topo da carreira (MICK, 2013, pag. 11).

Ainda neste levantamento, Mick (2013) constatou que mais da metade dos profissionais do mercado realizava quatro atividades profissionais diferentes na mídia. A lógica de produção envolve um trabalho altamente qualificado nos postos de redação, enquanto que fora delas há um trabalho instável e inseguro (MICK, 2013).

A crise do jornalismo não se apresenta como algo inerente a este ofício e exclusiva de suas formas de existir, bem como não se apresenta como totalmente externa ao jornalismo na qual ele apenas sofreria a reboque da realidade social. A distinção entre crise do jornalismo ou no jornalismo pode assim representar um falso dilema. Não é possível excluir os impactos das contradições do modelo de sociedade de seu cotidiano. É compreensível que num período de agudização da crise estrutural do capitalismo onde os efeitos se apresentam como desemprego estrutural e flexibilização de mão de obra, o mundo do trabalho do jornalismo se reestruture seguindo esses moldes.

Por outro lado, as peculiaridades do jornalismo como necessidade social e a potencialidade de transformação do modelo de sociedade capitalista decorre das características do jornalismo enquanto forma social de conhecimento focada nas singularidades do cotidiano. A crise está localizada no modelo de negócios do jornalismo, se

manifestando nas relações formais e informais de trabalho. A adaptação aos novos tempos é vista como uma reestruturação produtiva do mundo do trabalho do jornalismo e não como uma crise no jornalismo em si. Segundo Bellan:

São cada vez mais nítidas as expressões de uma reestruturação produtiva do trabalho jornalístico. Algo que, na linha toyotista, fragmenta e precariza as atividades laborais, intensificando o estranhamento. O contexto de flexibilização profissional perpassa os conglomerados de mídia, que readequam suas rotinas de produção a reestruturação, atribuindo aos jornalistas novas funções que jogam nas suas costas as variações do mercado de informação (pag.7, 2016).

Fígaro, Nonato e Grohmann (2013), realizaram uma pesquisa analisando o trabalho dos jornalistas de São Paulo, onde há a maior concentração destes profissionais no Brasil. Os autores constataram o seguinte:

A reestruturação produtiva ocorrida no mundo do trabalho, principalmente a partir dos anos 1990, transformou as relações de trabalho. Foi a partir dessa década que aumentou o número de jornalistas contratados sem registro em carteira profissional, abrindo caminho para o surgimento de novas formas de contratação, como a terceirização, contratos de trabalho por tempo determinado, contrato de pessoa jurídica (pejota), cooperados e *freelancers*, entre outros. São os jovens, não sindicalizados, que mantêm vínculos precários, trabalham entre oito e dez horas por dia e em ritmo acelerado. O fato de a maioria dos *freelancers* receberem o pagamento a partir de nota fiscal fornecida por um terceiro e trabalharem no setor de revista e Internet dá indicações claras de onde estão os problemas contratuais. (FIGARO; NONATO; GROHMANN, p. 45, 2013).

O modelo de contratação *freelancer* não é um fenômeno do século XXI, muito menos da imprensa profissional. Seu surgimento está relacionado como o caráter artesanal do surgimento da imprensa. Entretanto, é um tipo profissional que seguiu sendo alheio à profissionalização das redações e começou a reaparecer cada vez mais frequentemente nos dias atuais. O *freelancer* foi posicionado em uma

relação totalmente diferente da forma como surgira, tornando-se a expressão mais aguda da mão de obra flexível no novo contexto.

1.3. O *freelancer* enquanto estratégia de precarização

Três trabalhos foram realizados no Brasil com intuito de compreender estes profissionais que estão fora dos modelos de contratação tradicionais. Cada qual com suas nuances e objetivos específicos, entretanto complementares para a realização de um debate que pretenda compreender aspectos do *freelancer* no contexto atual brasileiro. São eles: a dissertação *Jornalistas freelancers: trabalho precário na grande imprensa da Região Metropolitana de Porto Alegre* (BURKHARDT, 2006); a dissertação *Os discursos dos jornalistas freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediação e recepção* (GROHMANN, 2012); e a dissertação *A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejotização* (SILVA, 2014).

O *freelancer* não é um fenômeno novo no jornalismo, portanto, há a dificuldade de diferenciá-lo na atual configuração de suas formas anteriores. Na passagem da imprensa para o modelo profissional de organização, o *freelancer* existia como principal relação de trabalho. Os primeiros jornalistas não se consideravam trabalhadores no sentido estrito, enxergavam no jornalismo uma atividade diferenciada, ligada aos universos da literatura e da política (SODRÉ, 1999), em muitos casos, a forma de sustento dos jornalistas não era o jornalismo, havia outras ocupações profissionais e o jornalismo era orientado por objetivos alheios a interesses econômicos. Burkhardt (2006) fala que é uma forma de trabalho que se confundiu com o caráter artesanal deste período da imprensa. Com a profissionalização, começam a ser criados planos de carreiras e perspectivas de estabilidade de emprego. O modelo de trabalho *freelancer* ainda pairou nas grandes redações brasileiras, entretanto, de forma tímida. Na maioria dos casos, foi uma forma de contratação que beneficiou bastante o jornalista, que deteve maior poder de barganha frente às empresas, conquistado por tempo de trabalho e reconhecimento público. Sua presença configurou uma exceção à lógica de produção que estava se desenhando, não necessariamente representando um pilar central para o funcionamento das redações. Segundo Burkhardt:

O *freelancer* de antes, ainda que assimilável ao de nossos dias, existiu, sobretudo, pela precariedade das primeiras empresas jornalísticas, ainda não plenamente organizadas em um padrão fordista. Hoje, ele ocorre de forma sistêmica no âmbito das

grandes empresas. Trata-se, pois, de uma estratégia deliberada (a da flexibilização da mão de obra) adotada com o objetivo de atingir determinados fins. Se considerarmos os resultados dessa estratégia, acabaremos por concluir que, entre esses fins, está o enfraquecimento de um certo modo de resistência dos trabalhadores às pressões do capital por níveis crescentes de produtividade (BURKHARDT, pag. 105, 2006).

O *freelancer* não está mais associado a esse perfil. A flexibilidade na forma de contratação cabe como uma luva às necessidades da reestruturação produtiva em vias de flexibilização de mão de obra. Nesse novo contexto, Burkhardt (p. 54, 2006) localiza o *freelancer* em coexistência com “elevado nível de organização do trabalho, sendo antes uma estratégia para aumentar a insegurança no trabalho”. Esta demarcação é determinante para compreender as causas da ascensão deste tipo de relação de trabalho no século XXI e é essencial para diferenciar o *freelancer* enquanto estratégia de precarização das redações. Outra preocupação resultante da pesquisa de Burkhardt (2006) está relacionada à complexidade e diversidade das formas que o *freelancer* assume na atualidade. O autor define da seguinte forma:

Por jornalismo *freelancer*, entende-se a forma de exercício da profissão sem vínculo empregatício, na qual frequentemente o jornalista atua por conta própria, oferecendo seus serviços a empresas do setor, e é pago por tarefa. [...] Assim, a expansão atual do jornalismo *freelancer* estaria relacionada à difusão de formas contratuais não-tradicionais no quadro da reestruturação produtiva e do desenvolvimento de um novo padrão de acumulação – a acumulação flexível – no capitalismo contemporâneo (BURKHARDT, p. 41, 2006).

O autor indica que o jornalismo *freelancer* se manifestaria dentro de uma tipologia: a) pagamento por tarefa, onde o jornalista executa determinado material, o jornal compra e encerra-se o vínculo (modelo comum na imprensa de interior com o fechamento de sucursais a partir da década de 1990); b) trabalho por conta própria, onde a atividade é executada de forma parecida com o modelo anterior, entretanto a iniciativa do trabalho parte do próprio profissional; c) *freelancer* “fixo”, onde há uma espécie de contratação utilizando-se de brechas da lei, sem seguir as regras contratuais pré-estabelecidas pela legislação trabalhista,

em geral há pagamento periódico, mas não há benefícios como férias e décimo terceiro salário; e d) terceirização, também conhecido como pejoitização, onde o trabalhador é contratado como pessoa jurídica, o que acarreta em ausência de benefícios inerentes à condição de trabalhador (BURKHARDT, pag. 54, 2006).

A tipologia se enquadra nas formas de precarização do trabalho apresentadas por Mick (2013). Elucida, mais especificamente, o tipo profissional que está fora das redações. Entretanto, alguns aspectos precisam ser melhor avaliados. O quarto tipo, terceirização, ainda pressupõe alguma estabilidade. Para o exercício da profissão em vias de terceirização é necessário um contrato como Pessoa Jurídica, o que poderia configurar um vínculo empregatício – ainda que haja contradições e muitas nuances dependendo de casos específicos. Mais à frente, faremos uma breve passagem por este modelo profissional e suas diferenciações.

Cabe ressaltar que, devido às adversidades inerentes à insegurança e ao curto prazo nestas formas de relação de trabalho, é possível encontrar em um único indivíduo experiências com mais de um dos tipos, como um profissional atuante como *freelancer* fixo que realize trabalhos esporádicos com pagamento por tarefa concomitantemente, o que não inviabiliza a tipologia.

A última dificuldade apresentada se refere à questão da quantificação. Uma das hipóteses do trabalho de Burkhardt (2006) era de que estaríamos vivendo um processo de freelancização das redações e seu aumento seria inevitável. Apesar disso, o autor admite a dificuldade de comprovação devido à escassez de trabalhos quantitativos que apontem dados neste sentido. Mick e Lima (2013) realizaram uma vasta pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro. Segundo os autores:

Ao somar o número de *freelancers* (11,9%) com os jornalistas que possuem contrato de prestação de serviço (8,1%) e os que firmaram contrato de pessoa jurídica, os pejoita's (6,8%), teremos 26,8% de todos os trabalhadores de mídia. O percentual de *freelancers* em atuação na mídia é duas vezes maior que o de *freelancers* fora da mídia (MICK; LIMA, 2013, p. 51).

Ainda seria necessária uma segunda pesquisa de mesmo porte para fins comparativos e verificar o aumento ou não deste fenômeno enquanto estrutural do mundo do trabalho do jornalismo. Entretanto já é possível dizer que, em 2012, um a cada quatro profissionais da mídia estava trabalhando com vínculo precário. A dificuldade da quantificação

ainda é presente. Apesar destas dificuldades, o autor nos aponta que um dos principais resultados do trabalho precário no universo dos *freelancers* é a insegurança no trabalho. Segundo o autor, o *freelancer* não se vê em condições de planejar carreiras duradouras e seus trabalhos se dão por curto prazo. “A ausência de perspectivas de longo prazo obriga ao trabalho incessante, febril. Para o *freelancer*, o descanso custa caro” (BURKHARDT, 2006, p. 107).

Por outro lado, Grohmann (2012) faz uma investigação acerca dos discursos do jornalista *freelancer* sobre o trabalho através da metodologia apresentada pelo binômio Comunicação e Trabalho, que envolve as categorias: comunicação, ergologia, trabalho, linguagem e os estudos de recepção⁵. Ao analisar o *freelancer* da cidade de São Paulo, o autor chega a um perfil síntese com uma pesquisa quantitativa em primeiro momento:

O perfil do jornalista *freelancer* da cidade de São Paulo nesta pesquisa, a partir do questionário quantitativo, é de uma mulher jovem, com média de 31,74 anos, é branca e solteira e está na mesma situação de trabalho há um ano. Trabalha mais em casa, em ritmo acelerado, sozinha, em cômodo próprio para o trabalho. Sua carga horária diária é de cerca de oito horas, com faixa salarial entre dois e quatro mil mensais. Nesta vida “corrida”, não consegue planejar sua vida profissional. A etapa qualitativa da pesquisa reforça o quanto o trabalho destes sujeitos é um trabalho acelerado e o quanto são os sujeitos que organizam o próprio tempo de trabalho, e não a empresa. (GROHMANN, 2012, pag. 254).

O perfil encontrado por Grohmann reforça algumas tendências da reestruturação produtiva. A pesquisa aponta que 65,5% dos jornalistas *freelancers* trabalhavam em casa em contraposição a 22,2a% que trabalham em redação, 5,6% em escritório próprio e 4,4% em escritórios coletivos. Há uma tendência que aparece no universo *freelancer* a um trabalho mais individualizado onde as relações com colegas de profissão não estariam no cotidiano, talvez em relações virtuais ou em momentos específicos da rotina de trabalho como recebimento de pagamento, resolução de pendências burocráticas nas redações ou mesmo no

⁵ Para melhor compreensão da metodologia utilizada, ler em Metapesquisa: Análise do Método das Produções Desenvolvidas pelo CPCT Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (OLIVEIRA, FONSECA e FÍGARO, 2016).

cotidiano das ruas, em entrevistas coletivas, reportagens de rua e etc. Esta realidade pode ser complexificada pelos tipos de *freelancer*, onde à primeira vista, o *freelancer* fixo seria o mais próximo do cotidiano de redação.

Ainda segundo Grohmann (2012), a maioria dos *freelancers* de São Paulo recebe até quatro mil reais por mês, sendo 40% até dois mil e 41% entre dois e quatro mil reais. Novamente, uma das formas de precarização no mundo do trabalho do jornalismo, a baixa remuneração, se manifesta no universo *freelancer*.

Ao adentrar em questões subjetivas e as formas com que eles veem o próprio trabalho, Grohmann (2012) destaca que em muitos discursos é possível ver a escolha do próprio profissional por esta relação dando a esta a qualidade da liberdade em detrimento de uma prisão inerente ao cotidiano de redação com horário comercial rígido. No entanto, não se limitando a isso, o autor salienta a contradição do discurso com as condições reais de insegurança no trabalho:

Os pesquisados sentem desconforto com uma atividade regular, trabalhando em um único lugar, em horário comercial. A palavra da ordem é “liberdade”, que, por vezes, remonta a um ideal jornalístico construído a partir do ideário iluminista. No entanto, ao lado de “liberdade”, a palavra “insegurança” ronda os passos dos entrevistados, inclusive na “redação”. (...) O que mais se adequa aos discursos dos entrevistados, e que aparece tanto nas entrevistas em profundidade quanto no grupo focal, é que o frila, mais do que o propulsor da volta de um “jornalismo romântico”, seria aquele mais “ajustado às novas tendências do mercado”, e que conseguiria viver melhor em um mundo de “portfólios” e não de “carreiras” (Grohmann, pag. 256, 2012).

Esta contradição tem impactos diretos na identidade do jornalista. Segundo o autor, os *freelancers* são mais individualistas e dificilmente enunciam questões coletivas. Veem-se como empreendedores e primam por sua produtividade. Como resultado vemos um deslocamento de um modelo profissional tradicional que até então se via como trabalhador dentro de uma empresa em muito comandada por um representante da lógica do capital interessado em lucro, o dono. O perfil do *freelancer* e seus valores de trabalhador caminham com as necessidades do capital de flexibilização.

Por fim, há mais um elemento que nos importa ser destacado do trabalho de Grohmann (2013): as contradições, limites e fronteiras entre o *freelancer* e o pejota. O autor não vai muito longe nesta delimitação, se resumindo a apresentar os conflitos que são evidenciados nos discursos de seus entrevistados:

Há uma disputa discursiva entre quem deve ser considerado *freelancer* e quem não deve ser considerado. Em questão, principalmente a posição do “*freelancer*”, se ele seria considerado *freelancer* ou “pessoa jurídica”. Na verdade, são poucos os que interrogam a própria posição, ou seja, os entrevistados não conseguem analisar os motivos de haver esta contradição entre o “frila” e o “*freelancer*”. A maioria coloca todos os trabalhos como sendo de *freelancer*, ficando o “pejota” obscurecido nos discursos dos entrevistados. Eles não conseguem ter uma visão crítica sobre sua própria situação, se mostrando, portanto, ajustados e integrados às prescrições desta “cidade por projetos” (GROHMANN, pag. 255, 2013).

Este tema foi a preocupação central do trabalho de Cláudio Marcos Silva (2014) que trata especificamente sobre a precarização do trabalho do pejota em Brasília. Através de entrevistas semiestruturadas com 18 profissionais da capital federal, o autor nos traz um diagnóstico sobre como esta forma de contratação vem sendo utilizada no mundo do jornalismo e conclui que os reflexos da crise do emprego chegaram ao jornalismo brasileiro. O horizonte do jornalismo é de “um mercado de trabalho saturado, com excesso de mão de obra vinda das universidades, somados à inércia dos jornalistas no engajamento e na defesa dos seus direitos” (SILVA, p. 113, 2014). Ainda segundo ele, uma das evidências da precarização no jornalismo é a pejotização.

Entretanto, como causa de pejotização, há ainda casos de iniciativa dos profissionais em busca de melhor remuneração. O que nem sempre se verifica na prática, visto que nesta forma de contratação há a perda de alguns benefícios garantidos ao trabalhador por via CLT⁶, como: FGTS⁷, 13º salário, participação de lucros, pagamento de hora-extra,

⁶Consolidação das Leis Trabalhistas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De15452.htm Acesso em 18/07/2016.

⁷Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.

plano de saúde e seguro-desemprego. No fim das contas, as perdas são maiores para o trabalhador (SILVA, 2014).

A pesquisa de Cláudio Marcos Silva (2014) também destaca que há dois grupos de pejotas: uma grande maioria que tem esta relação contratual imposta pela empresa. “A hegemonia do capital nas relações entre as ‘empresas’ se destaca nos relatos”; e os grandes pejotas, que não se enquadram na lógica da precarização, são profissionais que possuem mais vantagem do que os demais (SILVA, 2014, p. 113). Sobre esse segundo grupo, é onde se enquadram jornalistas com tamanho destaque no mundo do jornalismo que seus salários estariam muito elevados, e, através da contratação via pejotização, há benefícios para empresa em desengargo com benefícios não salariais e benefícios para o jornalista com aumento imediato de salários. Nestes casos, os benefícios, às vezes são negociados por fora em acordos mútuos.

Cláudio Marcos Silva (2014) também evidencia questões relacionadas à distância dos jornalistas pejotas e do sindicato. Segundo ele, dá-se devido a um individualismo cada vez maior por parte dos novos ingressantes no mercado de trabalho do jornalismo e em parte dá-se também como resultado de um mercado de trabalho exigente. Portanto, há aqui um claro enquadramento do jornalista pejota enquanto fenômeno e excluindo-se a pequena parcela dos grandes pejotas, dentro das características da precarização. Mas ainda que a relação de trabalho seja disfarçada diante das leis trabalhistas como um acordo entre empresas, existe uma relação contratual que estabelece um vínculo minimamente estável. A característica da instabilidade de emprego presente no universo *freelancer* não se dá com tanta ênfase neste grupo profissional.

1.4. Jornalismo e subjetividade: variações no campo profissional

Quando pensamos no jornalista, se escusando de visões maniqueístas de manipulação, dificilmente não teremos uma imagem associada ao jovem ágil correndo atrás da notícia com bloco de notas, gravador ou microfone dando seu empenho por uma sociedade melhor. Esta identidade possui um fundo de verdade. A identidade profissional se constitui na medida em que os profissionais se organizam de tal forma. Está relacionada às práticas do cotidiano de trabalho, mas extrapola isso. Ao analisar os jornalistas do Rio de Janeiro em 1993, Travancas (2011) constata que a formação da identidade do jornalista está ligada a três mundos nos quais eles vivem: o da casa, o da rua e o do trabalho (ou

redação), sendo os dois últimos muito ligados devido à apuração feita nas ruas. A noção de tempo e espaço na vida de um jornalista tem ligação com o seu trabalho, não delegando ao ambiente de trabalho exclusividade para esta realização. O mundo da casa estaria associado às relações familiares e pessoais. Em muito, as demandas profissionais se sobrepõem a este mundo.

Ao mobilizar a categoria de papel social, Travancas (2011) explica o quanto que o jornalista sobrepõe o “ser jornalista” sobre diversas esferas de sua sociabilidade. “Existe [...] predominância de um papel sobre os demais. Embora haja tensão entre eles, pelo que percebi nos depoimentos, o ser jornalista é a função prioritária na vida de cada um” (TRAVANCAS, 2011, p. 144). E prossegue sua conclusão:

Quando se pensa no conceito de identidade social tomando por base a noção de papel social e de sua construção, pode-se concluir que para esse grupo o papel profissional ocupa um lugar de destaque em suas trajetórias, mesmo que existam outros papéis diferentes a serem desempenhados. O ser jornalista contamina os demais papéis, ainda que de forma diferenciada (TRAVANCAS, 2011, p. 144).

A identidade profissional, no caso dos jornalistas, portanto, se sobrepõe aos demais papéis sociais desempenhados por esses indivíduos. É no ambiente de trabalho através do contato com os profissionais mais velhos e demais colegas na redação; no ambiente da casa, através das atividades e demandas pessoais, onde o olhar do jornalista sobre questões cotidianas é embebido com o ser jornalista; e no ambiente das ruas, através das relações pessoais e do trabalho feito nas ruas. A relação do jornalista com a cidade é predominantemente uma relação de trabalho o que afeta toda sua forma de experiência.

Ao analisar os jornalistas do Rio de Janeiro, Travancas destaca a dimensão do tempo e do espaço:

Os jornalistas parecem viver dentro de “um outro tempo”, como se seu relógio funcionasse bem mais rápido e em outro ritmo. Não é o tempo do dia e da noite, dos dias de trabalho ou dos fins de semana, mas o tempo do trabalho e o tempo do não trabalho, pois trabalha-se de dia e de noite, todos os dias da semana, sem grandes distinções. (TRAVANCAS, 2011, p. 41).

No caso do *freelancer*, na maioria dos casos há muito menos, a convivência com o ambiente da redação. Em geral, seu trabalho é executado em casa confundindo ainda mais o tempo do não trabalho com

o do trabalho (GROHMANN, 2013). Em virtude disso, as ligações feitas com a redação são frágeis, distantes ou mesmo raras. Sendo assim, o ser jornalista, do qual Travancas (2011) fala, não deixa de ter um papel preponderante no ambiente da casa no caso *freelancer*, se tornando um imperativo que transforma a relação com o trabalho predominante em suas vidas. Ainda que para o jornalista tradicional, levar trabalho para casa e sobrepô-lo às suas relações sociais cotidianas já fosse uma forma de precarização, para o *freelancer* esta condição é um pressuposto.

Ao olharmos o mundo do trabalho do jornalismo, veremos que a formação da identidade vai se transformando ligeiramente no caso de profissionais atomizados, onde o ambiente do trabalho não necessariamente significa a redação. Podemos destacar que sim, há a presença da redação em suas rotinas de trabalho, entretanto esta presença é nitidamente diferenciada do profissional regularmente contratado numa relação formal parecida com os casos estudados por Travancas (2011). Esta ausência, por mais sutil que possa parecer à primeira vista, tem impactos diretos no fazer jornalístico do *freelancer*.

O mundo do trabalho ou espaço da redação, que segundo Travancas (2011) contribuía para a socialização de saberes da profissão entre profissionais mais velhos e os novos jornalistas, seja nos intervalos para o cafezinho entre uma pauta e outra ou no bar depois do expediente onde os profissionais conversavam e desabafavam sobre as dificuldades no trabalho, tem uma presença extremamente fragmentada no contexto de determinados *freelancers*. Pensando nas tipologias, destacamos principalmente os *freelancers* pagos por tarefa e os *freelancers* por conta própria, ainda que os demais tipos possam confirmar graus desta condição.

Somado a este fator, a instabilidade de emprego, característica do trabalhador flexível, abala a independência do profissional, que nem sempre consegue exercer aquilo que Nilson Lage (2012) chamou de o bom jornalismo. Esta lógica parece estar diretamente ligada à fórmula empresarial de jornalismo. Vejamos nas palavras do autor:

(...) empresas têm interesses objetivos, inserem-se em articulações, dependem de financiamento, publicidade, tecnologia e aceitação social. Não é fácil sustentar organizações desse tipo sobre a individualidade de jornalistas apaixonados pela própria missão e pelas próprias carreiras, fuçando escândalos financeiros e incongruências políticas numa sociedade real (considere-se, por exemplo, que ações judiciais por crime de calúnia, injúria ou

difamação são essencialmente cíveis, buscando indenização – a ser paga pelas empresas). Por outro lado, a independência do jornalista é impossível, no sentido lato, se a relação de emprego não pressupõe algum tipo de estabilidade. O repórter paladino da sociedade, defensor daqueles que não têm quem os defenda, pode ser a essência do bom jornalismo, mas é, do ponto de vista empresarial, um temendo criador de casos (LAGE, 2012, pag. 55).

Por independência do profissional entenderemos as relações entre autonomia e heteronomia do campo jornalístico. A ausência de autonomia profissional em relação aos interesses das empresas-consequência da falta de independência - pode levar a ausência de autonomia do próprio campo jornalístico, de forma geral, em relação a pressões externas, como do campo econômico e do campo político (BOURDIEU, 2005). Bourdieu (2005) propõe uma concepção de análise do jornalismo através do conceito de campo. Para o autor, existem diversos campos na sociedade e dentro destes campos subcampos, todos se relacionando em maior ou menor grau entre si. Esta é uma forma de análise do fenômeno jornalístico através das suas estruturas internas e a variação na correlação de forças entre os indivíduos que a constituem. Nas palavras do autor, “um campo é um campo de forças em que os agentes ocupam posições que assumem em relação ao campo, essas tomadas de posições são um tanto baseadas na conservação ou transformação da estrutura das relações de forças que é constitutivo do campo” (BOURDIEU, pag. 30, 2005) ⁸. Sendo assim, a constituição do campo está relacionada numa acepção histórica onde o movimento desenvolvido nas variações das posições ao mesmo tempo em que alteram o campo, se conformam na constituição do mesmo no sentido de ser preciso jogar as regras do jogo para então poder transformá-lo.

Em outras palavras, em certos aspectos, o campo (...) é comparável a um campo de forças físicas; mas não é redutível a um campo físico, mas o local de ações e reações realizadas por agentes sociais dotados de disposições permanentes, em parte, adquiridos em sua experiência desses campos sociais. Os agentes reagem a essas relações de

⁸No original: a field is a field of forces within which the agents occupy positions that statistically determine the positions they take with respect to the field, these position-takings being aimed either at conserving or transforming the structure of relations of forces that is constitutive of the field.

forças, a essas estruturas; ao construí-las e percebê-las, forma-se uma ideia deles, representando-os para si mesmos, e assim por diante. E sendo, portanto, limitado pelas forças inscritas nestes domínios e que será determinada por essas forças que respeita às suas disposições permanentes, eles são capazes de agir sobre estes campos, de maneira que são parcialmente pré-constrangidos, mas com uma margem de liberdade (BOURDIEU, pag. 30, 2005) ⁹.

O aspecto da experiência, citado pelo autor pode ser relacionado com as conclusões de Travancas (2011) ao expor a formação da identidade profissional relacionada com a interação entre os jornalistas mais novos e os jornalistas mais velhos. O corpo profissional envolve um grupo jovem e recém-formado quando a inserção no mercado de trabalho se dá por forma do trabalho *freelancer*. “O jornalismo *freelancer*, o empreendedorismo independente e a precarização do trabalho são proeminentes, particularmente entre os jovens repórteres e os recém-chegados no campo” (DEUZE e WITSCHGE, pag. 7, 2015). Há um contingente de mão de obra de proporções difíceis de mensurar num regime flexível, uma vez que a facilidade de contratação/dispensa é característica deste modelo de trabalho e todo recém-formado (e em muitos casos, estudantes ainda em processo de formação) é um potencial *freelancer*.

Outro conceito inerente à noção de campo precisa ser mobilizado, o de habitus. Segundo Benson e Neveu (2005), ao introduzir a perspectiva de Bourdieu, explicam:

Habitus é definido como ‘uma estrutura estruturante, que organiza as práticas e a percepção das práticas... configurações de propriedades que exprimem as diferenças objetivamente inscritas em condições de existência’. Ou, como ele observa em outro lugar ‘falar de habitus é afirmar que o

⁹ No original: In other words, in certain respects, the field (...) is comparable to a field of physical forces; but is not reducible to a physical field – it is the side of actions and reactions performed by social agents endowed with permanent positions, partly acquired in their experience of these social fields. The agents react to these relations of forces, to these structures; they construct them, perceive them, form an idea of them, represent themselves, and so on. And, while being, therefore, constrained by the forces inscribed in these fields, and be determined by these forces as regards their permanent dispositions, they are able to act upon these fields, in ways that are partially pre-constrained but with a margin of freedom.

indivíduo, e até mesmo o pessoal, o subjetivo, é social, coletivo. Habitus é uma subjetividade socializada' (BENSON e NEVEU, pag. 3, 2005) ¹⁰.

Neste sentido, e tentando associar aos tipos de *freelancers* mais distantes do cotidiano das redações, a diminuição da mediação dos mais velhos dentro da estrutura do campo jornalístico agrava ainda mais a correlação de forças dentro da estrutura do campo jornalístico, onde é possível que não haja para este tipo profissional, à priori, a possibilidade de galgar maior capital cultural e possibilidades à margem de liberdade. Há para o profissional *freelancer*, uma tendência maior ao respeito às disposições permanentes e a condição parcialmente pré-constrangida dentro do campo jornalístico. “O aumento da competição por empregos escassos pode fazer os jornalistas mais cautelosos e conformistas, contribuindo para a simples reprodução do campo” (BENSON e NEVEU, pag. 5, 2005) ¹¹.

Para além desta compreensão, esta estrutura estruturante toma outro caráter. Segundo os autores, “qualquer explicação de atitudes, discursos, comportamentos, etc., deve recorrer a uma análise da posição estrutural (dentro do campo, a posição do campo frente a outros campos etc.) e a trajetória histórica particular pelo qual um agente chegou a essa posição (habitus)” (BENSON e NEVEU, pag. 3, 2005) ¹². Isto afirma uma temporalidade incorporada no conceito de habitus. Se os jornalistas *freelancers*, em certa medida vivenciam o cotidiano profissional fora das redações, seu habitus reflete um profissional nestas condições. Os valores do jornalista *freelancer* estarão, portanto, relacionados também ao seu cotidiano de vendedor de força de trabalho.

As soluções encontradas para superação das condições precárias de trabalho pelo *freelancer* estão focando em estratégias individuais, seja por meio de saída do campo (desistindo da profissão, arranjando outro emprego, abrindo empresas próprias de assessorias e etc), ou seja, por

¹⁰ No original: Habitus is defined as: ‘a structuring structure, which organizes practices and the perception of practices...configurations of properties expressing the differences objectively inscribed in conditions of existence’. Or as he notes elsewhere, ‘to speak of habitus is to assert that the individual, and even the personal, the subjective, is social, collective. Habitus is a socialized subjectivity’.

¹¹ No original: Increased competition for scarce jobs may make journalists more cautious and conformists, contributing to simple reproduction of the field.

¹² No original: In other words, any explanation of attitudes, discourses, behavior, etc. must draw on an analysis of both structural positions (within the field, the field’s variation position vis-à-vis other fields, etc.) and the particular historical trajectory by which an agent arrived at the position (habitus).

meio de intensificação de sua produtividade para obtenção de maiores ganhos financeiros (esta solução não necessariamente tem resultados diretos na supressão da precarização do trabalho). A incorporação de valores empreendedores por jornalistas já vem sendo apontadas por pesquisas recentes, como a de Grohmann e Roxo (2015). Segundo os autores, termos como flexibilização, inovação, criatividade, capacidade de formação permanente e empreendedorismo, se incorporam à nova gramática do cotidiano do jornalista.

Dentro dessa gramática, tudo se passa como se as chances de trabalho dependessem de estratégias individualizadas, mobilizadas por sujeitos dispostos a aproveitar ou não ‘as janelas de oportunidades’ e de desenhar o seu destino de maneira competitiva, inovadora e eficiente, orientados pela aquisição ininterrupta de conhecimentos e capacidades que possuem valor econômico. Nota-se aqui a valorização de uma espécie de competência subjetiva associada à atitude, autonomia e motivação, na maneira como o indivíduo se posiciona e se conduz face às mudanças do mercado de trabalho, encontrando soluções para ‘ultrapassar desafios’ e enfrentar relações de concorrência, marcando diferenças em relação a formas de emprego tradicionais (GROHMANN e ROXO, pag. 125, 2015).

Esta realidade transfere para as interações dentro do campo um maior desequilíbrio entre autonomia e heteronomia. O campo jornalístico já vem apresentando uma autonomia relativa fraca em relação às pressões externas ao campo (BOURDIEU, 2005). O campo está em constante mutação devido à correlação de forças em disputa por seus agentes e dois tipos de capitais são mobilizados para o fortalecimento destes agentes frente a tais pressões, o capital econômico e o capital cultural.

No campo jornalístico, o capital econômico se expressa através da circulação, das receitas de publicidade ou dos índices de audiência, enquanto que o capital cultural ‘específico’ do campo tem a forma de comentário inteligente, na profundidade dos relatos, e assim por diante – o tipo de práticas jornalísticas premiadas a cada ano pelo Pulitzer, nos EUA. Cada campo é, assim, estruturado em torno da oposição entre o chamado polo heterônimo representando as forças externas ao campo (principalmente econômico) e o polo

‘autônomo’, representando o capital específico exclusivo para esse campo (por exemplo, habilidades artísticas ou científicas) (BENSON e NEVEU, pag. 4, 2005)¹³.

Para o jornalista ter a capacidade de mobilização de capital cultural em nível de influência no caminho do polo autônomo do campo, seria necessária uma estabilidade no campo que as condições de emprego *freelancer* necessariamente não pressupõem. Na medida em que a precarização do trabalho jornalístico tem se tornado cada vez mais característica estrutural do atual modelo de redação, a subjetividade do trabalhador e seu habitus estão absorvendo valores que por si só não acumulam capital cultural, nem mesmo acumulam capital econômico significativo.

Bourdieu (2005) também nos propõe a pensar a dualidade entre autonomia e heteronomia numa perspectiva mais macro. O campo jornalístico não pode ser visto de forma isolada. Há envolvimento com ele, a interação com outros campos da sociedade que influem em maior ou menor grau. Um dos campos, que para nossa análise é crucial é o já citado campo econômico, que influencia diretamente nos valores dos jornalistas em condições precárias, mas que também tem influências macro na crise do modelo de negócios de jornalismo. Segundo José Luis Garcia (2009), o jornalismo, como área envolvida com a indústria da mídia está envolto numa das principais transformações pelas quais o capitalismo tem tentando ultrapassar a crise do modelo fordista de produção em meados das décadas de 1970 e 1980: a formação de uma economia do conhecimento, onde há uma capitalização do saber vivo e do potencial das tecnologias na formação de novas necessidades de consumos.

Não é de hoje que o campo econômico tem influenciado o campo do jornalismo. Pode-se dizer que a própria profissionalização das redações tem relação com este casamento. Analisando o histórico do jornalismo no século XX, Garcia afirma que “os constrangimentos sobre a independência dos jornalistas, de origem política e econômica, tenderam sempre a acentuar as possibilidades de alienação dos jornalistas relativamente ao controle do seu trabalho no contexto da cadeia

¹³ No original: Inside the journalistic field, economic capital is expressed via circulation, or advertising revenues, or audience ratings, whereas the “specific” cultural capital of the field takes the form of intelligent commentary, in-depth reporting, and the like – the kind of journalistic practices rewarded each year by US Pulitzer Prizes. Each field is thus structured around the opposition between field (primarily economic) and the “autonomous” pole representing the specific capital unique to that field (e.g., artistic or scientific skills).

informativa” (GARCIA, pag. 26, 2009). Entretanto, nas últimas décadas, a crise do capitalismo surtiu efeitos no modelo tradicional de imprensa no sentido de intensificar:

Orientação das empresas na direção primacial em detrimento do interesse público, produção de diversos produtos multimídia para serem difundidos e adquiridos simultaneamente através de vários suportes, grandes conglomerados internacionais adaptados à competitividade de escala mundial, fusão da esfera dos media tradicionais com outros ramos da indústria cultural e com as telecomunicações e a informática, orientação privilegiada para o ciberjornalismo ou jornalismo digital – estes são os traços fulcrais da indústria dos media nas últimas décadas que estão a dirigir a sua extensão e remodelação (GARCIA, 2009, pag. 29).

Há nestas transformações uma inserção cada vez maior dos interesses do campo econômico no campo do jornalismo exercendo pressão em detrimento da autonomia dos jornalistas. O fechamento do campo para as questões inerentes ao jornalismo é uma ação deliberada e consciente decorrente desta simbiose com o campo econômico, apesar de não o ser por parte dos jornalistas. Neste sentido, Breed (1999) faz uma distinção entre os jornalistas e os donos das empresas jornalísticas acentuando que os interesses envolvidos são, por vezes, divergentes. Ao analisar os jornalistas dos Estados Unidos em 1955, o autor constatou que em geral os jornalistas não concordavam com a linha editorial do jornal.

Apesar disso, a linha editorial é resultado da produção destes mesmos jornalistas. Como explicar, portanto, essa dessincronia? Parte da resposta pode estar relacionada aos constrangimentos organizacionais. Segundo Breed (1999), os jornalistas aprendiam e absorviam a linha editorial no cotidiano profissional e aprendiam a antever aquilo que se esperava deles, evitando possíveis penalidades e galgando possíveis recompensas. A conformação com a linha editorial se manifestaria por seis fatores: 1) autoridade e sanção institucional - autocensura devido ao receio de demissões ou represálias; 2) sentimento de obrigação e de estima para com os superiores; 3) aspiração de mobilidade - perspectivas de crescimento na carreira; 4) ausência de grupos de lealdade em conflito - ausência de alternativas de resistência coletivas; 5) o prazer da atividade; e, por fim, 6) a notícia se torna um valor - produzir notícias, no sentido laboral, se torna mais imperante do que os ideais do jornalismo para com a sociedade (BREED, 2009).

Ao primeiro fator, é necessário acrescentar que, ao menos nos dias de hoje, a autocensura não é resultado de “receio” de demissões ou represálias e sim a possibilidade concreta de tais medidas¹⁴. O autor indica que naquela época as demissões eram raras e estavam ligadas a embriaguez ou pressões econômicas externas “ocasionais”.

É importante ressaltar a importância das formas de resistência coletiva por parte dos trabalhadores. Uma das principais mudanças do modelo fordista de produção para o modelo flexível é a redução das formas de organização coletiva. Na prática, a tendência do novo mundo do trabalho é o enfraquecimento dos sindicatos e a ausência de formas alternativas de resistência coletiva. A Federação Nacional dos Jornalistas, FENAJ foi criada em 1946 e é a maior entidade de representação coletiva dos jornalistas até os dias atuais, tendo mais de 40 mil jornalistas associados em 27 sindicatos estaduais e três municipais espalhados por todo o território nacional¹⁵. É de se compreender o impacto que a redução da força sindical tem no jornalismo enquanto classe trabalhadora.

Os jornalistas, no modelo de trabalho que aqui tratamos com mais preocupação, o *freelancer*, dentro da lógica da correlação entre autonomia e heteronomia, tem menos poder de influência em geral estão distantes do sindicato. Sendo assim, o modelo empresarial, representado pelos patrões, parece ir de encontro aos valores do jornalismo, representado pelos profissionais da notícia. Falaremos um pouco melhor sobre essas diferenças a seguir.

1.5. O modelo empresarial e os valores do jornalismo

¹⁴ No Brasil, de 2012 a setembro de 2015, o Volt Data Lab, que disponibiliza no site “A conta dos passaralhos” as demissões de jornalistas e funcionários de empresas de comunicação no Brasil desde 2012, contabilizou 1.280 demissões de jornalistas nas redações. A Editora Abril demitiu, nesse período 175 jornalistas e 458 funcionários, entre os quais podem estar inclusos outros jornalistas, cinegrafistas e outras funções que trabalham com mídia mas não eram registradas como “jornalista”. No Grupo Estado, foram 71 demissões de jornalistas e 161 demissões ao todo. Na Folha de São Paulo, 65 demissões de jornalistas e um total de 92 demissões. O Valor Econômico demitiu 50 jornalistas nesse período, de um total de 55 demissões. Considerando empresas de mídia no geral no país, o número no mesmo período sobe para 5205 demissões. Disponível em: <https://www.voltdata.info/passaralhos/> Acesso em 30 de outubro de 2017

¹⁵ Disponível em: <http://fenaj.org.br/fenaj/a-federacao/> Acesso em 31 de outubro de 2017.

A forma pela qual o jornalismo se profissionalizou no século XX através de características fordistas de produção e a consequente reestruturação produtiva vivida nas últimas décadas decorrentes das transformações no mundo do trabalho e inserção de novas tecnologias no cotidiano do jornalismo tiveram impactos no trabalho do jornalista no sentido de precarização. À medida que há um intensivo enxugamento de redações e intensificação da produção dentro das salas de redação, o jornalista *freelancer* é realocado de um outsider ao processo de profissionalização do decorrer do século passado para uma peça fundamental para o funcionamento das redações. Sua maior presença está ligada ao fato das características deste tipo de contratação permitir uma maior flexibilidade deste grupo de trabalhadores com facilidade de contratação, demissão e à vastidão desse perfil de mão de obra.

O *freelancer* neste novo contexto envolve uma tipologia diversificada em *freelancer* fixo, *freelancer* contratado por tarefa, *freelancer* por conta própria e pejetas. Uns possuem maior relação com o ambiente de redação e outros, menor. Entretanto, todos vivenciam as principais características do *freelancer* enquanto estratégia de precarização do trabalho, instabilidade de emprego e ausência de benefícios não salariais, como planos de saúde, vale-alimentação. Esta realidade influi na formação da identidade profissional que até meados dos anos 1990 estava fortemente ligada a um jornalista de redação e sindicalizado. Hoje a identidade profissional deve ser vista de forma mais complexificada, uma vez que há no mínimo duas formas de interação dos jornalistas com o trabalho, uma ainda no ambiente de trabalho pelos profissionais contratados em relações tradicionais de emprego e outra pelos profissionais de fora das redações cada vez mais recorrentes, digam-se *freelancers*, pejetas e demais tipos profissionais à margem do modelo tradicional.

Em outro aspecto, considerando o modelo atual de redação, é possível afirmar que vai de encontro aos interesses dos jornalistas enquanto categoria. A diminuição da autonomia profissional e a consequente diminuição da autonomia relativa do campo, ao ser relacionada com as influências do campo econômico, é encontrada em duas vias imbricadas entre si: em primeiro lugar, através da inserção de interesses econômicos sobrepondo os valores do campo jornalístico, influenciada primordialmente pelos donos dos veículos que, por estarem inseridos numa lógica comercial, primam o lucro ainda que este passe por cima da natureza do jornalismo enquanto forma social de conhecimento. Em segundo lugar, através da precarização do trabalho dos jornalistas

resultante da crise da lógica comercial. Por sua vez, esta, se manifesta nos jornalistas mais periféricos ao sistema tradicional de contratação através de ideais e pretensões advindos do campo econômico, tidos como estratégia de sobrevivência num mercado de trabalho acirrado e avesso às boas condições de trabalho e seguridade de emprego.

Por fim, a lógica empresarial coloca o jornalista numa posição de difícil resistência às tensões sofridas pelo campo no exercício de sua profissão. As empresas deixam de lado as potencialidades de um jornalismo como forma social de conhecimento que tem a capacidade de extrapolar os valores de uma sociedade capitalista na qual foi gerado. A subjetividade do jornalista, sua identidade e suas particularidades estão sendo voltadas para questões de sobrevivência de emprego num mercado de trabalho precário, o que pode dificultar ou mesmo inibir o potencial de denunciar questões fundamentais de uma sociedade contraditória ainda que estas contradições sejam expressas em suas próprias condições de trabalho.

2. Jornalismo e emancipação x precarização do trabalho

Para falarmos sobre jornalismo e emancipação, entendemos que é preciso partir da ideia de jornalismo como um trabalho associado à práxis. Neste capítulo, demonstramos os principais conceitos de Lukács (2017) sobre o trabalho e como que esta análise pode ser base para compreender atividades laborais complexas como o jornalismo, utilizando como principal referência o primeiro capítulo, *O Trabalho*, de sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social*. Através da práxis, consideramos que é possível compreender o potencial emancipatório do jornalismo. Em seguida, demonstramos a perspectiva de Genro Filho (2012) sobre jornalismo, subjetividade e práxis. Justificamos a necessidade de maior domínio dos jornalistas sobre sua produção, ou seja, a necessidade de maior autonomia profissional para realização do jornalismo em sua plena potencialidade. Encerramos o capítulo demonstrando como o presente contexto intensifica a amputação da autonomia profissional através da precarização do trabalho, impedindo o ser jornalista de se realizar em sua totalidade.

Para Lukács (2017), o trabalho em seu sentido ontológico, em seu caráter mais primitivo, é categoria central que determina o salto da humanidade para a forma como nos constituímos ser social. Se referenciando na tradição marxista, o autor demonstra como que a forma mais essencial de trabalho está associada à transformação da natureza com intuito de obter valor de uso, à transformação do sujeito que realiza esta modificação, e da transformação do próprio processo de trabalho realizado nesta operação. Desta forma, explica como a práxis é o motor da autoprodução humana e explica que é através deste movimento que a humanidade tem a capacidade de direcionar-se num caminho de maior liberdade e emancipação (LUKÁCS, 2017). Trazendo a análise de Lukács (2017) para o campo do jornalismo, Genro Filho (2012) fez uma caracterização do jornalismo enquanto forma social de conhecimento reconhecendo a partir da práxis a potencialidade de transcender o modelo de sociedade no qual foi gerado, o capitalismo.

Entretanto, vimos que as forças do capitalismo limitam a classe trabalhadora, seja ela produtora de bens materiais – como o operariado fabril e o campesinato – ou seja na produção de bens de serviço, como demonstramos no capítulo anterior que ocorre no caso dos jornalistas. A partir destes pressupostos, pretendemos associar as condições precarizadas de trabalho à limitação do caráter emancipatório do jornalismo, entendendo que ausência de autonomia e liberdade figuram

lado a lado com a precarização do trabalho.

2.1. Trabalho, práxis e liberdade em Lukács e Genro Filho

Segundo Lukács (2017, p. 13), só é lícito falar de ser social ao relacionar a sua gênese com o trabalho. É através desta atividade que a humanidade pôde distinguir-se de sua base biológica e pôde se realizar como sujeito coletivo:

Isto significa, antes de mais nada (como já referimos ao analisar o trabalho de um ponto de vista objetivo), que aqui existe um domínio da consciência sobre o instintivo, que possui um caráter meramente biológico. Visto do lado do sujeito, isto implica uma continuidade sempre renovada deste domínio, e, certamente, uma continuidade que se apresenta em cada movimento individual do trabalho como um novo problema, como uma nova alternativa, e que a cada vez, para que o trabalho tenha êxito, deve terminar com uma vitória da visão correta sobre o meramente instintivo. (LUKÁCS, 2017, p. 43).

Desta forma, o autor atribui movimento à atividade do trabalho. É através de sua própria realização que decorre seu aprimoramento. Destaca-se aqui, como o próprio autor alerta mais adiante, que o trabalho ao qual se refere é aquele mais fundamental, no qual há transformação direta da natureza com o objetivo de lhe atribuir valor de uso. Compreendendo o trabalho desta forma, o autor diz que o instintivo passa ao consciente através de um “salto” evolutivo. Entretanto, a adaptação das formas de trabalho se desenvolve não pelas determinações exclusivas das condições criadas pela natureza e sim produzidas pelo próprio sujeito através de um sistema de escolhas.

O trabalho não afeta, portanto, somente a natureza. Na medida em que novas formas de transformá-la, mais sofisticadas, vão surgindo, a materialidade humana se adapta a um novo contexto que pressupõe condições criadas pelo acúmulo de trabalho previamente realizado em determinados períodos da sociedade. Desta forma, modificando aquele que trabalha. Como exemplo, Lukács (2017) explica o desenvolvimento das navegações e como que o trabalho, neste contexto específico, possibilita formas totalmente novas de sociabilidade e conseqüentemente novas possibilidades de trabalho neste sentido ontológico:

O momento da criação autônoma não apenas transforma o próprio ambiente, e não só o modifica

num sentido material, mas também nos efeitos retroativos de ordem material que este produz sobre os homens; assim, por exemplo, o trabalho fez com que o mar, que era um limite para o movimento do homem, se tornasse um meio de contatos cada vez mais intenso. Mas, além disso – e naturalmente causando mudanças análogas de função – essa estrutura do trabalho atua também retroativamente sobre o sujeito que trabalha (LUKÁCS, 2017, p. 44).

Portanto o trabalho, a partir deste pressuposto, sempre irá presumir reflexão sobre a atividade realizada. Ainda as atividades que à primeira vista poderiam ser encaradas como instintivas devido a mecanicidade com que são realizadas são resultado de acúmulo de experiências do trabalho e carregam um “duplo caminho de eliminação e conservação dos movimentos habituais” (LUKÁCS, 2017, p. 45) e sempre carregam sua origem. O autor observa que há, nesta atividade, uma estrutura dinâmica em cada movimento singular relacionada à materialidade. Ou seja, o objetivo é previsto na consciência antes da realização do trabalho, entretanto:

o homem que trabalha deve planejar antecipadamente cada um dos seus movimentos, e verificar constantemente, de forma crítica e consciente, a realização do seu plano, se é que quer obter, em seu trabalho, o melhor resultado concreto possível. Esse domínio da consciência do homem sobre o seu próprio corpo, que também se estende a uma parte da esfera da consciência, aos hábitos, aos instintos, aos afetos, é uma condição elementar inclusive do trabalho mais primitivo (LUKÁCS, 2017, p. 98).

O trabalho fica assim subordinado a uma estrutura de escolhas e decisões materiais que exigem decisões orientadas para aperfeiçoar a atividade. A concepção de trabalho de Lukács (2017), dá conta de explicar todo o processo de autoprodução humana e como que este conjunto de escolhas está relacionado à liberdade.

Com efeito, se pretendemos falar da liberdade de uma maneira razoável como momento da realidade, seu fundamento consiste, em primeiro lugar, numa decisão concreta entre diversas possibilidades concretas; se a questão da escolha é posta num nível mais alto de abstração, se é separada inteiramente da concretude, ela perde

toda conexão com a realidade e se torna uma especulação vazia. Em segundo lugar, a liberdade é uma vontade – em última instância – de transformar a realidade (o que, em determinadas circunstâncias, inclui a conservação de dada situação); o que significa que a realidade, enquanto objetivo da transformação, deve ser preservada, mesmo na mais ampla abstração (LUKACS, 2017, p. 108).

O autor atribui ao sentido de liberdade um caráter material. É possível compreender como que determinadas sociedades são responsáveis pelo conjunto de escolhas e decisões que permitem direcioná-la para o horizonte A ou B. Não está associado a um devir ideal, um protótipo perfeito de conjunto de ações:

É fácil ver que, em especial, a própria vida cotidiana nos coloca continuamente diante de alternativas inesperadas, para as quais é preciso, muitas vezes, encontrar uma resposta imediata sob pena de ruína; uma característica essencial da própria alternativa consiste em que é preciso decidir sem que se conheçam a maioria dos elementos, a situação, as consequências, etc. No entanto, mesmo assim sobra um mínimo de liberdade na decisão; também neste caso – como caso-limite – trata-se sempre de uma alternativa e não de um fato natural determinado por uma causalidade puramente espontânea (LUKACS, 2017, p. 110).

Fica evidente, em sua forma de compreender a liberdade na sociedade, que quanto maior for o conhecimento do processo de uma forma panorâmica, ou seja, as relações causais advindas do conjunto de ações e escolhas em determinada situação, mais liberdade o indivíduo tem. Nas palavras do autor, “quanto maior for o conhecimento das cadeias causais que operam em cada caso, tanto mais facilmente podem ser transformadas em cadeias causais postas, tanto mais seguro é o domínio do sujeito sobre elas, ou seja, a liberdade que ele pode ter” (LUKACS, 2017, p. 111).

Por fim, no trabalho de Lukács, interessa a nós compreender mais um aspecto da relação sujeito-objeto. Segundo o autor, as decisões envolvidas no processo de autoprodução humana são subjetivas, mas relacionadas a objetividade. “É o processo objetivo mesmo que, como consequência de sua evolução ascendente, impõe tarefas que só podem

ser postas e mantidas em movimento através do peso crescente das decisões subjetivas” (LUKACS, 2017, p. 126). Entretanto, a valoração desta objetividade está subordinada na “objetividade social, no significado destes para o desenvolvimento objetivo da espécie humana, e tanto a validade ou invalidade destes valores, quanto a intensidade e duração de sua influência são em última instância resultados deste processo social objetivo” (LUKACS, 2017, p.126).

O jornalismo em si não transforma a natureza diretamente para atribuir-lhe valor de uso, mas está imbricado no complexo processo das relações humanas presentes no capitalismo e nas formas de trabalho relacionadas à produção de valor de troca. Todo o setor da comunicação está relacionado às formas contemporâneas de trabalho. Portanto, como indicou Genro Filho (2012), a comunicação não pode ser vista senão como um dos aspectos ontológicos do homem e está relacionada, nesta perspectiva, a um aspecto do trabalho como categoria ontológica como o apresentado aqui, na teoria de Marx reiterada por Lukács (2017). Segundo Genro Filho (2012, p. 226), “a comunicação, sob o ponto de vista analítico, é um aspecto do trabalho e, mais particularmente, expressa a forma social de produção do conhecimento”. Numa palavra, o autor conclui, a comunicação é um momento da práxis.

“A notícia é uma mercadoria, mas não é uma mercadoria qualquer”. Esta afirmação de Adelmo Genro Filho (2012, p. 23) permite compreender as contradições de um jornalismo com potencialidades de transformação social, apesar de fruto de uma sociedade capitalista. Se olharmos para o jornalismo enquanto mercadoria, veremos que pressupõe trabalho e, concordando com a afirmação, chegaremos à síntese de que não é um trabalho qualquer. Para Genro Filho, há no jornalismo uma relação sujeito-objeto que para nós é base para qualquer análise. Segundo o autor, ao observar a matéria prima do jornalismo, “os fatos não existem como tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas” (GENRO FILHO, 2012, pag. 194). Sendo assim, o jornalismo constrói-se obedecendo à materialidade da qual faz parte numa relação entre a realidade objetiva e as diversas significações possíveis dessa realidade através dos sujeitos. O que dá ao jornalismo sua potencialidade de superação da sociedade na qual é originado é a subjetividade envolvida na sua realização.

Segundo Genro Filho (2012), o jornalismo sendo concebido de forma meramente pragmática corre um risco muito grande de retornar ao campo do senso comum apenas reproduzindo os ideais dominantes, mas

não se limita a essa condição. “A ambivalência do jornalismo decorre do fato de que ele é um fenômeno cuja essência ultrapassa os contornos ideológicos de sua gênese burguesa, em que pese seja uma das formas de manifestação e reprodução da hegemonia de classes dominantes” (GENRO FILHO, 2012, p. 23). Há no jornalismo uma relação sujeito - objeto na qual a subjetividade do profissional tem papel fundamental na sua realização (Genro Filho, 2012):

A complexidade do fato jornalístico decorre da contradição inerente à produção do próprio mundo social. Essa contradição nasce da relação axiomática do sujeito com o mundo objetivo, na mesma medida em que a objetividade vai constituindo o substrato que confere realidade à autoprodução do sujeito. Logo, qualquer gênero de conhecimento é tanto revelação como atribuição de sentido ao real; *assim como a projeção subjetiva não pode ser separada da atividade prática, a revelação das significações objetivas não pode ser separada da atribuição subjetiva de um sentido à atividade* (GENRO FILHO, 2012, p. 61, *grifo nosso*).

Portanto, há uma importância ainda maior de compreender o caráter alienante dos procedimentos de produção fordistas/tayloristas, pois estes modelos têm forte influência na forma como as redações se desenharam no século XX. Diferenciando-se dos modelos artesanais anteriores, a lógica de produção fordista segmentava e entregava ao trabalhador a responsabilidade apenas de uma parte do todo. Esta era uma característica essencial para que houvesse maior produtividade: controle de tempo e tarefas operacionais. A imprensa do século XX se consolidou nestes moldes. Ao considerarmos o jornalismo como forma social de conhecimento com capacidades de transcender o modelo de sociedade no qual surgiu, o capitalismo (GENRO FILHO, 2012), temos que o jornalista, apesar de dificilmente se enquadrar no tipo de trabalhador que não compreende o todo de sua produção, ainda corre esse risco e consequentemente não atinge todas as potencialidades do jornalismo.

Visto por outra ótica, não meramente pela prescrição prática tradicional de pirâmide invertida, do mais importante para o menos importante, e sim como uma forma de conhecimento que realiza o jornalismo do que há de singular nos fatos para o particular, projetando-o à universalidade, o jornalismo não se limita a esta funcionalidade espontânea (GENRO FILHO, 2012). “Assim, a ‘notícia crítica’, que apanha os fatos numa perspectiva revolucionária, constitui a

singularidade como algo que transborda sua relação meramente funcional com a reprodução da sociedade” (GENRO FLHO, 2012, pag. 198). Portanto, essa é a ambiguidade apresentada por Genro Filho (2012), o jornalismo ao mesmo tempo que é fruto de uma sociedade capitalista e consequentemente caminha nos moldes e nos ideais dessa sociedade, também tem a potencialidade de transcendê-la e isso bastando apenas compreender a sua essência transformadora e produzi-lo visando atender a este propósito de transformação. No primeiro fator, o de ser fruto da sociedade capitalista, também identificamos que as mudanças no modelo de produção prejudicam as potencialidades apresentadas pelo autor.

Dentro do escopo do campo da comunicação social, destacando especificamente o jornalismo, Genro Filho (2012) explica, tomando o cuidado de diferenciar-se das perspectivas tecnicistas, funcionalistas ou mesmo ortodoxas, como que o jornalismo é uma forma social de conhecimento que surge no modelo de sociedade capitalista, mas que transcende esse modelo de sociedade. Essa potencialidade de transcender o modelo de sociedade está justamente no caráter de práxis que o autor reconhece ao analisar o jornalismo.

Segundo o autor, há uma distinção entre sujeito e objeto no jornalismo. Ao destrinchar a discussão sobre objetividade e imparcialidade, Genro Filho explica:

O processo de significação produzido pelo jornalismo situa-se na exata contextura entre duas variáveis: 1) as relações objetivas do evento, o grau de amplitude e radicalidade do acontecimento em relação a uma totalidade social considerada; 2) as relações e significações que são constituídas no ato de sua produção e comunicação (2012, p. 61).

Na primeira variável é evidenciado o aspecto objetivo do jornalismo e a materialidade está presente em todo o processo de significação. A realidade material está posta em suas múltiplas possibilidades e em sua relação com a totalidade histórica. Não basta que aqueles envolvidos no processo produtivo determinem arbitrariamente aquilo que é ou não é matéria-prima do jornalismo, num processo que o autor chamou de subjetivismos. A título de exemplo o que em determinada sociedade, contexto social e período histórico é considerado relevante ao ponto de se tornar notícia, em outros contextos pode não ser. A segunda variável volta aos jornalistas, é através das subjetividades dos envolvidos no processo de produção que há a significação dos fenômenos jornalísticos. Essas variáveis são relacionadas entre si e aí está presente a natureza de práxis no jornalismo.

Através do movimento de significação constante, os jornalistas modificam o jornalismo e têm a capacidade de orientar essas modificações em direções específicas. A tendência atualmente é de que se reproduza o status quo e normalize as contradições sociais da sociedade. Segundo Genro Filho (2012, p. 161), “a singularidade é reificada pela compreensão espontânea do jornalista” e há uma reprodução da ideologia dominante. Entretanto, é no processo de significação que está a capacidade de transcender essas premissas: “O material do qual os fatos são constituídos é objetivo, pois existe independente do sujeito. O conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos” (GENRO FILHO, 2012, p. 195).

Portanto, essa teoria sugere que o jornalismo para se realizar em suas plenas potencialidades está associado ao caráter subjetivo, ao ser que opera e realiza o jornalismo, ao jornalista, ainda que enquanto sujeito individual e coletivo. Voltando às ideias já discutidas de Lukács (2017), a liberdade do ser social está condicionada à compreensão das múltiplas relações causais apresentadas e desvendadas pelo ser social. Este desvendamento só é possível através da práxis. No jornalismo, aplicando tais preceitos, o jornalista tem a capacidade, dentro do processo como um todo, de elevar esta forma de conhecimento a algo além da mera funcionalidade dentro do modelo de sociedade capitalista. É importante ressaltar que o jornalista ainda assim, dentro desse processo atua como mediador. Meditsch (2007), ao analisar o rádio na era da informação, apontou que além da mediação pessoal, por parte das experiências e histórico de vida dos jornalistas, há ao menos mais duas importantes mediações na produção jornalística: a mediação grupo/ profissional, por parte da cultura profissional e códigos deontológicos do jornalismo; e a mediação organizacional por parte dos interesses empresariais. Além das influências de interesses do público, de fontes, contexto social e cultural e de mais fatores envolvidos na produção. A práxis, no jornalismo, é o resultado desse conjunto de forças, onde a subjetividade individual é limitada, ainda que não completamente determinada.

O processo de significação do real leva em conta os índices de probabilidade dos fenômenos, sendo que quanto menor a probabilidade, mais chance de se tornar material jornalístico, ou seja, uma condição quantitativa; e a inserção do fenômeno num contexto social, ou seja, uma condição qualitativa. Segundo Genro Filho (2012, p. 61), “a inserção qualitativa a que estamos nos referindo só é possível porque há uma dimensão subjetiva da práxis, pois não é a sociedade, em si mesma, que

possui uma essência teleológica, mas, precisamente os homens enquanto seres pensantes”, seres sociais.

Apesar disso, não há somente o jornalista envolvido dentro do processo produtivo. Segundo Genro Filho (2012), a liberdade do jornalista encontra obstáculos nas individualidades e interesses que estão acima dele na hierarquia das empresas jornalísticas. Como vimos no primeiro capítulo, essa disputa de interesses dos jornalistas e da lógica empresarial é agravada no contexto de reestruturação do mundo do trabalho dos jornalistas e, no caso dos *freelancers*, a instabilidade de emprego deve ser salientada. Não basta o jornalista compreender todo o complexo de relações causais envolvidos no processo produtivo para ter liberdade de exercício do jornalismo e atingir as potencialidades de transcendência apontadas por Genro Filho (2012). Destacamos neste trabalho apenas a precarização do trabalho como um vetor de cerceamento das liberdades do jornalista. A seguir, pretendemos avaliar como que o tema da liberdade, ou conceitos próximos como independência e autonomia, se associam com as condições de trabalho no jornalismo.

2.2. Jornalismo e autonomia em condições precárias

Como vimos anteriormente, a precarização do trabalho tem impactos na autonomia profissional dos jornalistas e conseqüentemente impacta na autonomia do campo jornalístico. Segundo Traquina (2005), os jornalistas possuem uma autonomia relativa e constituem uma comunidade interpretativa transnacional. “A nossa hipótese é que os jornalistas são uma comunidade ou tribo interpretativa transnacional, e que a cobertura noticiosa em países diferentes revela semelhanças significativas” (TRAQUINA, p. 26, 2005).

A ideia de autonomia relativa surge nos pressupostos de Bourdieu (2005) ao explicar a composição do campo jornalístico. O autor explica que os jornalistas são “parcialmente pré constrangidos”, mas possuem uma “margem de liberdade”. Como vimos, o habitus do jornalista, ao considerarmos aqueles que trabalham no modelo *freelancer*, ou seja, a forma de ser jornalista *freelancer*, tende a ser de um profissional fragmentado que busca soluções para as deficiências em suas condições de trabalho em ações individuais. Isso se dá porque o *freelancer* de hoje em dia é mais uma estratégia de precarização do trabalho associada às tendências da flexibilidade do que um trabalhador de fato autônomo. A

seguir veremos de forma mais detalhada como que o campo jornalístico vem perdendo autonomia através da precarização do trabalho.

Segundo Garcia (2009) a partir da década de 1980 se desenvolve um panorama renovado no quadro dos jornalistas portugueses gerando uma recomposição profissional e social dos jornalistas. Segundo o autor, “a feminização, a o rejuvenescimento, o aumento da formação escolar, o surgimento de novas posições e funções, a estratificação interna e o aumento das disparidades são os principais traços dessa dinâmica”. O autor afirma que essas mudanças estão associadas à forma que o sistema capitalista encontra para superar a crise do modelo fordista. O nível de competitividade dos mercados se torna tamanho que profissionais com alta qualificação se submetem a contratos temporários, individualizados e inseguros. A análise feita com os jornalistas portugueses pode ser pensada também ao olharmos os jornalistas brasileiros, sobretudo aqueles que aqui analisamos. Garcia (2009) prossegue:

Quanto à situação particular em que os jornalistas trabalham, merecem especial menção, sem desconsiderar outros fatores, a formação de um espaço político democrático, o alargamento da escolarização, a explosão da taxa de atividade feminina, a perda de peso do Estado como proprietário, regulador e financiador dos meios de comunicação, e o desenvolvimento de uma empresarialização do jornalismo apostada na informação-mercadoria e na influência social e política (GARCIA, 2009, p. 24).

Essa perspectiva sobre o jornalismo nos permite enxergar como o campo econômico aprofunda sua influência no jornalismo. Antes mesmo deste período, no decorrer do século XX, já era possível ver a aproximação desses campos, ilustrada através da publicidade. Segundo Garcia, “os jornais de informação passam a abranger características simultaneamente de produto cultural e empreendimento comercial e a ser fonte de proveitos econômicos através da publicidade e das vendas” (GARCIA, 2009, p. 25). Desde sua profissionalização, o jornalismo já se constituiu com uma dependência preocupante do campo econômico e as mudanças nas tendências do mundo do trabalho afetaram incisivamente o campo jornalístico. À primeira vista, a crise do modelo fordista de produção afetou o jornalista enquanto classe trabalhadora, afetando as formas de contratação e precarizando mão de obra, entretanto, ao aprofundarmos o olhar, a precarização do trabalho, ao reduzir a autonomia dos profissionais e gerar maior instabilidade de emprego, gera

também uma redução de autonomia do campo jornalístico em si. Segundo Garcia:

Ao longo da atribulada história do século XX, e à medida que os jornais, o rádio e a televisão se tornaram quer entidades primordiais de mediação social, quer meios poderosos de transformação do espaço social em espaços de mercado (através da sua capacidade de induzir o consumo e converter vários fenômenos em espetáculo, objeto de publicidade e marketing), os constrangimentos sobre a independência dos jornalistas, de origem política e econômica, tenderam sempre a acentuar as possibilidades de alienação dos jornalistas relativamente ao controle do seu trabalho no contexto da cadeia produtiva (GARCIA, 2009, pag. 25).

Com as reconfigurações pós década de 1980, a ampliação das possibilidades tecnológicas e os interesses mercadológicos envolvidos no jornalismo o impulsionam para um “espectro de sua transfiguração num mero recanto do consumismo imaterial” (Garcia, 2009). O autor vai além: segundo Garcia (2009), há uma predominância dos interesses empresariais voltados para objetivos de mercado em detrimento do interesse público. Há uma pulverização da produção jornalística em um produto do entretenimento com importância para a lógica capitalista que sobrepõe os interesses do jornalismo em si. Somado a isso, a tendência à globalização e ao monopólio faz com que a competitividade entre as empresas de comunicação aumente e centralize em pequenos grupos ou oligopólios. Segundo Garcia (2009), “Diminui o número de empresas que possuem e controlam parte central de todos os produtos mediáticos. Surgem questões perturbadoras sobre o conceito, a propriedade e o controle de informação, assim como sobre a concentração de poder e o rumo do jornalismo” (pag. 30).

Sendo assim, as transformações no jornalismo têm sido no sentido de ampliar o campo e seus interesses em algo que extrapola os interesses do jornalismo. Ainda que haja experiências com o chamado “jornalismo independente” que demonstram outras formas de produção e outras características e possibilidades trazidas com a inserção das tecnologias no campo jornalístico, ao nos debruçarmos unicamente para o modelo de negócios, vemos uma tendência à valorização cada vez menor dos interesses jornalísticos:

A transformação do tradicional sector da imprensa e dos *media* em centros de produção de conteúdos

e consumíveis mediáticos, que transbordam o campo do jornalismo e são distribuídos através de um mundo crescentemente multiplataforma, traduz-se num distanciamento da actividade jornalística do contexto social e de compromisso entre profissionais com idêntica cultura sobre o valor das notícias, subtraindo no mesmo passo o poder profissional dos jornalistas. Os problemas de identidade agravam-se com o reforço do papel das organizações empresariais dos *media* na própria definição da missão e dos valores dos jornalistas (Garcia, 2009, p. 33).

A tendência, então, é de maiores constrangimentos profissionais e redução de autonomia. “Os ideais de liberdade e democracia quanto ao papel da imprensa estão hoje subordinados a um entendimento em que a liberdade de informação é geralmente considerada pela indústria dos *media* como liberdade comercial de difusão de qualquer tipo de conteúdo e consumíveis mediáticos” (Garcia, 2009, p. 34). Vimos anteriormente que o jornalismo tem a potencialidade de transcender o modelo de sociedade no qual foi gerado e que essa capacidade está diretamente associada ao carácter de práxis e subjetividade envolvidos no jornalismo (Genro Filho, 2012). A partir desta concepção é plenamente plausível a preocupação de Garcia (2009) ao constatar que estas mudanças influem na constituição da identidade do jornalista: “A constituição autêntica da profissão de jornalista exigia a sua plena capacitação para exercer a acção de informar com consciência numa esfera política democrática” (p. 35). Visto dessa forma, é de extrema importância que o jornalismo tenha relativa autonomia para se realizar mais próximo de suas potencialidades.

Portanto, a autonomia do jornalista é minguada através da precarização de suas condições de trabalho. Sobretudo os jornalistas na base da pirâmide hierárquica das condições de trabalho, como os jornalistas *freelancers* resultantes de estratégia de precarização do trabalho. Sua produção, em geral, será voltada para o abastecimento dos interesses mercadológicos e suas características de instabilidade e ausência de perspectiva de carreira o tornam mais vulnerável frente aos interesses das empresas. Como vimos anteriormente, o jornalista *freelancer* do contexto do século XXI está no lado mais frágil da disputa de forças dentro do campo jornalístico. A intensificação de inserção de interesses do campo económico no campo jornalístico, por parte do corpo *freelancer*, tem resistência quase ou totalmente ausente. Garcia (2009) fala de “subtração de independência intelectual”, onde os jornalistas mais

fragilizados e em contexto de flexibilização tendem à docilidade e a falta de dignidade deontológica. Segundo o autor, o modelo empresarial, por irresponsabilidade social, incute nos profissionais a busca pela produção de lucro econômico, vantagens políticas e prestígio manufaturado (GARCIA, 2009, p. 37). Esse movimento é concretizado através da supervalorização da destreza tecnológica: “Contra o trabalho do profissional individual, baseado nos seus contactos e nas suas fontes, ergue-se cada vez mais uma prática alicerçada na destreza tecnológica e na selecção de informações providas da pesquisa em suportes técnicos, da comunicação institucional e das agências de comunicação” (Garcia, 2009, p. 42).

Entretanto, a ideia de que o jornalismo precisa de autonomia para ser exercido em sua plena potencialidade não se encerra por si só. Afinal, será que o jornalismo seria de fato melhor executado se não sofresse as pressões heterônomas do campo econômico e do campo político? Schudson (2005) talvez seja o autor que melhor questionou a necessidade por autonomia por parte do campo jornalístico. O autor aponta que boa parte dos pesquisadores e da academia em geral que se debruça sobre o tema do jornalismo consensua que a imprensa deve ser totalmente autônoma. Entretanto, questiona quão autônomo deve ser o jornalismo?

As principais influências que o campo jornalístico sofre, são de fato do campo econômico, representado por interesses econômicos de obtenção de lucro e inserção na lógica do amplo espectro da lógica empresarial, e do campo político, representado por interesses ideológicos do capital. Se não o forem, ao menos são as influências mais enfrentadas pelos atores do campo jornalístico. Schudson (2005) fala que os jornalistas americanos historicamente lutaram contra a influência desses dois campos com relativo sucesso em pequenas frentes. Mas questiona se, em alguma hipótese, o jornalismo de fato afastasse por completo a influência desses campos, ele ainda assim se tornaria plenamente autônomo. Segundo o autor:

Bourdieu faz um observação perspicaz que é relevante aqui: “A autonomia pode levar a um “Egoísmo” encerrando os interesses específicos das pessoas envolvidas no campo”. Este é argumento que se faz uma e outra vez nos Estados Unidos por críticos conservadores dos meios de comunicação. Eles se opõem especificamente a autonomia jornalística. Eles veem jornalistas como uma elite liberal que impõe seus valores a todos. Jornalistas, eles dizem, são “politicamente

corretos" e são quase uniformemente seculares em um país com a tradição religiosa mais forte de qualquer democracia ocidental. Os jornalistas são feministas e defensores da escolha, enquanto um segmento muito grande e politicamente poderoso da população é profundamente angustiado pelas leis que permitem o aborto (SCHUDSON, 2005, p. 218)¹⁶

Olhando por tal perspectiva, o jornalismo tem em sua constituição, não somente os jornalistas e profissionais envolvidos em sua produção. A decisão sobre aquilo que é ou não é jornalismo perpassa pelos interesses da sociedade. Seria este o caráter de necessidade social do qual Genro Filho (2012) tratava. Desta forma, à sociedade em geral, não cabe apenas a demanda por informação, mas também a demanda por qual informação. A pergunta de Schudson (2005) aponta nesta direção, se mais autonomia para o campo jornalístico não levaria a um campo relativamente endógeno ou mesmo “egoísta” utilizando-se de suas palavras.

Segundo a perspectiva de Schudson (2005), o jornalismo por si só pressupõe a influência externa do campo econômico e do campo político. Algo que o jornalista, em sua luta diária por maior autonomia, busca cortar: “Eles não querem se surpreender com a pressão de funcionários do governo, por um lado, ou de pressões de proprietários de mídia ou anunciantes ou concorrência no mercado por outro” (SCHUDSON, 2005, p. 218)¹⁷. O autor critica o jornalista por se considerar suficiente para determinar o que é o jornalismo:

¹⁶ No original: Bourdieu makes a shrewd observation that is relevant here: “Autonomy can lead to an ‘egoistic’ closing-in on the specific interests of the people engaged in the field” (p. 45). This is the point made over and over again in the United States by conservative critics of the news media. They object specifically to journalistic autonomy. They see journalists as a liberal elite that imposes its values on everybody else. Journalists, they say, are “politically correct” and are almost uniformly secular in a country with the strongest church-going tradition of any Western democracy. Journalists are feminists and pro-choice advocates when a very large and politically powerful segment of the population is deeply distressed by laws permitting abortion.

¹⁷ No original: They do not want to be overwhelmed by pressure from government officials, on the one hand, or from economic pressures from media owners or advertisers or market competition on the other.

Eles querem poder proceder de acordo com suas próprias luzes e em serviço de seu próprio "juízo das notícias". Claro, o "juízo das notícias" não é propriamente individual, mas a sua construção é coletiva no campo jornalístico ou na comunidade jornalística. Não está codificado. Não é totalmente coerente. Em casos difíceis, tem que ser debatido entre repórteres e editores – “Isso é uma história? É uma história da primeira página? A dica ou rumor que apenas chegou a nós vale a pena perseguir?” Nenhuma fórmula abrange todas as instâncias e nenhuma organização de notícias opera exatamente da mesma maneira. Ainda assim, todos os jornalistas respiram o mesmo ar de sua ocupação e desenvolvem hábitos de juízo de grande, às vezes estonteante, uniformidade (SCHUDSON, 2005, p. 218)¹⁸.

Há, no ponto de vista de Schudson (2005), uma perspectiva mais integrada sobre o jornalismo. Entretanto, pela perspectiva de Genro Filho (2012) há a ideia de que o jornalismo está integrado em sua totalidade com o modelo de sociedade no qual está inserido, partindo desta integração as necessidades e potencialidades do jornalismo. Sendo assim, como concebê-lo como mais ou menos autônomo, atribuindo a este conceito uma aura de salvação para o jornalismo? Em primeira instância, não é possível haver uma autonomia plena do jornalismo, e daí a adoção da ideia de autonomia relativa. Entretanto, não é porque há de se reconhecer a impossibilidade da autonomia plena no jornalismo que se deve apontar os benefícios da relação do jornalismo com os campos externos. Pelo menos não é para esta direção que os autores apontam.

¹⁸ No original: They want to be able to proceed according to their own best lights and in the Service of their own best “news judgment.” Of course, “news judgment” is not “their own” individually but their own as the collective construct of the journalistic field or the journalistic community. It is not codified. It is not fully coherent. In tough cases, it has to be debated among reporters and editors - “Is this a story? Is it a front page story? Is the tip or rumor that just carne to us worth pursuing?” No formula covers every instance and no two news organizations operate in precisely the same way. Still, journalists all breathe the same air of their occupation and develop habits of judgment of great, sometimes stultifying, uniformity.

Ao tratar de problemas materiais e diretos do jornalismo que já indicam uma preocupação em relação à maior autonomia do campo em relação a pressões externas, Schudson (2005) prossegue:

O Jornalismo não tem meios sistemáticos para policiar sua própria estreiteza intelectual. Os jornalistas coletivamente fazem muito pouco para desafiar suas próprias premissas organizativas. O que mantém o jornalismo vivo, mudando e crescendo, é a natureza pública do trabalho dos jornalistas, a não autonomia do ambiente de trabalho, o fato de serem diariamente ou semanalmente expostos ao desapontamento e à crítica de suas fontes (no campo político) e seu público (cuja desaprovação pode ser demonstrada economicamente à medida que os leitores cancelam assinaturas ou visualizadores alteram canais). Vulnerabilidade ao público (o mercado) mantém jornalistas ágeis em uma direção, vulnerabilidade a fontes (o governo) noutra. O que pode ser bom para o jornalismo também pode ser desastroso - pendendo em uma direção e propagandeando noutra. Mas, ausentes essas poderosas pressões externas, o jornalismo pode acabar se comunicando apenas por si mesmo e a si mesmo (SCHUDSON, 2005, p. 219)¹⁹.

Vale destacar que a análise de Schudson é feita com base nos jornalistas dos Estados Unidos, onde a profissionalização com nível superior nunca foi admitida e nunca houveram sindicatos de jornalistas

¹⁹ No original: Journalism has no systematic means for policing its own intellectual narrowness. Journalists collectively do very little to challenge their own governing assumptions. What keeps journalism alive, changing, and growing is the public nature of journalists' work, the nonautonomous environment of their work, the fact that they are daily or weekly exposed to the disappointment and criticism of their sources (in the political field) and their public (whose disapproval may be demonstrated economically as readers cancel subscriptions or viewers change channels). Vulnerability to the audience (the market) keeps journalists nimble in one direction, vulnerability to sources (the government) in another. What can be good for journalism can also be disastrous - pandering in the one direction and propagandizing in the other. But absent these powerful outside pressures, journalism can wind up communicating only to itself and for itself.

como ocorreu no Brasil. Parte da resposta a esse questionamento se encontra na sua própria formulação. Teria o jornalismo meios sistemáticos para policiar sua própria estreiteza intelectual? Ora, parte das limitações do jornalismo no sentido de sua autocrítica e autorregulação caminham em conjunto com a ausência de autonomia. Do ponto de vista de Schudson (2005), seria a influência, na forma de policiamento, do campo econômico e do campo político. No contexto brasileiro, a Fenaj aponta que a auto-regulação só seria possível através da criação de um Conselho Profissional, uma de suas pautas históricas²⁰. O aumento da preocupação com a autonomia do campo jornalístico é fruto da intensificação das formas de precarização do trabalho e da consequente fragilização da classe trabalhadora jornalística. Para os jornalistas em condições de precarização do trabalho mais intensas, se organizar coletivamente e influir na identidade coletiva do ser jornalista se torna ainda mais complicado. Na pesquisa sobre o perfil dos jornalistas brasileiros, Mick e Lima (2013) constataram que em 2012, apenas 25,2% dos profissionais eram sindicalizados. As principais razões apresentadas pelos entrevistados – excluindo-se os que responderam “Outras razões”, 17,4% – são a falta de interesse (34,7%), desconhecimento (17%) e a compreensão de que o sindicato não atende as demandas específicas da área de atuação dos entrevistados (13,4%) (MICK e LIMA, 2013).

Para Schudson (2005), o jornalismo precisaria ser descentralizado e variado. Ou seja, os profissionais que ingressam na categoria deveriam provir de diferentes “caminhos de vida”. O campo também deveria ser autocrítico e pluralista. Segundo o autor, “se, em uma palavra, o jornalismo é uma instituição pluralista, então a autonomia jornalística pode ser boa não só para os jornalistas, que de claro, apreciariam a liberdade de escrever o que quisessem, mas bom para uma sociedade democrática” (SCHUDSON, 2005, p. 221). Por fim, segundo o autor, deve-se definir um ponto de dependência entre Estado, mercado e Jornalismo, onde esta relação sintonize o valor da mídia aos valores democráticos. E conclui:

No final, a autonomia jornalística não pode ser um valor para seu próprio bem. O jornalismo pode fazer muitas coisas, mas uma coisa é obrigado a fazer pela sua história, suas tradições, valores mais altos e, às vezes, licença legal, é servir a democracia. Quando a autonomia do jornalismo

²⁰ Disponível em: <http://fenaj.org.br/conselho-federal-dos-jornalistas/> Acesso em 30 de outubro de 2017.

conflita com as melhores práticas do governo democrático, a autonomia jornalística deve ser desafiada (SCHUDSON, 2005, p. 222).²¹

Entretanto, voltemos às ideias de Genro Filho (2012) para pensarmos a autonomia jornalística. Na perspectiva do autor, o jornalismo se insere num contexto histórico social. Desta forma, questão sobre se o jornalismo deve ou não ter maior ou menor autonomia em relação às pressões externas se desloca para uma afirmação que não existe e não pode existir jornalismo sem influência de pressões externas ao campo. Entretanto, o jornalismo por si só tem um potencial de transcender o modelo de sociedade ao qual foi gerado, isto se dá no contexto da práxis. O próprio autor alertou para os perigos de um jornalismo sendo pensado fora de um contexto de sociedade, onde não haja reflexão e se exalte o pragmatismo em detrimento de um jornalismo consciente e voltado para os anseios e demandas sociais.

Segundo Moretzsohn (2002), o lema tradicional da imprensa carrega em si uma contradição que mistifica ao falar de verdade genericamente. Trata-se de uma mistificação necessária para a sedimentação do mito da imparcialidade, pois é esta aura que garante à imprensa sua autoridade. Isso encobre o caráter político e ideológico no jornalismo, substituindo-o pela ideia de “serviço prestado ao leitor”.

Essa noção [de serviço prestado ao leitor], decorrente da velha e criticada ideia de que o público tem o “direito de saber” para poder tomar suas decisões sugere que o público “precisa saber” cada vez mais rápido, porque esse é o ritmo do mundo. Portanto, a qualidade é aí identificada com a rapidez na transmissão de informação. Coerentemente, as próprias condições de trabalho – que como se sabe, são determinantes na produção do discurso – ficam subordinadas a essa “lógica da velocidade”, apresentada como um dado da realidade, como se fosse dotada de uma dinâmica própria, e não como resultado da rotina industrial. (MORETZSOHN, 2002, p.12).

²¹ No Original: In the end, journalistic autonomy cannot be a value for its own sake. Journalism can do many things but one thing it is obliged to do by its history, its traditions, its highest values, and sometimes its legal license, is to serve democracy. When the autonomy of journalism conflicts with the best practices of democratic government, journalistic autonomy has to be challenged.

Um caso ilustrativo da relação entre precarização, autonomia e correlação entre jornalista e empresa é o publicado na Folha de São Paulo no dia 7 de Abril de 2016, “Trecho de entrevista sobre crise da água foi plagiado”²² se referindo à uma notícia publicada no dia 26 de março que copia conteúdo do jornal concorrente: O Estado de São Paulo. Uma crítica realizada por Evandro Assis no site do Observatório de Ética Jornalística (Objethos) elucida bem o caso:

O jornal [...] apresenta-se como parte envolvida indiretamente na confusão. Exceto a menção na coluna Erramos (página A3 de quinta, 7 de Abril), a Folha informa aos leitores que um jornalista errou. O fato do erro estar publicado em uma edição sua passa por mera circunstância. Não há explicação sobre os procedimentos internos para se evitar que falsidades cheguem ao leitor, tampouco pedido de desculpas às partes prejudicadas ou ao público. A instituição jornalística, no texto publicado, aparece como intermediária. Ora, quem assina a Folha assina o jornal, e não o jornalista. Se o profissional cometeu erro indefensável, também é verdade que a má conduta driblou todos os filtros do jornal. (Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2016/04/09/ponto-de-vista-folha-se-esquiva-de-responsabilidade-sobre-entrevista-plagiada-e-deturpada/>)

E prossegue, denunciando a forma como a Folha de São Paulo se isenta do erro culpabilizando o jornalista e ressaltando o fato dele não compor o quadro profissional fixo do veículo:

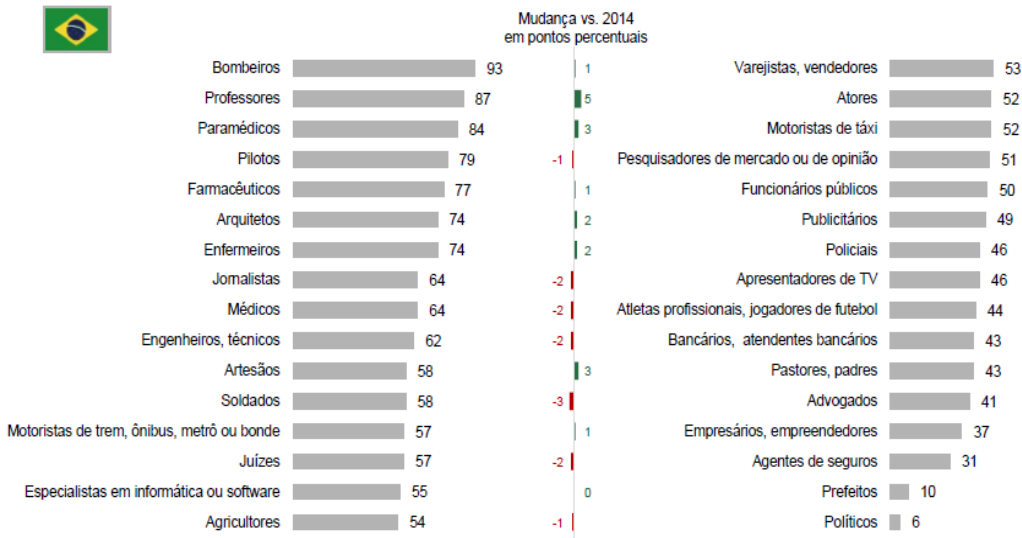
Por fim, a postura da Folha passa da displicência à covardia quando salienta aos leitores que o jornalista envolvido não passa de um “colaborador eventual” do jornal. A última frase do texto, com pitada de cinismo, informa que colaborações de Rodrigues não serão mais aceitas depois do episódio. (Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2016/04/09/ponto-de-vista-folha-se-esquiva-de-responsabilidade-sobre-entrevista-plagiada-e-deturpada/>)

O jornalista colaborador traduz-se jornalista *freelancer*, sem vínculo empregatício ou terceirizado. O autor da reportagem, apontado pelo veículo como “colaborador eventual”, assinou diversos outros

trabalhos no site e na versão impressa do jornal, em mais de uma editoria, em 2015 e nos primeiros meses de 2016, até a data da publicação da reportagem acusada de plágio. Apesar de casos como este, o jornalismo enquanto instituição ainda é altamente demandado pela população. Há um nível de confiança nos jornalistas maior até mesmo que

Brasil /// Confiança nos grupos profissionais

("Confio totalmente/ costume confiar", em %)



Base 2016: 1.000 entrevistados

em juizes, por exemplo, como aponta o relatório do GFK:

A confiança nos jornalistas pode ser explicada pela perspectiva presente em Genro Filho (2012), o autor destaca que o jornalismo enquanto forma social de conhecimento caminha do singular para o universal e que este caráter de singularidade está relacionado aos fatos cotidianos e a imediatividade do real. Esta é a matéria prima do jornalismo e tem o potencial de carregar em si as contradições da sociedade capitalista. Ao pensarmos desta forma, reconhecemos que sim, não há um jornalismo plenamente autônomo, o jornalismo está imbricado com os outros campos, sobretudo o econômico e o político. É na subjetividade do jornalista, como sujeito individual e coletivo, que o jornalismo tem a

potencialidade de transcender o modelo de sociedade capitalista. O caminho para um bom jornalismo precisa ser feito nas duas vias, na luta por maior autonomia do campo jornalístico e no fortalecimento da compreensão do posicionamento do jornalismo dentro de um contexto de luta de classes.

Em contrapartida, no mesmo relatório, ao tratar da confiança nas empresas de jornalismo, os resultados são diferentes. De 2011 para 2015, a confiança dos brasileiros na mídia (TV, rádio e jornais) caiu de 45% para 29%.

Sendo assim, buscaremos no capítulo seguinte, num esforço empírico, investigar como a precarização do trabalho tem impactado os profissionais *freelancers* e como esta precarização tem afetado a autonomia dos profissionais, já que consideramos a ausência de autonomia do profissional como pressuposto para redução de autonomia do campo jornalístico.

3. A percepção dos *freelancers* sobre seu cotidiano

Apresentados alguns conceitos que explicam as transformações no modelo de redação atual e suas consequências no modelo de trabalho *freelancer*, buscamos dar voz ao nosso objeto de estudo de forma a compreender a percepção dos profissionais sobre seu cotidiano de trabalho. Sendo assim, a pesquisa se estruturou em duas etapas, nos capítulos anteriores, realizamos uma revisão bibliográfica apresentando como o *freelancer* do século XXI se tornou estratégia de precarização do trabalho nas grandes redações brasileiras e como a autonomia no jornalismo seria crucial para o pleno exercício desta atividade, mas estaria sendo minada devido à precarização das condições de trabalho. A seguir vamos iniciar a segunda etapa, empírica, na qual analisamos estas questões a partir de entrevistas em profundidade a um grupo de dez jornalistas *freelancers* que trabalham ou trabalharam recentemente para a Folha de São Paulo, Estadão e Grupo Abril.

3.1. Procedimentos metodológicos

As entrevistas foram feitas no período de 16 de Abril a 15 de maio de 2017. Todas foram realizadas à distância, pelo software de ligação online: Skype. Devido à internet móvel, alguns entrevistados nos responderam por computador, outros através de seus celulares. Em um primeiro momento, fizemos um esforço para realizar as entrevistas presencialmente, entretanto, devido ao tempo escasso dos entrevistados, as tentativas de agendamento presencial foram frustradas. Em média as entrevistas tiveram duração de 30 a 40 minutos. Como primeiro critério de seleção dos entrevistados, selecionamos jornalistas que estivessem realizando trabalho para a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo ou o Grupo Abril como *freelancer*. Na pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro, Mick e Lima (2013), constataram que 36,1% dos profissionais brasileiros residem em São Paulo. Esse dado assusta se comparado a outros estados, que chegam no máximo à 13,4 %, no Rio de Janeiro. Partindo disso, buscamos analisar os veículos de maior alcance que ainda trabalham sob a lógica empresarial. Esses três veículos juntos, demitiram 1.022 funcionários entre 2012 e 2015²³.

Como segundo critério, foi exigido que tivesse realizado trabalho para algum desses veículos pelo menos há um ano. Nosso corpus se

²³ Disponível em: <http://passaralhos.voltdata.info/> Acesso em 30 de outubro de 2017.

constituiu, assim, por três jornalistas que produzem ou produziram para o grupo Abril, dois jornalistas que produzem ou produziram para o jornal O Estado de São Paulo, três jornalistas que produzem ou produziram para o jornal Folha de São Paulo, um jornalista que produziu para a Folha de São Paulo e para o grupo Abril; e uma jornalista que produziu para a Folha de São Paulo e para o Estadão.

Constatamos, de início, imensa dificuldade para localizar profissionais *freelancers* devido a ausência de bancos de dados e a reduzida sindicalização deste tipo de profissional. Portanto, seguindo os passos de pesquisas anteriores (GROHMAN, 2013), utilizamos a técnica da bola-de-neve (*snowball*), onde cada entrevistado deve indicar outro possível entrevistado da sua rede de contatos. Assim, enviamos um convite por e-mail para jornalistas do portal Comunique-se e da rede pessoal do pesquisador e dos orientadores da pesquisa.

Em geral, os entrevistados são jovens, alguns ingressantes no mercado, numa faixa média de 25 anos e outros que estão saindo do mercado, mas ainda assim jovens, numa faixa média de 30 anos. A grande maioria reside em São Paulo, cidade sede dos veículos, entretanto três entrevistados da Folha não são residentes em São Paulo, trabalham para a Agência Folha, sendo um do Pará, uma do Rio Grande do Norte e uma do Rio Grande do Sul. Para cumprir os objetivos da pesquisa, não consideramos importante a utilização dos nomes reais dos entrevistados e devido ao pedido de alguns em conceder a entrevista sob anonimato, decidimos por definir os entrevistados com nomes fictícios.

Utilizamos como ferramenta entrevistas em profundidade, um modelo que visa elencar eixos temáticos e permite liberdade para a entrevista se construir no decorrer do diálogo. O objetivo é vencer um grupo de eixos previamente elencados. Nosso modelo se guiou inicialmente por quatro eixos, sendo eles: Questões profissionais e relações de trabalho; Perspectivas de carreira; Relações com o campo; e Autonomia. O primeiro e o segundo eixo nos permitiram discorrer sobre as condições de trabalho e como que se efetiva, se é que se efetiva, a precarização do trabalho no caso deste corpus. O terceiro foi focado em compreender como os jornalistas se enxergam como categoria, com perguntas relacionadas a sindicalização e ao aprendizado cotidiano junto aos colegas de profissão. O quarto e último eixo foi focado na autonomia profissional e a relação com a linha editorial dos veículos que trabalham. Para fins de exposição, a análise foi estruturada nos seguintes eixos: Primeiro Eixo – Perfil e condições de trabalho dos entrevistados; Segundo

Eixo – Relações com o campo; e Terceiro Eixo – Autonomia. Os subtópicos da análise foram elencados dessa forma.

Para ampliar o conhecimento sobre os veículos nos quais estes jornalistas atuam, realizamos uma observação de seus materiais editoriais com vistas a compreender como a missão destes veículos dá pistas de como são encaradas questões como precarização do trabalho e autonomia dos jornalistas.

3.2. As missões editoriais da Folha de São Paulo, Estadão e Abril

Buscando compreender a forma como o próprio veículo determina seus objetivos, encontramos indícios de uma comunhão entre interesses econômicos com os interesses jornalísticos em si. A missão editorial do grupo Folha, por exemplo, já denota o interesse econômico se mesclando com os objetivos de seu jornalismo:

Produzir informação e análise jornalísticas com credibilidade, transparência, qualidade e *agilidade*, baseadas nos princípios editoriais do Grupo Folha (independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo), por meio de um moderno e *rentável conglomerado de empresas de comunicação*, que contribua para o aprimoramento da democracia e para a conscientização da cidadania. (Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml> Acesso em 30 de outubro de 2017, *grifo nosso*).

Quanto ao grupo Abril – que embora não trabalhe apenas com jornalismo, contribui para a constituição do campo – os compromissos editoriais expressos na missão do grupo também refletem, neste caso de forma mais explícita, a influência de valores econômicos:

O objetivo básico da Abril é continuar a desenvolver a maior empresa editorial brasileira, mantendo-a *lucrativa*, inovativa, integrada e diversificada, criando, fabricando e *comercializando* publicações da melhor qualidade editorial e gráfica para o maior número possível de indivíduos e entidades em todo o Brasil e – secundariamente – demais países de língua portuguesa (Disponível em:

<http://www.grupoAbril.com.br/pt/missao-e->

valores/ Acesso em 30 de outubro de 2017, *grifo nosso*).

Por último, de forma mais discreta, o grupo Estadão também reserva na sua missão, inserida dentro do código de ética, um espaço para as preocupações com os interesses econômicos junto a interesses jornalísticos: “Ser um grupo empresarial rentável nos setores de informação e comunicação, nos segmentos de jornalismo, de serviços de informação, divulgação de publicidade, entretenimento e serviços gráficos” (Disponível em: http://www.Estadão.com.br/ext/codigoetica/codigo_de_etica_miolo.pdf Acesso em 30 de outubro de 2017).

O modelo empresarial de jornalismo carrega em si essa contradição, a de ter que servir aos dois interesses em muitos casos antagônicos. Há um fetiche pela velocidade no jornalismo resultante das contradições capitalistas do século XXI e das inovações tecnológicas que não necessariamente caminham com melhor qualidade no jornalismo. As configurações de tempo e espaço sofrem alterações, a partir da década de 1970, que não se limitaram a reconfigurar apenas as relações trabalhistas no jornalismo. Segundo Moretzsohn (2002), há uma fixação pelo que há de “última hora”, últimas notícias, resultante de uma competição entre os jornais, o que afeta o jornalismo enquanto forma de conhecimento. Estes valores sofreram alterações com o tempo na sociedade e estas alterações têm influências na possibilidade de maior autonomia e independência financeira do jornalismo frente aos anunciantes.

3.3. Análise das Entrevistas

3.3.1. Primeiro Eixo: Perfil e condições de trabalho dos entrevistados

No primeiro eixo, as questões que nos interessaram nas histórias dos entrevistados foram relacionadas ao trabalho e de onde vêm estes jornalistas. Quem são os sujeitos que encontramos? A partir de então, questionamos quais os veículos para os quais realizavam trabalhos e como se davam suas rotinas, para, por fim, nos atermos às trajetórias profissionais, tentando entender o que esperam da profissão os jornalistas mais novos no mercado e o que avaliam de suas próprias trajetórias os jornalistas mais experientes.

A maioria dos nossos entrevistados são formados em universidades públicas brasileiras. A Suzana, por exemplo, se formou na Universidade Federal de Minas Gerais. Natural de Belo Horizonte, se mudou para São Paulo em 2010 para fazer o curso de *trainee* Abril e até

2016 teve relações trabalhistas com a empresa. Num primeiro momento trabalhou formalmente – ainda que realizando *freelances* para outras revistas por fora –, mas ainda no começo da carreira se demitiu para fazer uma viagem pelo mundo e a partir daí começou a trabalhar exclusivamente como *freelancer*. Desde que ingressou no mercado de trabalho, Suzana chegou a produzir indiretamente para a Folha de São Paulo e Estadão, de forma bastante tangente, segundo ela: “Talvez tenha feito alguma coisa assim: uma amiga precisava de ajuda pra uma matéria e eu fiz um frila pra ela. Mas nunca estive na folha de pagamento da Folha nem do Estadão, foi mais pra editora Abril e outras revistas” (SUZANA, 2017).

Podemos perceber essa trajetória atravessada por mais de um veículo em outras entrevistas. A Silvia, 30 anos e casada, se formou na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2008, dentre idas e vindas, se fixou em São Paulo em 2014. A jornalista trabalhou “pouquíssimo tempo com carteira assinada” (SILVIA, 2017), por alguns meses para o jornal O Dia e posteriormente alguns contratos temporários para a Folha de São Paulo. Sua trajetória profissional foi mais marcada por *freelances* esporádicos:

Eu fiz o *trainee* do Estadão em 2010 e aí depois que acabou o *trainee* eu fiz alguns *freelas* para eles dentro da redação, eu trabalhei no Ponto Edu e no Mesão, que eles chamavam de área internacional do Mesão, e fiz também um guia de shoppings no Estadão, isso foi em 2011. Para a Folha eu tive vários contratos temporários entre 2013 e 2016, lá não tinha carteira assinada para ninguém no início, recebíamos salário, mas sem direitos, e depois eu voltei e já tinha carteira assinada mesmo que fosse ficar por um mês (SILVIA, 2017).

A entrevistada, hoje, realiza *freelances* para dois projetos dentro da área do jornalismo mas solicitou que não fossem mencionados os nomes. Não realiza mais *freelances* para a Folha e nem para o Estadão desde 2016.

O jornalista Pedro se formou na Universidade Estadual de Ponta Grossa e no momento da entrevista estava com um mestrado em andamento na USP. Além da renda com os *freelances*, ele recebe uma bolsa de estudos pelo mestrado. A trajetória do Pedro não fugiu à regra das diversas relações com veículos diferentes, além da Abril, o jornalista fez trabalhos para a editora Globo, Revista Cultura, algumas editoras

menores, ou “o que aparecesse”, em suas próprias palavras. Dentro da editora Abril, o jornalista passou por diversas revistas como *freelancer*:

Desde 2010 comecei como freela fixo na *Placar*, fui para a *Alfa*, que acabou, e da *Alfa* para a *Playboy*. Foram as três revistas que trabalhei na redação, se não me engano. Como freela fixo, que é uma categoria que já foi extinta. Depois que saí, continuei fazendo trabalho para outras revistas. Continuei fazendo trabalho para a *Playboy*, fiz para a *Mundo Estranho*, para o *Almanaque Abril* e para o *Guia do ENEM* (PEDRO, 2017).

Outra característica presente em muitos relatos são os *trainees*, cursos na área do jornalismo oferecidos pelas empresas com a possibilidade de contratação no fim. Nosso corpus demonstra um pouco o que ocorre com os jovens que participam desses *trainees* e não são absorvidos como mão de obra contratada. É o que ocorreu com a Maria, em início de carreira, mora em São Paulo há quase 1 ano. A jornalista de 27 anos, formada na Universidade Federal de Santa Catarina, fez o curso *trainee* da Abril quando chegou na cidade e logo depois começou a fazer *freelances* esporádicos como no *Guia do Estudante* e na revista *Cláudia*. Maria aponta a procura por trabalho quase que como característica essencial para alguém no início da carreira: “Anotava as ideias e enviava essa pauta para alguns veículos e esperava as respostas. E a verdade é que a maior parte das editorias não respondem se elas não conhecem você, tive pouquíssimas respostas e a maioria foi não, mas algumas acabaram dando certo” (MARIA, 2017).

O Felipe também passou pelo *trainee*. Em 2016 produziu para o jornal *Estado de São Paulo* como jornalista *trainee*, e não chegou a ser contratado pelo jornal. Posteriormente passou em concurso para jornalista da Empresa Brasil de Comunicação, EBC, além do emprego formal, no período da entrevista trabalhava como Pessoa Jurídica e como *freelancer* em dois veículos de jornalismo esportivo, além de já ter produzido material para o veículo independente *Jornalistas Livres*. O Felipe tem 31 anos se formou na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, mora na cidade há 9 anos e está em sua segunda carreira, tendo sido anteriormente professor. No período da entrevista era solteiro, mas estava passando por um processo de mudança no qual a namorada iria morar com ele. Para complementar a renda, o jornalista ainda alugava um quarto de seu apartamento em São Paulo através do aplicativo Air BnB. Neste caso, vemos como que ainda no mercado formal, o profissional continua

a procurar *freelances* por fora e ainda busca fontes de renda até mesmo fora da área do jornalismo:

As minhas condições financeiras dependem do meu trabalho principal. As matérias que faço como *freelancer* é complementar. Se eu perdesse meu emprego hoje estaria em uma situação delicada do ponto de vista financeiro. Eu não conseguiria manter minhas despesas com o que aufero no trabalho como autônomo, embora seja um complemento importante” (FELIPE, 2017).

Como vimos que ocorreu com a Maria e a Silvia, a entrevista com o Felipe é mais uma que revela o que ocorre com jornalistas que ingressam nos *trainees* e que não conseguem ser absorvidos como mão de obra. Muitos profissionais começam a buscar renda como *freelancers*. Nesse caso, o profissional encontra complementação de sua renda em *freelances* fora do veículo em que fez o *trainee*.

O João também fez o *trainee* do Estadão, mas não realiza *freelancers* para esse veículo. Passou 1 ano como contratado celetista do jornal. Segundo o entrevistado, o protocolo era de que os contratados nessa modalidade, em geral eram remanejados para outras vagas ao fim do contrato de 1 ano. Entretanto, neste ano em questão, 2015, alegando dificuldades financeiras, o jornal não o remanejou. A partir de então, buscando por *freelances*, o jornalista acabou chegando na editora A3, onde hoje é contratado como Pessoa Jurídica.

Já o Arthur, que não trabalha mais como jornalista, começou a realizar *freelances* através de uma oportunidade de freela fixo para a Folha de São Paulo. O entrevistado realizou durante quase quatro anos esse *freelance* fixo ao passo que também realizou trabalhos para Abril duas vezes, Brasil de Fato e Rede Brasil Atual. O jornalista de 31 anos esteve durante 10 anos no mercado de trabalho, quase todo esse período com emprego fixo e *freelances* em paralelo. Vale destacar que, do universo dos nossos entrevistados, foi o único que não se graduou em jornalismo: “Quase concluí a faculdade de jornalismo, fiz os quatro anos, mas faltaram duas disciplinas, trabalhei como jornalista mais de 10 anos, comecei a faculdade de Direito mas tive que interromper por conta do trabalho” (ARTHUR, 2017). Ele, junto com Jessica e Fernanda são os únicos que não atuam em São Paulo, sendo o primeiro do Pará, a segunda do Rio Grande do Sul e a terceira do Rio Grande do Norte.

Em Natal, RN, a Jessica começou a realizar *freelances* para a Folha de São Paulo em 2012. A jornalista, 31 anos, casada, se formou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ela trabalha numa redação

local com relação de trabalho formal, entretanto, além de realizar *freelances* para a Folha, realiza para a BBC Brasil, ambos de forma esporádica. Dentre os entrevistados, a Jessica nos pareceu uma das que teve a trajetória com menos trabalho *freelancer* para diversos veículos. A princípio, podemos associar este fato à estabilidade proporcionada pela relação de trabalho formal que possui na redação local.

Situação semelhante ocorre mais de quatro mil quilômetros a sul, no caso da Fernanda, em Porto Alegre, RS. Formada pela PUC do Rio grande do Sul em 2008, a jornalista tem 31 anos e é casada. Sua atuação como *freelancer* consiste em relações com a Folha de São Paulo, além da BBC Brasil e da Revista Piauí. A Fernanda enxerga que o fato de ser casada e ter filho pequeno ajuda a determinar a opção por ser *freelancer*: “Oficialmente sou solteira, mas moro com meu cônjuge há muito tempo. Com certeza isso colabora porque dividimos as contas, talvez se fosse só eu, fosse mais pesado. As vezes sinto como se comprasse meu tempo” (FERNANDA, 2017). A jornalista ainda relata sua opção por um trabalho mais flexível, reconhecendo que poderia receber mais se quisesse trabalhar mais: “seria legal ganhar mais, mas está bom para a rotina de trabalho que tenho. Daria para ganhar mais se eu trabalhasse mais, mas não sei se quero” (FERNANDA, 2017).

O Matheus, de 30 anos, casado e com uma filha de 3 anos foi o que passou por mais experiências no mercado como *freelancer*:

Eu não só fiz frila, como fui frila fixo, que é o monstro do jornalismo. Eu entrei na Abril em 2007 e fiquei lá até 2012, e passei nesse tempo por seis redações. Só que eu entrei lá meio que pela porta dos fundos, porque eu entrei como estagiário. Eu não era formado ainda, então entrei como estagiário frila. Ou seja, eu não tinha a menor relação com a empresa, não tinha nenhum dos direitos que era para ter. Era colocado lá como colaborador (MATHEUS, 2017).

Das seis redações que o Matheus passou, somente em duas ele foi contratado, a *Recreio* e a *Veja São Paulo*. De 2012 a 2014, o jornalista fez *freelances* para a revista *Rolling Stone*, revista da *Cultura*, *Revista da Avianca*, *Trip* e *Gol*. Em 2014 entrou na Vice como Pessoa Jurídica e somente no fim de 2016 foi contratado como CLT pela Record TV, onde é repórter especial.

Sobre a remuneração²⁴, as entrevistas variam bastante, alguns satisfeitos, outros insatisfeitos. Porém observamos que a grande maioria dos entrevistados teve dificuldades em mensurar sua remuneração mensal, alegando que em alguns meses havia muito trabalho, em outros menos, alguns bem remunerados e outros menos. Essa instabilidade foi bastante perceptível e em alguns casos é um dos fatores que leva os entrevistados a buscar outras fontes de renda mais seguras além do jornalismo.

A Maria, por exemplo, destaca que para ficar em São Paulo, sua área de atuação, precisa da ajuda financeira dos pais:

Tiveram trabalhos que ganhei bem, mas como não existe uma constância você acaba não conseguindo se organizar como se ganhasse um valor fixo. Na matéria dos imigrantes, por exemplo eu ganhei R\$ 200,00 (USD 60,97). Se eu não tivesse ajuda do meu pai para pagar o aluguel eu não iria conseguir ficar em São Paulo. (MARIA, 2017).

A mesma dificuldade surgiu na resposta do Arthur, que recebia às vezes muitas pautas e às vezes nenhuma. Sua remuneração variava de R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 500,00 (USD 152,43) por pauta, variando de zero pautas por mês a cerca de quatro. Ou seja, sem um emprego com relação de trabalho formal, o entrevistado corria o risco de ficar sem renda em algum mês. Esse risco se evidencia quando ele ressalta que ficou poucos períodos dependendo unicamente de *freelances*: “Quase todo tempo eu tive emprego fixo e fiz trabalhos *freelances*, durante alguns períodos em que eu fiquei desempregado eu fiquei dependendo apenas dos *freelas* mas foram períodos curtos” (ARTHUR, 2017).

A inconstância nos valores recebidos por mês surgiu também no caso da Silvia, que relatou já ter recebido R\$ 10.000,00 (USD 3.048,69) em um mês quando não tinha apenas *freelances* esporádicos, e recebe cerca de R\$ 7.000,00 (USD 2.134,08) por mês nos dois *freelances* fixos

²⁴ Antes de falarmos sobre a remuneração dos entrevistados, achamos interessante trazer o valor do salário mínimo estabelecido nos anos que os entrevistados realizaram *freelances*. Os jornalistas que trabalham a mais tempo, começaram a realizar *freelances* mais ou menos em 2010 e a presente pesquisa foi realizada no ano de 2017. O salário mínimo variou de R\$ 510,00 até R\$ 937,00 de 2010 a 2017 respectivamente. Em dólares, esse valor seria de USD 298,04 em 2010 a USD 285,66 em 2017. Pela maior estabilidade da moeda norte americana, sempre que falarmos dos valores dos salários a seguir, adicionaremos o valor convertido em dólar do ano de 2017 para a melhor compreensão.

que possui atualmente. Neste caso, apesar da possibilidade de receber mais antes, a jornalista deixa clara sua preferência pela situação atual devido a estabilidade: “Agora eu estou bem satisfeita porque eu consegui uma estabilidade maior, mas eu ainda tenho interesse em uma 'vaga fixa' sim, porque, claro, tem todos os direitos e hoje eu não tenho, carteira assinada, FGTS, nada disso” (SILVIA, 2017). No caso, quando a entrevistada se refere a uma vaga fixa, se trata de um emprego com relação de trabalho formal garantido pela CLT, ponto que discutiremos nas entrevistas novamente adiante. Ainda assim, é perceptível uma pequena variação de satisfação no caso de *freelances* esporádicos e os dois *freelances* fixos que possui atualmente.

Pedro destaca a incompatibilidade de sua remuneração mensal com o volume de trabalho. O jornalista que trabalhou como *freelancer* fixo pra diversas revistas do grupo Abril diz:

Na *Placar* eu recebia cerca de 1.500 R\$ (USD 457,30) e era redator, fui para *Playboy* esse valor subiu para 2.500 R\$ (USD 762,17) isso em 2010/2011 e era um salário muito abaixo do piso de jornalista. Era muito ruim porque eu precisava ficar as oito horas e por vezes muito mais que isso. Na época, fui contratado com outros quatro colegas para fazer uma remodelação dos sites deles, então acabávamos trabalhando dez, doze horas por dia para dar conta. Trabalhávamos muito e recebíamos pouco (PEDRO, 2017).

No caso da Suzana, que não trabalha mais com jornalismo, a forma como a remuneração variava era uma das questões que a levava a estar sempre aceitando todo trabalho e consequentemente se sobrecarregando. Os trabalhos que a jornalista fazia nas revistas do grupo Abril variavam de R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 600,00 (USD 182,92):

No começo você fala 'ah dá pra fazer seis ou sete freelas desses, dá pra viver', mas é muito raro você aprovar seis ou sete pautas todo mês. Ou você está trabalhando demais ou chega o mês que você tá trabalhando menos, fica numa situação que você não tem uma posição de recusar os freelas porque você não sabe se no mês que vem vai ter muito ou pouco. Eu acho que isso é uma das grandes dificuldades de viver como freela de jornalismo, é você saber quando recusar o trabalho porque você não tem tempo ou quando o trabalho é cilada (SUZANA, 2017).

A Jessica recebeu R\$ 150,00 (USD 45,73) pela sua primeira reportagem publicada na Folha de São Paulo. Segundo a entrevistada, esse valor aumentou para cerca de R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 400,00 (USD 121,95) nos meses seguintes, com cadernos especiais ou reportagens de destaque atingindo o valor até de R\$ 600,00 (USD 182,92). Além dos freelas que realiza para a Folha de São Paulo, ela tem um emprego de carteira assinada em uma redação do Rio Grande do Norte onde recebe R\$ 4.600,00 (USD 1.402,40) por mês. A remuneração dos trabalhos para a Folha nem se comparam com o emprego fixo da jornalista. Obviamente, ela não trabalha por questões financeiras, segundo a jornalista “é mais ter o meu nome publicado no maior jornal do Brasil, e sei lá, de repente um dia se eu for sair do Estado, ter o caminho melhor pavimentado, de repente para encontrar uma vaga permanente, né, na redação” (JESSICA, 2017).

O Felipe também tem dificuldades em se enxergar vivendo apenas de *freelance* desde que conseguiu um emprego com carteira assinada: “Minhas condições financeiras melhoraram muito a partir do momento em que fui aprovado em concurso. Minha renda principal deriva do trabalho que desempenho na EBC. Eu não saberia quantificar como estariam minhas condições financeiras se dependesse apenas de *freelancer*” (FELIPE, 2017).

Por outro lado, o João se demonstra satisfeito com sua remuneração como *freelancer*. Na editora A3, seu salário é de R\$ 4.300,00 (USD 1.310,94), o que segundo ele está acima dos valores de mercado.

Acho que é uma política antiga de querer trazer profissionais para a editora A3 porque a editora Abril é muito maior que eles e também pela questão das relações trabalhistas não serem regulares, elas não estão completamente de acordo com a lei, então eles tentam compensar isso com uma remuneração acima do piso (JOÃO, 2017).

Apesar da satisfação com a remuneração, o jornalista diz que ainda está à procura de um emprego formal em que possa continuar sendo repórter.

Outra entrevistada também se demonstrou satisfeita com a sua remuneração. Considerando os *freelances* para a Folha de São Paulo, para a BBC Brasil e para a revista Piauí, Fernanda recebe cerca de R\$ 3.000,00 (USD 914,61) por mês, uma renda que considera interessante para viver em Porto Alegre com cônjuge e filho. Vale lembrar que a jornalista destaca que o cônjuge ajuda nas despesas, aliviando o custo de vida.

O Matheus nos pareceu o mais insatisfeito com a remuneração. Começou a trabalhar como *freelancer* fixo nas revistas do grupo Abril recebendo cerca de R\$ 900,00 (USD 274,38) a R\$ 1.000,00 (USD 304,87) em 2007, antes mesmo de se formar como jornalista. Em 2012, quando se formou, passou a receber o piso salarial como repórter. O jornalista ressalta que nunca recebeu menos do que R\$ 3.000,00 (USD 914,61) como *freelancer* desde 2012, entretanto, os atrasos eram “desesperadores”: “Às vezes tinha R\$ 2.000,00 (USD 609,74) ou R\$ 3.000,00 (USD 914,61) pra receber e simplesmente a editora decidia que iria atrasar o seu pagamento naquela semana” (MATHEUS, 2017).

Perguntamos sobre ferramentas de trabalho, locomoção e a própria qualificação pessoal. Em geral, todos esses investimentos foram por conta dos entrevistados. A Sílvia, por exemplo, é categórica: “É tudo meu” (2017). Entretanto, sobre a locomoção, a jornalista indica que depende muito da negociação que foi feita com o veículo para o qual se presta trabalho, alguns pagam passagem para pautas muito distantes, outros não.

Apesar de trabalharem com as próprias ferramentas, os entrevistados reconhecem que seu equipamento está sendo utilizado em serviço e que deveria ter amparo das empresas para as quais realizam trabalho, caso fossem danificados, como explica Pedro (2017): “Nunca tive problemas com equipamento danificado, mas caso acontecesse eu entraria em contato com eles para tentar ressarcimento”.

Quanto a qualificação profissional, é um tema interessante de ser observado. Ao passo que boa parte dos entrevistados relatam que o investimento e a busca por mais qualificação profissional foi por conta própria, tivemos a oportunidade de ver o caso do Felipe, que trabalhou como *freelancer* para o Estadão e agora é concursado num emprego formal na EBC. Vejamos como ele falou de sua qualificação profissional:

A EBC tem um programa de qualificação para os profissionais para curso de mestrado, pós-graduação que eu pretendo fazer. Ainda não fiz nenhum desses cursos direcionados ao jornalismo, já fiz cursos pela EBC de ética e gestão da comunicação, que são cursos livres proporcionados pela EBC em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, mas não são cursos diretamente ligados à área de atuação do Jornalismo, são mais cursos de enriquecimento profissional (FELIPE, 2017).

Outro caso interessante, sobre o tema das ferramentas de trabalho e qualificação profissional foi da Maria. A entrevistada relatou a solução

encontrada pela empresa contratante quando seu computador foi roubado: “Eles me arrumaram um computador ruim e o telefone eu usava o telefone de outras pessoas. (...) Se for colocar no papel é muito dinheiro que você gasta para trabalhar” (MARIA, 2017). A jornalista ainda prosseguiu relatando suas experiências sobre esse tema, quando, numa pauta que fez para a Vice, chamou uma fotógrafa para que a acompanhasse. A Maria teve que fazer o pagamento da fotógrafa tirando de sua parte do pagamento: “Combinei de fazer com uma fotógrafa, ela foi, fez as fotos e na hora do pagamento se fingiram de mortos, não responderam. Aí combinei com a fotógrafa de pagar com parte da parcela do meu pagamento” (MARIA, 2017).

A Jessica, que faz *freelances* para a Folha de São Paulo por cerca de R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 500,00 (USD 152,43) por pauta, também falou sobre a estrutura fornecida pela empresa:

Tudo meu, tudo meu. Assim, só em uma ocasião que houve um suporte maior deles no sentido de bancar hospedagem, de alugar um carro com motorista, que foi, eu acho, em 2014, eu não tenho certeza, 2013, 2014, eu fiz um caderno. Sou eu. Tem que pegar táxi, eu pego. Eu gasto telefone, eu pago. Se for de carro é minha gasolina, sabe, é tudo... é o meu celular que eu uso para fazer foto, para fazer vídeo, para gravar, o meu gravador, é tudo meu, meu computador. Enfim, não existe essa estrutura para o colaborador (JESSICA, 2017).

Os demais entrevistados seguiram o padrão de arcar com as próprias ferramentas de trabalho e qualificação profissional. Em alguns casos, foi ressaltado a preferência por investir nas próprias ferramentas como um instrumento de trabalho pessoal: “são equipamentos que adquiri não só para trabalhar como já era do meu interesse em ter” (FELIPE, 2017).

Por fim, nesse primeiro momento das entrevistas, buscamos verificar quais são as perspectivas de carreira dos profissionais *freelancers* e uma das constatações que nos surgiu foi a pouca idade dos entrevistados. O entrevistado mais velho, Pedro, tem 32 anos; o Felipe, a Jessica, a Fernanda e o Arthur têm 31 anos; a Suzana, o Matheus e a Silvia têm 30 anos; sendo os mais novos, a Maria com 27 e o João com 26 anos. Portanto, nos propomos a entender quais são os planos destes jovens profissionais e o que tem acontecido com aqueles da faixa etária acima dos 30 anos. Estão sendo contratados em empregos formais? Estão se estabelecendo no mercado como *freelancers*? Estão progredindo de

alguma forma na carreira? O que esperam os mais novos e o que conquistaram os mais velhos?

Matheus, vê uma diferença no seu modo de olhar as relações de trabalho *freelancer* através de sua carreira. No princípio, ele não se questionava tanto, pelo contrário, considerava ser *freelancer* como uma etapa necessária no mercado de trabalho jornalístico: “Quando eu estava como estagiário frila, ou quando eu era frila na Abril, eu tinha uma gana de ascender profissionalmente, de tentar crescer dentro da empresa e ser contratado. Eu via muito como se eu precisasse fazer merecer ser contratado” (MATHEUS, 2017). O entrevistado diz que nesse momento, ele não enxergava seu modo de trabalho *freelancer* como uma “exploração”.

Com o tempo, Matheus conseguiu um contrato como Pessoa Jurídica, o que lhe garantiu certa estabilidade, mas ainda assim, o entrevistado aponta que não possuía muita perspectiva de evolução na carreira, agravando a situação com a chegada de sua filha que hoje tem três anos de idade: “O salário não ia aumentar, eu tinha uma chance muito mínima de ser contratado. Eu não tinha para onde avançar e evoluir” (MATHEUS, 2017). Agora com emprego formal por CLT, o jornalista diz que se sente mais “seguro” e ainda diz que se sente mal pelo tempo que passou como *freelancer*, pois não acha que deveria ter trabalhado tanto tempo dessa forma para conseguir o emprego que possui agora.

Apesar de não ter sido no veículo que fez *freelancer*, Matheus foi um dos entrevistados que conseguiu emprego CLT dentro da área do jornalismo. O mesmo não ocorreu com Arthur. Segundo o jornalista, que atua em Belém, PA, era comum os jornalistas daquela região terem mais de um emprego ou trabalharem com *freelancers* por fora dos empregos formais, devido aos baixos salários pagos na região, portanto, foi assim que começou a realizar trabalhos *freelancers*. Além da questão financeira, Arthur também aponta o prestígio de escrever para a Folha de São Paulo, como sendo o “maior jornal do país”, o que poderia lhe proporcionar algumas vantagens no mercado ou abrir possibilidades na carreira. Entretanto, não foi isso que ocorreu, o jornalista mudou de carreira devido à crise no jornalismo e à escassez do mercado:

Acho que isso foi sentido por todos, pelo menos pelos vários colegas com quem eu conversei ainda hoje dizem que o nosso mercado aqui passou por uma quebra muito significativa por conta da crise econômica. Muita gente perdeu o emprego e ao mesmo tempo muita gente disputava o que aparecia. Isso levou a uma escassez de trabalho

mesmo. Por isso optei por seguir uma outra carreira, tentar fazer alguma outra coisa, por conta da questão financeira mesmo (ARTHUR, 2017).

Ao analisar sua carreira no jornalismo, o Arthur fala que nunca se sentiu satisfeito em termos de remuneração. Segundo o entrevistado, suas finanças sempre estiveram aquém do desejado, ganhando o suficiente para sobreviver, mas nunca tendo a possibilidade de progresso. Isso o jornalista aponta incluindo seu emprego fixo numa redação local. Hoje, ao se deparar com sua saída do mercado de trabalho do jornalismo, Arthur sente falta de não ter conseguido patrimônio: “eu sempre ganhei só o bastante pra sobreviver mesmo tendo trabalho fixo, eu não adquiri nenhum patrimônio, não tenho nenhum imóvel em meu nome” (ARTHUR, 2017).

A Suzana, que trabalhou no jornalismo de 2010 a 2016, quando perguntada sobre suas fontes de subsistência já indicou a impossibilidade de continuar a trabalhar como *freelancer* na área do jornalismo:

Hoje em dia eu não trabalho mais com jornalismo, ano passado eu estava trabalhando como *freelancer* e estava bem complexo continuar, pois os preços dos trabalhos são os mesmos ou estão mais baratos do que eram quando comecei a freelar e tudo está mais caro, então está meio impossível continuar trabalhando como *freelancer* e agora eu estou trabalhando numa revista de publicidade, comecei ano passado (SUZANA, 2017).

A entrevistada também não parece muito otimista com o futuro da carreira. Perguntada se tinha interesse em voltar a trabalhar com jornalismo, disse: “Olha a carreira de jornalista para mim ela não existe mais” (SUZANA, 2017). Uma percepção de Suzana é de que no mercado não há muitos jornalistas com mais de 40 anos porque as condições de trabalho são ruins e os profissionais passam a ser muito custosos para as empresas. Segundo Suzana, não há interesse no trabalho de qualidade e sim pelos trabalhadores mais baratos.

O Felipe começou a trabalhar como *freelancer* buscando experiência profissional. “ Quando estamos no início da faculdade topamos muita coisa por experiência, para publicar algum material. Nessa fase temos que deixar um pouco do interesse material de lado por essa questão” (FELIPE, 2017). Entretanto, o jornalista diz que começou a fazer *freelancers* também para complementar a renda. O jornalista passou no concurso para trabalhar na EBC e destaca que sua principal fonte de renda é a advinda de seu cargo na EBC. O jornalista não consegue se

imaginar sem esse emprego, seus *freelances* são apenas complementação de renda e seus planos nesse ramo são totalmente voltados para realização pessoal: “Desejo continuar realizando esses trabalhos e no futuro tenho planos de abrir meu blog e produzir um conteúdo que seja do meu interesse com ideias próprias” (FELIPE, 2017).

A inserção no mercado *freelancer* também surgiu como a possibilidade de adquirir experiência profissional às custas de boas condições de trabalho no caso da Maria (2017):

Como fiz o curso Abril e não consegui uma vaga efetiva na Abril, achei que uma maneira de entrar seria com os dois pés nas porta. “Eles não querem me contratar, vou chegar com os dois pés na porta”. Os *freelas* foram uma opção de entrar no mercado, fazer meu nome e conhecer as pessoas que estão dentro das editorias.

Talvez por ser nova no mercado de trabalho, Maria tenha dificuldades em falar sobre seus planos de carreira ou sua trajetória, entretanto, já deixa claro de antemão algumas ideias, como a de que quer trabalhar em revista e de que não deseja trabalhar como *freelancer* para sempre. A jornalista trabalha atualmente como CLT numa agência de publicidade e diz que sua remuneração é razoável e parecida com o que recebia exclusivamente como *freelancer*, entretanto com o diferencial da certeza de receber todos os meses e o conjunto de benefícios como vale alimentação, plano de saúde e vale transporte.

O outro entrevistado abaixo dos 30 anos, João, também se diz insatisfeito com a condição do emprego atual. Segundo ele, só trabalha dessa forma por falta de opção, seu desejo atualmente é conseguir um emprego em que possa trabalhar fazendo reportagens e regularizado pela CLT. Apesar do emprego como Pessoa Jurídica na editora A3, João se queixa de não fazer reportagem na rua e ficar com funções que não considera muito jornalísticas, na redação, como atualizar homepages e editar vídeos.

A Fernanda trabalhou para o grupo RBS desde a graduação e ainda passou um período tentando trabalhar como autônoma, fundando a própria empresa de jornalismo junto com o marido. Isso durou de 2009 a 2013, mas ambos perceberam que seria melhor fechar antes que as dívidas chegassem. Somente em 2014, a jornalista entrou em contato com a Folha de São Paulo através de um *trainee*, entretanto sem interesse de residir em São Paulo. Foi assim que entrou no mercado *freelancer*. Ainda assim, a proposta que lhe foi oferecida para trabalhar em São Paulo já não era CLT: “fui chamada em São Paulo, na agência para fazer o que chamam

de freela fixo onde eles assinam a carteira e tudo direitinho, mas não podia ficar e foi aí que me dei conta de que podia ser *freelancer*” (FERNANDA, 2017).

Observando sua trajetória financeira, Fernanda explica sua satisfação em trabalhar como *freelancer*. Segundo ela, sua remuneração como *freelancer* supera o que recebia como CLT em tempos passados e supera também o período que trabalhou com o marido na empresa própria. A jornalista explica que naquele momento eles se pagavam menos do que os demais funcionários e trabalhavam mais para tentar fechar as contas:

Acho que ganho melhor agora, o que é muito triste de pensar porque quando eu estava na faculdade era contratada, mas ganhava muito menos, trabalhava muito mais e pior. Quando trabalhei por conta própria o meu salário e o do meu marido eram os piores para ter como pagar todo mundo certo e trabalhávamos muito, na proporção seria mais baixo ainda. Agora ganho um pouco melhor que antes e tenho mais qualidade de vida (FERNANDA, 2017).

A outra entrevistada que não reside em São Paulo, Jessica, do Rio Grande do Norte, diz que começou a fazer *freelances* para a Folha de São Paulo devido ao prestígio de produzir para o “maior jornal do país”. Como vimos, a sua remuneração no veículo local é sua principal fonte de renda e agora a jornalista está voltando para a universidade para estudar Economia. Devido à essas atividades, a jornalista não trabalha tanto como *freelancer* como gostaria, chegando ao ponto de recusar diversos trabalhos e diminuir bastante a frequência. Ao observar sua trajetória como jornalista, ela diz que hoje está num patamar superior ao que entrou na carreira, tendo progredido bastante. Vale destacar novamente, que a principal fonte de renda é de um emprego formal CLT e seus trabalhos como *freelancer* são mais por prestígio. O caso de Jéssica, assim como o do Felipe são bem evidentes ao demonstrar o comparativo, com os demais entrevistados que vivem exclusivamente como *freelancer* ou com fontes de renda fora do mercado jornalístico.

Essa diferença fica mais evidente quando vemos a entrevista com Pedro, o jornalista mais velho e um dos com mais tempo de carreira no grupo de entrevistados. Em primeiro lugar, Pedro não se tornou *freelancer* porque quis, no caso dele, a escolha foi imposta pelo mercado. O jornalista já trabalhou formalmente para agências de publicidade, mas o jornalismo sempre esteve presente através dos *freelances*, “trabalhei com publicidade um período e ao mesmo tempo fazendo freelas para

jornalismo e larguei porque a publicidade não é o que gosto de fazer de fato” (PEDRO, 2017).

Apesar de ter muita experiência como *freelancer*, Pedro diz que sempre esteve e continua em busca de emprego com CLT principalmente devido à segurança. No momento da entrevista estava aguardando o resultado de uma seleção para trabalhar com produção cultural pelo SESC. Apaixonado pelo jornalismo, o Pedro não só produz como é um grande consumidor de grandes reportagens. Entretanto, o entrevistado reconhece a dificuldade em trabalhar na área. Perguntado sobre seus planos, Pedro (2017) responde: “no momento meus planos são esperar essa chamada do Sesc e sendo chamado, vou parar de trabalhar com jornalismo”. A vantagem que o faz cogitar sair da área é a segurança profissional que o jornalismo nunca lhe proporcionou. Ainda sobre a trajetória financeira, Pedro aponta que nunca progrediu, nunca teve estabilidade e sempre oscilou entre meses bons e meses ruins, geralmente condensados no início do ano.

Silvia também entrou no mercado *freelancer* por falta de vagas como jornalista CLT. Sua situação atual, apesar de ainda ser *freelance*, lhe garante bastante satisfação devido aos bons salários que recebe dos dois *freelances* fixos. A jornalista critica as empresas tradicionais que trabalham com *freelances* fixos ao comparar sua trajetória à de colegas que fizeram *trainee* do Estadão e permaneceram por lá esperando progredir na carreira ou serem remanejados, sem sucesso:

Eu vi muito isso acontecer com pessoas que fizeram *trainee* no Estadão, enfim colegas, que as vezes aceitaram uma vaga e ficaram anos nessa vaga esperando ser realocado dentro da empresa, isso não aconteceu e a pessoa ficou ali três anos investindo em um trabalho que ela não gostava, que não a fazia crescer, que não aprendia muito (SILVIA, 2017).

3.3.2. Análise do Primeiro Eixo: Perfil e condições de trabalho dos entrevistados

Ao que parece, os níveis de precarização relacionados a baixos salários encontrados no universo de nossos entrevistados estão associados aos veículos escolhidos como corpus, Folha de São Paulo, Estadão e grupo Abril. Visto que, no caso da jornalista Silvia e do jornalista João,

há uma satisfação com os salários, ainda que trabalhem com vínculos precários: os *freelances* fixos da Silvia e a condição de Pessoa Jurídica do João. A seguir, faremos uma breve análise das impressões que tivemos deste primeiro eixo retornando a alguns tópicos de nosso referencial teórico.

Voltemos às definições de precarização do trabalho apresentadas por Antunes (2015) e por Mick (2013). Segundo os autores, os níveis de precarização de forma geral estão relacionados a intensos processos de terceirização, trabalho informal, exigência de contratos em modelo de pessoa jurídica por imposição do capital e trabalho involuntário. O que se manifestaria no jornalismo com jornada excessiva, multifuncionalidade, aumento de produtividade, diversificação das formas de exploração do trabalho, baixa remuneração e eliminação de benefícios não salariais. No que foi apresentado das entrevistas até agora, ficou claro que os jornalistas em condições de trabalho *freelancers* se enquadram nas características da precarização do trabalho. A própria relação de trabalho *freelancer* pode ser comparada ao que Antunes (2015) chamou de trabalho informal. Nossas entrevistas também demonstraram uma aproximação entre os *freelancers* e as formas de trabalho como pessoa jurídica, nos nossos casos, sempre por imposição do capital. Isso pode ser explicado por ser ambas formas de contratação que estão sendo utilizadas pelas redações analisadas como uma estratégia de precarização do trabalho proporcionada pelas características de flexibilidade.

Portanto, vamos a algumas percepções que pudemos verificar neste primeiro momento das entrevistas e que dialogam com a nossa hipótese. Em primeiro lugar, a grande maioria dos entrevistados se formou nos últimos 10 anos em universidades brasileiras. Há, atualmente uma expansão do ensino superior que age como uma faca de dois gumes na profissão do jornalista. À medida que profissionaliza o jornalismo por toda a extensão do território brasileiro, dando oportunidades para as diversas regiões de terem profissionais qualificados e diplomados, também produz um exercido de mão de obra de proporções enormes e permite às empresas contratarem numa lógica de precarização.

Cabe destacar os *trainees* promovidos pelas empresas. A grande maioria dos nossos entrevistados, apesar de terem concluído cursos de graduação na área, precisaram passar por mais um semestre de formação nos *trainees* do Estadão, Folha de São Paulo e Abril. *Trainees*, esses, que consistiram em produção jornalística não remunerada e, no caso de nossos entrevistados, *trainees* que não resultaram em contratação. Aqueles que

permaneceram nos veículos, permaneceram com vínculo precário, seja ele *freelancer*, seja ele como pessoa jurídica.

Nas entrevistas, também pudemos presenciar como a lógica do mercado de trabalho não está necessariamente correlacionada com qualidade de formação no caso do jornalista Arthur. Ele, que é o único dos entrevistados não formado, não precisou terminar os estudos, pelo contrário, não conseguiu terminar a graduação em Comunicação Social ou Jornalismo nem mesmo mais tarde em Direito devido à excessiva demanda de trabalho.

Como vimos no primeiro capítulo, Deuze e Witschge (2015) falam da proeminência do jornalismo *freelancer*, do empreendedorismo independente e da precarização do trabalho principalmente entre os jovens e recém-chegados no campo. Isso fica evidente na seguinte preocupação demonstrada por Matheus (2017):

Acho importante nós explicarmos especialmente para os jornalistas mais novos que não é legal trabalhar de graça, não é legal trabalhar por menos que você mereça. Quando fiz dois anos freelando de casa, a única coisa que eu tinha para oferecer era o meu texto e quando você vende isso barato, ou quando você faz de graça, está impedindo alguém de ganhar respeitadamente por isso. (MATHEUS, 2017)

Ao analisarmos as perspectivas de carreira, vemos também o quanto o fator juventude pesa nas carreiras dos jornalistas. Matheus foi um dos que passou boa parte de sua vida de *freelancer* tentando produzir mais com a expectativa de um dia ter alguma progressão, dando o relato de que ao seu ver, a inserção no mercado de trabalho era, em parte, assim. Esse tipo de expectativa é presente também na entrevista com Maria que fala da importância procurar cada vez mais trabalho como uma característica indispensável para aqueles que querem entrar no mercado, ou como ela mesmo diz, “entrar com os dois pés na porta”. É como ocorreu com a jornalista Suzana, que trabalhou de 2010 a 2016 e largou a carreira de jornalista argumentando que os pagamentos para seu trabalho são os mesmo de quando começou, é como se todo esse período tivesse lhe servido apenas para agregar experiência de vida e profissional, mas sem a devida valorização pelo mercado de trabalho. Ou como ocorreu com Arthur, que trabalhou por dez anos como contratado CLT em diversos veículos no estado do Pará e como *freelancer* para a Folha de São Paulo, sempre sob a lógica da precarização e no momento da entrevista estava se retirando do mercado de trabalho jornalístico com a

sensação de que não acumulou bens, não levou nada material de seu tempo como jornalista.

A constatação de Deuze e Witschge (2015) também se confirma ao percebermos nos entrevistados a expectativa de que um dia haverá uma vaga de trabalho regularizada pela CLT. O *freelancer*, nos casos analisados, aceita trabalhar sob esta condição reconhecendo-a como não ideal, entretanto à espera de que a regularização vá aparecer como fruto de seus esforços, quando na verdade, as entrevistas sugerem que a condição de *freelancer* não se apresenta como etapa e sim como regra para obtenção de mão de obra pelas empresas analisadas. Os jovens e recém-chegados, quando passam tempo demais nas empresas, desistem e buscam empregos em outros locais, como concursos públicos, empresas de publicidade ou mesmo outras carreiras e outras faculdades, sendo assim substituídos por novos jovens e recém-chegados tão ávidos e sedentos por oportunidades quanto os anteriores. Segundo Roxo e Grohmann (2015), termos como flexibilização, inovação, criatividade, capacidade de formação permanente e empreendedorismo, compõem a nova gramática do cotidiano dos jornalistas. Como vimos nas entrevistas, estes termos sobrepõem o cotidiano do *freelancer*.

No primeiro eixo, também constatamos que diversos jornalistas tiveram suas trajetórias profissionais com participação em vários veículos como *freelancers*. Aqueles que fugiram à regra, foram os que tiveram alguma segurança proporcionada por algum fator externo, como o exemplo da jornalista Jessica que possui um emprego formal numa redação do Rio Grande do Norte como editora de Economia. Esta característica ilustra a instabilidade do mercado de trabalho para um *freelancer*. A remuneração é inconstante, nenhum dos entrevistados conseguiu mensurar o valor que recebe mensalmente com os *freelances*, sendo esse, talvez o principal fator de precarização constatado nas entrevistas. Também é interessante destacar o caso do jornalista Arthur com a precarização do trabalho. No relato do jornalista, seja falando de sua trajetória, seja falando de seus colegas de trabalho, é possível perceber que as condições de trabalho mesmo no mercado de trabalho formal, no estado do Pará, são árduas.

Alguns dos entrevistados demonstraram satisfação com seus trabalhos como *freelancers*, com destaque para o João e para a Fernanda. João se declara satisfeito, sobretudo pela remuneração elevada comparada ao mercado em geral, mas reconhece a ausência de direitos. Vale destacar que há uma mínima segurança em seu cargo na editora A3 por trabalhar como Pessoa Jurídica. No caso da Fernanda, sua satisfação é com a

flexibilidade proporcionada pela relação *freelancer*. A jornalista prefere trabalhar à distância, em Porto Alegre para a Folha de São Paulo, devido a família e ao ritmo de trabalho menos acelerado que pode ter desta forma.

Entretanto, no primeiro capítulo, tratamos de como Harvey (2014) fala do arranjo de emprego flexível. Segundo o autor, este tipo de relação não cria uma insatisfação por si só e pode gerar uma percepção de que é mutuamente benéfica. Entretanto, os efeitos a longo prazo são nefastos devido à ausência de direitos, à instabilidade e níveis salariais se vistos de forma mais ampla na classe trabalhadora como um todo.

Harvey (2014) também fala da tendência nos novos mercados de trabalho de um trabalho central cada vez mais qualificado e reduzido e um trabalho periférico sendo feito pela maioria da classe trabalhadora em condições precárias. O caso do jornalista Felipe demonstra como seu emprego como concursado na EBC lhe proporciona todo um programa de qualificação contínua enquanto que os demais jornalistas tiveram que se qualificar e aprender a utilizar as suas ferramentas de trabalho por conta própria. O mesmo se dá na lógica da progressão de carreira, ao observar a entrevista com a jornalista Fernanda, seu emprego formal como editora de Economia na redação que trabalha no Rio Grande do norte lhe proporcionou uma progressão na carreira da qual ela se sente satisfeita, entretanto, ao observar os seus salários nos *freelances* que produz para a Folha de São Paulo, ficam na faixa de R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 600,00 (USD 182,92), um valor que se manteve constante para todos os jornalistas que relataram produzir para este veículo independente do tempo que trabalham. É interessante observar como opera a lógica da precarização do trabalho nesses casos. Os jornalistas Fernanda, Jessica e Arthur relataram que produzem para a Folha de São Paulo pelo prestígio de ter seus nomes públicos no “maior jornal do país”, mas os três possuem outras fontes de renda que lhe garantem subsistência – no caso da Jessica, há a divisão das contas com o cônjuge –. Portanto, o que vemos é uma redução estrutural de custos por parte da Folha de São Paulo com correspondentes de fora de São Paulo, todos como *freelancers*, apesar do veículo nomeá-los como “colaboradores”. Comparado aos empregos formais destes jornalistas, o trabalho para a Folha de São Paulo não tem quase nenhuma recompensa financeira, é quase como um trabalho gratuito. Em conjunto com isso, lembramos do caso do jornalista Rodrigues citado anteriormente quando falávamos de crise de credibilidade. Não há a mínima segurança para os “colaboradores” da Folha de São Paulo, podendo ser demitidos a qualquer momento e tendo

seus nomes desvinculados do quadro de jornalistas que produzem este jornal.

Por último, ainda que de forma tangente, nas entrevistas analisadas nesse eixo pudemos observar algumas questões de gênero relacionadas à constituição de família. Uma das questões que se apresenta nos nossos jornalistas é o momento de constituição de família. Este momento, em todos os casos que apresentaram esta preocupação, gerou impactos na vida profissional dos entrevistados. Entretanto, este impacto nos pareceu diferenciado em se tratando dos homens e das mulheres. Matheus, ao falar da notícia do nascimento de sua filha, relata que foi o momento em que precisou trabalhar mais, procurar mais *freelances* e acumular mais funções, tendo sua vida intensificada pela produtividade. Felipe, apesar de ter uma situação bem mais confortável proporcionada pelo concurso da EBC, fala de sua namorada se mudando para morar junto com ele, o que acarreta em mais busca por trabalho. Lembremos que, apesar do cargo na EBC, Felipe realiza *freelances* para dois veículos esportivos independentes e busca renda através do aluguel de quarto de seu apartamento pelo aplicativo Air Bnb. Quando vemos o caso da jornalista Fernanda, a situação é inversa, o fato de ter tido uma filha a levou a reduzir seu ritmo de trabalho e optar pela vida de *freelancer*, retornando a Porto Alegre. Lembremos também que o seu cônjuge divide com ela as contas. Apesar de não ter como foco da entrevista as condições de trabalho de seu companheiro, sobressai subjetivamente nas falas da jornalista que sem ele, ela não teria condições de reduzir o ritmo e se dedicar a maternidade. Essa preocupação surge também em outra entrevista, Silvia reconhece que, apesar de estar atualmente numa situação confortável com os *freelances* fixos nos veículos independentes para os quais trabalha, têm muitas preocupações com o futuro, citando a constituição de sua família: “Eu me preocupo muito mais com o futuro do que com meu momento atual, eu acho que para quando vai ter família, começa a dificultar” (SILVIA, 2017). Outras pesquisas podem se aprofundar com mais propriedade sobre o tema, mas foi um quesito que surgiu em nossas entrevistas.

Concluimos a análise do primeiro eixo constatando que a precarização do trabalho através da freelancização parece ser uma estratégia sobretudo dos três veículos analisados. Ao vermos outros exemplos de *freelances*, como o da jornalista Silvia, que trabalha para dois veículos independentes como *freelancer* fixo ou do jornalista João, que trabalha como Pessoa Jurídica para a editora A3, vemos uma satisfação, ainda que relativa, com seus contratos de trabalho e seus

salários. Ainda que, como vimos, esta impressão não seja sinônimo de ausência de precarização, é de se destacar que há uma mínima preocupação ao compararmos o salário de R\$ 7.000,00 (USD 2.134,08) por mês relatado pela Silvia dos dois *freelancers* fixos que ela faz, com o salário de R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 600,00 (USD 192,92) reais por pauta, num contexto em que há produção de 2 a 3 pautas por mês relatado pelos jornalistas da Folha de São Paulo.

3.3.3. Segundo Eixo: Relações com o campo

Avançando nas entrevistas, no segundo momento buscamos entender as relações dos jornalistas *freelancers* com o campo jornalístico. Neste eixo, buscamos entender de que forma os entrevistados se relacionam com colegas de profissão, como se dão as trocas de aprendizado e de que forma os enxergam. Também buscamos entender as relações com as empresas para as quais trabalham, tentando verificar se em geral é uma relação marcada por conflitos ou amistosa. Por fim, avaliamos as relações e as opiniões dos jornalistas em relação ao Sindicato dos Jornalistas de suas cidades.

O jornalista Felipe, tem um olhar bem crítico sobre o mercado de trabalho jornalístico e as relações de trabalho em geral estabelecidas. Concursado pela EBC, ele produz como *freelancer* para um veículo esportivo que pertence a um ex-professor da graduação. Segundo Felipe (2017):

Eu não posso deixar de observar uma certa hipocrisia. No caso desse meu professor, eu tinha aula com ele sobre história do jornalismo, não me lembro bem da cadeira, mas era uma disciplina teórica, e ele fazia toda uma defesa das leis trabalhistas e o quanto é importante o vínculo trabalhista. Mas na pratica ele faz o contrário.

Suas críticas não se encerram por aí, o entrevistado tem dificuldades em observar com otimismo as relações de trabalho de seus colegas jornalistas, em geral pejotas: “quase todos os meus colegas que fizeram curso comigo no Estadão e foram absorvidos pelo jornal foi em regime de Pessoa Jurídica” (FELIPE, 2017). Felipe está no mercado de trabalho jornalístico há pouco tempo, apenas três anos. Vale lembrar que está em sua segunda carreira, por assim dizer, já que antes de ingressar na graduação em Jornalismo, era professor. Nesse sentido, o entrevistado constata que possui uma rede de contatos reduzida, mas ainda avalia que

seja uma rede forte. Seus colegas com mais contatos são os que conheceu no *trainee* que fez no Estadão: “o período que colaborei com o Estadão foi muito frutífero nesse sentido de colher contatos com os jornalistas que estão há mais tempo na casa” (FELIPE, 2017).

A entrevista com o Felipe foi interessante para entender a diferença de perspectiva de um profissional concursado que já produziu e ainda produz como *freelancer*. Neste quesito, foi o que mais se diferenciou nas respostas, mas ainda mantendo alguma essência no olhar sobre as instabilidades e inconstâncias do *freelancer*. Neste eixo, o Felipe nos pareceu distante dos demais colegas, apesar de ainda possuir contato. Sua troca de aprendizado se deu no período em que esteve como *freelancer* no Estadão e como vimos no eixo anterior, sua evolução profissional agora se dá muito pelo emprego atual, tendo os trabalhos *freelancers* presentes mais por motivação pessoal. Vejamos como se deram as respostas dos demais entrevistados.

João trabalha como Pessoa Jurídica para a editora A3, segundo ele, sua rotina de trabalho é como a de qualquer outro trabalhador comum da empresa. Precisa chegar em determinado horário e cumprir horas de trabalho diárias. “Na prática as relações de trabalho são de freela, tenho um CNPJ, mas tenho horário fixo na editora” (JOÃO, 2017). Mais precisamente, o jornalista precisa estar as 8h da manhã na redação. Portanto, ele destaca que sua relação com os colegas jornalistas se dá de forma pessoal. No início o contato extrapolava o espaço da redação, como constata, João, que sua chefe entrava em contato com ele através de WhatsApp. Hoje, esse tipo de contato se tornou mais raro, somente em casos mais urgentes. O entrevistado também fala das reuniões e discussões que acontecem na redação: “O trabalho começa quando meus chefes chegam na redação e começamos a discutir que enfoque dar às notícias, o que podemos fazer de pauta para o site, começamos a discutir pautas para os vídeo que edito e etc” (JOÃO, 2017).

João destaca que sua rede de contatos com outros jornalistas é bem forte devido ao *trainee* do Estadão que fez em 2014 e no decorrer de sua entrevista deixa transparecer uma certa falta que sente de cobrir pauta na rua, coisa que acontecia nos tempos de redação no Estadão.

Suzana fala de uma relação amistosa com as empresas para as quais trabalhou. Segundo ela, esta relação se construiu de forma bilateral, tanto as empresas quanto ela queriam trabalhar juntos, “eu estava fazendo um trabalho que eles queriam que eu fizesse, que eles precisavam que eu fizesse. A maioria dos meus *freelas*, os editores foram atrás de mim, sabe, a gente criou essa relação” (SUZANA, 2017). Entretanto, destaca que na

hora do pagamento os editores se eximiam da culpa alegando dificuldades financeiras das empresas, “os editores sempre querem que você ache que não é culpa deles que eles podem te pagar tão pouco. Quando eles vão te oferecer um trabalho eles vão falar de como está difícil” (SUZANA, 2017). Apesar de fazer críticas à forma como as empresas se eximem da culpa dos baixos pagamentos, a jornalista não tem muito otimismo sobre o jornalismo praticado na empresa na qual trabalhou por seis anos, segundo ela, “as pessoas que trabalham na Folha e no Estadão têm mais fé que os jornais não vão acabar, mas olhando assim pra editora Abril, quem acha que vai continuar lá nos próximos 10 anos, acho que é delírio mesmo” (SUZANA, 2017).

Esse sentimento de desconfiança não foi presente em todas as entrevistas. O Pedro, por exemplo, diz que acredita nas dificuldades em oferecer maiores pagamentos relatadas por alguns editores com os quais trabalhou: “Muitas das pessoas que me mandam trabalho são pessoas que eu já trabalhei, então eu conheço essas pessoas e sei da idoneidade deles e sei que eles pagam o que podem”. No processo de produção, há um contato maior com o editor: “As conversas de trabalho fazemos mais por telefone ou por e-mail, temos um contato mais frequente. Quando estou com uma pauta na mão, trocamos e-mail de dois em dois dias. Ele me ajuda com informações porque geralmente são pautas bastante longas” (PEDRO, 2017). O entrevistado relatou se encontrar mais ou menos uma vez por semestre pessoalmente com o editor para conversar sobre amenidades. Ele possui uma relação amistosa com os editores com os quais trabalhou. Destaca, entretanto, que quando trabalhou como *freelancer* fixo na Alpha e na *Playboy*, a relação com os editores era bem controversa. Atualmente, seus *freelances* são por tarefa e sua relação com os editores extrapola a formalidade da relação de trabalho. Segundo Pedro, há também uma troca de aprendizados com os atuais editores com os quais trabalha, “os editores do Guia do ENEM são pessoas maravilhosas, jornalistas muito competentes e pessoas harmoniosas para trabalhar, ajudam, pagam direito, são compreensivos quando você precisa de mais prazo, quando te demandam um texto a mais você não precisa reivindicar o aumento do valor” (PEDRO, 2017).

A Maria enxerga que seus contatos e sua inserção no mercado de trabalho como *freelancer* se deu principalmente devido a conversas e ao *trainee* da Abril. Por estar em início de carreira, não se vê com uma grande rede de contatos em São Paulo, mas aqueles com os quais trabalhou, avalia a relação como amistosa.

O Matheus, depois que conseguiu um emprego como CLT não conseguiu mais trabalhar com *freelances*. Segundo ele, ainda houve uma tentativa nos primeiros meses de concluir alguns trabalhos, mas logo o jornalista foi se acomodando à rotina de trabalho do emprego fixo. Seus contatos com o campo, no período de *freela* nos pareceram mais numerosos, o jornalista chegou a realizar trabalhos para seis revistas ao mesmo tempo e a chegada da paternidade o fez “pegar tudo o que aparecia”.

A Silvia também destacou que em momentos de “desespero”, o *freelancer* acaba aceitando “qualquer coisa”, mas que com o tempo, a própria experiência vai ensinando a selecionar melhor com quem vai trabalhar. Segundo ela, “se os chefes ou a empresa são muito desorganizados você acaba tendo muito retrabalho e isso para o *freelancer* é péssimo, pois você é pago pelo produto, muito retrabalho inviabiliza. É diferente de uma redação em que você é pago para estar lá 8 horas por dia” (SILVIA, 2017). A jornalista ainda fala da falta que sente de trabalhar com outros jornalistas. Seus *freelances* fixos atuais lhe permitem trabalhar de casa e quando perguntada sobre seus colegas de trabalho, a jornalista diz que são poucos.

Os três jornalistas que não residem em São Paulo têm em comum o fato de manterem uma rede de contatos específica organizada pelos “colaboradores” da Folha de São Paulo. A Jessica, ressalta que sua rede de contatos de jornalistas era bem restrita ao Rio Grande do Norte e se diversificou a partir do momento que começou a trabalhar para a Folha de São Paulo. O Arthur relata que seus colegas, em Belém, possuem empregos fixos. Localmente, os jornalistas tinham pouca mobilidade, sendo aqueles mais velhos e consolidados, mais bem remunerados. A Fernanda, talvez por já ter trabalhado pessoalmente na redação, percebe pequenas nuances na troca de editores para os quais trabalhou:

Tem uma centralização de editores da Agência. Nesse tempo que faço *freela*, foram vários editores e todos esses passaralhos do jornal foram afetando. Espero que o editor que está agora não seja demitido, porque fico triste vendo bons profissionais saindo por mudanças no jornal. Mas é mais centralizado em uma pessoa, porém essas pessoas têm folga, férias e outras pessoas assumem o lugar (FERNANDA, 2017).

A jornalista também destacou que em coberturas maiores, dependendo das editorias, o contato se dá com outros repórteres destas editorias, ao invés do núcleo central dos editores da Agência Folha. Ainda

assim, os três entrevistados, mantém o contato com a empresa basicamente online, através de redes sociais, e-mails e ligações. Todos os três relataram que a relação com a empresa não tem histórico de conflitos, é uma relação “pragmática”, ou uma “relação de negócios”, como disse Arthur ao tratar de uma pauta que lhe foi oferecida e ele recusou:

Aconteceu uma vez só de ter uma proposta de pauta que requeria uma viagem pra outro município e, além dos custos da viagem, eu considerava que a pauta em si era mais difícil de fazer porque tinha que ir pra uma zona rural e a remuneração, fora as despesas de viagem, eu achei bastante reduzida, me ofereceram R\$ 400,00 (USD 121,95) e eu disse que não poderia fazer. Eles disseram que não poderiam pagar mais e aí eu não fiz. Mas não gerou conflito porque apesar disso em outras ocasiões posteriores eu continuei fazendo trabalhos pra eles. Foi basicamente uma relação de negócio que não funcionou naquele momento. Era como uma relação de comércio, eles ofereciam um preço pelo trabalho e, se eu tivesse disposto a aceitar, trabalhava e se não, não trabalhava (ARTHUR, 2017).

Encerrando este eixo, as entrevistas buscaram entender qual a relação dos jornalistas com o sindicato. Uma das hipóteses da pesquisa é de que uma das tendências da nova estrutura do mundo do trabalho é de que haja um afastamento das formas de organização coletiva. Este pressuposto se confirmou nos nossos entrevistados, buscamos entender o porquê deles não estarem filiados, encontramos casos de jornalistas que se desfiliam, jornalistas que nunca foram filiados e talvez o mais peculiar, jornalistas que são filiados mas não vêem suas demandas como *freelancers* passíveis de serem debatidas, assistidas, amparadas, enfim, pautadas pelo sindicato da categoria.

O Matheus considera o Sindicato muito conservador em relação ao jornalista e conivente, em alguns momentos, com o patronato. Essa opinião se ilustra em um caso de horário de trabalho avançado que passou no período que trabalhou na Veja São Paulo:

A história que aconteceu é que uma vez eu estava saindo da editora Abril, eu era repórter da Veja São Paulo. Lá, quando você sai depois das 22h, você pode pegar carro para ir para casa, era um dos privilégios que se tinha na Abril e acho que cortaram isso, agora só depois da 0h. Como nesse dia não tinham um carro disponível, pediram para

eu ir até um ponto de táxi na esquina, pegar o táxi com boleto e ir embora. Entrei nesse táxi, encostou um carro do lado com dois caras armados, eles apontaram a arma para mim, pediram a chave do carro. Eu abri a porta achando que ia sair, foi quando ouvi disparos do meu lado esquerdo. O taxista era policial e atirou contra os caras. Eles fugiram e descobri que tinham sequestrado duas mulheres que estavam no banco de trás.... Uma história horrível... Saindo do trabalho.... Nessa época eu procurei o presidente do Sindicato dos Jornalistas que inclusive jogava bola comigo na época. Eu procurei a segurança da empresa, o RH.... Basicamente meu editor me proibiu de seguir em frente e tomar providências. O chefe da segurança me procurou e fez um discurso dizendo que ninguém mais ia poder pegar táxi do lado de fora. Durante um mês aconteceu uma restrição contra isso e nada mudou. Quando me senti sem apoio, eu fiquei sem apoio mesmo porque o sindicato não apoiou, aí decidi não me sindicalizar mesmo, não fazer parte de uma coisa que na realidade não está preocupada com o jornalista de fato (MATHEUS, 2017)

Além do fator segurança, Matheus também considera o sindicato ausente em situações de assédio moral e sexual dentro do ambiente de trabalho, homofobia, racismo e demais crimes. Segundo ele, “é uma visão de quem não acreditou no sindicato quando precisou dele e não acredita mais por ter precisado” (MATHEUS, 2017).

O motivo de Fernanda não se sindicalizar também está associado a uma frustração pessoal. Segundo ela, o sindicato tem uma defesa seletiva da profissão, priorizando as demandas associadas à grande imprensa, mas sem valorizar o suficiente as iniciativas independentes como o veículo que ela tentou fundar juntamente com o marido em 2009. A jornalista também ressalta que ainda que fosse sindicalizada agora, como uma jornalista que trabalha para a grande imprensa, não se sentiria amparada: “Tenho a impressão que não estariam atentos ao *freelancer* e é um dos motivos pelos quais não estou sindicalizada. Eles olham mais os direitos trabalhistas de contratados em grandes empresas e quem está nessa órbita não entra, incluindo *freelancers*”. (FERNANDA, 2017).

Essa percepção de que o sindicato não trata as questões de profissionais não contratados formalmente também surge na entrevista com o João. O entrevistado não é sindicalizado por ser Pessoa Jurídica.

Segundo ele, boa parte da redação da Editora A3 é Pj e o sindicato tem questionado isso com frequência, mas ele enxerga a fragilidade dos jornalistas nessa situação:

Vejo o sindicato numa posição superdelicada e enfraquecida. No caso da editora A3, por exemplo, se convocassem uma greve pelo atraso de salários eles poderiam colocar parte dos profissionais em risco, pois boa parte da redação é contratada como pessoa jurídica e não tem o vínculo formal CLT com a editora, isso quer dizer que eles podem demitir qualquer pessoa que resolver entrar em paralisação, fazer greve e judicialmente justificar que foi cortado um fornecedor e não um funcionário que tem direito a greve (JOÃO, 2017).

Há um distanciamento do sindicato também por parte da Maria. A entrevistada foi bem sucinta ao dizer que não é sindicalizada sem nenhum motivo real: “Não sei. Ainda não pensei nisso. Preciso ir atrás. Por não ir atrás não vejo o sindicato como representante dos meus direitos e da categoria. Posso estar errada porque como não tenho informações não sei o que fazem por nós” (MARIA, 2017).

Entretanto, não são todos os que veem o sindicato de uma forma negativa. Arthur, por ser o único dos entrevistados sem uma graduação em Jornalismo, também nunca conseguiu se sindicalizar. Apesar disso, ele esteve presente em diversas lutas puxadas pelo sindicato. Segundo Arthur, em 2013, o salário bruto da maioria dos jornalistas do Diário do Pará era de cerca de R\$ 1.000,00 (USD 304,87) o que motivou uma greve forte com a presença do sindicato. O jornalista foi uma das lideranças dessa greve que ocorreu em setembro de 2014, Arthur e outras lideranças foram demitidos pouco tempo depois, em fevereiro de 2015. O jornalista ainda demonstra na entrevista uma preocupação com a organização dos colegas como classe trabalhadora: “Sempre fiz questão de debater e expor entre os colegas em alguns desses momentos um pouco mais políticos, a necessidade dos jornalistas se organizarem enquanto classe de trabalhadores e tentarem de alguma forma modificar um pouco da nossa realidade enquanto classe trabalhadora” (ARTHUR, 2017).

Também encontramos aqueles que um dia já foram filiados ao sindicato, mas que em algum momento tomaram a decisão de se desfiliar. Pedro não teve nenhum motivo de desavença para tomar essa decisão, segundo ele, ao começar a trabalhar com Publicidade em um determinado período de sua carreira, o sindicato mudou e quando voltou para o Jornalismo não se refiliou. A entrevista com o Pedro nos pareceu a com o

olhar mais otimista em relação ao sindicato. O jornalista reconhece que há certa dificuldade em atuar junto aos *freelancers*, mas fazendo a ressalva a estes limites não considera o sindicato dos jornalistas “pelego”. Trazendo um exemplo, o jornalista fala da situação dele e de diversos *freelancers* fixos que trabalhavam na Abril em determinada época, ao relatar sua situação para o sindicato, houve uma pressão para que a empresa regularizasse as formas de contratação:

Nesse caso eles foram atuantes, por mais que a forma encontrada pela empresa para acabar com esse trabalho tenha sido terrível, demitindo essas pessoas, aumentando o volume de trabalho das outras e precarizado ainda mais o trabalho, mas nisso o sindicato naquele momento não tinha como intervir (PEDRO, 2017).

Segundo Pedro, o Sindicato poderia ter uma atuação mais incisiva e sistemática ao tratar do caso dos *freelancers*

Hoje em dia vejo o sindicato dos jornalistas muito mais atuante que boa parte dos sindicatos, eu não poderia chamá-los de pelegos, eles fazem a parte deles dentro do que é possível. Mas no quadro de *freelancers* acho que eles se mobilizam pouco, acho que poderia ter um centro de ação, uma parte grande do sindicato trabalhando com *freelancer* para tentar encontrar uma solução de modelo de trabalho porque ainda trabalhamos com concessão de direitos. (...). Não temos vínculos empregatício, não temos garantia de direitos e o sindicato não atua firmemente nesse sentido. Mas ao mesmo tempo eles tentam buscar soluções lentamente de um jeito muito vagaroso para nós que temos causas urgentes a resolver, essa demora é bem nítida (PEDRO, 2017)

A Suzana é mais uma que já foi filiada ao sindicato e não se afastou por motivos de desavença. Segundo ela, quando deixou de trabalhar formalmente para a Abril e virou exclusivamente *freelancer*, parou de pagar a taxa de contribuição e a partir de então precisaria provar que é jornalista *freelancer* para conseguir a carteirinha internacional. Essa burocracia foi suficiente para que ela procrastinasse a refiliação.

Felipe tomou a decisão de se desfiliar devido a um episódio em que considerou o sindicato pouco combativo: “Nós estávamos em reivindicação de acordo coletivo de melhorias de condições de trabalho e percebemos que o sindicato estava forçando a barra com o intuito de

aceitar a proposta da empresa no momento em que queríamos endurecer a greve” (FELIPE, 2017). Apesar disso, o jornalista reconhece a importância do sindicato e não descarta a hipótese de se reaproximar.

Apenas dois entrevistados são filiados ao sindicato de suas cidades. A primeira é Silvia. Ela observa que a profissão está sendo precarizada de forma generalizada, não somente no caso daqueles em condição de *freelancer*: “ atualmente é muito difícil achar um trabalho no jornalismo que não seja precarizado, mesmo quando você tem carteira assinada você pode ter condições de vida muito ruins” (SILVIA, 2017). A jornalista reconhece que não tem todos os direitos por ser *freelancer*, por exemplo, não tem férias desde 2014 e a previsão é de que no ano da atual pesquisa as férias não sejam remuneradas. Apesar de ser filiada, a jornalista se sente distante do sindicato, talvez por falta de interesse próprio, como diz, mas deixa claro que sua decisão por se sindicalizar foi por se sentir vulnerável como *freelancer*.

Por último, a Jessica é filiada ao sindicato do Rio Grande do Norte, entretanto muito mais pelo seu emprego no jornal local do que pelo seu trabalho de *freelancer* com a Folha de São Paulo. A jornalista diz desconhecer discussões que venham sendo travadas sobre a questão do *freelancer* e observa que caso tenha qualquer problema com a Folha de São Paulo, em primeiro lugar tentaria resolver diretamente com eles.

3.3.4. Análise do Segundo Eixo: Relações com o campo

Ao voltarmos para a tipologia de *freelancers* apresentada por Burkhardt (2006) e tentarmos olhar para os nossos entrevistados sob esta ótica, temos que os *freelancers* por tarefa são Suzana, Pedro, Maria, Matheus, Silvia, Arthur, Fernanda e Jessica; sendo que Pedro, Suzana e Maria também se enquadram na categoria de *freelancers* por conta própria. O Felipe é o único que é exclusivamente um *freelancer* fixo ao considerarmos os veículos esportivos para os quais ele trabalha, mas o Matheus também relatou que em parte de sua carreira, em muitos momentos trabalhou como *freelancer* fixo, uma forma de relação de trabalho que ele considera uma “aberração”. Por fim, o João trabalha como Pessoa Jurídica para a editora A3, mas o Matheus também relatou que já trabalhou desta forma, sendo os casos desses entrevistados, de terceirização.

Uma das constatações dessa pesquisa é a de que o modelo de trabalho *freelancer*, nos dias atuais, é uma das portas de entradas para o mercado de trabalho do jornalista. Contudo, vimos no primeiro eixo das

entrevistas o caso de jornalistas que tiveram o modelo *freelancer* como porta de entrada e porta de saída da carreira de jornalista, ou seja, os nossos entrevistados representam um grupo de profissionais que entram no mercado como *freelancer* com a perspectiva de alcançarem um posto de trabalho regularizado, mas que nunca conseguiram, alguns desistindo, outros ainda tentando. Vimos também, que, apesar de boa parte dos jornalistas entrevistados serem formados em universidades públicas brasileiras, a maioria também passou pelos cursos de *trainee* ou do Estadão, ou da Folha de São Paulo, ou da Abril. Neste eixo, percebemos, entretanto, que os programas *trainees*, significaram para estes jornalistas uma interessante expansão de suas redes de contatos. Se a porta de entrada no mercado de trabalho tem sido através do modelo de trabalho *freelancer*, nossa pesquisa dá indícios de que a porta de entrada para a vida de *freelancer* tem sido os programas de *trainee*, ao menos no caso dos jornais e revistas aqui analisados.

Outro quesito interessante de destacar neste eixo foi o fator formação. Os jornalistas consideram a qualificação pessoal como um item importante para suas carreiras, mas as empresas para as quais trabalham como *freelancers* não lhes proporcionam esta qualificação, muito pelo contrário, a lógica do acúmulo de trabalho estabelecida para aqueles que trabalham como *freelancer* estrangula o tempo dos jornalistas que poderia estar sendo utilizado para esta qualificação. É uma lógica bem diferente da que vemos, por exemplo, no caso do Felipe, que como concursado pela EBC fala de um conjunto de programas de qualificação proporcionados pelo emprego. Harvey (2014) fala de um trabalho altamente especializado e central rodeado por uma massa flexível de trabalhadores precarizados. Os jornalistas com empregos fixos observados em nossa análise nos pareceram, ainda que isso não signifique ausência de precarização, ter melhores condições do que em suas relações como *freelancers* para a Folha de São Paulo, Abril e Estadão.

Na prática, os jornalistas que não possuem outros empregos estão na base da pirâmide. Se não há qualificação profissional, não há – ainda que se trabalhe mais de cinco anos com a mesma empresa, como nos casos da Suzana e do Pedro – progressão de carreira. A inclinação que a Suzana demonstra em seus relatos é de estar saindo da carreira de jornalista para iniciar outra do zero. Entretanto, os jornalistas que possuem emprego fixo, como o Felipe e a Jessica, possuem uma possibilidade de progressão profissional associada que agrega consigo uma qualificação que, na prática, é aproveitada pelas empresas que oferecem trabalhos para eles como *freelancers*. É um aproveitamento de mão de obra.

Outro tópico apresentado em nossa etapa teórica trata da atomização dos trabalhadores, segmentando-os isoladamente como tendência do mercado de trabalho na era da flexibilização (HARVEY, 2014). Isso resulta em dificuldades de resistência coletiva da classe trabalhadora como um todo. Dentre os entrevistados, aqueles que não vivenciam o cotidiano de redação relataram não ter contato com colegas jornalistas, as questões de trabalho são todas resolvidas por telefone e e-mail. Os jornalistas que não vivenciam a redação são os *freelancers* por tarefa, entretanto, não ficou claro se o Felipe, que *freelancer* fixo, também não vivencia a redação, visto que tem horários de trabalho a cumprir na EBC. Os jornalistas terceirizados, em contrato como Pessoa Jurídica, são os que mais vivenciam a redação. João chegou a explicar os horários em que precisa entrar no trabalho e as cargas horárias que precisa cumprir.

No caso de João, vemos como o jornalista se sente em relação aos colegas de trabalho que executam um trabalho que ele considera mais “jornalístico” de ir às ruas, fazer apuração e reportagem. A presença dos colegas de trabalho aparece como um incentivo e há uma troca de aprendizados. Ao vermos os casos de Pedro e Suzana, vemos dois *freelancers* que tem como colegas de trabalho os editores, ou seja, seus chefes. Ambos respondem explicando que os editores sempre se eximem da culpa dos baixos salários, ainda que esta pergunta não tenha surgido no roteiro previsto da entrevista. Pedro é mais incisivo ao dizer que reconhece o caráter dos jornalistas com os quais trabalha e que “sabe” que os pagamentos reduzidos são de fato pelas crises financeiras enfrentadas pelas empresas. Entretanto, a Silvia fala de “cuidado” ao escolher os editores com quem trabalha para ter uma boa relação, entretanto confessa que em momentos de “desespero” não há a possibilidade de escolha.

Os jornalistas têm absorvido valores do campo econômico e isso afeta o campo jornalístico. O que nossos entrevistados demonstram é que a atomização do trabalhador tem total sincronia com essa absorção de valores priorizados pelo campo econômico. Há, intrínseco nos relatos de Pedro e Suzana, uma justificação de seus baixos salários pelos argumentos apresentados pelos seus patrões. A tendência da atomização, também percebida neste ponto, é a da fragmentação do campo jornalístico, que perde autonomia e se comporta conforme os interesses do capital. Este ponto ficará mais claro no último eixo, ao tratarmos de Linha Editorial.

Por outro lado, os jornalistas que trabalham para a Folha de São Paulo afirmam que sua relação com a empresa é uma “relação de negócios”, sendo que a faixa de pagamento por trabalho varia de

R\$ 300,00 (USD 91,46) a R\$ 600,00 (USD 182,92). Vale lembrar que os jornalistas Arthur, Fernanda e Jessica também falam que trabalham para a Folha de São Paulo pelo prestígio de ter seus nomes publicados no que consideram o maior jornal do Brasil. Os três jornalistas possuem outras fontes de renda que lhe garantem sustento. Suas redes de contato se dão com outros colaboradores do jornal e com os editores da Agência Folha e nenhum dos três vê suas condições de trabalho passíveis de serem questionadas. Arthur, quando não concordou com as condições impostas para realizar uma pauta, simplesmente não a fez; Jessica, quando questionada se sente que suas questões trabalhistas seriam pautadas pelo sindicato, respondeu que não e que trataria, em primeiro lugar, diretamente com a Folha de São Paulo; e Fernanda sente um pesar ao ver a rotatividade dos editores com os quais trabalhou na redação, mas não associa esta rotatividade e as demissões à precarização do trabalho e sim à “mudanças” na Folha de São Paulo.

No início da pesquisa verificamos como que a lógica da flexibilização do trabalho tende a reduzir forças das formas de resistência coletiva (HARVEY, 2014). Os nossos entrevistados confirmaram isso, tendo apenas dois filiados ao sindicato. Agravando a situação, os jornalistas de nossas entrevistas não veem no sindicato dos jornalistas o amparo às suas questões de *freelancers*. Apenas uma jornalista, a Silvia, é sindicalizada por procurar mais segurança para sua carreira como *freelancer*. Até mesmo o Arthur, que demonstrou ser um dos mais engajados politicamente, tendo participado de manifestações por melhores condições de trabalho dos jornalistas no Pará, não vê suas questões de jornalista *freelancer* passíveis de serem amparadas pelo sindicato. Nossos entrevistados, sendo o grupo profissional dentro do mercado jornalístico mais próximo da lógica da flexibilização, confirmam a tese da redução das formas de resistência coletiva. Entretanto não foi somente o descrédito generalizado presente nas entrevistas que contribuiu para essa constatação. O sentimento contrário também é presente nas entrevistas, os jornalistas *freelancers* reconhecem que as empresas são bem fortes na correlação de forças entre empregado e patrão. Os relatos do João e do Pedro são bem ilustrativos, ambos demonstram as respostas da empresa quando o sindicato tentou realizar alguma atividade pela melhoria das condições de trabalho daqueles com vínculo instável, a resposta foi demissão dos jornalistas.

Por fim, a entrevista com a Maria foi permeada de incertezas em relação ao que esperar da profissão. Mas suas incertezas também estão em conjunto com previsões de tempos difíceis e complicados: “As

redações estão enxugando cada vez mais. As pessoas têm mais funções, estão mais estressadas. Entrei agora e lembro de conversar com uma amiga que é freela desde 2012 e ela comentou que o mercado está muito ruim. Não vejo um futuro muito animador” (Maria, 2017). Maria, enxerga que o jornalismo está passando por um momento de transição no qual os jornalistas mais novos não conseguem “ganhar dinheiro”. Segundo ela, “quem tem a opção de experimentar é quem tem dinheiro por fora”. A jornalista afirma que o futuro é dúbio, tem seu lado bom, mas também tem seu lado ruim.

Os jornalistas *freelancers* não demonstram perspectivas de resistência, entram no mercado como *freelancers*, a base da pirâmide da estabilidade de emprego, e não conseguem sair dessa posição, como consequência, não vislumbram estratégias para mudança ou melhoria das condições de execução de seus trabalhos, suas soluções para os impactos da precarização em suas vidas é a saída do campo do jornalismo – como o caso da Suzana –, dando lugar a novos profissionais que recomeçarão o ciclo – como o caso da Maria –. Isso resulta, que estes agentes tendem à uma maior conservação da precarização do trabalho no campo jornalístico, não por intenção, mas por impossibilidade de reação.

3.3.5. Terceiro Eixo: Autonomia

O terceiro eixo das entrevistas tratou mais das relações subjetivas dos jornalistas com seus empregos. Em primeiro lugar, perguntamos sobre suas opiniões e visões de mundo com relação ao jornalismo, fizemos esse questionamento de forma bem ampla buscando captar suas convicções. Em seguida tentamos verificar se viam consonância entre essas convicções e a linha editorial dos veículos para os quais trabalham, para então entender se há conflitos e de que forma se relacionam com esses conflitos. Pela natureza das informações que buscamos nesse eixo, fomos surpreendidos com a antecipação do tema em respostas dos eixos anteriores, e na medida do possível, tentando facilitar a compreensão do leitor, separamos esses momentos para serem tratados neste subtópico. Novamente, não foi um ponto de consensos, obtivemos respostas daqueles que concordam plenamente com a linha editorial dos veículos e daqueles cujo nível de discordância foi tamanho que resultou na decisão por encerrar os vínculos de trabalho. Vejamos essas nuances.

Dificilmente um jornalista se torna um jornalista por concordar com o status quo ou com a forma como o jornalismo está atualmente, em geral, há uma vontade de mudança. Esse foi um sentimento que

percebemos nos nossos entrevistados, em geral acreditam em um mundo melhor e gostariam de dedicar seu trabalho e seu tempo para a construção deste mundo. Ao se debruçar sobre o tema, os jornalistas demonstraram perceber as sutilezas das transformações do jornalismo na atualidade tocando em tópicos como objetividade e imparcialidade. João, por exemplo, enxerga o jornalismo como uma instituição importante para a manutenção da democracia:

Bom, o jornalismo tem o dever de fiscalizar as instituições em favor do interesse público, fazer um papel de saber se está ocorrendo algum mal feito em instituição pública e fornecer o serviço de informação para a sociedade. Acredito que sem uma imprensa forte e o jornalismo funcionando plenamente na capacidade de investigar o poder público e as empresas, a democracia não funciona plenamente. Isso acarreta em um papel importante para a saúde da democracia em uma sociedade (JOÃO, 2017).

Arthur, por conseguinte, faz uma crítica à formação acadêmica. Segundo ele, as manifestações que ocorreram no Brasil em 2013, as eleições presidenciais de 2014 e o processo de impeachment que a ex-presidenta Dilma Rousseff sofreu em 2016 evidenciaram muitos problemas do jornalismo. “São problemas um pouco mais ideológicos no exercício da profissão e talvez possam ser problemas de identidade da profissão” (Arthur, 2017). E parte dos problemas está relacionado à formação “tecnicista” fornecida pelas faculdades. Esse contexto se torna um ciclo à medida que as empresas priorizam os profissionais com maiores conhecimentos técnicos. Segundo Arthur, “isso acaba gerando uma classe de trabalhadores onde falta consciência de resgatar o sentido de ser jornalista” (2017).

Pedro também tem uma visão crítica ao enxergar o jornalismo na atualidade. Sua crítica se direciona ao que chama de “jornalismo de gabinete”. Segundo o jornalista, seus colegas têm ido cada vez menos às ruas correr atrás das notícias e estão produzindo de suas casas. E complementa:

A cada dia que passa acho necessário o jornalismo demonstrar sua posição. O jornalista e o veículo têm suas posições políticas e têm suas posições frente a assuntos polêmicos ou tabus. É necessário deixar claro que ele parte daquele ponto para fazer a reportagem. É um erro muito grande de revistas semanais que se vendem como revistas e veículos

de comunicação imparciais e objetivos quando na verdade não são (PEDRO, 2017).

Desta forma, o jornalista afirma que há um deslocamento da noção de imparcialidade e objetividade por parte das empresas. Essa noção está presente em diversas outras entrevistas. A Suzana, entretanto, afirma que parte da culpa para que isso ocorra está nos editores: “nem culpo os jornalistas porque isso é muito o trabalho dos editores, o mau caráter dos editores de colocarem a marca da ideologia do jornal sem se declarar mesmo, sabe”. Em seu ponto de vista, as pessoas não percebem as nuances da linha editorial no jornalismo em geral, crendo no discurso da imparcialidade e objetividade.

A jornalista Silvia, acredita no jornalismo como uma instituição que contribui para a formação de consciência. Segundo, ela, divergindo ligeiramente da resposta de Arthur, a academia teve uma importância crucial para sua visão de mundo como jornalista:

Quando a gente se formou, pelo menos na UFRJ, a gente fez um juramento de que usaria a Comunicação para aproximar as pessoas, não para afastar mais, reforçar estereótipos e incentivar a violência e as divisões. Eu acredito muito nisso, acho que o jornalismo precisa ouvir as pessoas independentemente se elas concordam com a sua visão ideológica ou não, e retratar o que está acontecendo de forma honesta com o objetivo de trazer maior compreensão para as pessoas. Porque hoje em dia a gente está em um ambiente muito polarizado e eu acho que o jornalismo contribui muito para isso, para acirrar os ânimos. Eu acho isso muito ruim pois devia ser o contrário, tentar mostrar como o outro pensa, para que as pessoas possam tentar se entender um pouco melhor (SILVIA, 2017).

O Matheus associa as deficiências do jornalismo atual diretamente à precarização do trabalho. Sua opinião demonstra como que a prioridade das empresas não é o da informação de qualidade e sim da informação em primeiro lugar e exemplifica como que ele acha que esse tipo de prioridade está contribuindo para a má qualidade do jornalismo:

Tem coisa que é muito mais nociva para o jornalismo do que o contrário. Estamos vivendo uma era de velocidade da informação muito grande e uma era das notícias mal contadas. Eu sou um repórter que vai sempre defender uma história bem contada. Só que você não consegue escrever uma

história bem contada escrevendo ela no celular em dez minutos, ou ditando no WhatsApp para outro repórter escrever e essa história ficar boa. Ela não vai ficar boa. O jornalismo precisa de tempo e as redações se esqueceram disso. Então ficou uma briga. Falando da objetividade, ficou uma briga entre quem solta um push mais rápido no celular das pessoas para elas lerem. O importante não é a notícia, é o lead, entende? Não importa como é, não importa se o caminho for interessante, o que importa é que esteja lá antes. Eu entendo a necessidade de ser ágil, mas acho que a necessidade de agilidade está se tornando um problema (MATHEUS, 2017).

A Jéssica encontrou características essenciais no jornalismo que sempre estiveram em questão e que podem soar como um novo desafio, mas que na sua opinião sempre foram um desafio. A jornalista acredita que todos querem divulgar informação e se considerar jornalistas e constata que o papel do jornalista seria na verdade de se tornar um filtro “que vai apresentar as informações da forma mais verdadeira possível, com a maior pluralidade possível para ajudar as pessoas a entenderem o que está se passando em volta delas, construir o pensamento crítico e compreender todas essas mudanças que a gente está enfrentando” (JESSICA, 2017). Em sua opinião o jornalismo tem se tornado cada vez mais plural, as redações têm se preocupado em demonstrar vários lados e fiscalizado os poderes. “Várias reportagens ultimamente deram, motivaram investigações e tem resultado em punições para pessoas envolvidas, eu acho que é uma prova de que isso tem sido enfatizado dentro das redações” (JESSICA, 2017), conclui.

Outra jornalista da Folha de São Paulo, a Fernanda afirma que o jornalismo deve buscar algo mais próximo do “verdadeiro” e que “o interesse público seja defendido, o que pode ter várias interpretações, mas eu entendo como direitos humanos, como cidadania” (FERNANDA, 2017).

A ideia de jornalismo enquanto filtro também surge na entrevista com o Felipe. Segundo ele há diversas iniciativas interessantes que têm dado um novo fôlego ao jornalismo. O jornalista aponta que há um monopólio dos veículos tradicionais como a Globo, Estadão e Folha de São Paulo, mas que a tendência é de que se diluam com novas iniciativas de jornalismo na internet.

A maioria dos entrevistados expressam conflitos com a linha editorial dos veículos para os quais trabalham. Alguns chegando ao ponto

de tornar a relação de trabalho inviável em certo ponto. Foi o caso da jornalista Suzana. Ela, que anteriormente já havia informado que sua carreira como jornalista tinha se encerrado, falou que sua saída da Abril foi de seu interesse e, dentre alguns motivos, ela falou da linha editorial:

Foi interesse meu sair. Eu entrei na Abril contratada depois do Curso Abril eu fui trabalhar na Capricho, e aí eu trabalhei por seis meses, era um projeto de curta duração e depois disso, outras pessoas queriam que eu fosse pra redação deles, mas não estava rolando vaga nenhuma, fiquei de freela em alguns lugares até que surgiu uma vaga no marketing da Veja, com inovação digital. Eu fui para lá, um trabalho que só existiu enquanto eu estava lá, depois parou de existir, mas eu estou sempre nesses lugares, nas profissões que as pessoas não sabem dizer exatamente o que as pessoas fazem, eu gosto desses trabalhos assim. Mas aí, o marketing da Veja eu não quis mais trabalhar lá, eu não concordava com a ideologia do trabalho, não gostava do ambiente de trabalho, estava trabalhando demais e aí fui fazer uma volta ao mundo, comecei um vlog de viagens que eu tenho até hoje, fiquei viajando durante nove meses (SUZANA, 2017).

Depois da viagem, Suzana não voltou a trabalhar com jornalismo. Como vemos, suas discordâncias com o veículo passam das condições de trabalho até a ideologia do veículo. Entretanto, Suzana realizou *freelances* para muitos veículos, dentre os quais, muitos ela considera que possuem uma linha editorial muito afinada com suas convicções, como a Superinteressante, Capricho, *Viagem e Turismo* e Galileu. Ao lembrar de alguns títulos, fala de pautas que trataram de pessoas trans, diversidade, assédio e mulheres que viajam sozinhas. A jornalista acredita que esses critérios editoriais contribuem para a extinção dessas revistas devido ao fato de serem transgressores. Parte da crise pelo qual os veículos tradicionais passam, está relacionada à forma como esses veículos tratam dos temas e não dos temas em si:

Por que as pessoas não estão comprando mais, por exemplo, a *Viagem e Turismo*, mas estão consumindo um milhão de blogs de viagem? Porque a *Viagem e Turismo* está ruim demais, porque ela não fala com as pessoas, o assunto que a *Viagem e Turismo* está publicando não está interessando para as pessoas que querem viajar.

Mas assim, eu não sei como mudar isso, na verdade acho que teria que mudar o modelo inteiro, acho que o modelo inteiro tá mudando sem a gente, está deixando a gente para trás (SUZANA, 2017).

O Felipe também vê dificuldades em sua relação com os veículos para os quais faz *freela* devido à imposição de condições de trabalho precárias. Segundo o jornalista, ainda que discorde ideologicamente desta situação, não tem condições de não aceitar:

Como prestador de mão de obra o que disponho é da minha oferta de trabalho, sou o elo fraco da corda, me vejo na condição de ideologicamente não concordar, sei que do ponto de vista dos direitos trabalhistas eu estou sendo lesado ao concordar com esse tipo de acordo e aceitar essas condições, mas a lógica econômica joga ao meu desfavor. Como, em muitas vezes dependendo desse trabalho e dessa complementação de renda, acabo consentindo com essa privação de direitos (FELIPE, 2017).

A entrevista com o Felipe nos permitiu perceber uma diferença de olhares ao tratar dos veículos esportivos para os quais faz *freelances* atualmente com o período que trabalhou para o Estadão. Segundo ele, a linha editorial nos veículos esportivos não é um problema, talvez pelo tema. Entretanto, fala que no Estadão, apesar de haver um esforço para esconder, há uma linha editorial bem nítida e que isso foi percebido antes mesmo de trabalhar com eles: “Eu percebi isso como leitor. Ali dentro do jornal você tem uma separação nítida entre os editorialistas que são porta-vozes do que o jornal pensa sobre o cotidiano do país e os repórteres em si. Essa visão já me era nítida enquanto leitor e ficou mais nítida ainda quando entrei no jornal” (FELIPE, 2017). O jornalista, hoje se restringe a fazer *freelances* somente para os veículos esportivos, talvez pelo seu atual cargo na EBC e a demanda de trabalho. Segundo, Felipe, aquilo que produz como jornalista tem um impacto muito restrito devido ao público reduzido, “Escrevo para o público leitor de dois sites que sequer são sites muito acessados na internet. Mas levo aquilo de ser um jornalista responsável a cabo seja na EBC, seja como jornalista autônomo” (FELIPE, 2017).

Pela visão do Felipe, existem alguns temas de maior importância ideológica onde os jornalistas que concordam com os veículos estão trabalhando. Essa ideia também pode ser encontrada na entrevista com o Pedro, que ao ser perguntado se concorda com a linha editorial dos

veículos para os quais trabalhou, respondeu sucintamente: “Com a Abril, especificamente, nenhuma” (PEDRO, 2017). O jornalista afirma que teve muitos conflitos devido a essa discordância, e que hoje está mais ameno porque produz para o guia do Enem: “São matérias um pouco mais técnicas, que não lidam com temas muito políticos e quando lidam, como foi o caso de uma matéria que fiz sobre mobilidade estudantil, não tenho problemas porque a linha política da redação é muito alinhada com a minha” (PEDRO, 2017). Entretanto, ao se lembrar dos seus *freelances* fixos para a *Placar* e para a *Playboy*, diz que a relação era terrível: “Dentro da *Playboy* havia um problema sério de machismo. Eu era a pessoa que fazia a Home do site e eu tinha um problema muito sério com a forma como as mulheres eram tratadas, com uma reivindicação de tema das mulheres dentro da redação, e aquilo era quase uma piada dentro da redação” (PEDRO, 2017). Segundo ele, já ocorreram casos em que suas matérias foram interrompidas ainda na apuração devido as dissonâncias com a linha editorial do veículo. Sua condição de *freelancer* agravou a situação:

Foi um dos motivos que me fez sair, além do trabalho e da exploração laboral, foi também uma posição de princípios muito discordantes. Não tinha como chegar a um consenso porque eu era um *freelancer*, poderia ser facilmente demitido e eu precisava confrontar diretamente pessoas com um nível hierárquico muito maior que o meu: meu editor, meu diretor de redação, que não davam muita bola para o que eu falava e aí acontecia muito essa desarmonia de princípios, valores e direcionamentos jornalísticos (PEDRO, 2017).

O entrevistado relatou que tomou conhecimento da linha editorial da redação da Abril no cotidiano de trabalho e analisa que a tendência, numa situação como a que ele enfrentou, é a de que os jornalistas mais novos saiam do emprego: “vão rolando algumas faíscas, essas faíscas vão se tornando fogo, esse fogo vira um incêndio e aí você foge. Já que você não consegue apagar o incêndio e está na base da pirâmide, então você pega suas coisas, vai embora e deseja boa sorte” (PEDRO, 2017).

A Silvia, por sua vez, passou por duas situações distintas, atualmente trabalha como *freelancer* fixo em veículos de uma vertente mais independente com salários ligeiramente mais elevados e condições que lhe permitem viver exclusivamente destes *freelances*. A jornalista atua, nestes veículos, com determinado conforto e afinidade editorial. Entretanto, quando trabalhou para a mídia tradicional, na Folha de São

Paulo e no Estadão, havia uma discordância e para evitar conflitos, a jornalista manteve distância de determinadas pautas. Assim, a jornalista respondeu que nunca teve problemas editoriais com seus textos em si, mas com outros textos da mesma edição do jornal sim:

Eu nunca cobri áreas muito críticas, por exemplo política que talvez possa ser mais estressante e tem outra coisa, eu nunca fui trabalhar para veículos que eu discordasse totalmente da linha editorial, eu evitei quando apareceram vagas ou freelas para veículos que eu tenho visto a cobertura como muito complicada. Apareceram, por exemplo, freelas em política e isso era uma coisa pesada eu aceitar o trabalho ou não. Pessoalmente, como *freelancer* trabalhando na Folha ou no Estadão, nunca teve um caso que eu tivesse feito uma matéria e ficado revoltada com a edição. Eu tinha mais uma visão assim do jornal, as vezes a capa ou a edição de outras áreas eu não concordava, mas não exatamente os meus textos, isso nunca afetou muito, eu acho que eu tive sorte também, os chefes que eu trabalhei eram bons e sempre deu para dialogar. Você pode até não concordar com um título ou outro, mas assim nunca me senti desconfortável do ponto de vista ético trabalhando como freela nesses lugares (SILVIA, 2017).

Sua passagem por esses veículos não lhe rendeu conflitos editoriais, entretanto a jornalista reconhece que essa é uma questão delicada e que varia de editoria para editoria: “Eu conheço pessoas contratadas que já passaram por situações muito ruins, então varia tanto da editoria que você está, do tipo de cobertura, do seu chefe, porque tem chefes em redação que são assediadores e tem chefes que são ótimos” (SILVIA, 2017). Mas a jornalista conclui o raciocínio reconhecendo diferenças entre contratados e *freelancers*. Segundo, Silvia, o contratado tem mais direitos que o *freelancer*, mas isso, não necessariamente se traduz em maior qualidade de vida: “Deveria, né, você ter mais direitos deveria significar uma qualidade de vida maior, mas pela minha experiência não é assim, e às vezes como *freelancer* você tem uma vida mais tranquila” (SILVIA, 2017).

O Matheus também fala de diferenças na linha editorial diretamente associada ao editor que estiver trabalhando no momento. Segundo ele, que já teve bons exemplos em lugares que não esperava – como as diversas revistas de bordo para as quais produziu – e maus

exemplos de onde esperava um diálogo mais aberto: “Todo lugar tem uma linha editorial e uma hora você vai esbarrar nela e ter que lidar, às vezes não é nem a linha editorial da revista, mas do editor que está te editando; as vezes ele não entende, não tem a referência sobre o assunto” (MATHEUS, 2017). Matheus percebe um rejuvenescimento dos editores, quando começou a trabalhar, em 2005, os editores tinham cerca de 40 anos e hoje em dia, o jornalista fala de editores com 30 anos. O jornalista acha isso prejudicial porque considera crucial a experiência e uma boa vivência como características de um bom editor.

Para evitar conflitos, Matheus avaliava os trabalhos que poderia aceitar como *freelance* com antecedência, dessa forma, relata que quando discordava muito, não pegava essas ofertas de *freelances*. O jornalista ainda fala que para que seus textos fossem aceitos, fazia uma adequação à linguagem e à linha editorial com antecedência. Segundo ele, conflitos editoriais poderiam significar mais trabalho:

Nunca tive problema com a linha editorial dos lugares e sempre soube adequar meus textos ao local. Para o *freela*, o importante é você entregar e aquele trabalho acabar, então é melhor você saber qual a linha editorial daquele lugar e escrever nessa linha que escrever um texto completamente solto e ele ficar batendo e voltando. Isso faz com que o trabalho que você faria em dois dias, vire o trabalho de uma semana. (MATHEUS, 2017).

Os jornalistas João, que trabalha hoje para a editora A3, e a jornalista Maria, que está à procura de *freelances* enquanto trabalha contratada por uma empresa de assessoria, são os mais novos no mercado e não conversaram sobre as questões editoriais dos veículos para os quais trabalharam. Sendo assim, João avalia os impactos de suas produções relacionados às suas condições de trabalho. O jornalista, realiza três funções no veículo atual, nenhuma das três é feita com a qualidade que gostaria de exercer: “Como eu ocupo diferentes funções no decorrer do dia, eu não consigo exercer nenhuma delas de forma plena e isso impacta na qualidade da informação que o leitor está recebendo” (JOÃO, 2017).

Por outro lado, os jornalistas Arthur, Fernanda e Jéssica, dizem concordar com as linhas editoriais dos veículos que trabalham. Os três produzem ou produziram grande parte de suas carreiras como *freelancers* para a Folha de São Paulo. Na visão da Fernanda, “a Folha é para o mercado e isso fica muito nítido, daí vejo que não é necessariamente partidário, mas que é ideológico, uma medida que é suprapartidária”. Essa linha editorial é sentida no cotidiano de trabalho e na leitura das edições.

A jornalista diz que, como leitora, sente a Folha com uma linha mais voltada para o mercado e contra ideias pró-Estado. Suas pautas geralmente tratam de direitos humanos e de gênero, e considera que o que produz é alinhado com as ideias do jornal. Como exemplo, cita um caso em que o então prefeito de São Paulo, João Dória fez uma visita à Porto Alegre. Na cobertura, ela citou que Dória xingou o ex-presidente Lula e citou que em seu discurso ele não tratou dos casos de corrupção que seu partido, PSDB, estava envolvido. O título da reportagem trata da ofensa ao ex-presidente, mas no conteúdo do texto há, também, o caso da não menção aos casos de corrupção envolvendo o PSDB. A jornalista cita esse caso para justificar a ausência de censura aos seus textos e relembra os casos de suas reportagens publicadas pela BBC Brasil e que são republicadas pela Folha de São Paulo sem alteração no conteúdo:

O que eu consigo escrever para a BBC, por exemplo, fala sobre a produção de tabaco, de como o índice de suicídios tem sido alto, fiz uma matéria sobre epidemia de câncer relacionada a agrotóxico, ela vai batendo na necessidade de um plantio alternativo, uma matéria dessas ninguém me pediria para fazer na Folha, mas foi republicada porque eles republicam as matérias da BBC. Não aconteceu de mudarem nada que escrevi (FERNANDA, 2017).

Relembrando que a Jessica produz para a Folha mais por prestígio de ter seu nome publicado no “maior jornal do país”, ela também diz concordar com a linha editorial do jornal: “Sim, me identifico em muitos aspectos, acho que se tivesse divergências demais de posições, seu eu não tivesse essa afinidade, nem por ver meu nome lá estampado eu escreveria para eles” (JESSICA, 2017).

3.3.6. Análise do Terceiro Eixo: Autonomia

O primeiro ponto a ser destacado neste eixo das entrevistas é a visão de mundo dos jornalistas. Todos têm opiniões sobre o jornalismo como uma instituição benéfica para a sociedade que tem a sua importância seja para a manutenção da saúde da democracia, seja para a construção de um mundo melhor. É importante saber isso quando partimos do pressuposto teórico de que o jornalismo tem uma relação sujeito-objeto onde a subjetividade envolvida no processo tem uma importância no seu resultado (GENRO FILHO, 2012). Um jornalismo de

caráter transformador só pode ser exercido por jornalistas que tenham esta convicção.

Sendo assim, é de se esperar que os jornalistas não acreditem, ingenuamente, em ideais como objetividade e imparcialidade e reconheçam a impressão de sua subjetividade nos seus textos e reportagens. Essa constatação foi presente nas respostas. Entretanto, a maior parte dos entrevistados não concorda com as linhas editoriais dos veículos para os quais trabalham. De que forma esta discordância sobressai em suas produções? Pelo que percebemos nos nossos entrevistados, não sobressai. Cada entrevistado, ao ser perguntado sobre a linha editorial, explica de que forma as discordâncias são enfrentadas no cotidiano de trabalho. Suzana, por exemplo, aponta que nos veículos que teve conflitos editoriais, o problema estava no editor que impõe a ideologia do veículo aos textos dos repórteres. As discordâncias são tamanhas que Suzana parou de produzir para a Veja São Paulo. Essa saída reaparece em outras entrevistas. A posição do *freelancer* frente aos conflitos editoriais de um veículo é muito frágil, não há segurança alguma, portanto, como um instinto de sobrevivência, os entrevistados evitam produzir para as editorias que reconhecem que são mais cruciais para a linha editorial das empresas ou não escrevem para os veículos que não concordam. Interessante de observar que em nenhum dos casos há a possibilidade de mudança na linha editorial, o resultado, na correlação de forças entre *freelancer* e empresa, se demonstrou em todos os casos analisados, desfavorável para os jornalistas.

Ao pensarmos nas questões suscitadas no eixo anterior sobre o campo jornalístico, o *freelancer*, de fato, não tem muitas condições de influenciar o campo, sua posição é mais a de jogar conforme as regras. Segundo Breed (1993), a absorção da linha editorial se dá no cotidiano de trabalho e alguns jornalistas aprendem a antever aquilo que a empresa gostaria que fosse dito a fim de evitar possíveis sanções. No caso dos nossos entrevistados, devido à forte instabilidade de emprego, a questão de antever a linha editorial dos veículos é uma estratégia de sobrevivência. Matheus, por exemplo, relata que discorda da linha editorial de diversos veículos para os quais trabalhou, entretanto, antes mesmo de trabalhar para eles, procurava estudar sua linha para conseguir o trabalho e se discordasse demais, nem procurava *freelance* para o veículo. Dessa forma, os cargos de maior importância ideológica para as empresas dificilmente são ocupados por jornalistas *freelancers*, como vimos no relato de Felipe, ou são ocupados por aqueles que se submetem.

Os relatos dos entrevistados caminham em congruência com a constatação de Garcia (2009, p. 36) sobre os jornalistas portugueses:

Esses novos perfis, em particular nos estratos de menor estatuto, surgem muitas vezes articulados nos locais de trabalho — onde o carácter multifacetado das profissões tende a revelar-se — com formas pouco criteriosas de recrutamento e integração, precarização laboral, fomento da polivalência multiforme e multimidiática, atividades extraprofissionais, apropriação dos direitos intelectuais, preferência para a flexibilização e para a ausência de expectativas de carreiras previsíveis e consolidadas, bem como de favorecimento de uma atitude complacente relativamente à mercadorização da informação, do público, e à amálgama entre conhecimento e múltiplas formas de entretenimento evasivo ou de contrafacção do sentido da informação.

Por fim, Pedro fala da prioridade que é dada à velocidade de produção em detrimento da qualidade de produção. Este relato confirma, na prática, aquilo que Moretzsohn (2002) chamou de fetiche de velocidade e que tratamos na etapa teórica da pesquisa. Se na correlação de forças do campo do jornalismo, os jornalistas *freelancers* em condições precárias tem tido menos força do que as empresas, vemos a intensificação de valores como velocidade de produção passando por cima de qualidade de informação. Uma das formas como essa inversão de valores acontece, no nosso caso analisado, é através da precarização do trabalho, sobretudo com a instabilidade de emprego.

Considerações Finais

Nossa pesquisa teve por objetivo compreender as nuances da precarização do trabalho do jornalista *freelancer* e os impactos que a precarização tem em sua autonomia. A partir desse questionamento, constatamos que o jornalista *freelancer* possui pouquíssima estabilidade de emprego e não possui perspectivas de carreira, dessa forma sua influência dentro do campo jornalístico é quase nula. Pelo contrário, o modelo de trabalho *freelancer*, devido às suas características de mão de obra instável contribui para a manutenção do campo jornalístico enquanto campo cada vez menos autônomo sofrendo influências do campo econômico. O modelo de trabalho *freelancer* carrega consigo um discurso de autonomia profissional, entretanto, verificamos na etapa teórica e confirmamos na etapa empírica da pesquisa que o *freelancer* não possui a autonomia apregoada. Esse discurso tende a ser nocivo para a classe trabalhadora em si e para o campo jornalístico.

A escassez de vagas e o alto contingente de mão de obra precariza as condições de trabalho. Cabe destacar que para os critérios das empresas analisadas, todo jornalista recém-formado é potencialmente mão de obra, inclusive há casos de profissionais que nem ao menos terminaram o ensino superior em jornalismo.

O discurso do *freelancer* dono de seu próprio tempo é esmagado pela lógica empresarial que reduz salários e faz com que estes profissionais tenham que procurar o equivalente a três ou quatro empregos para suprir os baixos salários. Vimos na pesquisa que os *freelancers*, além de baixos salários, não possuem perspectiva de carreira, em grande maioria são jovens e estão no mercado de trabalho a pouco tempo. Isso se dá porque os que ficam mais tempo se dão conta das dificuldades da carreira estagnada e saem do mercado jornalístico, em muitos casos para trabalhar em empresas de assessoria ou publicidade, em outros casos para qualquer outra carreira, como Direito ou Economia. Infelizmente, as soluções para a intensa precarização do trabalho do jornalista *freelancer* têm sido a desistência e não a resistência.

Afinal, o profissional que executa suas tarefas diariamente sem enxergar o universo totalizante ao seu redor, preocupado em cumprir metas de qualidade prioriza os valores do mundo do trabalho, como a busca por lucro, maior produção e ascensão na carreira. Pensando na perspectiva da teoria dos campos de Bourdieu (2005), a lógica empresarial com características do trabalho flexível pende muito mais a balança em desfavor dos trabalhadores. Correlacionando as etapas da

pesquisa, é possível constatar que Garcia (2009) foi muito feliz ao ressaltar os aspectos da precarização do trabalho como manifestações da influência dos interesses econômicos sobrepondo os interesses jornalísticos.

Ao questionarmos sobre a satisfação com sua produção como jornalistas, pudemos atestar que a questão da autonomia não necessariamente caminha para um valor benéfico de integração do jornalismo com a sociedade. Pelo contrário, a influência desses campos tem surtido em maior precarização do trabalho e que em tais condições, o jornalista não consegue exercer sua produção de maneira satisfatória. Alguns entrevistados relataram que não veem suas produções atingindo um grande contingente do público, outros responderam que não realizam as atividades jornalística que gostariam de fazer.

O percurso da pesquisa começou pela etapa teórica. No primeiro momento, com base no referencial de Antunes (2012) e Harvey (2014) buscamos compreender como que o mundo do trabalho sofreu mudanças no decorrer do século XX até os dias atuais. É a partir da industrialização das fábricas e do movimento de urbanização das cidades que a classe trabalhadora sofre a primeira mudança significativa do contexto atual. O período que foi marcado pelo modelo fordista de produção se iniciou em 1914 com as mudanças nas fábricas da Ford. O objetivo naquele período era de organizar a produção em larga escala. Houve o consequente alargamento dos mercados de consumo e todo o mundo do trabalho sofreu influências do modelo de produção fordista. Vimos que é com o fim da Segunda Guerra Mundial, que o modelo fordista de produção se espalha pelo Globo tendo suas devidas diferenciações nos países de primeiro mundo. Devido a uma crise de superacumulação em conjunto com a crise do petróleo da década de 1970, o capitalismo internacional precisou se reinventar e as formas de produção foram renovadas. A nova palavra de ordem foi a flexibilização do trabalho. Não era mais necessário a produção em larga escala e foi adotado um novo modelo de produção Just In Time, ou produção por demanda. Para isso, foi preciso que a mão de obra se tornasse mais maleável, em períodos de grande produção, mais trabalhadores, em períodos de recessão, menos, entretanto sem os encargos e seguranças trabalhistas aumentando custos nesses movimentos de contratação e demissão. No jornalismo, essas mudanças chegaram em dois momentos. No primeiro período o jornalismo se industrializou sob o modelo fordista de produção, se estruturando em grandes empresas com maquinário renovado e fragmentação da produção da notícia. No segundo momento, o da flexibilidade, passaram a ocorrer demissões em massa e o

trabalho jornalístico começou a intensificar a informalidade. É neste período que o profissional *freelancer* ganha destaque. Como vimos em Burkhardt (2006), o *freelancer* convive com o emprego formal, serve como a mão de obra da base da produção jornalística e está sendo utilizado sobretudo como estratégia de precarização do trabalho.

Vimos também que o jornalista não é um trabalhador qualquer. Há no jornalismo uma importância da subjetividade no processo produtivo. Portanto, nos dedicamos a analisar os impactos da precarização do trabalho nesta subjetividade. Os resultados de nossas observações foram de que os jornalistas *freelancers* possuem pouca ou nenhuma autonomia. Ao partirmos para a etapa empírica, nos deparamos com um corpus que em grande maioria não concorda com as linhas editoriais dos veículos para os quais trabalham, mas nenhum dos discordantes apresentou alguma forma de contestação ou estratégia para mudança dessa linha editorial num sentido que a aproxima de suas convicções. Pelo contrário, os jornalistas relataram não produzir notícias sobre assuntos que consideram delicados para a posição política dos veículos. Relataram também estudar a linha editorial dos veículos para os quais trabalham afim de antecipar possíveis sanções ou retaliações. Aqueles que discordam de forma mais radical, relataram não produzir para os veículos que não concordam. Desta forma, constatamos que os *freelancers* não só não possuem autonomia profissional suficiente para influenciar no campo jornalístico, como atuam em favor da conformidade do campo com todas as deficiências que este possa ter.

Segundo Genro Filho (2012), o jornalismo realizado de forma pragmática, sem reflexão sobre o contexto no qual está inserido, focado em manuais e técnicas, tende a reproduzir a lógica dominante sem ao menos perceber. Nossa pesquisa encontrou esta situação no caso dos *freelancers* analisados. Entretanto, não constatamos a ausência de reflexão como consequência de má formação ou qualquer má fé dos jornalistas e sim na precarização de suas condições de trabalho. Nas entrevistas realizadas pareceu cada vez mais evidente que a única solução para a baixa remuneração é a busca por outros empregos, tendo estes profissionais uma situação de excesso de trabalho altamente desregulamentado.

Nossas entrevistas demonstraram que os *freelancers* analisados tem formação nas universidades públicas brasileiras são, em sua maioria, jovens, idade entre 26 e 31 anos e ingressaram no mercado de trabalho através dos *trainees* fornecidos pelas empresas analisadas. Os *trainees* têm duração média de 2 a 3 meses e não tem remuneração, mas por

diversas vezes o trabalho produzido pelos participantes é aproveitado nas edições dos veículos em questão. Ao fim dessa formação, alguns jornalistas conseguem um contrato de um ano podendo ser renovado em uma vaga do quadro fixo de funcionários. Porém, os nossos entrevistados são aqueles que não foram contratados. Vimos nos mais novos no mercado a vontade por produzir e a busca por mais trabalho com a ideia de que é assim que as oportunidades de contratação aparecerão. Entretanto, vimos também nos jornalistas mais velhos no mercado de trabalho casos de 5 e até mesmo 10 anos produzindo para o mesmo veículo sem nunca ter havido a contratação de fato. O modelo *freelancer* pode ser idealizado como uma etapa ou forma de entrada no mercado, mas na prática tem sido utilizado como mão de obra barata e permanente pelos veículos tradicionais jornalísticos.

Observamos também a dupla exigência de qualificação das empresas de jornalismo. A grande maioria dos profissionais passou pelo curso de formação *trainee*, o que à primeira vista, pode demonstrar que as empresas não confiam ou não consideram suficiente a formação das universidades brasileiras. Entretanto vimos um caso de um jornalista que não se formou em jornalismo e já começou a trabalhar no campo. Ao se envolver no mercado de trabalho, não conseguiu mais concluir o ensino superior em jornalismo. Mais tarde, o jornalista ainda tentou fazer outra faculdade, em Direito, que abandonou alegando que não conseguiu concluir por conta do trabalho. Desta forma, a exigência por qualificação que é feita pelas empresas, parece não ser genuína e sim mais um método de triagem para selecionar novos *freelancers*, visto que o jornalista em questão trabalhou por cerca de dez anos no jornalismo e não conseguiu concluir o ensino superior devido ao excesso de trabalho.

Destacamos também como que os jornalistas, sobretudo aqueles aqui analisados que trabalham para a Folha de São Paulo, se submetem a trabalhar por valores baixos vislumbrando o prestígio social de trabalhar para o “maior jornal do Brasil”. Na prática esses profissionais recebem um valor tão baixo que comparados aos seus outros empregos é como se estivessem realizando trabalho voluntário. A precarização da profissão, nesse caso, se dá no fato de que jornalistas desempregados não conseguirão aceitar essas situações por serem insustentáveis financeiramente, mas os valores permanecerão baixos enquanto profissionais com vidas mais estáveis aceitarem fazê-lo pelo nome do veículo.

Outra constatação que nosso objeto empírico nos trouxe é a da instabilidade de emprego naqueles profissionais que passaram por

diversas revistas do grupo Abril. Para esses profissionais, a sensação no final de cinco ou dez anos é a de que só adquiriram experiência profissional e pessoal na carreira de jornalistas. Quanto à remuneração, os valores permanecem estagnados e o sentimento de que há uma ligeira autonomia para escolher os trabalhos e os próprios horários, pelo menos entre nossos entrevistados, desapareceu com o passar dos anos.

Constatamos também, ainda que considerando um corpus pequeno, que os *freelancers* por tarefa e por conta própria, em geral são os que estão fora das redações e são os que vivem a instabilidade de emprego de forma mais crua. Suas relações com outros profissionais são bem raras. Os relatos colhidos em nossas entrevistas dão conta de mostrar que os jornalistas possuem boas relações com seus editores, tornando-se inclusive amigos de alguns e antecipando a defesa dos mesmos sobre o porquê dos baixos salários, entretanto ao se falar de colegas de trabalho jornalistas *freelances*, os contatos são mais raros. Estes profissionais são os que melhor exemplificam o fenômeno da atomização do trabalhador. Em geral não são sindicalizados.

Correlacionando com a análise de Garcia (2009), a missão dos grupos profissionais *freelancers*, no jornalismo, está se tornando impotente para questionar as linhas editoriais das empresas e toma para si o discurso dos empresários. Segundo o autor:

A reorganização das empresas e as novas formas de gestão que colocam a migração para o digital e o mercado no primeiro plano estão a implicar, portanto, a reconceptualização da missão dos *media*, dos grupos profissionais no seu interior, dos jornalistas e das relações entre estes e os gestores (GARCIA, 2009, p. 33).

Analisamos como os *freelancers* lidam com a linha editorial e chegamos à conclusão de que as enfrentam com estratégias de sobrevivência. Os profissionais entrevistados apresentaram diversas estratégias para se esquivar da linha editorial dos veículos para os quais trabalham. A maior parte dos entrevistados diverge da linha editorial das empresas, e para evitar conflitos atuam em editorias em que a linha não seja essencial para os donos dos veículos. Um dos jornalistas afirma que há, na redação, contratado como CLT, aqueles jornalistas que são porta-vozes da linha editorial do veículo.

Ao nos debruçarmos sobre a crise do jornalismo, vimos que ela conduz a uma crise de credibilidade referente ao modelo praticado pelas empresas jornalísticas. As empresas buscam resolver esse impacto aumentando a competitividade e intensificando a velocidade de produção.

Para o modelo de trabalho *freelancer*, é uma solução nefasta, pois indica a necessidade deste tipo profissional justamente pela necessidade de agilizar os fluxos de comunicação entre profissional e empresa. É mais interessante para a empresa, por exemplo, estabelecer relações *freelancers* que podem se desmanchar ou ressurgir na medida em que é necessário maior produção em determinadas pautas ou regiões da cidade. Enquanto que a velocidade que é exigida nem sempre tem como resultado um bom jornalismo, e permite que os erros cometidos sejam responsabilizados aos jornalistas e não às empresas.

Retomando os conceitos de Bourdieu (2005), a autonomia dos jornalistas que trabalham como *freelancer* por tarefa parece ser a autonomia de escolher qual empregador lhe precarizará menos, entretanto com limitações, em condições de mais escassez de trabalho, a possibilidade de escolha diminui. Sobre a capacidade de influência no campo jornalístico, relembramos que é preciso jogar as regras do jogo para poder alterá-las (BENSON e NEVEU, 2005). A pesquisa indica que o jornalista sem autonomia não consegue influenciar na autonomia do campo jornalístico e praticar o bom jornalismo (LAGE, 2012). As entrevistas que vimos mais do que comprovam essa constatação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- ARTHUR [pseudônimo]. **Entrevista I.** [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. Belém, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada:** o cotidiano dos jornalistas com o cotidiano na redação. Florianópolis: Insular, 2003.
- BELLAN, Rafael. A “crise do jornalismo” como expressão da crise estrutural do capital: uma abordagem dialética. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** 2016, São Paulo, SP.
- BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. Introduction: Field Theory as a Work in Progress. In: BENSON, R.; NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the journalistic field.** Malden, Cambridge: Polity Press, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. The Political Field, the Social Science Field, and the Journalistic Field. In: BENSON, R.; NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the journalistic field.** Malden, Cambridge: Polity Press, 2005.
- BREED, W. Controle social da redação: uma análise funcional. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo:** questões, teorias, histórias. Lisboa: Vega, 1993.
- BURKHARDT, Fabiano. **Jornalistas Free-lancers:** Trabalho precário na grande imprensa da Região Metropolitana de Porto Alegre. 2006. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do Jornalismo.** Ano 2, V. 2, N. 4. 2015.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal:** Uma releitura. 4. ed. amp. e atual. São Paulo: Summus, 1986.
- FELIPE [pseudônimo]. **Entrevista II.** [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- FERNANDA [pseudônimo]. **Entrevista III.** [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. Porto Alegre, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- FÍGARO, Roseli, NONATO, *Cláudia*, GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas.** São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013
- GARCIA, J. L. Introdução ao estudo dos jornalistas portugueses: Os jornalistas e as contradições do capitalismo jornalístico no limiar do

- século XXI. In: José Luís Garcia (Org.). **Estudos sobre os jornalistas portugueses**: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- GROHMANN, Rafael. **Os Discursos dos Jornalistas Freelancers sobre o trabalho**: comunicação, mediação e recepção. 2012. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes de São Paulo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 25. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuitas, 2014.
- JESSICA [pseudônimo]. **Entrevista IV**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. Natal, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- JOÃO [pseudônimo]. **Entrevista V**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 4ª ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2012. Série Jornalismo a Rigor, Vol. 5.
- LUKÁCS, György. **O trabalho**. Tradução, por Ivo Tonet, de LUKÁCS. Disponível em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Lukacs,%20Georg/O%20TRABALHO%20-%20traducao%20revisada.pdf> Acesso em outubro de 2017.
- MARIA [pseudônimo]. **Entrevista VI**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- MATHEUS [pseudônimo]. **Entrevista VII**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.
- MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2007.
- MICK, Jacques. A precarização e o trabalho dos jornalistas brasileiros. In.: **11º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo SBPJor**, 2013, Brasília.
- MICK; Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

MÜLLER, Carlos Alves. A crise estrutural dos jornais e o surgimento das mídias digitais: impactos sobre a produção jornalística. In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). **Jornalismo e Sociedade: Teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

PEDRO [pseudônimo]. **Entrevista VIII**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.

PRADELINA, Virginia da Silveira Fonseca (Orgs.). **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

ROXO, Michelle. O projeto de reestruturação do trabalho jornalístico na Folha de S. Paulo: Racionalidade e gerenciamento. In: **V Congresso Nacional de História da Mídia**, 2007, São Paulo.

ROXO, Michelle; GROHMANN, Rafael. O jornalista empreendedor: uma reflexão inicial sobre jornalismo, flexibilização do trabalho e os sentidos do empreendedorismo no campo profissional. **Líbero**. v. 18, n. 35. 2015.

SCHUDSON, Michael (2005), «Autonomy From What?», in Rodney Benson; Erik Neveu (eds.), **Bourdieu and the Journalistic Field**, Cambridge, UK: Polity Press.

SILVA, Camila Rodrigues da. **Operário Multimídia: Mudanças no mundo do trabalho nos jornais diários brasileiros**. 2011. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA, Cláudio Marcos da. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejotização**. 2014. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Comunicação Area: Jornalismo e Sociedade) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVIA [pseudônimo]. **Entrevista IX**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Mauad Editora Ltda, 1999 (4a edição).

SUZANA [pseudônimo]. **Entrevista X**. [mai 2017]. Entrevistador: André Thibes. São Paulo, 2017. A entrevista na íntegra encontrasse transcrita anexa à dissertação.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. 4ª ed. Revista. São Paulo: Summus.

Apêndice 1 – Roteiro de Entrevistas em Profundidade

Primeiro Eixo: Questões profissionais e relações de trabalho

1. Nome, idade, cidade de origem, quanto tempo está em São Paulo, formação acadêmica e estado civil.
2. Para qual das três empresas da pesquisa você faz ou fez *freelances*?
3. Há quanto tempo faz *freelance* para esse veículo?
4. Você tem outras fontes de subsistência na área do jornalismo?
5. Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?
6. Como se dá a rotina de trabalho?
7. Como se deu a contratação?
8. Quanto é sua remuneração?
9. De quem são ferramentas de trabalho?
10. Você teve cursos de qualificação, quem custeou?

Segundo Eixo: Perspectivas de carreira

11. O que te levou a ser *freelancer*?
12. Deseja continuar trabalhando como *freelancer*?
13. Quais são seus planos para o futuro na carreira?
14. Como você observa sua trajetória no jornalismo?
15. Como você observa sua trajetória financeira? Oscilou, se manteve linear, melhorou com o tempo?

Terceiro Eixo: Relações com o campo (outros profissionais, superiores e fontes)

16. Como é a relação com as empresas que faz ou fez *freelances*?
 - a. É uma relação amistosa ou tensa?
 - b. Tiveram conflitos marcantes?
17. Como é sua relação com outros jornalistas?
 - a. São *freelancers* ou contratados?
 - b. Há uma troca de aprendizados?
18. Você é sindicalizado?
 - a. Se sim ou não, por que?
 - b. O que acha do sindicato, acha que seus direitos estão sendo respeitados?

Quarto Eixo: Autonomia

19. O que espera da profissão frente a sociedade?
20. Como você avalia ideais clássicos do jornalismo como os de objetividade, imparcialidade e fiscalização dos poderes?
21. Você identifica alguma afinidade editorial com a empresa que trabalha?
22. Como conheceu os critérios editoriais?
23. Como se sente a respeito disso?
24. Como enxerga os impactos de sua produção?

Apêndice 2 – Transcrições das entrevistas

Transcrição da entrevista com Arthur

Primeiro Eixo

Qual o seu nome, de onde você é e onde atua atualmente?

Arthur²⁵, 31 anos, natural de Belém, moro em Paraopebas, interior do Pará.

Qual a sua formação acadêmica?

Quase concluí a faculdade de Jornalismo. Fiz os quatro anos, mas faltaram duas disciplinas. Trabalhei como jornalista mais de dez anos, comecei a faculdade de Direito, mas tive que interromper por conta do trabalho.

Qual o seu estado civil?

União estável.

Quando você trabalhou como *freelancer* você teve alguma outra fonte de subsistência?

Quase todo tempo eu tive emprego fixo e fiz trabalhos *freelances*. Durante alguns períodos em que eu fiquei desempregado, eu fiquei dependendo apenas dos “freelas”, mas foram períodos curtos.

Quais eram os principais veículos que você fazia *freelance*?

Fixo eu só fiz para a Folha de São Paulo. Fiz alguns pontuais pra outros veículos, fiz pra editora Abril duas vezes e algumas vezes pra outros veículos como Brasil de Fato e a rede Brasil Atual. Alguns desses veículos são menos conhecidos.

Quanto tempo você ficou como freela fixo pra folha?

Nesse freela fixo pra Folha, fiquei quase quatro anos completos.

²⁵ Nome fictício

Mas antes de fazer freela pra Folha, você já trabalhou com freela pros outros mais esporádicos?

Não lembro, acho que foi mais ou menos na mesma época, mas foram trabalhos bem pontuais.

Como se dava sua rotina de trabalho?

Normalmente eu recebia uma pauta, alguma demanda vinda da edição da Agência Folha, que é como uma editoria da Agência Folha que cuida dessa rede de *freelancers*, recebia uma pauta geralmente com alguns dias de antecedência, dois ou três dias, e aí fazia uma apuração previa do assunto que eles gostariam de abordar. Depois, dependendo da pauta, se era factual ou uma reportagem mais abrangente, entregava os textos em alguns dias. Enfim, basicamente esse era o trabalho, o contato era principalmente por e-mail e telefone.

Como era sua contratação?

Não tinha contrato, era prestação de serviço, eu recebia por matéria demandada, trabalho feito, mesmo que a matéria não fosse publicada, eu recebia pelo trabalho feito.

Quanto você ganhava de freela mensalmente na folha?

Depende, havia meses em que eu fazia duas, três, quatro matérias e havia meses que não tinha nenhuma. Então é mais fácil falar por matéria. Por cada matéria, de R\$ 300, a R\$ 500,00 dependendo da matéria, do assunto, do que foi demandado.

E as ferramentas de trabalho, como gravador, câmera, computador, transporte, era tudo seu?

Normalmente tudo por conta própria, eventualmente quando o trabalho exigia algum tipo de deslocamento mais custoso, por exemplo que demandasse que eu fosse pra outro município ou pra algum lugar que eu precisasse pegar táxi, a Folha me reembolsava. Computador, celular, conta de telefone, tudo por minha conta.

Segundo Eixo:

O que te levou a trabalhar como *freelancer*?

A possibilidade de aumentar minha renda pessoal, ter algum dinheiro extra para além do trabalho fixo que também sempre foram muito baixos os trabalhos fixos pagos a jornalistas em Belém. Quase todo mundo dependia de ter trabalhos *freelancers* ou de ter dois empregos. Eu nunca tive dois empregos, mas sempre tive um trabalho fixo mais o *freelancer*. Em segundo lugar, eu decidi participar de uma seleção pra começar a escrever pra Folha por conta do currículo e das possibilidades profissionais que isso poderia abrir na época. Na minha visão de carreira, na época isso poderia me possibilitar novas oportunidades, escrevendo pro maior jornal do país, enfim eu poderia ter mais visibilidade do que eu tinha escrevendo pros jornais locais de Belém. Foram basicamente essas duas coisas que me levaram a trabalhar dessa forma.

O que te levou a parar de trabalhar como *freelancer*?

A escassez do mercado como um todo. Acho que isso foi sentido por todos, pelo menos pelos vários colegas com quem eu converso ainda hoje. O nosso mercado aqui passou por uma quebra muito significativa por conta da crise econômica, então muita gente perdeu o emprego. Ao mesmo tempo muita gente disputava o que aparecia, aí levou a uma escassez de trabalho mesmo. Por isso optei por seguir uma outra carreira, tentar fazer alguma outra coisa, por conta da questão financeira mesmo.

Como você observa sua trajetória financeira do momento em que você entrou no jornalismo e momentos em que você recebeu mais?

Olha, falando sinceramente acho que eu nunca me senti satisfeito em termos de remuneração. Sempre estive aquém do que eu gostaria de receber para manter o mínimo de qualidade de vida. Basicamente em termos mais simples eu sempre ganhei só o bastante pra sobreviver. Mesmo tendo trabalho fixo, eu não adquiri nenhum patrimônio, não tenho nenhum imóvel em meu nome, eu trabalhei e o que eu recebi nesse período, houve períodos em que eu estive um pouco mais tranquilo e outros que eu estava apertado, mas assim, basicamente eu sempre recebi o bastante pra sobreviver, só isso, nada que eu pudesse acumular.

Terceiro Eixo:

Como era sua relação com a empresa? Uma relação conflituosa ou amistosa?

Era uma relação tranquila e simples. Eu recebia uma pauta, uma proposta de trabalho e se eu tivesse condições de fazer, eu realizava, se não, dizia que não poderia realizar e tudo bem. Era uma relação bastante pragmática, eu diria.

Já houve conflitos de remuneração, por exemplo em relação a atrasos, ou exigir aumentos e não haver consenso?

Conflito não chegou a haver, mas aconteceu uma vez só de ter uma proposta de pauta que requeria uma viagem pra outro município, isso ia requerer além dos custos da viagem. Eu considerava que a pauta em si era mais difícil de fazer porque tinha que ir pra uma zona rural e a remuneração em si, fora as despesas de viagem, eu achei bastante reduzida, me ofereceram R\$ 400,00 e eu disse que não poderia fazer. Eles disseram que não poderiam pagar mais e aí eu não fiz. Mas não gerou conflito porque apesar disso, em outras ocasiões posteriores, eu continuei fazendo outros trabalhos pra eles e foi basicamente uma relação de negócio que não funcionou naquele momento. Era como uma relação de comércio: eles ofereciam um preço pelo trabalho e se eu tivesse disposto a aceitar, trabalhava e se não, não trabalhava. Nada que me afetasse emocionalmente ou gerasse conflito, debate ou estresse de ambas as partes. Em relação a pagamento, também nunca tive problemas, eles sempre pagaram nas datas acordadas. Só uma vez que houve uma falha em que não me pagaram o valor, foi uma matéria não publicada e o editor não informou o financeiro que deveria fazer o pagamento, mas logo que eu cobrei eu fui pago.

Como é sua relação com outros colegas de trabalho, outros profissionais do campo do jornalismo? Sua rede tem mais *freelancers* que contratados?

Quase todos os colegas que eu conheço tem empregos fixos e trabalham como *freelancer* eventualmente. A maioria dos que trabalham em redação de jornal, outras pessoas que trabalham em assessoria de imprensa e outros organismos de comunicação institucional em geral tem um trabalho só e fazem trabalho de *freelancer*.

Mas assim, em relação a condição de trabalho, de remuneração,

eu acho que era tudo muito parecido em Belém. Existia algumas caixas de jornalismo em que era difícil fazer uma mobilidade entre elas. Existiam profissionais mais antigos ou profissionais que por conta das suas relações pessoais mesmo conseguiram ter um padrão de vida mais elevado, um nível de remuneração bem alto, tanto em redação de jornal quanto em outras empresas privadas, e uma outra classe de jornalistas que é a classe da qual eu me coloco que eram os jornalistas que recebiam muito pouco por muito trabalho e que viviam sempre apertados em termos de condição financeira.

Era basicamente esse o cenário que eu enxergava: alguns colegas muito bem colocados no mercado ocupando essas posições e numa outra ponta a maioria nessas condições de trabalho precárias e no geral bem mal remunerados, isso independente da área do jornalismo que trabalhasse ou do local que trabalhasse.

Durante esse período que trabalhou como jornalista você foi sindicalizado?

Não. Nunca consegui me sindicalizar porque não concluí a faculdade, tentei concluir mas a academia acabou se tornando um peso pra mim, o sindicato nesse período não aceitava sindicalização de jornalistas não formados. Mesmo assim cheguei a participar de um movimento trabalhista, por exemplo, que foi uma greve no Diário do Pará, onde eu trabalhava na época, com o apoio do sindicato mas independentemente do sindicato, por conta das condições de trabalho e remuneração. Na época, o salário bruto da maioria dos jornalistas, maioria dos repórteres, era de R\$ 1.000,00 apenas e nós fizemos uma greve em 2013. Paralisamos a redação por uma semana, tanto do jornal impresso quanto do Diário online e conseguimos aumentar significativamente em 50% apesar do salário em si ainda ser muito baixo passou de R\$ 1.000,00 para R\$ 1.500,00 após essa greve, e eu como uma das lideranças do movimento grevista fui demitido. A greve aconteceu em setembro de 2013 e eu fui demitido em fevereiro de 2014 do Diário online por conta disso junto com outras lideranças grevistas que foram sendo demitidas gradativamente.

Então, mesmo não tendo sido sindicalizado eu participei efetivamente, não só nesse momento, esse momento foi o mais forte, mas sempre fiz questão de debater e expor entre os colegas em alguns desses momentos um pouco mais políticos, a necessidade dos jornalistas se

organizarem enquanto classe de trabalhadores e tentarem de alguma forma modificar um pouco da nossa realidade enquanto classe trabalhadora.

Quarto Eixo:

Como você avalia ideais históricos da profissão, tais como objetividade, imparcialidade e fiscalização dos poderes?

Eu acho que o cenário político atual, estabelecido desde as manifestações de 2013 e aquelas passeatas e foi se agravando com as eleições em 2014 e com o processo de impeachment no ano passado, acho que esse processo mais macro acabou mostrando muitos dos nossos problemas que eu diria que não são só trabalhistas, só em termos de condições de trabalho, problemas só sindicais, são problemas um pouco mais ideológicos no exercício da profissão. Talvez possam ser problemas de identidade da profissão, eu acho que as universidades estão falhando um pouco na formação de novos profissionais, sobretudo na hora de tentar identificar quem deve ser esse profissional de jornalismo e tentar ter um eixo orientador pra formação profissional, o que eu tenho enxergado muito, já enxergava, trabalhei até ano passado como jornalista e sentia na pele, continuo vendo agora mesmo exercendo outra profissão, são profissionais exercendo uma profissão muito técnica parece que o jornalismo deixou de ser uma profissão de nível superior, uma profissão que exige uma reflexão intelectual para o seu exercício e a gente vê muitos colegas, sobretudo os colegas mais jovens que enxergam a profissão de forma meramente técnica, eu teria que saber escrever eu teria que saber postar uma imagem no Facebook, saber editar um vídeo pra postar no *Instagram*. Eu acho que a gente tem uma supervalorização dessas habilidades que são puramente técnicas, que qualquer pessoa aprende, não é preciso fazer um curso superior de jornalismo pra tê-las, mas isso acaba sendo o que está sendo valorizado pelos profissionais e pelas empresas em contrapartida. Na hora de selecionar os profissionais no mercado, isso acaba gerando uma classe de trabalhadores onde falta consciência de resgatar o sentido de ser jornalista, pra que formar jornalistas se qualquer pessoa pode postar uma foto no Facebook. É preciso que alguém estude quatro anos numa faculdade pra ser jornalista, eu acho que é preciso pensar sobre isso, acho que os profissionais não tem refletido sobre isso, acho que os jornalistas mais velhos tem feito essa reflexão, mas os mais jovens, em sua maioria, pouco param pra pensar a esse respeito. Eu considero isso bastante perigoso e isso leva a uma

precarização cada vez maior do nosso mercado de trabalho.

Transcrição da entrevista com Felipe

Primeiro Eixo

Nome, idade, cidade de origem e há quanto tempo mora em São Paulo?

Felipe²⁶, 31 anos, de Rezende, RJ, estou em São Paulo há 9 anos.

Qual sua formação acadêmica?

Me formei em Jornalismo pela universidade presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Qual o seu estado civil?

Sou solteiro. Ainda moro sozinho. Minha namorada está em processo de mudança e vamos morar juntos.

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?

Tenho algumas outras fontes de arrecadação como Air Bnb. Como moro em um apartamento que tem dois quartos, alugo um desses quartos vagos. Eventualmente também faço tradução de inglês, mas minha fonte principal de renda está ligada ao jornalismo.

Como é sua rotina de trabalho?

Não sei se isso ficou bem claro, mas eu não sou funcionário do Estadão. Fiz um curso de Jornalismo Econômico no Estadão e durante esse período eu fui repórter *trainee* do jornal. Mas de carteira assinada, meu vínculo é com a EBC.

Você fez trabalhos para o Estadão esse ano?

Fiz ano passado durante o curso. Foi um período de seis meses em que eu e os outros alunos geramos conteúdo para o jornal, na página online e no jornal impresso.

²⁶ Nome fictício.

Quais os custos para produzir como *freelancer*?

Não são custos muito elevados. Geralmente tenho despesa com transporte, custo que repasso na hora de fazer o orçamento para quem contrata minha mão de obra e o custo que já tive e que foi quitado do equipamento, seja uma câmera de vídeo ou um gravador, são equipamentos que adquiri não só para trabalhar como já era do meu interesse em ter.

Você trabalha para EBC como concursado e presta serviço para outros lugares além da EBC?

Exatamente, mas como autônomo. Alguns como pessoa jurídica, entidades que me pedem para gerar nota para que tenham como declarar isso no imposto de renda e outros mais na informalidade em um contrato mais verbal.

Você tem exemplos de trabalhos feitos para além da EBC?

Sim. Colaboro com dois sites esportivos, o Chuteira de Ouro e o Futebol na Veia, e já fiz alguma coisa para o Jornalistas Livres.

Com relação a sua qualificação, você fez cursos de qualificação? Essa qualificação foi bancada por quem?

Fiz alguns cursos antes de entrar na EBC, como o de radialista no SENAC, por exemplo e as despesas desse curso foram bancadas por mim. Na época eu ainda não era funcionário da EBC. Outros cursos como o de marketing esportivo, por exemplo, um dos blogs para qual contribuo, o Futebol na Veia me proporcionou e não tive essa despesa.

A EBC tem um programa de qualificação para os profissionais para curso de mestrado, pós-graduação que eu pretendo fazer. Ainda não fiz nenhum desses cursos direcionados ao jornalismo, já fiz cursos pela EBC de ética e gestão da comunicação, que são cursos livres proporcionados pela EBC em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, mas não são cursos diretamente ligados a área de atuação do jornalismo são mais cursos de enriquecimento profissional.

Segundo Eixo

O que te levou a trabalhar como autônomo para esses veículos?

Durante a faculdade foi a aquisição de experiência. Quando estamos no início da faculdade topamos muita coisa por experiência, para publicar algum material. Nessa fase temos que deixar um pouco do interesse material de lado por essa questão. Depois em um segundo passo por uma complementação de renda, como disponho de algum tempo livre eu tento preencho-o com algum trabalho esporádico e as vezes mais continuo. Acho que são esses dois eixos: aquisição de experiência e complementação de renda.

Você deseja continuar realizando esses trabalhos a médio e longo prazo?

Desejo continuar realizando esses trabalhos e no futuro tenho planos de abrir meu blog e produzir um conteúdo que seja do meu interesse com ideias próprias.

Quais são seus planos pro futuro na carreira?

Do ponto de vista acadêmico, pretendo fazer um mestrado em Economia, e do blog, pretendo fazer um site sobre perfis de algumas pessoas anônimas, mas que acho que valém a pena terem suas histórias contadas. Isso é um embrião de algo que penso em escrever a respeito, mas sem nenhuma perspectiva econômica. É algo que penso como realização pessoal e já penso há bastante tempo.

Como você observa sua trajetória financeira do momento em que você se formou até hoje?

Minhas condições financeiras melhoraram muito a partir do momento em que fui aprovado em concurso. Minha renda principal deriva do trabalho que desempenho na EBC. Eu não saberia quantificar como estariam minhas condições financeiras se dependesse apenas de *freelancer*. Há jornalistas que conseguem viver disso, os chamados blogueiros, não faço juízo de valor e acho que a internet está aí para as pessoas exporem suas ideias, opiniões e para quem quer fazer um jornalismo mais investigativo.

As minhas condições financeiras dependem do meu trabalho principal. As matérias que faço como *freelancer* é complementar. Se eu perdesse meu emprego hoje estaria em uma situação delicada do ponto de vista financeiro. Eu não conseguiria manter minhas despesas com que

aufiro no trabalho como autônomo, embora seja um complemento importante.

Terceiro Eixo

Como se da sua relação com as pessoas que pagam quando você trabalha como autônomo?

No Chuteira na Veia, por exemplo, o seu idealizador era um professor meu da faculdade, essa aproximação se deu dentro do âmbito acadêmico. Ele dever ter notado em mim um certo interesse por esporte e chamado para colaborar com o site dele. Com outros *freelancers* como o jornalistas livres por exemplo acho que partiu de mim, de achar legal o que os caras estão fazendo e entrar em contato ou mesmo na cobertura de alguma manifestação me aproximar de algum repórter que eu sei que colabora com determinado veículo, deixar algum contato, mandar algum matéria e assim se inicia uma potencial relação colaborativa, mas como todos esses veículos se mantem de forma obscura financeiramente...eu não sei como é a política de remuneração dos jornalistas livres, por exemplo. Nas matérias que enviei para os jornalistas livre eu não recebi nada por isso, foi lago mais altruísta. Eu não sei se os colaboradores dos jornalistas livres vivem só disso ou como eles ganham dinheiro com isso. Acho que esse é dos grandes desafios desse dito jornalismo moderno, como essa galera vai conseguir unir conteúdo independente e viabilidade econômica. Não acho que seja impossível, tem muita gente pensando nisso e talvez a solução suja em médio prazo, espero que surja.

Com relação a esse contato, é uma relação amistosa, tensa?

Eu não posso deixar de observar uma certa hipocrisia. No caso desse meu professor, eu tinha aula com ele sobre história do jornalismo, não me lembro bem da cadeira, mas era uma disciplina teórica e ele fazia toda uma defesa das leis trabalhistas e o quanto é importante o vínculo trabalhista, mas, na pratica ele faz o contrário. A gente acabou de ver que foi aprovado na câmara um processo de terceirização irrestrita, na prática, dentro do jornalismo já sabemos que isso acontece faz tempo, quase odos os meus colegas que fizeram curso comigo no Estadão e foram absorvidos pelo jornal foi em regime de pessoa jurídica. Há algum tempo, alguns veículos têm praticado a pejetização.

Tenho alguns colegas que trabalharam na Carta Capital que é um veículo que prima por um certo progressismo e que também não tinham

nenhum vínculo direto, trabalhavam sob um vínculo inexistente ou muito frágil. É um momento delicado principalmente nesse contexto de redações mais enxutas não acho que seja um bom momento para o mercado de jornalismo, acho que mercado de jornalismo como concebíamos está acabando e eu tenho notado essa tentativa das empresas de cada vez mais não manterem vínculo empregatício direto com seus funcionários. Como prestador de mão de obra, o que disponho é da minha oferta de trabalho, sou o elo fraco da corda, me vejo na condição de ideologicamente não concordar, sei que do ponto de vista dos direitos trabalhistas eu estou sendo lesado ao concordar com esse tipo de acordo e aceitar essas condições, mas a lógica econômica joga ao meu desfavor. Como em muitas vezes dependo desse trabalho e dessa complementação de renda, acabo consentindo com essa privação de direitos .

Como você observa sua rede de contatos com outros jornalistas? Há colaboração? Seus contatos do jornalismo são da mesma geração que você?

Ingressei na universidade um pouco tarde até porque troquei de carreira, nem sempre fui jornalista, durante um tempo eu fui professor então a maior parte dos meus colegas tanto de faculdade como de redação são mais novos que eu. Tenho uma rede não muito extensa porque tenho pouco tempo no jornalismo. Trabalho com isso há três anos, ainda sou um tanto inexperiente, mas durante esses três anos procurei expandir minha rede de contatos. O período que colaborei com o Estadão foi muito frutífero nesse sentido de colher contatos com os jornalistas que estão a mais tempo na casa e, por conseguinte, esses jornalistas experientes tem mais contatos com fontes primarias como: delegados, funcionários do banco central, ministério público que são órgãos que a imprensa se pauta muito pelo serviço

No geral, os jornalistas que estão na sua rede de contatos, são jornalistas que estão dentro das redações estão com CLT, ou estão em condições *freelancers* também? Em um panorama geral como se dão essas relações de trabalho?

Vou me ater a esses colegas que fiz durante o período em que colaborei para o Estadão. Como eu havia dito, alguns deles foram absorvidos pelo jornal muitos dos quais sob regime de pessoa jurídica muito embora posteriormente isso possa ser questionado na justiça

trabalhista, uma vez que eles trabalham diariamente no jornal pode ser que a justiça venha considerar que o vínculo existe, mas também tenho colega que não trabalham para nenhum veículo da dita grande imprensa e que fazem trabalhos esporádicos para o jornalismo alternativo-independente, alguns desses vários blogs que tem surgido na internet e na redes sociais, principalmente sobre o jornalismo político. Até onde sei não existe vínculo trabalhista direto o que sei é que existe um pessoal que desistiu de procurar emprego na área e se envereda pelos caminhos pouco desbravados da internet e que gosta de escrever sobre determinado assunto e tenta a sorte nisso procurando paralelamente outra maneira de se sustentar, seja em assessoria de imprensa ou na área acadêmica.

É um momento conturbado de contratações. Jornalistas CLT contratados em alguns veículos, além dos meus colegas de trabalho da EBC, eu conheço alguns que trabalham no Estadão graças e esse período que lá estive.

Você é sindicalizado?

Fui. Não sou mais.

Quando você decidiu que não deveria mais contribuir com o sindicato?

Foi em situação de greve na EBC em que eu outros colegas entendemos que a postura do sindicato foi pouco combativa. Ali acho que discordei da postura do sindicato e decidi me afastar, embora eu reconheça a importância do sindicato nesse contexto em que estamos discutindo a reforma trabalhista o fim do imposto sindical acho que uma questão que a sociedade precisa debater porque acho importante a atuação do sindicato e não descarto a hipótese de me sindicalizar novamente.

Você observa o sindicato te amparando mais nas questões relacionadas a EBC ou ele te ampararia nas questões como *freelancer*, autônomo ou algo do gênero?

Quando entro na página dos sindicatos dos jornalistas do estado de São Paulo vejo que eles publicam várias matérias falando sobre casos em que eles conseguiram fazer com que as empresas reconhecessem o vínculo trabalhista dos colaboradores. Como estou afastado não me sinto na condição de avaliar o quão foi efetivo foi essa atuação do sindicato.

Acho importante que o sindicato exista, agora não sei do quando das notícias publicadas se deu essa atuação. Acho sim! Acho que se hoje fosse ao sindicato e colocasse uma determinada situação o sindicato me daria algum apoio

Quarto Eixo

O que você espera da profissão de jornalista?

Acho que muitos de nós jornalistas ingressou na profissão com certo idealismo. Eu procuro não ter uma visa tão romantizada sobre a profissão, mas por lado eu reconheço a importância do jornalismo nessa dita era da pós-verdade. Tenho visto iniciativas interessantes como a da Agencia Lupa que faz um filtro de informações porque acessamos a internet e há um furacão de informações que não sabemos o que é verdade. O jornalismo caminha muito para esse filtro, acho que é um nicho que o jornalismo tende a ser bem-sucedido. Profissionais gabaritados, não entrarei no mérito do diploma, mas profissionais que consigam fazer esse filtro de informações e transmitir para o público informações de qualidade. Acho que o jornalismo precisa fazer isso ou é falência e tem muita coisa de qualidade na própria internet acho o trabalho que a Pública e a Ponte fazem muito bons.

Há muita coisa legal trabalhos em que o jornalista pode escrever uma pauta e pleitear o subsidio e trabalhar no assunto que ele deseja se dedicar. Acho que parte do futuro caminha para esse lado, mas não quero fazer esse exercício de futurologia há muito discutimos o que será no jornalismo no futuro ao passo que vemos uma penetração dos chamados veículos tradicionais a Globo, o Estadão, a Folha de São Paulo continuam tendo seu público cativo então acho que devemos continuar tendo esse monopólio da informação durante um bom tempo, mas aos poucos ele tende a se diluir aos poucos com novas ideias e iniciativas na internet

Dentro desse contexto você acha que os ideias clássicos do jornalismo precisam ser atualizados?

Acho que todos nós aprendemos a nutrir uma desconfiança por esse discurso da imparcialidade. Acho importante um veículo assumir certas linhas de pensamento, acho honesto e sincero com o leitor, acho que há diferença entre uma cobertura imparcial, mas acho possível uma cobertura equilibrada e responsável procurando expandir e ouvir o maior número de envolvidos possíveis procurando de uma forma isonômica dar

espaço ao contraditório, claro que isso não é sinônimo de imparcialidade ou neutralidade, mas talvez seja de responsabilidade tentando fazer um jornalismo decente. Isso acho que é uma premissa: o jornalista que abrir mão disso, está deixando de ser jornalista.

Ele pode errar durante vários momentos da sua carreira, mas desde que em sua consciência esteja certo de que procurou fazer uma apuração minimamente equilibrada... isso não pode faltar para uma pessoa que pretenda de fato ser jornalista

Nos veículos que você produziu como *freelancer* e autônomo você consegue observar critérios editoriais?

Nos casos dos blogs, eles são esportivos e muitos pouco se aventuram a falar sobre política. Como eles tem atuação muito segmentada não existe uma barreira sobre determinados assuntos sobre os quais o veículo não se dispõe a abordar.

No caso do Estadão, sim. É nítido. Já li textos de repórteres do Estadão falando dos chamados assuntos delicados da casa, li alguns temas que o dono do jornal não quer que tenham importância muito grande dentro da casa, sim, isso existe.

Como você chegou a entender essas linhas editoriais? Elas foram explicitadas ou foi pelo cotidiano?

Eu percebi isso como leitor. Ali dentro do jornal você tem uma separação nítida entre os editorialistas que são porta-vozes do que o jornal pensa sobre o cotidiano do país e os repórteres em si. Essa visão já me era nítida enquanto leitor e ficou mais nítida ainda quando entrei no jornal.

Falando de um caso muito específico, é sabido que o Estadão por ter uma linha editorial mais conservadora liberal do ponto de vista clássico, você vê um espaço muito restrito a economistas heterodoxos. Você verá no caderno de economia um espaço mais aberto a economistas ortodoxos você sempre verá Armínio Fraga comentando a conjuntura político-econômica do país e você não vai ver com frequência economistas da escola heterodoxa Luis Gonzaga Beluso, Andre Sincero, um cientista político cuja as ideias são mais alinhadas com a esquerda ou Crugman. Essa é uma observação que não sou só eu quem faz, já ouvi isso dos jornalistas do Estadão que questionam a postura do jornal com relação a isso. Independentemente de você concordar ou não seria interessante ouvirmos ideia contrárias ou ouvir mais ideias conflitantes

isso é um exemplo de quanto a linha editorial de um veículo influencia na cobertura dos jornalistas

Como você enxerga os impactos da sua produção nesse campo de atuação *freelancer* autônomo?

Acho o impacto pequeno. Escrevo para um público muito restrito. Escrevo para o público leitor de dois sites que se quer são sites muito acessados na internet. Mas levo aquilo de ser um jornalista responsável a cabo seja na EBC, seja como jornalista autônomo. O impacto disso como todo acho muito pequeno, minhas matérias não são tão comentadas e lidas por um grande número de leitores de modo que de fato pudesse provocar discussões a nível estrutural.

Entrevista com Fernanda

Primeiro Eixo

Qual o seu nome, idade e cidade de origem?

Fernanda²⁷, 31 anos, Caxias do Sul, residindo em Porto Alegre, formada em jornalismo pela PUC desde 2008.

Você chegou a fazer algum curso que contribuiu para a sua formação?

Fiz mestrado e estou fazendo doutorado, ambos na UCS de Caxias do Sul.

Como é sua rotina de trabalho?

Minha rotina se consistem em leitura dos jornais nacionais, pois como escrevo do Rio Grande do Sul para lugares fora daqui, preciso ter esse olha um pouco estrangeiro. Leio a Folha, o Estadão, dou uma olhada no G1, se tiver tempo olho um internacional também. Recebo em casa os jornais locais que assino impressos e vejo o portal do Zero Hora para saber se algo daqui vale uma pauta nacional.

Muitas das vezes minhas pautas não saem do jornal, mas eu tenho a preocupação de estar ligada. Está é minha rotina da puta para saber o que propor e o que o jornal pode me pedir.

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo e além da Folha?

Sim, tenho. Colaboro como *freelancer* para a BBC e para a Piauí. Mas fora do jornalismo nada.

Como se deu sua contratação?

Ela é RPA. Já me questionaram se é vantajoso, eu digo que sim pois bem ou mal eu tenho restituição no imposto de renda para receber. No RPA, a pessoa não é uma Pessoa Jurídica e não é um microempreendedor individual, é uma pessoa física com CPF e PIS Pasep. Ele tem um desconto quando o valor do freela é mais alto, mas

²⁷ Nome fictício.

conta como PIS Pasep. Então tenho uma restituição do imposto de renda e uma colaboração na minha previdência, digamos assim.

Qual a sua renda por mês?

A média é R\$ 3.000,00.

Contando todos veículos que escreve?

Sim.

Esse valor tem sido satisfatório considerando os custos do trabalho e o custo de vida?

Eu gostaria de ganhar mais, mas não tenho muitos gastos. Meu estilo de vida é simples. Considerando que é importante para mim estar em casa, tenho filho pequeno e é importante para mim estar com ele. Acabo gastando menos em transporte, alimentação, tempo...seria legal ganhar mais, mas está bom para a rotina de trabalho que tenho. Daria para ganhar mais se eu trabalhasse mais, mas não sei se quero.

Qual o seu estado civil?

Oficialmente sou solteira, mas moro com meu cônjuge a muito tempo. Com certeza isso colabora porque dividimos as contas, talvez se fosse só eu fosse mais pesado. As vezes sinto como se comprasse meu tempo.

Segundo Eixo

O que te levou a ser *freelancer*?

Eu trabalhei no grupo RBS até me formar. Quando me formei, eu e meu marido montamos um jornal em Caxias do Sul, bem ambicioso no sentido de fazer o que acreditávamos, mas como negócio foi um desastre. Fazíamos um site diário bem voltado para o local e um impresso semanal com assinatura no modelo tradicional, o que é bem difícil fazer.

De 2009 a 2013 minha rotina foi essa, de ter um negócio próprio, ser editora, repórter, tudo ao mesmo tempo. Não demos conta de levar adiante por muito tempo, tínhamos uma equipe contratada e vimos que não daria mais. Antes que acontecesse algo pior, como dívidas e algo do

tipo, encerramos.

Eu entrei no doutorado porque queria fazer e me inscrevi na semana de palestras da Folha no curso de Ciência e Saúde. Com isso fiz uns *freelas* para eles muito pontuais. Em 2014 fiz o mesmo processo mas para um *trainee* de jornalismo diário, fui até a semana de palestras e fui chamada em São Paulo, na agência para fazer o que chamam de *freela fixo* onde eles assinam a carteira e tudo direitinho, mas não podia ficar. Foi aí que me dei conta de podia ser *freelancer*. Eu já estava nesse sistema de trabalhos eventuais e fui me adaptando.

Então você chegou a trabalhar em São Paulo?

Sim. Meu marido e meu filho ficaram e eu ia e voltava quando dava por questões financeiras e tempo. Fiquei pouco mais de dois meses lá, trabalhei bastante, aprendi muito e descobri que gostava do jornalismo numa perspectiva nacional, pois sempre trabalhei muito localmente aqui em porto alegre e em Caxias do sul. Eu não achava que a essa altura da vida trabalharia em um veículo grande pelas questões de ter filho, conseguir conciliar e se eu morasse lá não conseguiria levar a vida que se tem.

O *freelancer* foi uma coisa que me enxerguei fazendo e foi abrindo portas para escrever para outros veículos.

Sua relação de *freelancer* com a folha se deu pelas condições da própria folha?

Lá eu trabalhei com CLT, mas com um contrato a ser renovado e fui renovando até quando consegui, pois, precisava voltar para cá. Existia uma proposta mais subjetiva caso eu quisesse ficar. Quando voltei fui contratada CLT aqui que tinha a sucursal que foi fechada depois, o correspondente era de São Paulo e fiquei no lugar dele um tempo, mas com a premissa de que é CLT mas é temporário e no que fechou o meu temporário acabou.

Você deseja continuar trabalhando como *freelancer*?

Parte da resposta é sim e parte é não. Sim porque agora é o que consigo fazer pela minha própria organização familiar. Talvez depois eu consiga, quando meu filho crescer e for mais independente.

Quais seus planos de carreira a médio e longo prazo?

O *freelancer* me abriu caminho para uma coisa que gosto muito que é escrever para revista que foi a experiência que tive de escrever para a Piauí. É um outro sistema de jornalismo que gosto bastante e penso em me focar nisso.

Como é que você observa sua trajetória financeira do período em que você se graduou até hoje?

Acho que ganho melhor agora o que é muito triste de pensar porque quando eu estava na faculdade era contratada, mas ganhava muito menos, trabalha muito mais e pior. Quando trabalhei por conta própria o meu salário e o do meu marido eram os piores para ter como pagar todo mundo certo e trabalhávamos muito, na proporção seria mais baixo ainda. Agora ganho um pouco melhor que antes e tenho mais qualidade de vida.

Terceiro Eixo

Como se da sua relação com a Folha?

Tem uma centralização de editores da agência. Nesse tempo que faço freela foram vários editores e todos esses passaralhos do jornal foram afetando. Espero que o editor que está agora não seja demitido porque fico triste vendo bons profissionais saindo por mudanças no jornal, mas é mais centralizado em uma pessoa, porém essas pessoas têm folga, férias e outras pessoas assumem o lugar.

Em coberturas maiores, o contato é com outros repórteres, editores de áreas específicas dentro das editorias. As vezes tem mais a ver com o tipo de cobertura e a necessidade de não ter um intermediário do que fato a rotina normal, a rotina normal é sempre conversar com uma pessoa.

Essa relação tem sido amistosa?

Sim, mas acho que se deve ao fato de eu ter trabalhado lá e conhecer a maioria das pessoas pessoalmente. Agora estou longe mas sei quem são, é muito amistoso, não com todo mundo, mas com a minha editora direta é muito amistoso.

Você observa que a maioria dos colegas trabalha nas mesmas

condições que você? Como é sua rede de contatos nesse sentido?

Mudou muito a minha relação com outros jornalistas ao longo do tempo, a experiência que tive RBS foi muito autocentrada e de poucos contatos fora da redação. Os outros veículos eram todos inimigos sempre e para qualquer cobertura, um colega de outro jornal sempre era tratado com hostilidade. Quando tive o meu jornal eu sentia isso nos outros veículos conosco. Depois que fui para Folha, vi como era muito diferente em São Paulo, quando tinha cobertura todo mundo se ajudava sem se importar se era concorrência. Quando vim para Porto Alegre com essa bagagem da Folha eu estranhei de novo como é fechada a relação com colegas dos veículos daqui. O outro nicho com quem eu me unia eram o de outros correspondentes.

Você é sindicalizada?

Não, não sou.

Você tem algum motivo para não ser?

Tenho. Acho as pessoas do sindicato bacanas, mas me incomoda como a defesa da profissão é seletiva. O tratamento para quem não é sindicalizado é diferente. Acompanho o sindicato dos jornalistas de Santa Catarina e fico admirada com a diferença, tive um veículo e vi como era a relação de invisibilidade no sentido de que o sindicato mais combatia a grande imprensa, sem valorizar as iniciativas independentes. Isso me deixou decepcionada e vi que não mudou, outras iniciativas surgiram em outras coisas e esses veículos fecham por diversas dificuldades e o sindicato fica silenciosos, nunca emite uma nota de pesar. Acho seletivo, porque que eles brigam com a grande imprensa, mas ignoram todas as iniciativas para o bem e para o mal.

Supondo que você fosse sindicalizada e com as peculiaridades de você ser contratada como *freelancer*, você acha que estariam sendo debatidos e discutidos no sindicato?

Tenho a impressão que não. Não estariam atentos ao *freelancer* e é um dos motivos pelos quais não estou sindicalizada. Eles olham mais os direitos trabalhistas de contratados em grandes empresas e quem está nessa órbita não entra, incluindo *freelancers*.

Quarto Eixo

O que você espera da profissão?

O que espero como consumidora e como jornalista é uma busca por algo mais próximo possível do verdadeiro e que o interesse público seja defendido, que pode ter várias interpretações, mas entendo como direitos humanos, como cidadania.

Você avalia que a profissão tem passado por mudanças com relação aos seus principais ideais?

Acho que sim. Tem passado por muitas mudanças positivas e negativas, o foco tem mudado pelo menos é o que eu percebo em termos de discurso de ser o oposto do fake News. Isso pra mim é novo e agora não está tão obvio assim. Sempre fico um pouco confusa pensando nisso porque tenho a impressão de quem os jornais cada um vai ter sua linha e o que a sociedade espera. Eu nunca vi um momento que a sociedade esperasse tão pouco no momento em que mais se precisa. É que a sociedade está em mais descrédito é como se não houvesse muita diferença.

Como você enxerga os impactos da sua produção pensando em valores que você falou?

Esse resultado é umas coisas que me mantem *freelancer*. É ver um impacto positivo das pautas que realizo, não todas, lógico, mas como é muita coisa parte de mim que tenho uma linha mais voltada para os direitos humanos e gênero quando consigo fazer matéria que tenha uma causa e depois ver o resultado é muito bom acho que isso é o que me deixa nessa posição de trabalho que não é a melhor, mas que me dá alguma motivação para persistir.

Você identifica uma linha editorial na folha de São Paulo?

Sim.

Como você chegou a reconhecer essa linha editorial? Ela foi expressa em algum momento?

Antes mesmo de entrar no jornal porque a gente estuda na faculdade, mas não é usado ou discutido e está muito claro nos princípios da empresa que podem ser bons ou ruins. Trabalhando no dia a dia também fica claro quanto mais você lê a folha mais fica claro qual a tendência, mas me parece bem afinado com o que dizem mesmo. A Folha é para o mercado e isso fica muito nítido, daí vejo que não é necessariamente partidário, mas que é ideológico, uma medida que é suprapartidária. O que acho que é pior e fica simpático.

Como você se relaciona com essa linha editorial?

Raramente eu tenho conflitos porque como eu gosto e sugiro pautas mais voltadas para os direitos humanos e de gênero, tem espaço e isso também está alinhado com os valores do jornal. Eu pouco me interesso por economia e acho que geralmente é o que cria mais conflitos. O que eu consigo escrever para a BBC por exemplo fala sobre a produção de tabaco, de como o índice de suicídios tem sido alto, fiz uma matéria sobre epidemia de câncer, de agrotóxico, ela vai batendo na necessidade de um plantio alternativo, uma matéria dessas ninguém me pediria para fazer na Folha, mas foi republicada porque eles republicam as matérias da BBC. Não aconteceu de mudarem nada que escrevi. Por exemplo, há alguns dias o Dória veio a Porto Alegre e fui cobrir, ele xingou o Lula durante o discurso e o título da matéria era esse, mas dentro do texto estava que o Dória não mencionou a corrupção do PSDB ao qual ele é filiado, e isso não foi tirado do texto, permaneceu. O que vejo como leitora é uma tendência para o mercado e por isso mais fechado para ideias pró- estado.

Transcrição da entrevista com Jessica

Primeiro Eixo

Para começar você me diz o seu nome, idade, cidade de origem e a sua formação, onde você se graduou.

Certo, meu nome é Jessica²⁸, eu tenho 31 anos, e sou de Natal, formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Qual o seu estado civil?

Sou casada.

Você mora com seu marido?

Isso.

Você tem filhos, ou moram só vocês dois?

Não, a gente tem os gatos.

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?

Não, eu trabalho em redação aqui em Natal, é a minha atividade profissional, eu estudo outra coisa hoje, mas só trabalho com jornalismo por enquanto.

Você faz *freelancer* pra Folha, certo?

Isso, pra Folha e pra BBC Brasil.

Você tem alguma outra fonte de subsistência dentro do jornalismo.

Tem sim, mas os trabalhos de *freela* são muito esporádicos, de todo modo é Folha e BBC Brasil.

Você faz com que frequência?

²⁸ Nome fictício

Não tem... Assim, já foi mais frequente, agora eu voltei para a universidade, não tenho tempo nem de sugerir pauta, nem muito de cair em campo. Acontece muito mais quando eles demandam alguma coisa específica, entendeu? Por exemplo, no ano passado eu cheguei a produzir uma matéria por dia para a Folha de São Paulo, quando começaram a queimar ônibus aqui em Natal, eu acho que isso foi em agosto, eu não me recordo muito bem. Mas enfim, começou uma onda aqui de queimar ônibus, um monte de coisa no meio da rua, e eles me pediam todo dia uma matéria, todo dia uma matéria, uma coisa bem factual. Foi uma exceção eles nunca pedem muito e eu parei de sugerir muito porque eu voltei para a universidade e fiquei sem tempo. Então eu não tenho uma frequência. Esse ano eu acho que eu escrevi duas matérias para eles, a última foi publicada agora no final de março, que foi sobre a intenção da Igreja de canonizar uns beatos aqui do Rio Grande do Norte, uns mártires, aí eles me pediram essa matéria e também fiz em janeiro, foram duas matérias, em janeiro eu fiz uma outra que foi sobre um documento que acharam aqui, tipo um boletim de ocorrência de Lampião, eles souberam desse documento e pediram a matéria, aí eu fiz pra eles. Então esse ano foram só duas.

Você tem esse vínculo com a Folha de São Paulo há quanto tempo?

Eu comecei a escrever para eles em 2012, em maio de 2012, nessa época eles anunciaram no site que estavam fazendo uma seleção em todas as capitais de jornalistas que pudessem trabalhar como colaboradores. Na época o foco deles era mais a Copa do Mundo e as eleições que estava sem aproximando. Eles queiram aumentar o alcance da cobertura. Eu me inscrevi pelo site e passei. Fiz prova online, fiz entrevista por telefone com o coordenador da Agência Folha na época, que era Júlio Veríssimo, aí passei por todas as etapas. Fui aprovada para ser a colaboradora do Rio Grande do Norte, e aí fui lá em São Paulo, fiquei uns três dias bancada por eles para conhecer um pouco quais eram as expectativas deles em relação a pauta, conhecer os editores, o pessoal da Agência mesmo. Fiquei desde então assim, colaborando, quando eu sugiro e tenho uma pauta aprovada por eles, e também sob demanda deles. Eles precisam de alguma coisa factual, ou alguma matéria especial, ou então fazendo algum caderno especial que já aconteceu também, aí perguntam se eu posso. É desse jeito desde 2012.

Certo, e como é que é a sua contratação com eles?

Não tem documento formalizando esse trabalho na verdade. Houve essa seleção, fui para São Paulo, mas assim, nada foi assinado, é uma até coisa meio que informal. Eles precisam de uma matéria, diz “ah, Jessica, você pode fazer um freela pra gente, vai acontecer isso e tal”, eu faço a matéria ai eles mandam. A gente vai trocando informação no decorrer da apuração até ser publicado. Quando é publicado, eles geralmente mandam um e-mail dizendo a data provável de pagamento. Não existe nenhum documento formalizando essa relação.

Você tem algum problema de falar sobre remuneração? Quanto que você recebe com eles nas pautas que você faz?

Não, nenhum. Quando eu comecei a escrever não existia uma tabela, pelo menos eles disseram “ah, não tem uma tabela dizendo que por tal matéria que você recebe tanto e tal”, então assim, quando eu comecei a escrever pra eles, a primeira matéria eu lembro que eu ganhei R\$ 150,00. Ai eles deram a entender que, dependendo do esforço de reportagem, do destaque que ia ter na edição, se a matéria tivesse chamada na capa, poderia ser mais, dependia de algumas coisas assim. Até ano passado já era maior esse valor, estava sendo R\$ 300,00 por reportagem, esse ano, nessa última que eu escrevi, que foi a dos santos, dos mártires que vão ser canonizados eles pagaram R\$ 400,00. Não existe um valor fixo. Eu já fiz um caderno pra eles que foi R\$600,00. Mas, quando é matéria nunca tem esse negócio de: “ah, Jessica, faz uma matéria sobre os mártires que a gente vai pagar R\$300,00”. Não, você faz e depois eles avisam, é X.

Entendi. Com relação a sua subsistência no geral, você trabalha com CLT em algum lugar?

Sim, eu trabalho na Tribuna do Norte que é o principal jornal imprenso e online do rio Grande do Norte, eu sou editora de Economia. Você quer saber a remuneração também?

Também. Seria interessante.

Eu sou editora de economia, meu salário é R\$4.600,00.

Com relação aos trabalhos que você realiza para a Folha, de quem são as ferramentas de trabalho, assim, de câmara fotográfica, gravador, até inclusive locomoção, veículo, gasolina ou passagem? Essas coisas.

Tudo meu, tudo meu. Assim, só em uma ocasião que houve um suporte maior deles no sentido de bancar hospedagem, de alugar um carro com motorista, que foi, eu acho, em 2014, eu não tenho certeza, 2013-2014, eu fiz um caderno. Sou eu, tem que pegar táxi eu pego, eu gasto telefone eu pago, se for de carro é minha gasolina, sabe é tudo... é o meu celular que eu uso para fazer foto, para fazer vídeo, para gravar, o meu gravador, é tudo meu, meu computador. Enfim, não existe essa estrutura para o colaborador.

Segundo Eixo

O que te levou a trabalhar como *freelancer*?

Foi enxergando para além do Rio Grande do Norte, aqui o mercado é muito pequeno, no Estado. Ficou pior ainda nos últimos anos, teve jornal fechando, outras redações demitindo muito, a Tribuna que é onde eu trabalho, se manteve no mercado como veículo mais forte, praticamente o único, existem outras mas assim, com a distância muito grande em relação a ele, então eu estava enxergando novas possibilidades, e novas possibilidades no maior jornal do Brasil, que foi o que me levou a participar dessa seleção especificamente da Folha, então assim “Oh... a Folha está procurando gente aqui em Natal, é o maior jornal do Brasil, é claro que eu vou participar”. Entendeu? Foi o que eu pensei na época, não é por causa da questão financeira, porque você viu que o pagamento não é: “nossa, eu vou enriquecer escrevendo matéria de vez em quando pra Folha”. Não, é mais ter o meu nome publicado no maior jornal do Brasil, e sei lá, de repente um dia se eu for sair do Estado, ter o caminho melhor pavimentado, de repente para encontrar uma vaga permanente né, na redação.

Você deseja continuar fazendo esses trabalhos como *freelancer* a médio e longo prazo?

Seu eu pretendo? Pretendo, assim, tem sido menos frequente, como eu te falei eu voltei para a Universidade e tenho pouquíssimo tempo

para fazer trabalho de campo, então assim já, você perguntou qual é a frequência. Desde que eu voltei para a Universidade, foi na metade do ano passado, eu já recusei várias pautas, eles precisam de mim, “há... Renata cobre não sei o que” eu não posso, tenho prova, tenho não sei o que. Então assim, a pretensão é continuar, mas não no ritmo que eu gostaria, eu gosto de escrever, fico animada “ah... é minha matéria na Folha e tal”, eu divulgo no Facebook, não sei o que, eu quero continuar, mas não posso continuar como eu gostaria de continuar, por causa disso, que eu estou estudando.

Quais são seus planos no futuro para carreira, a médio e longo prazo?

Eu estou estudando economia agora na Federal, e eu estou em dúvida assim, se no futuro se eu vou tentar uma vaga melhor fora do Estado como jornalista de economia, com mais base agora que eu enfim estou aprendendo toda a teoria, ou se eu vou me graduar para trabalhar como economista mesmo, eu estou no começo do curso ainda eu não conheço a área, mas o mercado tá tão ruim, não só aqui no Rio Grande do Norte, em São Paulo a própria Folha demite gente o tempo todo, eu fico meio insegura com essa permanência sabe, é continuar na área e as portas se fechando em todo canto, pensando de repente se não é o caso de eu mudar. É algo que eu não descarto.

Como é que você observa a sua trajetória financeira, do período que você se graduou até agora? Em relação aos momentos em que tiveram mais picos de receber melhor ou que você tivesse mais conforto, se tiveram essas variações, se sempre foi instável, se caiu, se melhorou, como é que você observa isso?

Foi uma trajetória ascendente, assim, não teve um período em que eu ganhei mais, agora é a melhor fase, eu comecei como estagiária, estava no começo do curso, no terceiro período eu acho, ganhava muito pouco, eu comecei sem ganhar nada em um veículo que era o Diário de Natal, segundo principal daqui, fechou esse jornal. Hoje não existe mais, mas na época eles contratavam estagiário sem remuneração. Então assim, eu fui trabalhar em uma imobiliária para juntar dinheiro e poder me bancar pelos meses necessários até ser contratada como estagiária, então assim, comecei com o salário sem receber, depois o salário é muito baixo, depois fui contratada como repórter e melhorou um pouquinho, depois chamada pelo jornal concorrente para trabalhar como repórter ganhando

mais e depois fui promovida a editora e ai enfim, tive os reajustes salariais da categoria e acabei chegando nesse patamar de R\$4.600,00.

Os *freelances* que você faz, tiveram contribuição para sua satisfação financeira? Eles foram mais por satisfação de ver mesmo o seu nome, o status, e a produção sendo exibida nacionalmente?

Mais nesse aspecto, claro que as vezes, sei lá, de repente você faz uma matéria, um caderno para Folha, R\$600,00 – R\$700,00 “uau” né, assim, dinheiro extra sempre é bom mas nunca foi a questão financeira sempre foi a questão profissional sabe, de você ir consolidando o seu nome, enfim, não só em meio aos leitores de outros mercados, mas também entre os profissionais que são super gabaritados, o pessoal da Folha. Ter esse reconhecimento profissional eu acho muito importante, mais do que a questão financeira.

Terceiro Eixo

Sim, e como é que é a sua relação com a empresa, com a Folha, o diálogo que você tem com seus superiores? É um diálogo que você avaliaria como amistoso, você avaliaria como um diálogo tenso, com conflitos, etc.?

Não... é amistoso. É assim, é um diálogo restrito, nosso contato normalmente... é que os colaboradores são subordinados – digamos assim – a Agência Folha que hoje é coordenada por Juliana que você conheceu. Então, o diálogo é normal assim, preciso, é profissional, é rápido, é objetivo: “preciso disso! Você pode? Ok! Ah... Não atende”. Não existem conflitos, sabe... nunca passei por nenhum tipo de conflito, com ela, nem com coordenadores anteriores, enfim, normal, rápido, é profissional, é só isso.

Com relação a remuneração, esse diálogo tem se dado de uma forma tranquila? Digo se houve atrasos? Ou uma remuneração insatisfatória? Você não teve momentos de frustração nesse sentido?

Não, nunca... nunca. Eles não atrasam normalmente, eles dão estimativa “você vai receber em tal dia”. Normalmente, não atrasam e como eu já venho escrevendo há muito tempo, sei mais ou menos como é a média, eu nunca crio expectativas além daquilo, e nem nunca questioneei por causa disso, é... quanto eu estou recebendo. Como para mim, escrever

para eles nunca foi muito baseado nessa questão financeira, talvez tenha contribuído para não gerar esse tipo de insatisfação. Inclusive teve, no... acho que foi no final do ano passado, do ano retrasado, eles me contrataram para um caderno especial em economia, o caderno não foi publicado e mesmo assim eles foram super corretos, “oh Renata, a gente vai depositar em tal dia.” Quer dizer, eu tive todo o esforço, tinha escrito as matérias, só que foi abortado por questões que eu não sei quais foram, o caderno. Mas, aí eles pagaram tudo direitinho e tal. Nunca teve nenhum problema não relacionado a isso.

Como se dá a sua relação com outros jornalistas, sua rede de contato de jornalista, eles estão mais para os jornalistas do Rio Grande do Norte, ou tem jornalistas de outros lugares, e se esses jornalistas eles tão vinculados como *freelances* para veículos como Folha, BBC que você falou que também faz, ou se sua rede de contatos é mais local?

Minha rede de contatos é muito local, mas ficou mais diversificada depois que eu passei a trabalhar para a Folha, como eu te falei eu fui para São Paulo quando eu entrei para rede colaboradores, e nessa viagem eu conheci outros colaboradores que também foram, e aí a gente criou grupos e passou a se comunicar mais por e-mail, por redes sociais, enfim, outras viagens que eu fiz aqui pela Tribuna, pelo jornal também, conheci gente de fora, de dentro e de fora do Brasil, então é assim uma rede que eu diria que é bem diversificada, não é só focada aqui, é principalmente daqui porque é aqui que moro que eu conheço mais gente, mas tem gente de todo lugar. E eles, parte dessas outras pessoas escreve para outros veículos, inclusive aqui dentro da própria Tribuna que é a minha fonte principal de renda, tem pessoas que escreve para o jornal O Globo, que escrevem para o Estado de São Paulo as vezes, sob demanda desses jornais, principalmente eu acho.

Você é sindicalizada?

Sou, sou sindicalizada aqui no Rio Grande do Norte.

Como você enxerga as suas questões profissionais como *freelancer*, sendo pautadas pelo sindicato, você enxerga que suas demandas como *freelancer* são tocadas, são discutidas dentro do sindicato?

Aqui eu nunca ouvi qualquer discussão relacionada ao trabalho

de *freelancer*, não ouvi nada. Nem de como proceder, nem de como... sei lá... a que você deve estar atento, nunca vejo ninguém falando sobre isso.

Numa situação hipotética que você tivesse problemas com um veículo como a Folha que é onde você faz frilas, você acha que conseguiria ser amparada pelo sindicato?

Eu não sei se eu procuraria o sindicato, eu acho que eu tentaria resolver com a própria Folha, não sei... eu nunca vi essa discussão acontecer, eu também não sei se o sindicato poderia de alguma forma intervir, fazer algum tipo de mediação assim, não sei se seria muito uma relação que passa muito pelo sindicato daqui, não sei realmente se eu procuraria não.

Quarto Eixo

O que você espera da profissão frente a sociedade?

Que que eu espero da profissão frente a sociedade? É... eu não entendi bem assim, o que que eu acho, como o jornalista pode... tem que agir, é isso?

É... a função do jornalismo para a sociedade, a necessidade, como é que você enxerga a importância do jornalismo para a sociedade?

Eu acho que hoje tem sido mais, hoje não né, sempre. Mas hoje isso tem sido muito reforçado por causa das redes sociais e de todo mundo querendo divulgar informação, todo mundo se achando jornalista, eu acho que o jornalista tem sido muito o filtro, e tem que ser muito um filtro que vai apresentar as informações da forma mais verdadeira possível, com a maior pluralidade possível para ajudar as pessoas a entenderem o que está se passando em volta delas, construir o pensamento crítico, compreender todas essas mudanças que a gente tá enfrentando. Eu acho que é isso.

E como é que você avalia os ideais como: objetividade, imparcialidade, fiscalização dos poderes, fiscalização da iniciativa privada? Como é que você avalia esses ideais através do tempo, principalmente hoje com a internet, se eles foram abalados, se eles foram revistos, como é que você avalia esses ideais no contexto mais atual?

Eu acho que eles não foram abalados não, eu acho que eles foram reforçados assim, eu tenho percebido os jornais fiscalizando muito mais, acompanhando muito mais de perto, sabe. Buscando mais essa objetividade, imparcialidade eu não acho que exista, mas eu acho que a uma tentativa de se fazer isso, embora as vezes a gente pense “vixe Maria, como eles estão tomando partido, parece que está tomando partido demais”. Mas, eu tenho percebido uma busca maior das redações por isso, por mostrar todos os lados de forma objetiva e fiscalizando ao mesmo tempo. Tanto é que várias reportagens ultimamente deram, motivaram investigações e tem resultado em punições para pessoas envolvidas, eu acho que é uma prova de que isso tem sido enfatizado dentro das redações.

Você identifica alguma afinidade editorial do que você acredita com a Folha que é o veículo que você faz freela em questão?

Se eu me identifico editorialmente com a Folha de São Paulo? Sim, me identifico sim, em muitos aspectos, acho que se tivesse divergências demais de posições, seu eu não tivesse essa afinidade, nem por ver meu nome lá estampado eu escreveria para eles.

E como é que você percebe a linha editorial da Folha? Foi uma coisa que você via antes de chegar a trabalhar no veículo? O foi uma coisa que você foi vendo no dia-a-dia, ou foi uma conversa que foi explicitado diretamente: “olha, nós acreditamos nisso, nisso e nisso, nossa linha vai ser assim.” Ou foi algo que apareceu através do trabalho, em conflitos através das matérias que são feitas? Como é que a linha editorial chegou, até ser esclarecida para você?

É no dia-a-dia, no trabalho, fazendo as matérias, como você falou, no trabalho prático, não teve uma conversa: “olha a gente acha que é isso, isso e isso.” Teve assim, quando a gente estava em São Paulo, enfim, em conversas periódicas que existe entre eles e os colaboradores, eles mostram mais ou menos o que pode virar notícia, não direcionando, mas no sentido de mostrar que coisas muito locais não vão interessar as pessoas nacionalmente né, para gente ter um olhar mais amplo para conseguir em *Placar* uma matéria que vai atrair todo mundo, e não só o público do Rio Grande do Norte, da Bahia e etc. Mas, é uma coisa muito do trabalho e do dia-a-dia, você vai percebendo o que é que eles estão pensando, é... recentemente eles até divulgaram a linha editorial da Folha, fizeram umas mudanças, pediram para gente dar uma olhada, isso foi uma

coisa mais específica né, “há... dê uma olhada pra ver o que a gente está pensando.” E tudo que eles divulgaram lá no site deles, mas é uma coisa muito de trabalho prático, você vai percebendo.

E como é que você enxerga os impactos da sua profissão como jornalista? Principalmente com relação ao que é publicado na Folha.

Como assim, os impactos?

Os impactos, tipo, o que você produz, você se satisfaz com o material que você produz? Você acha que tem uma inserção na sociedade, tem feito a diferença na sociedade, como é que você enxerga os impactos daquilo que você faz nesse veículo?

Eu acho que eu acho que tem sim, é... eu tento sugerir matérias que tenham alguma relevância nacional, que possam fazer... enfim, ou gerar algum tipo de debate, ou que possa de alguma maneira ter alguma relevância na vida das pessoas, enfim, parte de mim oferecer matérias que vão nessa linha, e eles também tem o filtro deles que é muito de aceitar, eles são muito criteriosos, que vai de aceitar matérias ou de pedir matérias que vão nessa direção.

Transcrição da entrevista com João

Primeiro Eixo

Nome idade cidade de origem

João²⁹, tenho 26 anos, sou formado em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, sou natural de Mogi das Cruzes sp.

Você sempre morou aí e foi fazer faculdade em Florianópolis?

Eu vivi em Mogi das Cruzes até meus 18 anos, passei no vestibular na Federal de Santa Catarina, mudei aos 18 para Florianópolis, fiquei lá até o fim da faculdade e no meu último semestre, eu passei em um *trainee* no Curso Estado de Jornalismo do jornal Estado de São Paulo. Daí dividi meu último semestre, estava matriculado em apenas uma matéria que era a do TCC e fiz à distância porque estava fazendo *trainee*. Isso foi no último semestre de 2014.

Como se da sua rotina de trabalho hoje?

Hoje trabalho como jornalista para editora A3. Na prática, as relações de trabalho são de *freela*, tenho um CNPJ, mas tenho horário fixo na editora. Trabalho na redação online da Istoé. Minha rotina é a seguinte: tenho que estar as 8h na redação para começar o ciclo de atualização do online diário e da revista. Eu sou a primeiro jornalista que chega na redação. E em alguns dias eu tenho a opção de fazer essa atualização de casa porque o sistema Wordprees eu consigo acessar de casa. Mas como geralmente eu também edito vídeo, geralmente eu faço a edição dos vídeos na parte da tarde, eventualmente também redijo matéria pra revista, mas principalmente para o online, mas para discutir essas pautas preciso conversar com a editora do online, por isso é preferível que eu esteja na redação

Como é sua relação de trabalho?

Tenho lugar fixo, mas emito nota. Minha relação trabalhista com a A3 é como se eu fosse um prestador de serviço porque tenho CNPJ e

²⁹ Nome fictício

emito nota do que faço.

Nesse último ano você fez *freelancer* para algum outro veículo?

Sim. Eu não estava na editora A3 ainda, mas escrevi uma matéria como *freelancer* para um site de reportagens chamado The Intercept Brasil.

Como é que sai essa remuneração? Qual é media de remuneração que você consegue em um freela como o que você fez para o The Intercept, por exemplo? Como está sua remuneração no local onde você está agora?

Entrei em contato com a redação do Intercept e vendi a pauta para eles. Eles me pediram um orçamento, consultei a tabela do sindicato dos jornalistas do Rio de Janeiro, pois a redação do Intercept Brasil fica lá e cheguei a conclusão que cobraria R\$ 200,00 por lauda. Como foi uma matéria grande, esse trabalho rendeu R\$ 1.800,00. Na editora A3, para estar lá de segunda a sexta, trabalhando e eventualmente em alguns fins de semana, eles me pagam cerca R\$ 4.300,00. É importante observar, acredito que os dois valores estejam acima dos valores de mercado, que eu saiba a editora A3 tem uma política de pagar valores acima do mercado em relação a editora Abril, por exemplo. Acho que é uma política antiga de querer trazer profissionais para a editora A3 porque a editora Abril é muito maior que eles e também pela questão das relações trabalhistas não serem regulares, elas não estão completamente de acordo com a lei, então eles tentam compensar isso com uma remuneração acima do piso. No caso do Intercept foi uma matéria que aumentou com o tempo. Não era para ser uma matéria tão grande, como cobrei por lauda, acabou que o valor foi maior do que geralmente se paga para um freela em São Paulo.

Como se dá a questão das ferramentas de trabalho? Nesse freela do Intercept, você trabalhou com seu próprio material? O transporte foi por conta própria ou você foi ressarcido de alguma forma? Na editora que você está agora, como é essa questão com as ferramentas de trabalho?

No caso do Intercept eu arqueei com as despesas. Tive que fazer algumas viagens de taxi e de *uber* pela cidade para fazer entrevistas e gravei as entrevistas com celular, fiquei escrevendo em casa, daria para

considerar gasto de luz e internet de quando eu estava escrevendo em casa, isso é por conta própria e entra no valor total do *freela*.

No caso da editora A3 eu uso o computador que é da própria editora. Até agora não tive a oportunidade de sair da redação para fazer nenhuma matéria. Pelo que ouço de outros repórteres que trabalham lá, eles geralmente pegam o táxi, pegam a nota e a editora teoricamente tem uma política de ressarcir os custos, mas demora meses para isso ser reposto, quando é pago, as vezes fica esquecido.

Segundo Eixo

Como você chegou a essa condição de *freelancer*? É da sua vontade ou se tivesse a oportunidade de trabalhar sob outra condição de trabalho você trabalharia? Porque você hoje trabalha como *freelancer*?

Trabalho como *freelancer* simplesmente por falta de opção. Se eu tivesse a oportunidade de ter uma vaga de repórter como CLT dependendo das condições e se fosse algo interessante em que pudesse continuar fazendo reportagens com uma vaga CLT eu faria sim.

Cheguei nessa situação da seguinte forma: trabalhei durante 1 ano como contratado celetista no estado de São Paulo, eu era repórter do portal do Estadão desde que entrei o contrato deixava explícito que era de 1 ano, como fui contratado logo após sair do programa de *trainee* deles. Geralmente os funcionários contratados por essa modalidade eram rapidamente remanejados para as áreas do jornal era bem raro que alguém fosse chamado para essa vaga temporária de 1 ano e não fosse ao longo desse ano resposto no contrato não temporário. Eu entrei em 2015 e esse ano foi financeiramente muito ruim para o jornal e para a imprensa como um todo, por conta dessa condição muitas pessoas que entraram comigo nesse setor não foram remanejadas. Então, acabou o ano, o contrário e comecei a procurar *freela* para não ficar parado, daí achei meu primeiro *freela* em um escritório que fazia pesquisas de investigação de cadeias produtivas, era um escritório pequeno um projeto independente que pagava prestadores de serviço, meu chefe não tinha condições de contratar alguém, não tinha capital de giro e foi isso, a partir daí engatei na editora A3

foi meu outro trabalho e eu já sabia que na A3 a maioria das pessoas são contratadas como Pessoa Jurídica

Qual os seus planos futuros para a carreira?

Pretendo, o quanto antes achar algo mais estável e que tenha a ver mais com reportagem. Boa parte do que faço na editora A3 é edição e estou atualmente procurando trabalhos que me recolquem em reportagem e de preferência CLT. Não é algo que tenha muito no mercado, mas estou em processos seletivos procurando vagas semanalmente...

Como você observa sua trajetória financeira desde que você saiu da graduação e conseguiu o primeiro emprego até agora?

Avalio isso traçando um comparativo com pessoas da minha e pessoas que estão no mercado e que são jornalistas também. A situação é boa e melhor que a da média pela coincidência de não ficar parado desde que me formei e isso é muito raro. Avalio que em relação à média, minha situação financeira é boa, principalmente porque trabalho em uma empresa que paga acima valores acima do mercado mesmo para pessoas que tenham contrato CLT e acabam passando dificuldade, principalmente em São Paulo que é uma cidade cara.

Terceiro Eixo

Como se dá a sua relação com o restante da redação?

Em relação a trabalho o contato é principalmente pessoal. Apesar de estar online, ao contrário de outros veículos não é necessariamente um online que funciona 24hs no começo minha chefe chegava a entrar em contato comigo por *whatsapp*. Ela parou de fazer isso Só quando acontece uma coisa muito urgente que ela entra em contato por telefone ou por *whatsapp*, no geral nos comunicamos pessoalmente. O trabalho começa quando meus chefes chegam na redação e começamos que enfoque dar as notícias, o que podemos fazer de pauta pro site, começamos a discutir pautas pros vídeo que edito e etc. Durante algum tempo já foi mais intenso e já houve comunicação fora do horário de trabalho, mas isso não é a regra

Como você vê sua rede de contato com outros jornalistas dentro e fora da empresa?

Acho que é relativamente boa. Talvez pelo fato de eu ter feito um programa de *trainee* em que as pessoas circulam muito pelas empresas aqui em são e você acaba conhecendo terceiros. Isso necessariamente

serve para contatos profissionais porque o mercado está em uma fase ruim, isso quase uma função social de conhecer outros profissionais

Você consegue ter esse contato forte com outros profissionais de outras redações?

Nesse meu último emprego saio pouco da redação é mais raro conhecer gente na rua, quando eu estava no Estadão isso acontecia mais. Acho que maior parte deles principalmente nos jornais diários são contratados. Tenho a impressão pessoal que pode ser equivocada de que nas editoras de revista tem mais freelas. Conheço menos pessoas de redação de revista do que de jornal, pelo fato de ter passado meu primeiro ano em uma redação de jornal

Você é sindicalizado? Como você observa o sindicato com relação as suas demandas pessoais, com seus direitos e o que precisa como jornalista?

Não tenho contato com o sindicato. Cheguei a trabalhar com uma pessoa que fazia parte da diretoria do sindicato dos jornalistas do estado de São Paulo. Hoje em dia não sou sindicalizado e não pago contribuição sindical porque sou pejeta, logicamente isso afeta o sindicato. A editora A3 está em uma situação financeira muito delicada, eles estão chegando a atrasar o salário em 25 dias e o sindicato está indo periodicamente até a empresa, fazendo assembleias e se reunindo com os jornalistas para tentar servir de meio campo na situação. Vejo o sindicato numa posição super delicada e enfraquecida, no caso da editora A3, por exemplo se convocassem uma greve pelo atraso de salários eles poderiam colocar parte dos profissionais em risco, pois boa parte da redação é contratada como pessoa jurídica e não tem o vínculo formal CLT com a editora, isso quer dizer que eles podem emitir qualquer pessoa que resolver entrar em paralisação, fazer greve e judicialmente justificar que foi cortado um fornecedor e não um funcionário que tem direito a greve. O Sindicato fica muito rendido nessa posição porque por um lado a diretoria do sindicato tenta pressionar a empresa da forma que pode a cumprir as obrigações financeiras de pagar salários, atrasar menos, pagar as rescisões e todos os encargos trabalhistas que a editora é obrigada a cumprir, mas ao mesmo tempo os profissionais que estão lá, já estão em uma situação super delicada judicialmente, numa situação trabalhista delicada. Se isso for feito de forma muito enfática eles podem acabar prejudicando com

relação aos direitos trabalhistas.

O que você tem de benefícios?

Não tenho auxílio, tenho apenas o valor que me é pago mensalmente. Tenho direito a folgas, negocio elas com a minha chefe. Até o ano passado a editora pagava o 13º mesmo para quem era pejeta mas a editora já anunciou que não vai mais fazer isso por conta da situação financeira. Teoricamente também tenho direito a negociar férias.

Você consegue calcular sua carga horaria semanal de trabalho?

Trabalho 8 horas por dia. Entro as 8 da manhã saio as 17hs, com uma hora de almoço.

Quarto Eixo

O que você espera do jornalismo?

Bom, o jornalismo tem o dever de fiscalizar as instituições em favor do interesse público e fazer um papel de saber se está ocorrendo algum mal feito em instituição pública e fornecer o serviço de informação para a sociedade. Acredito que sem uma imprensa forte e o jornalismo funcionando plenamente na capacidade de investigar o poder público e as empresas, a democracia não funciona plenamente. Isso acarreta em um papel importante para a saúde da democracia em uma sociedade.

Como você enxerga os impactos da sua produção?

Essa é uma questão complicada porque eu acumulo três funções diferentes na vaga que eu ocupo hoje. Eu edito o site, edito vídeos e eventualmente me passam pautas, edito textos. Como eu ocupo diferentes funções no decorrer do dia eu não consigo exercer nenhuma delas de forma plena e isso impacta na qualidade da informação que o leitor está recebendo. Impacta, também, na minha capacidade de exercer esses valores

Extras --

As empresas se fazem muito de vítima dos próprios problemas financeiros, mas é importante tocar no ponto de que sem condições de

trabalho plenas a qualidade de informação é afetada. Isso influi no tipo de cobertura que você vai ter se serão reportagens mais profundas, mais criativas, mais informativas ou rasas. Acho que tudo que conversamos tem impacto muito humano muito importante no profissional que é pressionado por horário e é pressionado financeiramente, mas isso acaba impactando a sociedade como um todo pois interfere na informação que as pessoas recebem em casa.

Transcrição da entrevista com Maria

Primeiro Eixo

Qual o seu Nome, idade e cidade de origem?

Maria³⁰, 27 anos, Florianópolis.

Há quanto tempo você mora em São Paulo?

Quase 1 ano.

Sua formação se deu onde?

Na Universidade Federal de Santa Catarina.

Qual o seu estado civil?

Solteira.

Você tem alguma fonte de subsistência que não o jornalismo?

Sim. Meu pai me ajuda.

Como se da sua rotina cotidiana de trabalho?

Agora estou trabalhando em uma assessoria. Comecei na assessoria há 1 mês. Antes eu separava as pautas que achava interessante. Anotava as ideias e enviava essa pauta para alguns veículos e esperava as respostas. E a verdade é que a maior parte das editorias não respondem se elas não conhecem você, tive pouquíssimas respostas e a maioria foi não, mas algumas acabaram dando certo.

Depois que fiz o curso Abril no ano passado, surgiu uma oportunidade de freela no guia do estudante de fazer uma série de vídeos e depois desse tive a ideia de fazer uma reportagem para o dia das mães com imigrante e dei a sugestão para a revista *Cláudia*. Ela gostou da pauta, mas ela não conhecia o meu trabalho e estava meio que testando o material. Ela disse que pagaria R\$ 200,00 para 4 reportagens e eu aceitei por estar muito empolgada. Tenho um carinho especial por essas

³⁰ Nome fictício.

reportagens que fiz apuração e escrevi em comparação com outras que ganhei mais dinheiro escrevendo porque era uma coisa que eu acreditava muito pois envolvia refugiados. Esse foi o começo da minha vida de freelas que foi no ano passado logo depois do curso Abril.

Logo em seguida fui responsável por fazer a reportagem do prêmio *Cláudia*, foram 3 reportagens por semana. Depois eles me contaram mais para fazer a produção do prêmio *Cláudia* que era buscar pessoas de diferentes cidades que eram: Rio de Janeiro, Brasília e Fortaleza. Isso para preencher os auditórios em que elas fariam palestras com as candidatas do prêmio *Cláudia*. Para mim foi muito enriquecedor no sentido de crescimento, de aprendizado, de conversar com pessoas diferentes só que pelo lado pessoal fui muito desgastante, foi meio que um trauma não resolvido até hoje. Procurei até uma psicóloga falar sobre essas coisas, é um ambiente mais fechado porque todo mundo já tem uma equipe mais fechada e eu era uma forasteira, todo mundo quer segurar sua vaga e não é tão aberto para os que estão entrando, ao menos foi o que eu senti.

Conversei com uma menina que trabalhava no meu lugar antes, e ela disse “as minhas experiências como freela foram parecidas nesse sentido porque você chega em um lugar, não pertence a esse lugar e chega a não fazer amizades, mas ter um diálogo ou abertura com essas pessoas que estão trabalhando porque você está ali no dia-dia, mas na verdade você não está. É como se você, terceirizado, você pertence, mas não pertence”. Essa minha amiga fez para a *Marie Claire*, para a revista *Cláudia* e para outros veículos, mas a sensação foi a mesma. Acho que para mim nesse sentido foi difícil porque eu tinha muitas demandas e tinha que entregar muitos resultados, mas no jornalismo você depende de muitas pessoas, é uma rede, é uma cadeia e se alguém de alguma ponta não está entregando o trabalho como deve ser feito o trabalho fica dificultado. Foi o que eu senti, as vezes a corda pendia mais para um lado eu tentava entregar o resultado ou pedir para a pessoa que estava trabalhando comigo e a pessoa não ajudava, eu não tinha a quem recorrer. Fiquei muito solta quanto a necessidade de ter alguém para me dar suporte.

Por um lado, acho que esse trabalho em específico foi bom em crescimento, reconhecimento, currículo, foi bem remunerado, mas desgastante para o lado pessoal pois foi uma coisa que ficou em mim de uma maneira que me questiono se o problema sou eu como profissional ou se o fato pertencer ou não que acaba deixando as coisas mais difíceis.

Agora vejo que entendo mais essa questão, não foi simples

entender que o problema não era só eu. Problema das coisas não funcionarem não é só porque dependia de mim, as pessoas não colaboravam e as coisas não andavam.

Quanto você recebe por mês?

Acho que é difícil para quem está começando. Tiveram trabalhos que ganhei bem, mas como não existe uma constância você acaba não conseguindo se organizar como se ganhasse um valor fixo. Na matéria dos imigrantes, por exemplo eu ganhei 200 reais. Se eu não tivesse ajuda do meu pai para pagar o aluguel eu não iria conseguir ficar em São Paulo.

Com relação as suas ferramentas de trabalho, eram todas suas? E o transporte?

Eram todas minhas única ajuda que tive foi quando roubaram meu computador e falei para o pessoal. Eles me arrumaram um computador ruim e o telefone eu usava o telefone de outras pessoas. Mas era tudo por minha conta, as ligações do prêmio *Cláudia* eu fazia pelo meu Skype, um amigo comentou sobre um plano do Skype e aderi. Se for colocar no papel é muito dinheiro que você gasta para trabalhar.

Agora fiz um freela para a *Vice*, e combinei de fazer com uma fotógrafa, ela foi, fez as fotos e na hora do pagamento se fingiram de mortos, não responderam aí combinei com a fotógrafa de pagar com parte da parcela do meu pagamento.

Segundo Eixo

O que te levou a ser *freelancer*?

Sempre gostei muito de trabalhar com revista ou em editorias mais abertas e criativas. Como fiz o curso Abril e não consegui uma vaga efetiva na Abril, achei que uma maneira de entrar seria com os dois pés nas porta. “e=Eles não querem me contratar, vou chegar com os dois pés na porta”. Os freelas foram uma opção de entrar no mercado, fazer meu nome e conhecer as pessoas que estão dentro das editorias.

Mesmo trabalhando em uma empresa você pretende continuar como *freelancer*?

Sim. Mas acho importante ressaltar que tenho uma família que

me ajuda financeiramente para fazer isso. Se dependesse do meu dinheiro não daria pois é tudo muito caro. Eu consigo seguir como freela porque minha família me ajuda, não é um hobby, mas o freela é mais um extra que me deixa feliz, mas não paga minhas contas no fim do mês. Talvez jornalistas com mais experiência consigam fazer isso com mais tranquilidade, mas para mim que só nova no mercado é mais complicado.

Quais são seus planos no pro futuro a médio e longo prazo?

É uma pergunta difícil. Eu quero não estar trabalhando como *freelancer* e estar em uma revista.

Como você observa sua trajetória financeira do período em que você se formou até agora?

De julho a outubro de 2016 foi um momento que ganhei um dinheiro legal. No início de 2017 fiz um freela para a *Vice* e ganhei um dinheiro legal.

Nesse momento que você trabalha com CLT, está sendo bom do ponto de vista financeiro?

Sim. O que ganho na assessoria eu ganhava como freela. A diferença é que tenho estabilidade. Não tenho tanta dor de cabeça em saber se terei emprego no mês seguinte. E tem outras coisas: vale alimentação, medico, vale transporte...são coisas que ajudam viver com mais conforto. O salário bruto não mudou muito, mas essas outras coisas ajudam muito.

Terceiro Eixo

Como se deram as relações de trabalho no período de freela?

Foram as conversas. O curso Abril me abriu muitas portas. Dentro do curso temos uma semana de estágio e a partir disso me colocaram para fazer um vídeo no Guia do estudante, fiz com outra moça. O pessoal gostou bastante do trabalho e encomendaram mais três. Na *Cláudia* também foi com conversa, ela não me conhecia, mas sabia quem eu era, foi correr atrás e boca a boca

Como se dava a remuneração?

Na *Cláudia* Você preenche uma ficha com seus dados como pessoa física e eles tem até 45 dias para pagar. Como pessoa física você perde dinheiro e isso eu descobri depois.

O diálogo com as empresas contratantes, foi amistoso ou foi tenso?

Foi amistoso.

Houveram atrasos, adiantamentos, ou problemas com isso?

Não tive problemas.

Sua relação com outros jornalistas na sua rede de contatos, seus colegas são majoritariamente Pejotas, contratados?

Tenho muitas amigas *freelancers* que são pejotas. Não tenho uma rede grande em São Paulo.

Você é sindicalizada?

Não.

Por que você não é sindicalizada?

Não sei. Ainda não pensei nisso. Preciso ir atrás. Por não ir atrás não vejo o sindicato como representante dos meus direitos e da categoria. Posso estar errada porque como não tenho informações não sei o que fazem por nós.

Quarto Eixo

O que você espera da profissão?

Acho que nosso futuro é complicado. As redações estão enxugando cada vez mais. As pessoas têm mais funções, estão mais estressadas. Entrei agora e lembro de conversar com uma amiga que é freela desde 2012 e ela comentou que o mercado está muito ruim. Não vejo um futuro muito animador. Está acontecendo uma transição e não sabemos para onde está indo e o complicado é que nessa transição não conseguimos ganhar dinheiro. Quem tem a opção de experimentar é quem

tem dinheiro por fora. Eu tenho minha família que me ajuda, mas se não tivesse não teria a opção de fazer o que faço. Se alguém está testando coisas na internet tem dinheiro por fora, do contrário não daria para se sustentar. O futuro é dúbio, é bom, mas não é bom.

Os ideais clássicos do jornalismo precisam ser atualizados? Se sim, em que sentido? Mudou alguma coisa nos objetivos principais do jornalismo?

Acho que mudou, mas acho que não tem que mudar. Independente do mercado acho que as premissas básicas que regem a profissão desde o princípio devem continuar e devem ser reiteradas. Acho que o que aprendemos com os professores mais velhos com muitos anos de redação não deve mudar e devemos reiterar algumas qualidades que não devemos deixar ser esquecidas independente dos modelos de negócio.

Como você enxerga os impactos da sua produção no jornalismo para a sociedade?

Comecei agora e não acho que fiz algo grande. Fico orgulhosa por mais que eu faça pouco. Mesmo que tenha poucos leitores quando chega o feedback positivo eu fico orgulhosa.

Transcrição da entrevista com Matheus

Primeiro Eixo

Qual o seu nome, idade, cidade de origem, formação e estado civil?

Peu Araújo, 30 anos. Natural de Guarulhos-SP. Formado em Comunicação Social - Jornalismo, com especialização em Produção em Telejornalismo. Formado pela Aambi Morumbi como bolsista do Prouni. Casado (Mora com a companheira)

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?

Eu não diria que são fontes de subsistência, são mais ajudas. Eu sou DJ também, e vez ou outra entra algum cachê.

Desses três veículos que citei como parte da pesquisa, você fez frila pra qual deles?

Eu não só fiz frila, como fui frila fixo, que é o monstro do jornalismo. Eu entrei na Abril em 2007 e fiquei lá até 2012, e passei nesse tempo por seis redações. Só que eu entrei lá meio que pela porta dos fundos, porque eu entrei como estagiário. Eu não era formado ainda, então entrei como estagiário frila. Ou seja, eu não tinha a menor relação com a empresa, não tinha nenhum dos direitos que era pra ter. Era colocado lá como colaborador. Eu fazia um trabalho meio que braçal que era pegar o conteúdo do Portal *Viaje Aqui* e era um trabalho quase que automático. Com o tempo eu fui fazendo outras coisas lá, mas eu demorei nesse período de frila, eu entrei em 2006 e fiquei quase um ano como estágio frila. E não tinha direito a nada, sem transporte, alimentação. E eu fiquei um bom tempo assim. E depois eu fui contratado como estagiário na *Viagem e Turismo* e fui trabalhar na revista. E quando acabou o meu contrato de estágio, porque eu me formei no final de 2008, eu voltei a ser frila de novo. Passei a ser frila fixo da *Viaje Aqui*. Fui pra *Placar* nos mesmos moldes, sem contrato. Da *Placar* eu fui pra *Alfa*, e sai da *Alfa* porque eu fui contratado na *Recreio*. Então eu passei por seis redações da Abril e só em duas eu fui contratado, que foi a *Recreio*, e depois a *Veja* São Paulo. Eu tinha funções e responsabilidades de um repórter. Na *Alfa*, por exemplo, eu fui editor de Home, eu tinha um e-mail que era o @_cnb, que eles colocavam como colaborador. Eu tinha um e-mail da empresa, responsabilidades diárias, eu tinha como comprovar que eu estava lá todos os dias. Mas eu não tinha os benefícios nem os

direitos de uma CLT. Isso é grotesco de se pensar como aconteceu, e como foi construído. Eu me sujeitava, porque era um jovem repórter. E foi importante o tempo que eu passei lá, pela evolução profissional, mas olhando hoje e fazendo uma análise do que eu vivi, foi muito exploratório. Não tem outra palavra pra falar, se não exploração. O patrão sugando tudo o que você tem, e como não tinha nenhuma forma de demarcar horários, eu como estagiário, saí algumas vezes de madrugada da redação. Em época de virada de site eu trabalhava. Em um semestre, eu peguei dependência na faculdade em três matérias. E como eu era bolsista eu quase perdi a bolsa, por causa disso. Não conseguia estudar. Foi um período em que as vezes eu ficava até mais tarde no trabalho, faltando a faculdade, deixando de fazer outras coisas. Como estagiário e sempre trabalhei cerca de 8 ou 9 horas. As vezes chegava a 10 horas em um dia. Era estagiário no papel, mas na cobrança do dia a dia, eu tinha que entregar coisas assim como os outros repórteres.

E hoje você continua nessa mesma relação de frila fila fixo?

Recentemente, desde novembro, eu fui contratado na Record TV. E eu sou repórter especial de cidades de Brasil do R7, e desde o começo lá foi CLT. Então é uma outra relação. Eu sai da Abril em 2012, por questões políticas. Nas eleições municipais a casa deixava muito clara a posição política dela para os repórteres, mas não para o leitor, isso me incomodou muito. De 2012 a 2014 eu fiquei fazendo frila pra *Revista Rolling Stones* brasileira, revista da *Cultura*, Revista da *Avianca*, *Tripp* e *Gol*. Fiz algumas capas importantes nessa época. Em 2014 eu entrei na *Vice*, como PJ também.

Segundo Eixo

Como você observa a sua trajetória profissional desde o momento em que você era estagiário *freelancer*, no momento de PJ e comparando agora com o momento de CLT.

Eu estava em fases diferentes. Quando eu estava como estagiário Frila, ou quando eu era Frila na Abril eu tinha uma gana de ascender profissionalmente, de tentar crescer dentro da empresa e ser contratado. Eu via muito como se eu precisasse fazer merecer ser contratado. Sendo que na verdade não era nada além do que meu direito. Mas eu não enxergava isso como uma exploração. Eu enxergava como uma fase da vida em que pra chegar onde eu queria eu iria precisar 'pastar um pouco'.

Quando eu fiquei como PJ eu passei dois anos como Frila. Então era, querendo ou não uma estabilidade, e um salário que era razoável. Então eu senti um conforto por ter uma estabilidade como PJ, mas no final es já estava cansado também e sem perspectiva. Na *Vice* eu entrei como repórter, e era quase a mesma função que eu faço lá na Record como repórter especial. Fazia muita coisa de Publi Editorial também, mas eu fiz muita matéria. Mas chegou um tempo que eu não tinha para onde ir mais. O salário não ia aumentar, eu tinha uma chance muito mínima de ser contratado. Eu não tinha para onde avançar e evoluir.

E agora como CLT eu tenho mais estabilidade, e eu tenho uma filha de três anos. Eu tenho alguns confortos do tipo poder ir voltar a pé do trabalho. Eu me sinto mais seguro, e eu olho pra trás e penso como eu fui explorado. Porque, eu não precisaria ter ficado como PJ ou como frila fixo nos lugares pra ter conquistado as coisas. Eu não deveria ser assim. Mas ao mesmo tempo eu vejo que talvez se eu não fizesse o que eu fiz, se não fosse PJ se eu não fosse frila, talvez eu não tivesse conseguido trilhar o caminho que eu trilhei. Não que seja, nossa, cheguei no topo, mas é uma trajetória em que eu passei por bastante lugares, escrevi para bastante lugares, eu tenho crédito em muitos lugares. E das coisas que eu faço, eu posso dizer que sou respeitado em muitos lugares. Não é uma presunção.

Quanto você recebia mensalmente como frila?

No momento que eu entrei na Abril como frila fixo estagiário, eu ganhava cerca de R\$ 900,00 a R\$ 1.000,00 por mês. Isso a dez anos atrás, então eu consegui morar sozinho. Quando eu me formei, em 2012, na Veja eu ganhava o piso do salário de repórter. Então não dava nem R\$ 3.000,00. Tinha benefícios, mas era muito baixo. E eu via que para ascender lá eu também iria ter que 'comer muita grama' porque eu era provavelmente o ultimo repórter na lista dos que teriam alguma promoção. Então eu olhei para aquilo e vi iria demorar muito o processo.

Talvez, se eu tivesse continuado, hoje eu estivesse com um salário razoável lá. Quando eu comecei a frilar em 2012 eu nunca ganhava menos de R\$ 3.000,00 por mês. Quer dizer, eu nunca trabalhei por menos de 3000 reais por mês. É uma coisa diferente da outra. Porque no mês eu fazia um faturamento superior a 3000 reais. Então eu sempre ganhei mais do que eu recebia como repórter contratado. Porém, quando se é frila você tem um prazo pra receber, e essas coisas atrasam. Às vezes você está esperando uma grana cair e ela não cai. E isso é desesperador, e é uma

coisa que me incomodava muito. As vezes tinha 2000 ou 3000 reais pra receber e simplesmente a editora decidia que iria atrasar o seu pagamento naquela semana.

Você passava pela situação de ter um mês com frilas e outro não?

Eu fiz uma rede de lugares em que eu escrevia com alguma frequência. A *Rolling Stones* por exemplo é uma revista que paga muito mal, mas todo mês eu resenhava 2, 3, discos. Até eu peguei uma coluna na revista da *Avianca* sobre música, e era mais uma grana. Então eu tinha uma fonte, em que pelo menos R\$ 1.500,00 eu tinha fixo. Uma outra editora que foi importante pra mim também foi a *Custom* que fazia revistas customizadas. Fez a revista da *Mitsubishi*, da *Telha Norte*, Fiz o designer book da *Tock Stok*. Então eu tinha algumas coisas e as vezes ia atrás de outra. Eu tinha uma entrada boa em outras revistas também, então acabava que sempre fazia alguns trabalhos. E passei a tocar mais também. Fazer festas mais frequentes, e meio que abria um leque para outras possibilidades que não fosse só jornalismo. Pra você ter ideia eu fiz a trilha sonora do Esquina Mocotó que é um restaurante da zona norte, que é do chef Rodrigo Oliveira. Teve um mês que eu não fiz quase nada de jornalismo e me dediquei a fazer esse trabalho para o restaurante. Então rolaram algumas coisas que não foi só jornalismo. Às vezes eu dava uma parada. Em fim de ano, de novembro até janeiro era sempre mais complicado.

Você agora que trabalha como CLT, você ainda faz alguns frilas como jornalista?

Eu até que tentei nos primeiros meses, e tenho algumas coisas pendentes, mas eu não estou conseguindo entregar. Apesar de ter as oito horas de trabalho, e ser perto de casa, e não ter que gastar tanto tempo com deslocamento, eu acabei me acomodando um pouco. Eu consegui criar uma rotina com a minha filha de deixar ela na escola, e ir para o trabalho. Eu decidi não pegar tantos frilas por enquanto. Aliás, não pegar nada nos últimos meses, a não ser como DJ para priorizar outras coisas, não ficar tão cansado e tal.

No auge do seu trabalho com frilas, você consegue mensurar com quantos veículos você chegou a trabalhar ao mesmo tempo?

Eu cheguei a fazer mais ou menos seis revistas ao mesmo tempo.

Nesse momento você calcula mais ou menos quanto de carga horaria de trabalho?

É bem difícil de calcular carga horaria de trabalho quando você está freelando. A lógica do frila é 'pegue tudo o que der pra pegar', ' não recuse trabalho. No meio do ano de 2013, bem na época das manifestações eu descobri que ia ser pai. E eu fiquei bem maluco e comecei a pegar tudo o que aparecia, e quase não dei conta de entregar tudo o que precisava. Mas eu não sei mensurar a carga horaria, por que as vezes você passa a tarde toda livre, mas no fim de semana trabalha 20h. Mas eu acabava trabalhando uma média de 8 a 9 horas por dia. E as vezes contando sábado.

Terceiro Eixo

Você é sindicalizado?

Não. Eu acho o sindicato de São Paulo muito conservador em relação ao jornalista e muito conivente com algumas coisas do patronato. Parece até um pouco hipócrita... porque você deve pensar ' se está falando mal do sindicato deveria se sindicalizar para tentar fazer alguma coisa' nunca me aproximei tanto... a história que aconteceu é que uma vez eu estava saindo da Editora Abril, eu era repórter da *Veja* São Paulo. Lá quando você sai depois das 22h você pode pegar carro para ir pra casa, era um dos privilégios que se tinha na Abril e acho que cortaram isso e agora só depois da 0h. Pediram para eu ir até um ponto de taxi na esquina, pegar o boleto e ir embora. Entrei nesse taxi, encostou um carro do lado com dois caras armados, eles apontaram a arma para mim, pediram a chave do carro, eu entreguei a chave, abri a porta achando que ia sair... foi quando ouvi disparos do meu lado esquerdo. O taxista também era policial atirou contra os caras, os caras fugiram e descobri que tinham sequestrado duas mulheres que estavam no banco de trás...uma história horrível...saindo do trabalho...nessa época eu procurei o presidente do sindicato dos jornalistas que inclusive jogava bola comigo na época. Eu procurei a segurança da empresa, o RH... basicamente meu editor me inibiu a seguir em frente e tomar providências. O chefe da segurança me procurou e fez um discurso dizendo que ninguém mais ia poder fazer táxi do lado de fora...durante um mês aconteceu uma restrição contra isso e nada mudou...quando me senti sem apoio, eu fiquei sem apoio mesmo porque

o sindicato não apoiou, aí decidi não me sindicalizar mesmo, não fazer parte de uma coisa que na realidade não está preocupada com o jornalista de fato.

Nós ficamos tendo reunião na Record para ver se vai aumentar 4 ou 5% do dissídio ou do reajuste anual ou de não sei o que, mas, e a segurança do repórter que vai as ruas? E quando o jornalista é agredido pela polícia militar? E quando o jornalista é assaltado a caminho do trabalho? Estamos discutindo 4 ou 5% e não discutimos segurança, não se discute respeito as relações dentro das redações... a gente continua tendo uma infinidade de assédios morais e sexuais dentro das redações, homofobia, racismo e outros crimes e estamos discutindo dissídio. Por esse motivo não sou sindicalizado, pode ser até um erro meu, mas é uma visão de quem não acreditou no sindicato quando precisou dele, não acredita mais por ter precisado.

Quarto Eixo

Como você observa os valores clássicos do jornalismo?

Tem coisa que é muito mais nociva para o jornalismo do que o contrário. Estamos vivendo uma era de velocidade da informação muito grande e uma era das notícias mal contadas. Eu sou um repórter que vou sempre defender uma história bem contada. Só que você não consegue escrever uma história bem contada escrevendo ela no celular em 10 minutos ou ditando no whatsapp para outro repórter escrever e essa história ficar boa. Ela não vai ficar boa. O jornalismo precisa de tempo e as redações se esqueceram disso então ficou um a briga hoje. Falando da objetividade ficou uma briga entre quem solta um push mais rápido no celular das pessoas para elas lerem. o importante não é a notícia, é o lead, entende? Não importa como é, não importa se o caminho for interessante...o que importa é que esteja lá antes. Eu entendo a necessidade de ser ágil, mas acho que a necessidade de agilidade está se tornando um problema.

Você pode perguntar aqui nas redações de hard news em São Paulo, o chefe que esta lá muitas vezes descolado da realidade não está preocupado sem você tem uma puta história na manchete, se você tem uma grande reportagem ali...ele está preocupado se você tem a mesma história do UOL, G1, da Folha, Estadão ou Veja. Ele está preocupado se você tem a mesma história dos outros. Isso acaba com a originalidade dos portais, com a grandiosidade da reportagem e nesse contexto existem dois lugares que talvez se descole um pouco desse senso comum, um é a Vice

e o outro o El País um pouco mais conservador que a *Vice* que não tem necessariamente um apontamento ideológico, mas com novidades. Ela não é levada a sério e entendo alguns motivos por ela não ser levado a sério mas acho que se faz um excelente jornalismo ali e não se sabe. Assim como no lugar que estou hoje que tem grandes repórteres, grandes contadores de história, mas o R7 ficou tido como um site de fofoca, de foto de bunda e sei lá o que...é bem verdade que boa parte da audiência vem disso, mas não se olha para ele como um lugar que se pode ter credibilidade jornalística.

Sobre os lugares em que você já trabalhou, como você se deu conta das linhas editoriais desses veículos?

Você nunca entra em campo sem saber onde vai jogar. Uma coisa que me ajudou muito quando saí da *Veja* São Paulo e virei freela foi o fato de fazer matérias de comportamento, então não entrava em pontos que eu pudesse escorregar muito na linha editorial. O que conta é a entrevista da pessoa. Não tem como ser tendencioso ou alinhar de forma diferente.

O lugar que eu tinha mais liberdade e as vezes até pesava a mão era a Revista da Cultura que é uma ótima revista e é distribuída dentro da livraria cultura. Uma vez fiz uma matéria sobre racismo e coloquei o título "Você já foi racista hoje?" Achei que iriam tirar isso e mudar o título, muito pelo contrário os caras deixaram e deixaram bem grande. Mas trabalhei em outros lugares que eram tidos como descolados e como a *Trip* ou como a Status e que os caras não avaliaram meu texto e ele perder a minha identidade, ficou com uma identidade meio Frankstein.

Fiz também uma viagem pela Revista de bordo da Gol na viagem acompanhei a banda aviões do forró por três estados em três dias e saiu uma grande reportagem dentro da revista da Gol que é uma revista de bordo. Já tive bons exemplos onde eu não esperava e exemplos ruins onde eu esperava que fosse mais aberto o diálogo. Todo lugar tem uma linha editorial e uma hora você vai esbarrar nela e ter que lidar, as vezes não é nem a linha editorial da revista, mas do editor que está te editando; as vezes ele não entende, não tem a referência sobre o assunto.

Quando entrei em 2005 para trabalhar com jornalismo os editores tinham 40 anos, hoje tenho 31 e caras da minha idade são editores, não tem mais os editores de 40. Antes até tinham os de 40 e um ou outro um pouco mais novos e hoje não tem os caras um pouco mais velhos. Nesse sentido você perde vivência para o texto e é um problema que vejo nas redações, mas o lugar que tive mais liberdade para trabalhar foi a Vice.

Você acha que o fato de você ser *freelancer* pesou nos conflitos editoriais?

Não. Uma coisa que fiz sempre foi ler antes as coisas que ia fazer, por isso não entrei nesses conflitos e sempre soube o que não podia escrever. Quando estava na *Vice* eu fazia um design book pra *Tok Stok* era sempre o perfil de arquiteto ou de alguém que eles queriam, eu não poderia escrever isso com o formato que eu escrevia na *Vice* em negócio que era institucional, mais careta, bem mais conservador...eu já fazia um filtro...nunca cheguei em um lugar e disse 'não, eu não vou escrever sobre isso porque não concordo' porque eu simplesmente não pegava as matérias que eu não concordava.

Nunca tive problema com a linha editorial dos lugares e sempre soube adequar meus textos ao local. Para o freela o importante é você entregar e aquele trabalho acabar, então é melhor você saber qual a linha editorial daquele lugar e escrever nessa linha que escrever um texto completamente solto e ele ficar batendo e voltando...aí o trabalho que você faz em dois dias vira o trabalho de uma semana. Tive problema de falta de reportório dos editores...falar sobre um assunto que o editor não sabia o que era e mexer no texto e mexer errado.

Como você enxerga os impactos da sua produção como jornalista?

Não fiz nada ainda do que acho que posso fazer. Não sei avaliar isso, acho que algumas matérias importantes tenho transito em alguns locais e tenho orgulho de ter conseguido isso profissionalmente e manter algumas fontes...

Fiz coisas em alguns lugares que são mais difíceis de entrar como a Cracolândia, acho que talvez o trabalho que tenha feito com mais peso nesse sentido é entrar lá desde 2011 com alguma regularidade e publicar desde então sobre o local. Teve uma matéria muito importante para o veículo, para mim e acho que levantou uma discussão importante em 2015... a gente fez uma entrevista com o Fernando Haddad que foi publicada na *Vice* Canadá, na *Vice* Estados Unidos, *Vice* Dinamarca, Portugal...foi publicada em mais de meia dúzia de países.

Fiz agora dois especiais para o R7, estou fazendo um terceiro e acho que talvez seja a coisa mais importante que eu já fiz até agora, estou nesse processo de produção. Fiz um primeiro que foi sobre o sistema penitenciário no Brasil um grande especial isso em parceria com o Caíque

Delapola que é um estagiário do R7, fiz um especial dividido em quatro capítulos sobre torcida organizadas entrando nas torcidas e dando voz aos torcedores, falando com um promotor de justiça e abrindo uma discussão muito mais ampla que "torcedor é bandido...torcedor organizado gosta de brigar..." acho que esse material foi importante. Ano passado publiquei uma matéria sobre homofobia no futebol brasileiro "Porque o futebol brasileiro ainda está trancado no armário" fiz em parceria com a Letícia Naízia foi para a *Vice* essa foi muito importante porque conseguimos mostrar num angulo 360°

Vencemos o roteiro...se você tiver mais alguma contribuição pode falar..

Acho que falei bastante. Acho importante nós explicarmos especialmente para os jornalistas mais novos que não é legal trabalhar de graça, não é legal trabalhar por menos que você mereça. Quando fiz dois anos freelando de casa a única coisa que eu tinha para oferecer era o meu texto e quando você vende isso barato ou quando você faz de graça, está impedindo alguém de ganhar respeitosa por isso. Por isso sou contra ações como o Mídia Ninja, Jornalistas Livres...não que eu seja contra a ideia.

Tenho duas questões contra que jornalismo é ativismo por um lado, sou um cara de formação de esquerda, mas não posso simplesmente colocar um "oclinhos" no Lula porque ele fez um discurso, ou atacar diretamente um candidato conservador porque ele é um candidato conservador. Eu já fui voraz em textos contra o governo do estado só que tenho embasamento e tinha como comprovar que aquilo era um absurdo...a secretaria do estado de São Paulo tem uma forma muito escrota de lidar com jornalista que é nunca colocar um porta-voz, nunca ter ninguém para falar. Você pergunta "porque o policial atirou em um jovem?" E eles respondem "a secretaria de segurança pública do estado de São Paulo está investigando o caso e bla bla bla" não foi isso que eu perguntei.

Da para ser feroz contra o sistema sem você ser um ativista e além disso essas iniciativas não pagam o que a gente tem que é a informação a história a ser contada. Acho inadmissível o jornalista não receber por aquilo que ele faz, todo mundo recebe. Você não senta na cadeira de um dentista e fala para ele "arruma meu dente!" Você marca hora com ele e você tem que pagar a não ser que seja um negócio de graça. Digo, uma coisa é acordada e aquele dentista está recebendo para fazer

aquele atendimento médico, o professor está recebendo para dar aula. Salvo exceções de que o acordo seja de que aquilo será feito de graça. Mas o que vejo muito é o jornalista doar o seu serviço gratuitamente sem receber. Na Mídia Ninja pega jovens muito novos que não tem formação e se doam e dão tudo que tem e não recebem, pensando em uma realidade em que eu pelo menos como vim de periferia, fui bolsista não quero que o jornalismo seja uma profissão de boy.

Se você não paga direito no estágio, não contrata estagiário, não dá direito e não dá dinheiro para ele quem vai fazer isso? Só quem tem dinheiro, só quem tem herança. Aí você vai tirar pessoas que vieram de onde vim da possibilidade de fazer jornalismo. Já é uma profissão elitista se você pensar, olho para a minha redação e tem 70 a 80 pessoas e tem 3 a 4 pessoas negras, então já temos uma discussão sobre isso e aí vem veículos que se dizem muito progressistas, muito à esquerda das coisas e se quer pagam as pessoas que estão trabalhando por ele, é muito diferente do que faz. A Ponte por exemplo, na Ponte há um acordo entre os jornalistas eu digo porque conheço o Caramante, o Jucá que está fazendo especial comigo o Caíque, o Fausto...conheço a maioria dos caras que escrevem para lá, mas há um acordo de fazer e eles tem outros empregos...o que vejo na Mídia Ninja e nos Jornalistas Livres é que há uma sedução e cara, nome publicado não paga conta, precisamos pagar contas e precisa valorizar o trabalho que a gente faz para que a gente evolua o trabalho, não tenha um jornalismo tão óbvio.

Transcrição da entrevista com Pedro

Primeiro Eixo

Qual é o seu nome, idade, e cidade de origem?

Pedro³¹, 32 anos, Francisco Beltrão-Paraná

Há quanto tempo está em São Paulo?

Estou em São Paulo desde 2008,

Qual a sua formação?

Sou graduado em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, pós graduado em jornalismo literário na academia brasileira de jornalismo literário, mestrando na escola de artes, ciência e humanidades na USP.

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?

Sim, a bolsa.

Você tem outras fontes de subsistência no jornalismo além da que você trabalha?

Sim, faço freelas para editora Globo, para a revista a cultura, faço alguns publis, para algumas editoras menores... o que aparecer. Mas a Abril é uma empresa que trabalho bastante tempo.

Você trabalha com a Abril desde quando?

Desde 2010. Comecei como freela fixo na *Placar*, fui para a *Alfa*, que acabou, e da *Alfa* para a *Playboy*, foram as três revistas que trabalhei na redação, se não me engano freela fixo é uma categoria que já foi extinta. Depois que saí continuei fazendo trabalho para outras revistas continuei fazendo trabalho para a *Playboy*, fiz para O Mundo Estranho, para o Almanaque Abril, para O Guia do ENEM.

³¹ Nome fictício.

Como se da sua rotina de trabalho?

Como freela os horários não são muito fixos, mas costumo começar trabalhar 10:30h em casa e trabalho até aproximadamente 20:00h tentando dar conta dos freelas e da parte acadêmica também.

Como se da sua contratação na Abril?

No freela fixo era quase da mesma forma que é agora com a exceção dos direitos. Para um contrato que eles tinham que era o contrato de cessão de direitos autorais CCDA, na época se fazia um contrato equivalente ao salário, mas eu tinha a obrigação de ir lá e ficar as oito horas de trabalho dentro da redação e era uma questão muito séria pois boa parte da Abril era de freelas fixos, acho que o sindicato baixou por lá, essa regra foi mudada e houve um grande número de demissões durante alguns anos seguidos, mas não peguei essa onda de demissão.

Trabalhei na *Playboy* durante aproximadamente um ano e meio, recebia muito mal, um salário muito aquém do salário dos colegas que tinham CLT, nenhuma perspectiva de contratação, condições de trabalho cada vez piores, sempre com "a faca no pescoço" correndo risco de demissão e uma hora acabei cansando e me demiti.

Os freelas à distância aqui são todos por CCDA, eles encomendam um texto ou uma matéria, determinam o valor e mandam o contrato com os detalhes como: título, publicação, veículo eu assino e envio o contrato para eles.

Você tem algum problema em nos falar sobre remuneração?

Nenhum problema. Na *Placar* eu recebia cerca de R\$ 1.500,00 e era redator, fui para *Playboy* esse valor subiu para R\$ 2.500,00 isso em 2010, 2011 e era um salário muito abaixo do piso de jornalista era muito ruim porque eu precisava ficar as oito horas e por vezes muito mais que isso, na época fui contratado com outros quatro colegas para fazer uma remodelação dos sites deles então acabávamos trabalhando dez-doze horas por dia para dar conta, trabalhávamos muito e recebíamos pouco.

Com os freelas eu consigo ganhar muito mais com isso, as vezes em um trabalho eu consigo pegar R\$ 2.500,00 O Guia do ENEM, por exemplo é uma plataforma de remunera de forma honesta e claro que existem algumas revistas que nem tanto. Umás notas pequenas te pagam normalmente entre R\$ 300,00 e R\$ 400,00 em uma matéria mais longa

geralmente pagam bem, coisa de R\$ 3.000,00 dependendo da publicação. Para mim vale muito mais a pena ser freela a distância.

Você disse que existiam algumas diferenças com relação a direitos, você pode explicar melhor?

Sim, na época quando eu trabalhava como freela fixo eu não tinha FGTS, não tinha direito a férias e quando tinha era no boca-a-boca e tinha que negociar com meu chefe que era uma pessoa maleável e entendia isso, mas tudo era feito em acordo verbal porque não existia nenhuma lei que me amparasse para aquele direito. Eu era um trabalhador muito mais barato para eles.

Sobre suas ferramentas de trabalho, o que você utiliza é seu?

O que uso é meu. Eles me pagam o valor geral da pauta fechada, mas os valores de deslocamento, computador, luz, comida e etc sou em quem banco. Claro que quando tem uma pauta que preciso entrevistar alguém em um local muito distante, eu entro em contato com o editor e uso o carro da empresa ou pego nota do táxi e eles remuneram, mas quando é um transporte coletivo eu mesmo pago.

E uso o carro da empresa ou pego nota do taxi e eles remuneram, mas quando é um transporte coletivo eu mesmo pago. O computador é meu, quando preciso fazer alguma imagem, a câmera é minha. Todo o material é próprio.

Já aconteceu do seu equipamento ter algum problema e você entrar em contato com eles em relação a isso?

Nunca aconteceu, meu computador é um pouco velho, mas está aguentando. Nunca tive problemas com equipamento danificado, mas caso acontecesse eu entraria em contato com eles pra tentar ressarcimento

Segundo Eixo

O que te levou a ser *freelancer*?

Não é uma decisão que você toma porque quer, não é uma questão de absoluto desejo pessoal. O jornalismo está passando a muitos anos por uma fase decrescente, de muito pouco emprego.

É difícil conseguir um emprego decente no jornalismo hoje. As empresas contratam pouco e demitem muita gente, é difícil você prestar um processo seletivo. Então, não foi uma opção, foi necessidade mesmo, comecei a freelar, saí da Abril, trabalhei com publicidade um período e ao mesmo tempo fazendo freelas para jornalismo e larguei porque a publicidade não é o que gosto de fazer de fato.

Você tem interesse em continuar trabalhando como *freelancer*?

Enquanto precisar, pretendo continuar. Prestei agora o concurso do Sesc para produtor cultural fui aprovado, mas tem um delay, eles podem me chamar entre agora e até dois anos. O processo seletivo tem validade de dois anos. Estou sempre procurando alternativas de trabalho remunerado com CLT que é uma segurança muito maior ao mesmo tempo que trabalho como freela busco sempre uma alternativa. Esse concurso do Sesc por exemplo, não é para ser jornalista, mas é trabalho que gosto com promoção de cultura e se me chamarem eu vou por que vou ter uma segurança trabalhista que não tenho como freela.

Quais seus planos para o futuro na carreira?

Eu gosto bastante do jornalismo, para mim é mais que uma profissão. Sou um consumidor de jornalismo e grandes reportagens, faço isso com prazer e gosto muito. Mas é uma profissão muito difícil e muito dura, é difícil conseguir empregos estáveis e a medida que o tempo passa carecemos mais disso. No momento meus planos são esperar essa chamada do Sesc e sendo chamado, vou parar de trabalhar com jornalismo.

Como você observa sua trajetória financeira do período em que você terminou a graduação até hoje?

Não melhorou em momento nenhum. Desde que comecei no jornalismo nunca tive estabilidade financeira. Sempre foi muito complicado, como freela você tem meses muito bons e meses muito ruins, normalmente o começo do ano é bem ruim você acaba se jogando em outros projetos para conseguir uma grana, geralmente no começo do ano eu me dedico mais a isso. No meio do ano tenho uma demanda maior de trabalho. Agora em maio, junho e julho é uma época boa de trabalho tem bastante demanda de trabalho e você consegue ter uma remuneração boa.

Tem o problema da demora para receber o pagamento dos trabalho, você entrega o trabalho rápido e recebe daqui dois ou três meses e isso requer um planejamento financeiro muito bom para não derrapar nas contas, muitas vezes esse delay entre a entrega do trabalho e o recebimento pode chegar a 4 meses. Muitas vezes você pode ficar com as contas atrasadas e pagando juros disso porque você não recebeu, fiz alguns trabalhos para a editora Globo por exemplo em novembro do ano passado e não recebi é necessária alguma pressão para aquele pagamento cair.

Terceiro Eixo

Com relação a remuneração, como foi conversado?

A medida que o tempo passa e você conhece mais gente as coisas vão ficando um pouco mais fáceis. Muitas das pessoas que me mandam trabalho são pessoas que eu já trabalhei, então eu conheço essas pessoas e sei da idoneidade deles e sei que eles pagam o que podem.

Como se dá a sua relação com a empresa?

Basicamente tenho feito o guia do ENEM que fazia parte do almanaque Abril. Eu me encontro com o Fabio, que é o editor, uma vez por semestre e falamos de amenidades, não falamos muito de pauta. As conversas de trabalho fazemos mais por telefone ou por e-mail, aí temos um contato mais frequente. Quando estou com uma pauta na mão trocamos e-mail de dois em dois dias. Ele me ajuda com informações porque geralmente são pautas bastante longas.

Como você considera essa relação?

Bem amistosa. Não tenho nenhuma crítica aos editores que trabalho. Fora quando trabalhei fazendo freela fixo dentro da Alpha e da *Playboy* que o editor foi bastante complicado de trabalhar. Desde que sou freela, a relação é muito boa. Os editores do Guia do ENEM são pessoas maravilhosas, jornalistas muito competentes e pessoas harmoniosas para trabalhar, ajudam, pagam direito, são compreensivas quando você precisa de mais prazo, quando te demandam um texto a mais você não precisa reivindicar o aumento do valor.

Como você avalia sua rede de contatos dentro do jornalismo com outros jornalistas?

Boa parte dos meus amigos são jornalistas. Eu trabalho há quase 10 anos em São Paulo como jornalista. Fiz muitos amigos dentro da Abril, alguns deles não estão mais lá, mas continuam atuando como jornalistas. Eu diria que 70% deles são *freelancers*. A relação é muito boa, colaboramos bastante uns com os outros. Mesmo o pessoal que trabalha em redação ainda pega freela para complementar renda e as vezes não conseguem dar conta e passam o trabalho pra mim. Quando tenho muita demanda de trabalho também passo trabalho para outros amigos freelas. Eu diria que a relação é muito colaborativa e amistosa. Não sinto competitividade nenhuma, é mais de colaboração, passar pauta, passar contato e isso é muito bacana.

Você considera que há uma troca de aprendizado entre você e os colegas?

Com certeza. Não só de aprendizado técnico. Eu por exemplo não tinha feito publis editoriais, era algo que eu não aceitava fazer até o final do ano passado, a coisa apertou de grana e veio uma demanda de publi e eu não sabia muito bem como fazer porque é uma mistura de texto entre publicidade e jornalismo. Eu tinha algumas colegas que trabalhavam com isso, saímos para tomar um café e elas me ensinaram a produzir o texto, qual a estética que o pessoal espera. Tem essa troca de conhecimento técnico também, acontece uma troca de conhecimento bem harmônica.

Você é sindicalizado?

Já fui. Quando estava na Abril, era sindicalizado. Quando saí da Abril, comecei trabalhar com publicidade e o sindicato mudou. Depois que eu voltei a freelar, eu não me sindicalizei mais, mas é uma coisa que está sempre na minha lista coisas a fazer, mas nunca tenho tempo pra fazer isso. No momento não estou sindicalizado, mas vejo a necessidade de fazer isso

Você enxerga suas demandas como *freelancer* sendo pautadas e tocadas pelo sindicato, mesmo você não estando lá?

Em partes. Se não me engano o presidente do sindicato hoje é do Almanaque Abril na época que eu trabalhava lá, era um militante do sindicato muito aguerrido, ele sempre passava nas redações da Abril e ninguém dava bola para ele. Ele falava e ninguém ouvia, eu era um dos

poucos que ficava escutando ele falar e em determinado momento eu fui falar com ele da minha situação de freela, que boa parte da Abril era freela fixo. Ele disse que tinha uma dificuldade de atuar com *freelancer* porque muito poucos *freelancers* eram sindicalizados e ele não sabia o que fazer, mas que estavam analisando o caso. Pouco tempo depois eles tomaram uma atitude, chegaram junto e obrigaram a empresa a extinguir esse modelo de trabalho. Nesse caso eles foram atuantes, por mais que a forma encontrada pela empresa para acabar com esse trabalho tenha sido terrível, demitindo essas pessoas e aumentando o volume de trabalho das outras e precarizando ainda mais o trabalho, mas nisso o sindicato, naquele momento, não tinha como intervir.

Hoje em dia vejo o sindicato dos jornalistas muito mais atuante que boa parte dos sindicatos. Eu não poderia chamá-los de pelegos, eles fazem a parte deles dentro do que é possível. Mas no quadro de *freelancers* acho que eles se mobilizam pouco acho que poderia ter um centro de ação uma parte grande do sindicato trabalhando com *freelancer* para tentar encontrar uma solução de modelo de trabalho porque ainda trabalhamos com concessão de direitos. Trabalhamos com CCDA e não temos vínculos empregatícios, não temos garantia de direitos e o sindicato não atua firmemente nesse sentido, mas ao mesmo tempo eles tentam buscar soluções lentamente de um jeito muito vagaroso para nós que temos causas urgentes a resolver essa demora é bem nítida. Acho que eles atuam em meio a tantos problemas que existem no sindicato, das correntes divergentes que se confrontam lá dentro. Eles até tem uma atuação razoável.

Quarto Eixo

O que você espera da produção frente a sociedade?

O jornalismo é formador de opinião, os jornalistas têm como premissa da profissão correr atrás da notícia, correr atrás das histórias de vida, são as reportagens mais fundamentais. É uma função básica descobrir histórias, correr atrás das notícias. Cada vez mais a gente faz jornalismo de gabinete, fica mais parado em casa e menos na rua que é uma tristeza.

A gente tem uma função imprescindível dentro da sociedade até como pessoas que fazem o escotilho do poder do Estado e da iniciativa privada e descobrir se esse pessoal está fazendo algo de errado. O jornalismo investigativo embora seja deficiente no Brasil é um front importante de batalha de informação e hoje ainda mais numa sociedade extremamente midiática que está sendo mediada por inúmeras e absurdas

notícias falsas, então cada vez mais a produção de notícias decentes e uma produção noticiosa competente é importante.

Como você avalia os ideais clássicos da produção como objetividade, imparcialidade, fiscalização dos poderes? Como você avalia eles através do tempo?

Incluindo aqui o setor privado, acho que a fiscalização de poderes é necessária e hoje mais ainda com essa guerra de notícias falsas cada vez mais importante que se sobressaia notícias verdadeiras, as versões apuradas dos fatos. É uma demanda tradicional e histórica do jornalismo que continua com a mesma importância. A imparcialidade e a objetividade são coisas falsas. Você pode demandar para você mesmo ser o mais imparcial e o mais objetivo possível, mas você nunca será absolutamente objetivo e imparcial. É muito difícil isso acontecer, a cada dia que passa acho necessário o jornalismo demonstrar sua posição. O jornalista e o veículo têm suas posições políticas e tem suas posições frente a assuntos polêmicos ou tabus e é necessário deixar claro que ele parte daquele ponto para fazer a reportagem.

É um erro muito grande de revistas semanais que se vendem como revista e veículos de comunicação imparciais e objetivos quando na verdade não são. Todo repórter e veículo partem de valores muito subjetivos, então a imparcialidade e a objetividade são falácias. É necessário que você seja o mais imparcial e objetivo possível, mas você não será. É importante deixar estabelecido de que ponto você está partindo.

Você identifica alguma afinidade editorial com a empresa que você trabalha?

Com a Abril especificamente, nenhuma.

Como você se relaciona com isso? Você já teve conflitos com relação a esse editorial?

Já sim. Bastante conflito. Hoje em dia muito menos porque como faço bastante freela pro guia do Enem, são matérias um pouco mais técnicas que não lidam com temas muito políticos e quando lidam, como foi o caso de uma matéria que fiz sobre mobilidade estudantil, não tenho problemas porque a linha política da redação é muito alinhada com a

minha. Sempre trabalhamos de forma muito harmônica nesse sentido, mas quando eu era freela fixo na *Playboy* e na *Placar* era terrível. Houveram matérias que comecei apurar e disseram "para de fazer porque não é por aí".

Dentro da *playboy* tinha um problema sério de machismo. Eu era a pessoa que fazia a home do site e eu tinha um problema muito sério com a forma como as mulheres eram tratadas com uma reivindicação de tema das mulheres dentro da redação. Aquilo era quase uma piada dentro da redação, então havia uma posição bastante dissonante ali dentro e foi um dos motivos que me fez sair além do trabalho e da exploração laboral. Foi uma posição de princípios muito discordantes e não tinha como chegar a um consenso porque eu era um freela e poderia ser facilmente demitido. Eu precisava confrontar diretamente pessoas com um nível hierárquico muito maior que o meu: meu editor e meu diretor de redação, que não davam muita bola para o que eu falava. Aí acontecia muito essa desarmonia de princípios, valores e direcionamentos jornalísticos.

Como se deu a identificação dessa afinidade editorial? Ela foi exposta? Você foi sentindo? Ou você percebeu através dos conflitos?

Foi aos poucos. No Guia do Enem eu já conhecia algumas pessoas lá. A pessoa que hoje é presidente do sindicato era o diretor de redação e ele tem uma linha de pensamento político que não é exatamente a minha, ele é um pouco mais marxista, eu tenho um pensamento um pouco mais anarquista, mas mesmo assim existia uma confluência de princípios e valores muito parecidos. Não tive problemas com eles, sempre foi muito harmônico e muito honesto, quando havia alguma divergência a gente sentava e discutia. Dentro da *Playboy* era diferente aos poucos você vai notando "essa manchete aqui está meio tendenciosa, um pouco machista...vou mudar", " não deixa assim que gera mais visualização e traz mais clicks, precisamos bater a meta". Aos poucos dá para perceber, quando eu precisava ficar mais tempo eu também reclamava que não estava cumprindo hora extra e não tinha banco de horas e eu ouvia "é assim mesmo! Está no contrato e você aceitou ser freela". Até o momento que eu que decidi não aceitar mais e ir embora.

Quando trabalhei dentro da redação da Abril, aos poucos fui vendo as discordâncias editoriais e as discordâncias de princípios. Vão rolando algumas faíscas, essas faíscas vão se tornando fogo e esse fogo vira um incêndio. Aí você foge, já que você não consegue apagar o incêndio e está na base da pirâmide. Você pega suas coisas, vai embora e

deseja boa sorte.

Como você enxerga os impactos da sua produção no jornalismo?

Gosto muito do trabalho que faço hoje eu costumo escrever mensalmente para a revista da cultura que é uma revista que está passando por uma fase bem difícil, ela está sendo remontada. Até uns dois anos atrás era uma revista maravilhosa, o papel dela era lindo a tiragem era maravilhosa. Era uma revista gratuita, hoje ela está bem ruim a redação de dentro da livraria da Cultura está praticamente extinta é meio que tudo feito por freelas, mas ainda existe.

Eu escrevo mais matérias culturais sobre escritores, músicos e sempre recebo mensagens, muita gente lê. Trechos da revista já foram usados para questões de vestibulares, já fui dar duas ou três palestras em escolas por contas de reportagens dessa revista da Cultura. As matérias que faço para o Guia do Enem também são sensacionais é aquela matéria que te dá gosto de escrever porque são temas difíceis e eles te dão um espaço grande para fazer. Te dão seis páginas, vinte e tantos mil caracteres para fazer, liberdade para fazer dois, três infográficos com os números que você consegue apurar e isso tem um impacto maravilhoso. O Guia do Enem é um material muito utilizado por estudantes que estão indo fazer vestibular agora. Começamos a assinar as matérias há pouco tempo, mas antes não tinha como ter esse contato direto com o jornalista, mas no último saiu e recebi contato de estudantes agradecendo pelas reportagens. Isso é muito legal, você se sente produzindo algo relevante.

Transcrição da entrevista com Silvia

Primeiro eixo

Qual o seu nome, idade e cidade de origem

Meu nome é Silvia³², tenho 30 anos e sou natural do Rio de Janeiro.

Há quanto tempo você está em São Paulo?

Eu já fui e voltei várias vezes, mas fixamente estou em São Paulo desde janeiro de 2014.

Qual é a sua formação acadêmica?

Eu sou jornalista. Formada na UFRJ em 2008. Sou casada.

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?

Não.

Há quanto tempo você trabalha como *freelancer*?

Na verdade, eu trabalho como *freelancer*, praticamente desde que eu saí da faculdade, tive pouquíssimo tempo de carteira assinada, trabalhei com carteira assinada no jornal o dia durante alguns meses, depois tive carteira assinada na folha, mas sempre com contratos temporários, então na verdade eu trabalho como *freelancer* há bastante tempo, desde que me formei.

E os veículos que você está trabalhando agora, quais são?

Sem resposta.³³

Desses três veículos que citamos como corpos da pesquisa que são Folha, Estadão e grupo Abril, quanto tempo você trabalhou em cada um deles e em que período?

³² Nome fictício.

³³ São dois *freelancers* fixos para veículos independentes, porém a jornalista solicitou que os nomes dos veículos não constassem no trabalho.

Eu fiz o trainee do Estadão em 2010 e aí depois que acabou o trainee eu fiz alguns freelas para eles dentro da redação, eu trabalhei no Ponto Edu e no Mesão que eles chamavam de Area Internacional do Mesão e fiz também um guia de shoppings no Estadão, isso foi em 2011.

Para a Folha eu tive vários contratos temporários entre 2013 e 2016, lá não tinha carteira assinada para ninguém no início, recebíamos salário, mas sem direitos, e depois eu voltei e já tinha carteira assinada mesmo que fosse ficar por um mês.

Como se dá sua rotina de trabalho agora?

Recentemente consegui certa estabilidade com esses *freelances* fixos, mas antes eu estava totalmente sem rotina, cada hora aparecia um trabalho diferente, estava com vários *freelances* ao mesmo tempo, e não tinha muita rotina. Agora consegui estabilizar porque eu fiz um contrato de um ano fixo com dois veículos independentes que vai sendo renovado, não tem data para acabar. Eu trabalho quatro horas para um em um dia e quatro horas para o outro e as vezes eu faço outros *freelances*, mas esse ano eu estou tentando evitar, senão eu fico muito sobrecarregada.

Você tem problemas em falar sobre remuneração?

Não, eu posso falar.

Quanto você recebia quando você trabalhava como *freelancer* antes desses fixos e quanto recebe agora com esses fixos?

Não sei exatamente pois variava muito, teve mês em que ganhei R\$ 10.000,00 porque fiz muita coisa, mas isso não é uma coisa estável, esse é um problema do *freelance*, e agora por um veículo eu ganho R\$ 3.000,00 reais e pelo outro R\$ 4.000,00 e pouco, e aí tem que pagar os impostos e fica em torno de uns R\$ 7.000,00.

De quem são as ferramentas de trabalho?

É tudo meu, as vezes eles pagam passagem se eu for fazer alguma pauta fora, mas isso varia muito de veículo para veículo. De outros *freelances* que eu já fiz, pagavam e outros não, vai de uma negociação também com quem te contrata.

Os *freelances* fixos são através de pessoa jurídica?

Um é, eu tenho mei (microempreendedor individual) e para o outro é pessoa física, eles não me pediram para ser empresa.

Segundo eixo

O que te levou a ser *freelancer*?

Foi porque não consegui um trabalho fixo basicamente ou então as vagas fixas que apareceram não me interessaram muito, não eram exatamente o que eu queria e aí eu preferi ficar de *freelancer*, acho que foi um pouco a dificuldade do mercado mesmo, e também escolha minha, porque tinha vezes que apareciam vagas fixas mas eu pensava “ah vou ficar um, dois anos em um trabalho que eu acho que não aprender não vou crescer que não vai me dar muita visibilidade” porque eu vi muito isso acontecer com pessoas que fizeram trainee no Estadão, enfim colegas, que as vezes aceitaram uma vaga e ficaram anos nessa vaga esperando ser realocado dentro da empresa isso não aconteceu e a pessoa ficou ali três anos investindo em um trabalho que ela não gostava, que não a fazia crescer, que não aprendia muito, então eu acabei optando por não fazer isso, mas um pouco isso, eu com certeza queria ter tido em determinados momentos da vida eu procurei muito vaga fixa e não consegui.

E você deseja continuar trabalhando como *freelancer*?

Agora eu estou bem satisfeita porque eu consegui uma estabilidade maior, mas eu ainda tenho interesse em uma vaga fixa sim, porque, claro, tem todos os direitos e hoje eu não tenho, carteira assinada, FGTS, nada disso.

E quais são seus planos a médio e longo prazo no futuro da sua carreira?

Por enquanto estou gostando bastante do trabalho atual, então eu pretendo ficar nesse trabalho, mas claro que se aparecer uma vaga fixa que seja interessante, eu vou querer, mas eu não estou procurando isso ativamente agora, eu acabei de pegar esses trabalhos novos e eu acho que estou aprendendo muito, estou crescendo, e são áreas interessantes.

Como você observa sua trajetória financeira de quando você se graduou até hoje? Se foi muito linear, como você enxerga essa trajetória?

Nada foi muito linear no meu caso, porque eu não tive uma carreira muito tradicional, comparo por exemplo com o meu marido, ele saiu da faculdade, fez o trainee no Estadão, foi contratado e ficou em jornal. Então ele sempre teve carteira assinada, ele foi passando de um beco para outro, foi para outro, depois voltou e eu não tive muito isso, mas também por uma escolha minha, eu quis muito fazer coisas diferentes e aproveitar que eu era jovem e fazer um monte de coisas, eu trabalhava juntava dinheiro e investia em fazer alguma coisa que eu quisesse, então eu fui trabalhar em uma rádio em Nova York quando era mais nova e foi uma experiência que eu queria muito ter, que foi ótima mas não pagava nada, era um trabalho voluntário, apesar de você ser profissional e passar por um processo de seleção super rigoroso, não ganhava nada, então tive que investir dinheiro nisso porque eu queria ter essa experiência, depois eu fui para a Espanha fazer um mestrado e ganhava uma bolsa só para não pagar o mestrado, então eu juntei dinheiro e fui fazer esse mestrado, lá eu trabalhei em um jornal e ganhava um dinheiro lá e foi uma experiência ótima, depois eu fui trabalhar na Alemanha, na Deutsche Welle , então assim tudo isso só pra explicar que não houve linearidade. Por exemplo quando eu fui para a Deutsche Welle eu estava na Folha, talvez se tivesse continuado eu poderia ter sido contratada, mas eu optei porque achava que seria uma experiência legal ir trabalhar na Alemanha e aí as vezes quando eu fazia essa opção eu ia receber menos, mas no caso da Alemanha não, eu ganhava equivalente ao que ganhava aqui porque pagava em euros, então sempre oscilou muito e eu tinha essa questão mesmo de trabalhar durante um tempo e juntar dinheiro para fazer coisas, ter experiências diferentes.

Mas hoje você consegue dizer se está mais satisfeita do que em momentos anteriores financeiramente falando?

Financeiramente sim, estou ganhando melhor agora do que nunca ganhei, mas dizer que está tudo maravilhoso não, jornalista nunca está muito bem, eu me preocupo muito mais com o futuro do que com meu momento atual, eu acho que para quando vai ter família começa a dificultar.

Terceiro eixo

Como que se dá sua relação com as empresas que você está trabalhando agora?

Não tenho nenhum atraso, tenho uma relação muito boa, mas isso eu acho que é uma coisa que você vai aprendendo como *freelancer*, você aprende a selecionar, tem épocas que você está no desespero e pega qualquer coisa, mas depois de um tempo como *freelancer*, pelo menos eu comecei a selecionar mais, principalmente isso, tanto pessoas como empresas que você tem um trato bom que são corretos que são organizados porque no caso do *freelance* tem esse problema se os chefes ou a empresa são muito desorganizados você acaba tendo muito retrabalho e isso para o *freelancer* é péssimo, pois você é pago pelo produto, então muito retrabalho inviabiliza, é diferente de uma redação em que você é pago para estar lá 8 horas ou o dia, com carteira, e aí se você ter que fazer um retrabalho você é pago por mês, você vai demorar mais tempo para fazer mas no caso do *freelancer* é pior mas, aí eu fui selecionando o que compensava mais ou não.

E sua rede de contato com outros jornalistas você sabe dizer se em geral são mais *freelas* ou mais contratados e como é a troca de aprendizado com esses colegas de profissão?

Eu conheço jornalistas que são *freelancer* e jornalistas que são contratados, mas eu acho que atualmente eu conheço poucos que sejam *freelancers* como eu, totalmente *freelancers*, a maioria são contratados, muitos estão em assessoria de imprensa, ou outras áreas não em redação em redação hoje em dia são poucos e minha relação com outros jornalistas é uma coisa que sinto muita falta na verdade de trabalhar de casa, estar no ambiente de trabalho, porque no meu caso o contato é todo digital, online, então sinto falta disso.

Você é sindicalizada?

Sou.

Você acha que os seus direitos estão sendo respeitados nas condições em que você está agora?

Eu não sei, porque na verdade eu considero que é um trabalho

precário, atualmente é muito difícil achar um trabalho no jornalismo que não seja precarizado, mesmo quando você tem carteira assinada você pode ter condições de vida muito ruins, mesmo com seus direitos lá por lei, você acaba tendo uma qualidade de vida muito ruim, eu já vi muitas pessoas sem conseguir tirar férias, uma série de questões, ou você trabalhar jornadas diárias muito grandes, em redação eu fazia muito isso, trabalhar doze horas quase todos os dias, eu acho que depende muito, mas eu não me sinto tendo os meus direitos violados atualmente, mas eu entendo que é complicado, para tirar férias por exemplo eu tive que negociar, então eu acho que vou ficar sem receber durante um mês para poder tirar férias, porque eu não tiro férias desde 2014, não é tão bom quanto CLT mas tem vantagens e desvantagens.

E você sente no sindicato um amparo para resolver questões como essa por exemplo que você falou agora da negociação das férias, você acha que se tivesse um problema com isso você teria no sindicato um amparo para te ajudar?

Eu não sei, para mim o sindicato é uma coisa muito distante, mas também eu não sei até que ponto porque eu nunca corri atrás de me inteirar e participar do que rola no sindicato. Eu me sindicalizei porque eu estava trabalhando como *freelancer* e me senti muito vulnerável porque eu estava cobrindo muita manifestação na época da copa, de todos os protestos que tiveram, e por conta de processo, e achei que se me sindicalizasse estaria um pouco mais resguardada, mas nunca precisei usar o sindicato para isso, ainda bem, enfim acho que tem uma série de problemas nesses sindicatos de jornalismo, eu não entendo muito desse assunto porque eu nunca corri atrás de saber, mas o que dizem é que eles fazem acordos que são muito prejudiciais para o trabalhador, o Estadão por exemplo, não sei se ainda é assim, mas na época em que eu estava lá, o Estadão não pagava o piso salarial porque tinha feito um acordo com o sindicato, pelo menos era o que diziam na época, então não me sentia representada pelo sindicato, mas mesmo assim me sindicalizei, porque achava que assim eu poderia me inteirar e cobrar melhor, mas tenho minhas dúvidas o quanto isso é eficiente, o trabalho do sindicato.

Quarto eixo

O que você espera da profissão frente a sociedade?

Quando a gente se forma, pelo menos na UFRJ, a gente fez um

juramento de que usaria a Comunicação para aproximar as pessoas, não para afastar mais, reforçar estereótipos e incentivar a violência e as divisões, eu acredito muito nisso, acho que o jornalismo precisa ouvir as pessoas independentemente se elas concordam com a sua visão ideológica ou não, e retratar o que está acontecendo de forma honesta com o objetivo de trazer maior compreensão para as pessoas, porque hoje em dia a gente está em um ambiente muito polarizado e eu acho que o jornalismo contribui muito para isso pra acirrar os ânimos e eu acho muito ruim pois devia ser o contrário, tentar mostrar como o outro pensa para que as pessoas possam tentar se entender um pouco melhor e aquelas coisas de sempre, vigiar o poder público, essas coisas do jornalismo.

Como você avalia ideais clássicos do jornalismo, como por exemplo objetividade, imparcialidade e a questão da fiscalização dos poderes, como você avalia isso através do tempo, como você avalia no contexto atual esses valores?

Eu acho que infelizmente a grande imprensa tem muitos problemas de neutralidade e imparcialidade, a cobertura é muito enviesada, mas eu sou contra também demonizar a grande imprensa, eu acho que isso também é um desserviço para o jornalismo, mesmo nos grandes veículos tem muita coisa boa sendo feita, muita gente boa e honesta se esforçando fazendo o melhor possível mesmo em condições precárias, então por um lado eu vejo de forma crítica esses ideais não sendo cumpridos, mas por outro lado valorizo muito os jornalistas que ficam nas redações e fazem um bom trabalho apesar disso tudo, em relação a neutralidade é isso.

De fiscalizar os poderes é uma coisa que varia muito, tem veículos que não fazem muito isso, tem outros que fazem de forma equilibrada, e eu fico muito feliz de ver veículos novos surgindo que tentam fazer um trabalho equilibrado de checagem e de fiscalização e outros também, então isso me dá uma certa esperança, eu não acho que tem que jogar fora os veículos grandes, eu acho que quanto mais veículo tiver melhor, quanto mais gente melhor, e aí mais esses veículos grandes vão se posicionar mais claramente ou se esforçar pra ter uma cobertura mais honesta.

Como você se sentia a respeito da linha editorial nos veículos anteriores que você fazia freelas? Pois nos freelas atuais você aparentemente parece bem confortável e tem uma afinidade editorial.

Eu nunca cobri áreas muito críticas por exemplo política que talvez possa ser mais estressante e tem outra coisa também, eu nunca fui trabalhar pra veículos que eu discordasse totalmente da linha editorial, eu evitei quando apareceram vagas ou freelas para veículos que eu tenho visto a cobertura como muito complicada e apareceram por exemplos freelas em política e isso era uma coisa pesada eu aceitar o trabalho ou não, mas pessoalmente como *freelancer* trabalhando na folha ou no Estadão nunca teve um caso que eu tivesse feito uma matéria e ficado revoltada com a edição.

Eu tinha mais uma visão assim do jornal as vezes a capa ou a edição de outras áreas eu não concordava, mas não exatamente os meus textos, isso nunca afetou muito, eu acho que eu tive sorte também, os chefes que eu trabalhei eram bons e sempre deu para dialogar, você pode até não concordar com um título ou outro, mas assim nunca me senti desconfortável do ponto de vista ético trabalhando como freela nesses lugares.

Como você enxerga os impactos da sua produção do momento que você se formou, dos freelas que você passou até hoje, como você enxerga o alcance da forma do que você produziu até hoje? Você é satisfeita com isso?

Eu acho que quando você trabalha para um veículo grande durante muito tempo você tem mais visibilidade então assim isso é um dos benefícios de você trabalhar fixo em um jornal grande bastante tempo, mas você trabalhar como freela você tem outras vantagens você diversifica porque as vezes quando você só trabalha em jornal durante muito tempo quando você sai você fica muito desorientado muito perdido você não sabe nem por onde começar e o freela já está mais acostumado a encontrar outras formas de trabalho e fazer contatos de outras formas, então com certeza em termos de visibilidade e impacto do seu trabalho, estando em redação tradicional é mais fácil ter impacto, mas tem muitos veículos menores que estão fazendo coisas interessantes que tem impacto também, então depende, talvez tenha impacto mas também tem limitações.

Transcrição da entrevista com Suzana

Primeiro Eixo

Como é seu nome, idade e cidade de origem?

Suzana³⁴, tenho 30 anos, sou natural de Belo Horizonte MG, vim pra SP em 2010, vim fazer o curso Abril aqui e acabei ficando em SP. Trabalhei formalmente na Abril durante um tempo e ao mesmo tempo era *freelancer* para várias revistas da Abril e depois eu me demiti para fazer uma volta ao mundo e acabei ficando como *freelancer*. Na Folha e no Estadão eu nunca trabalhei como *freelancer*, talvez tenha feito alguma coisa assim uma amiga precisava de ajuda para uma matéria e eu fiz um frila pra ela, mas nunca estive na folha de pagamento da folha não, nem do Estadão, mais pra editora Abril e outras revistas.

Onde você se formou?

Me formei na UFMG.

Qual o seu estado civil?

Sou solteira.

Você tem outras fontes de subsistência além do jornalismo?

Hoje em dia eu não trabalho mais com jornalismo, ano passado eu estava trabalhando como *freelancer* e estava bem complexo continuar, pois os preços dos trabalhos são os mesmos ou estão mais baratos do que eram quando comecei a freelar e tudo está mais caro, então está meio impossível continuar trabalhando como *freelancer* e agora eu estou trabalhando numa revista de publicidade, comecei ano passado.

Como era sua rotina de trabalho no momento que você estava fazendo freelas?

Era meio sem rotina, passava uma parte do meu tempo pesquisando assuntos para fazer pautas e outra parte do tempo fazendo o trabalho, depende do freela também, fiz alguns freelas presenciais, ainda

³⁴ Nome fictício

que eu goste de fazer freela presencial porque você acaba renovando seu networking você vê quem tá trabalhando quem não tá, quem foi para qual revista e para continuar trabalhando e continuar fazendo contatos e ao mesmo tempo tem esse lado é muito ruim porque você está ali como freela no meio de várias pessoas assalariadas e gera aquela insegurança de vou ficar aqui de freela ou você ser contratada, aí eu parei de pegar esses freelas que pareciam trabalho formal pois ou é uma coisa ou é outra ou me contrata ou me deixa trabalhar aqui na minha casa, teve uma boa época agora depois que eu voltei do México são sete anos fazendo freela pra Abril, então já me aconteceu todo tipo de relações de trabalho, inclusive na Abril já fui contratada, mas também já trabalhei como freela presencial, já trabalhei como freela onde falaram que iam me contratar e aí a vaga não existia mais já fiz freelas rápidos pra mundo estranho pra super que eram freelas realmente com cara de freelas, eram baratinhos e esses eu fazia enquanto trabalhava em outros lugares mesmo quando eu estava trabalhando formalmente eu sempre fiz freelas.

Você disse que já foi contratada pela Abril, por que você não ficou, isso partiu deles ou foi interesse seu sair?

Foi interesse meu sair. Eu entrei na Abril contratada depois do curso Abril eu fui trabalhar na capricho e aí eu trabalhei por seis meses era um projeto curta duração e depois disso outras pessoas queriam que eu fosse pra redação deles mas aí não estava rolando vaga nenhuma fiquei de freela em alguns lugares até que surgiu uma vaga no marketing da veja, com inovação digital e aí eu fui pra lá. Um trabalho que só existiu enquanto eu estava lá depois parou de existir mas eu estou sempre nesses lugares nas profissões que as pessoas não sabem dizer exatamente o que as pessoas fazem, mas eu gosto desses trabalhos assim, mas aí o marketing da veja eu não quis mais trabalhar lá, eu não concordava com a ideologia do trabalho não gostava do ambiente de trabalho, estava trabalhando demais e aí fui fazer uma volta ao mundo comecei um vlog de viagens que eu tenho até hoje, fiquei viajando durante nove meses.

Você tem problemas em falar sobre remuneração? Quanto você recebia na época de freela?

O freela mesmo naquela época recebia R\$ 600,00 pra fazer uma dupla pra Superinteressante, na Mundo Estranho era R\$ 300,00 uma simples e R\$ 400,00 uma dupla, porque era infográficos e tal, e continua

esse preço eu acho. Das últimas vezes que eu vi estava esse valor ou menos. No começo você fala “ah dá pra fazer seis ou sete freelas desses, dá pra viver”, mas é muito raro você aprovar seis ou sete pautas todo mês. Acaba que, ou você tá trabalhando demais ou chega o mês que você tá trabalhando menos, fica numa situação que você não tem uma posição de recusar os freelas porque você não sabe se no mês que vem vai ter muito ou pouco. Eu acho que isso é uma das grandes dificuldades de viver como freela de jornalismo é você saber quando recusar o trabalho porque você não tem tempo ou quando o trabalho é cilada.

É uma coisa meio complicada, eu sempre achei complicado tentar equilibrar trabalhar demais ou pagar as contas e na verdade tem ondas ótimas se você aprova várias matérias e surge muito trabalho ai depois chega mais o final do ano não tem muito trabalho e ai começa a enxugar, tem umas ondas de trabalho e ai fica complicado tentar conciliar isso.

Os custos do trabalho eram seus? Digo também em relação a passagens, condução.

Tudo meu, por minha conta.

Calculando esses gastos com o que você recebia, você ganhava mais ou menos quanto?

Foram poucos os momentos que eu era só freela. Quando eu estava só como freela, foi ano passado eu estava morando na casa dos meus pais, quando tinha acabado de voltar de viagem do México, quando eu estava no México também eu estava só como freela e tinha outros freelas de produção de conteúdo que não era com a editora Abril nem nenhuma dessas, ano passado eu estava ganhando entre R\$ 1.200,00 e R\$ 4.000,00.

Segundo Eixo O que te levou a ser *freelancer*?

Eu gosto de ser *freelancer*, eu gosto de escrever para veículos diferentes e assuntos diferentes. Isso eu acho que me estimula, eu comecei a ser *freelancer* porque eu queria trabalhar pra algumas marcas que só tem freelas. Comecei trabalhando pra marcas que me interessavam com assuntos que me interessavam e fui continuando a ser *freelancer* porque

também era o jeito que tinha pra trabalhar com essas marcas. Isso complementava minha renda dos outros trabalhos e acho que basicamente isso, é porque eu estava trabalhando para lugares que eu gostava de fazer as pautas, foi mais ou menos isso.

Você tem vontade de voltar a escrever pra esses veículos?

Hoje em dia acho que não porque eles não estão pagando o suficiente na minha opinião e você acha que vai ser um freela tranquilo, porém dá um monte de perrengue, eles pedem um monte de alteração, não termina quando você entrega, sabe? Pro valor que eles estão cobrando não vale mais a pena

E quais seus planos pro futuro da sua carreira a médio e longo prazo?

Olha a carreira de jornalista para mim ela não existe mais, era uma coisa que eu já tinha percebido eu já sabia disso quando eu me formei, e isso está cada vez mais forte pra mim, não tem pessoas de 40 anos pra cima nas redações porque as condições de trabalho são ruins você passa mal e começa a custar muito para a empresa, as empresas não estão nem aí pra qualidade do trabalho elas querem saber quanto vai custar e acabam contratando sempre pessoas mais novas, as redações não tem gente velha.

É uma coisa que eu observo também na agencia de publicidade que eu trabalho hoje que eu também não acho que é o futuro da minha carreira porque se eu achasse isso eu ia estar muito louca porque não tem ninguém velho onde eu trabalho numa agencia digital e eu sei que as pessoas novas vão chegar e vão ser preferidas, porque elas são mais baratas e tem essa visão, elas estão vindo com um olhar novo e tal e eu não acho isso ruim, acho que tem que ter o equilíbrio entre gerações mais velhas que acumulam conhecimento e as novas que tão saindo ai frescas e empolgadas não acontece isso ne são sempre as mais novas, é um questionamento que eu tenho me feito pra onde eu vou ne porque no jornalismo não dá, mas ao mesmo tempo eu sou muito essencialmente jornalista a forma como eu vejo as coisas como eu me relaciono com as pessoas com o ambiente ao meu redor tenho muito o olhar treinado de jornalista e eu preciso mesmo pensar em como eu transformar esse olhar em alguma coisa que eu possa envelhecer não nessa carreira mas com essa habilidade que eu tenho e não são todas as pessoas que tem e é importante saber fazer perguntas saber interpretar os fatos e conectar

pontos e como fazer isso (?) é uma pergunta que ainda não consegui responder.

Terceiro Eixo

Como era sua relação com as empresas?

Com as pessoas que me empregavam diretamente a relação era amistosa bem tranquila eu estava fazendo um trabalho que eles queriam que eu fizesse, que eles precisavam que eu fizesse maioria dos meus freelas os editores foram atrás de mim sabe, a gente criou essa relação não foi unilateral, tanto eles quanto eu queríamos trabalhar juntos mas ao mesmo tempo com o empregador máster é sempre assim, os editores sempre querem que você ache que não é culpa deles que eles podem te pagar tão pouco quando eles vão te oferecer um trabalho eles vão falar de como está difícil que eles só tem a verba assim que você vai ter que comprar o livro para pesquisar do seu bolso mas que depois eles vão pagar e vai reembolsar eu já fiz freelas pra revistas de viagem e ninguém me pagou nenhuma viagem eu fui viajar e estando lá eu fiz o freela ninguém nunca pagou pra eu ir num lugar as pessoas que estão empregadas elas também estão em uma relação de conflito com as editoras tá todo mundo meio insatisfeito, tá todo mundo meio ah não verba tá apertado aqui, os próprios editores não sabem até quando vão estar contratados então é uma relação que está complexa não só pra quem é freela as pessoas que trabalham.com jornalismo e que não tem um plano b alguma ideia assim acho que elas estão muito doidas muito vida louca a qualquer momento a editora vai acabar, já fechou um milhão de títulos nos últimos tempos, é uma pena infinita mas os gestores não querem mais fazer a revista, então é só uma questão de tempo mesmo.

Eu não sei se as pessoas que fazem freela pensam dessa forma. Hoje em dia me parece mais sólida apesar de saber que tem tudo pra parar eles todos os dias, acho que as pessoas que trabalham na Folha e no Estadão tem mais fé que os jornais não vão acabar mas olhando assim pra editora Abril quem acha que vai continuar lá nos próximos 10 anos, acho que é delírio mesmo.

Você já chegou a passar por atrasos de pagamento?

É sempre muita burocracia e você fica preso na burocracia ne já aconteceu deles esqueceram de emitir minha nota fiscal e ai eu trabalhando em várias outras coisas e não lembrar de pedir e se você não

for atrás eles se fazem de mortos mas depende muito do local que eu estou freelando é uma coisa que os editores é que tem que prestar atenção ai tem alguns editores que são ligados nisso outros que não depende pra quem você está trabalhando mesmo, na editora Abril quando tem algum problema de pagamento é porque a nota foi emitida tempo x e ai eu entreguei lá na secretaria depois dessa data e ai vou ter que receber no mês seguinte por um dia de atraso você fica 40 dias sem receber praticamente mas nunca foi um motivo caótico de verdade do tipo não te pagamos ainda mais que é uma empresa muito grande e estruturada mas em outros lugares já.

Você é sindicalizada?

Não, hoje não depois que eu saí da editora Abril como formal eu parei de pagar porque também eu fui viajar e depois eu não fui mais atrás, era muito complicado, eu não precisei, eu queria ter feito a carteirinha de jornalista internacional em algum momento mas acabei não tirando, aí é a maior papelada e você tem que provar que você é *freelancer*, mostrar umas matérias, acabei não fazendo nada disso, e ai era mais complicado do que simplesmente fazer, pegar um documento, levar não sei aonde pagar uma taxa assim, acabei não fazendo, não era o que eu estava precisando.

Quarto Eixo

O que você espera do jornalismo frente a sociedade?

O jornalismo tem uma função muito importante na sociedade que está meio perdida a gente vive hoje a era da informação, as pessoas estão conectadas e estão recebendo informação o tempo todo de várias fontes diferentes e a gente está vendo o que a falta do bom jornalismo a falta da checagem está fazendo muitas informações falsas e as pessoas compartilhando coisas completamente opostas, dependendo da sua posição política, posição social, do mundo, as pessoas tem acesso a informações completamente diferentes. Muitas delas não são verídicas tanto a esquerda quanto a direita, qualquer lado e todo mundo quer ser blogueiro todo mundo quer produzir conteúdo mas a forma como produzem é na tentativa e erro algumas pessoas tem uma aptidão nata pra coisa outras não, mas e é claro que quem faz melhor acaba ganhando melhor eu acho que essa coisa de ser blogueira muitas vezes falta uma

formação jornalística pra entender um pouco mais de apuração comprometimento com os fatos e fora a credibilidade de estar em um veículo é muito diferente de ter um blog.

Eu acho que tem gente criando desinformação, a gente sempre vê aí essas blogueiras de fitness dando receita de dieta mas não tem nenhuma formação no assunto pelo menos quando tinha lá a boa forma entrevistava uma nutricionista fazia o cardápio com uma nutricionista podia ser uma dieta que não ia funcionar para as pessoas todas mas pelos menos não estava falando qualquer coisa da cabeça acho que as pessoas querem continuar consumindo informação, mas os veículos de comunicação não acompanha o interesse das pessoas e não acompanha a necessidade que as pessoas tem e os veículos velhos e sem grana pra pagar para boas pessoas fazerem boas reportagens e o que vem das agências de notícias tem sido suficiente pra elas e o que as pessoas querem consumir de informação fora o que vem das agências de notícias elas estão consumindo nos vlogs eu acho que tem espaço pra bons jornalistas também mas infelizmente não tá sendo aproveitado esse espaço é uma profissão que precisa você ter um recurso maior, um capital, pra apresentar um jornal, fazer uma grande tiragem precisa de dinheiro para distribuir uma revista você precisa de dinheiro e as grandes empresas não estão mais interessadas em fazer bom jornalismo sempre aconteceu mas tá muito precário especialmente no momento político que a gente vive a gente precisa desses veículos e eles estão aí na internet e pelo que eu sei também Pública e Mídia Ninja não pagam as pessoas ou pagam pouco quando pagam.

É muito difícil as pessoas que fazem isso pra viver ou elas fazem no amor no tempo livre delas ou elas são gente novinha que acabou de começar. No jornalismo como um todo, mesmo as publicações mais legais estão sendo feitas porque as pessoas amam aquilo e não porque é uma profissão possível pra elas. Por esse motivo eu pensei, eu vou pegar esse trabalho de publicidade mesmo, eles pagam bem e eu estou gostando de trabalhar lá, ainda que não seja minha profissão formal.

Como você avalia os ideais de imparcialidade, neutralidade e fiscalização de poderes?

É o ideal como você mesmo falou, não existe nada imparcial, tudo que a gente vive nos tendência, todas as ideologias que a gente tem, mas o que eu vejo hoje nesses grandes veículos é uma pós verdade. As manchetes da Folha e Estadão inclusive as vezes elas negam o que está

escrito na reportagem que foi apurado pelo repórter ele está preocupado em ir ali e em botar o ideal da empresa na manchete.

Mesmo que a própria reportagem relativize a manchete que é mais polemica, é bombástica em algo que é mais possível ou seja mesmo que haja bom jornalismo lá dentro está escondido pela demarcação da ideologia do jornal e ao mesmo tempo como eles tem essa credibilidade de vários anos as pessoas não sabem como é feito o jornalismo, não entendem, elas não sabem que o que tá dentro do manchete nem sempre é o que tá dentro do texto as pessoas não tem essa capacidade crítica de analisar as entrelinhas. Nem culpa os jornalistas porque isso é muito o trabalho dos editores o mau caráter dos editores de colocarem a marca da ideologia do jornal sem se declarar mesmo sabe. Lá nos EUA pelo menos quando você tem o jornal você tem que declarar sua posição política, no Brasil não elas ficam lá de paladinos da justiça, mas não são todas as empresas tem seus interesses enfim

Você identifica uma linha editorial nas empresas que você fez freela? Você tinha afinidade com essas linhas?

Sim, eu trabalhei pra Superinteressante, Capricho, Viagem e Turismo, Galileu, que são títulos que eu acredito, eu acho que lá dentro eles estão fazendo o melhor que eles podem deram capa de pessoas trans, deram capa de diversidade contra assédio falando sobre mulheres que viajam sozinhas as marcas que trabalhei elas têm ideais que tem a ver comigo assim deve ser por isso que elas estão deixando de existir ne

Como você ficou sabendo dos critérios editoriais? Como você percebeu e sentiu esses critérios editoriais?

As marcas da Abril que eu trabalhei fomos conhecendo elas a fundo durante o curso Abril e elas foram apresentadas pra gente mesmo, talvez não como uma aula ou um workshop assim dessa maneira bem definida mas falaram qual era a de cada revista, o assunto abordado mas geralmente também quando eu vou começar a trabalhar de freela em um lugar eu chamo o editor pra uma reuniãozinha, olha quero saber que tipo de pauta vocês estão precisando, que tipo de abordagem eu também não vou ficar batendo a cabeça pra achar uma pauta sendo que o editor não tá procurando esse tipo de pauta naquele dia.

Como você enxerga o impacto da sua produção nesse período que

você trabalhou com jornalismo?

Eu fiz uma matéria que eu acho que foi importante pro inventor da bina e ajudou o cara a ganhar umas das ações ele tá processando todas as empresas de telecomunicações por terem roubado a ideia dele da bina e nunca pagaram os royalties e agora os royalties venceram mas ele quer todos os royalties retroativos. Isso ia praticamente quebrar todas as empresas de telecomunicações, então ele tem essa batalha judicial que eu ajudei a publicizar. Ele ganhou uma das causas, uma das ações, e foi super legal.

Eu acredito que se eu fui lida eu trouxe algum impacto pra vida daquelas pessoas sempre procurei escrever sobre coisas que eu acreditei e botar conhecimento no mundo que eu acho que vão fazer diferença para as pessoas ou que pelo menos vão diverti-las e de dar informação sempre o mais completa possível, grandes impactos acho que não tem muito, o que as pessoas fazem da notícia é mais importante, e eu não escrevo coisas de *hard news* pra falar ai todo dia tá saindo uma matéria minha e as pessoas estão comentando, nunca foi assim.